

MELLO MORAES FILHO

PARNASO BRAZILEIRO

SECULO XVI - XIX

I

1556 - 1840

Une époque ne fixe pas une littérature, elle n'en est jamais qu'une face. Parfois, une forme littéraire peut régner sur plusieurs siècles; d'autres fois, une forme ne s'imposera pas plus d'un demi-siècle; mais toutes se modifieront quand même par cette loi fatale qui pousse l'humanité à une continuelle marche, comme langue, comme mœurs, comme idées.

EMILE ZOLA — *Documents Littéraires*

B. L. GARNIER, Editor

RIO DE JANEIRO

1885

A
B869.1
M827
p
1885

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 1987

do ano de 1972

INTRODUÇÃO

Por qualquer lado que se encare a poesia nacional, vê-se que elementos variados concorreram para a sua formação, — periodo instituido desde o alvorecer da colonia, e que só começou a accentuar lineamentos definidos com essa nuvem de aguias de vôos audazes, os Arcades Ultramarinos.

Discutam-se as leis anthropologicas na parte relativa á ethnographia e ethnologia, estude-se o conflicto das tres raças postas em frente uma das outras por circumstancias multiplas, aquilate-se das contribuições reciprocas dando como resultado o hybridismo actual, e veremos que a natureza, a linguagem, as crenças religiosas, as combinações politicas e os meios de acção não podem ser esquecidos, no estudo dos problemas que a sciencia moderna confiou á critica litteraria, esperando solução criteriosa e cabal.

As levas africanas que acordavam gemendo em nossas florestas inhóspitas; a tristeza dolorosa do índio contrastando com as pompas alegres da natureza; as arrogancias do cacete e do aventureiro, que conduziam á lavoura e á morte a multidão escrava, — eis o prefacio da nossa civilização, prefacio mais tarde assignado com o sangue dos revolucionarios, os quaes, rolando do patibulo no chão conspurcado, sentiam como que o ruir surdo das muralhas metropolitanas que desabavam.

Na impossibilidade de separar da litteratura a collaboração popular, a nossa poesia colonial nada mais foi do que um arremedo da poesia européa: a escravidão indiana e negra, as invasões pouco persistentes, as partidas de ciganos nomades, nada deixaram na poesia culta, que lhes atteste a passagem por este paiz enorme.

O portuguez impunha as suas idéas e as suas leis, seus usos e suas praticas religiosas: d'ahi, excepção feita dos autos e cantos do missionario de Piratininga, em vão procuraremos até a segunda metade do seculo passado, uma nota ao menos que reproduza as modalidades do espirito publico, que represente vida autonoma.

O dominio era completo: á escravidão do corpo devia seguir-se o captiveiro d'alma!

O caboclo bravo procurando a obscuridade nas suas selvas illuminadas pelo sol e pelo raio; o

desembarcado dos porões negreiros, bemdizendo a selvajaria d' Africa á vista da selvajaria ainda maior da America; um e outro gerando filhos condemnados desde o primeiro instante, se tinham vozes, essas lhes iam morrer nos labios crispados de blasphemias.

O conquistador, não! — elle ouvia os cantos de sua prole como um echo de seus climas nataes; como uma reza de que nos recordamos haver aprendido na infancia...

Entretanto o gentio narrava nas aldeias christãs os seus mythos florestaes e zoologicos; o negro, nas plantações e nos quilombos, conservava os fetiches patrios; e a mestiçagem recebia nas fontes do leite o germen de preconceitos recentes e de odios antigos, germen que teria de brotar em conflagrações politicas e no nacionalismo litterario.

A poesia até fins do seculo XVIII habitava os palacios dos vice-reis e os claustros. Tinha horror ao ar livre, porque o ar livre era o da escravidão.

Mas a materia constituia-se uma força... As camadas surgentes inquietavam-se. A insurreição passando pelas senzalas, chamou-se — levante — ; o amor nacional, trepando o cadafalso ou descambando no degredo, chamou-se — Conjuração mineira!

As arcadias, por essa época, estavam no seu esplendor. A Ultramarina arvorava a bandeira do nihilismo contra as lettras portuguezas. Em todos os pontos da colonia erguia-se uma vocação para

fulminar um poeta eleito da metropole; e, na praça ou nas ruas, nos sertões ou nos pousos, a poesia anonyma encantava as noites do captiveiro com as serenatas inspiradas da liberdade.

Nas mesmas condições mesologicas, na perfeita communhão da vida automatica e de relação, era quasi inexplicavel o abysmo que separava os oppressores dos opprimidos. — Estabeleciã-se penas para os que fallassem a lingua geral; aos brancos nascidos no Brazil eram vedados certos cargos e regalias; o mulato e o creoulo, sem aspirações permittidas, formavam castas condemnadas ao trabalho, á degradação e ao aniquillamento.

A inconsciencia da historia, porém, ao mesmo tempo que isolava os senhores pelo preconceito, os approximava dos escravos nas lides do campo, e pelo amor que une os sexos. — D'ahi dous factores sociologicos do nosso desenvolvimento material e moral.

A agricultura afugentando a fome, as uniões clandestinas pleiteando affeições, a mulher escrava amamentando a creança livre, foram pouco a pouco accentuando um typo que não é nenhum dos tres separadamente, porém o resultado d'essa liga de Corintho — o brasileiro actual.

É preciso, logo que se trata de raças constitutivas, não esquecer as hordas de ciganos, que até o presente erram por nossos sertões e cidades, cruzando pouco, mas produzindo muito.

Importados, não sabemos precisamente desde quando e acompanhados, no seculo passado, de uma carta régia que dava como motivo da extradicação «o rei estar cançado de mandal-os enforcar», a sua permanencia entre nós tem influido de algum modo na pathologia geral de nossas usanças e creações supersticiosas.

É este um dos pontos que trataremos de analysar na Contribuição ethnographica — Os Ciganos.

A poesia culteranista, portanto, abrigada nas associações e nos sanctuarios, contentava-se de ser um prolongamento da poesia da metropole; e tão perfeito e igual que, a um tempo dado, fôra impossivel dizer onde começa uma ou onde a outra acaba.

O classismo com o seu idêal absoluto estava na indole dos primitivos colonos e de seus collateraes: embora separados da mãi-patria pelo oceano, a esthetica era uniforme.

Mas o rumor maravilhoso das florestas eternas, a nostalgia do captivo que carpia as suas saudades ao tom de seus instrumentos rudes, as modificações por que ia passando a linguagem na apropriação dos vocabulos barbaros, os sobresaltos das insurreições provocadas pelo despotismo, as concepções bizarras do anthropomorphismo e dos deuses fetiches, ataviando divindades e desnaturando as lendas christãs, e, sobretudo, o apego do infeliz ao lugar do soffrimento, desabrochavam no verdor das canções anonymas e populares.

— *Era a independencia litteraria que se anticipava á independencia politica.*

O povo completamente separado da nobreza, vivia vida propria; conhecia as classes dirigentes pelos rigores, mas estes amontoavam-se como uma pyramide, que ao tombar as esmagaria.

A mestiçagem procreando, a victoria caberia forçosamente a quem arregimentasse mais combatentes. Neste caso, consultando o nosso espirito, canções, côr, superstições, linguagem e costumes, o que resta provar é se o portuguez assimillou ou se foi assimillado.

Emquanto ás populações do norte, a nossa duvida fica de pé. O predominio do negro na Bahia, Pernambuco e Maranhão, do indio nas demais provincias, attestam uma civilisação profundamente modificada e um cruzamento que não se fez ou que foi vencido.

Isso porém não embaraçava a evolução que lenta ou acceleradamente se operava. O nacionalismo crescia sempre. A Escola mineira olhou com enthusiasmo para a patria; a Arcadia Ultramarina não se reúne, mas funciona. A poesia erudita, baseada nas tradições populares e no brazileirismo da fôrma, deixa de ser vassala para ser senhora. — As Caniigas de Caldas Barbosa, as Cartas Chilenas de Alvarenga Peixoto, a Fabula do Ribeirão do Carmo, A gruta Americana, o Canto Genethliaco, e, especialmente, as epopêas de Basilio e Santa Rita Durão, foram a mais bella proclamação de um novo regimen litterario.

Não se pôde ter o pensamento livre quando se tem o braço escravo. A materialisação da idéa foi o conciliabulo, a revolução, a Inconfidencia. O sangue dos martyres tinge os degrãos do patibulo; os seus gemidos resoam no fundo escuro das masmorras; e Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, os Alvarengas, Caneca e Ractcliffe, na forca, nas prisões e no exílio, penduram as lyras ás aragens frias da morte.

E da psychologia humana, o orgasmo, o repouso, depois dos grandes crimes e das grandes commoções: a conjuração do Tiradentes e a revolução de 17 trouxeram isso comsigo.

Ao terror espalhado pelos acontecimentos, depois da catastrophe dos herões, succedeu-se um periodo anormal, consagrado aos « clownes ». O scenario desse Intermedio foi o jornalismo, mas o jornalismo da verrina, da calumnia, do insulto, onde os homens que prepararam a nossa emancipação, abaixavam-se, apupavam-se, desarticulavam-se, ao fervor das paixões partidarias; este periodo foi o das lutas parlamentares e politicas.

A nossa Independencia sendo uma farça mesquinha, uma mentira ignobil, por conseguinte um deserto de tradições de valor, de abnegação e de patriotismo sem recusa, o romantismo assignalou o seu primeiro impulso, em 1836, com os Suspiros Poeticos de D. J. G. de Magalhães, livro directamente inspirado pela natureza e personagens estrangeiros, pela sensação

produzida por monumentos da arte antiga: Napoleão em Waterloo, Uma manhã no Monte Jura, Um passeio ás Tulherias, etc., foram uma traducção, em portuguez, do romantismo europeu, e nada mais. — Magalhães foi um chefe de transmissão.

Procurando a adaptação da escola romantica no Brazil, G. Dias occupou um lugar indisputavel. O ponto de vista é que é acanhado.

O assumpto da poesia nacional não é e nem pôde ser o indio, um episodio das missões, a sorte aventureira dos selvagens nas tabas e nas guerras; essa intuição que tiveram poetas anteriores e dentre elles, com mais largueza, Basilio da Gama, pois escreveu o Uruguay e Quitubia, deixou de ser verdadeira, pelo principio que deve reger, já a poesia propriamente nossa, já a epopéa nacional.

No caminho errado de G. Dias ia bastante longe Porto Alegre: como pintor que era, desenhou horizontes vigorosamente illuminados, paizagens de colorido quente e admiravel. A critica do tempo victoriou as Brazilianas, mas estabeleceu restricções para com o poeta.

Como corollario desse desacerto, no intuito de dar ao Brazil uma poesia topica, restava um typo a cantar: o negro. Trajano Galvão incumbe-se de nol-o apresentar no Calhambola, Creoula e Solá.o.

É um poeta de notavel talento, possui a rara qualidade de ser original; mas quem lêr G. Dia.

Porto Alegre e Trajano Galvão, não poderá em absoluto ahí encontrar a alma da patria, o brasileiro, porém o indio na sua vida exterior nos Tymbiras, a natureza tropical nas Destruição das mattas, o escravo fugido e as intrigas de senzala no Calhambola, Creoula, e Solão.

Por essa mesma época uma outra geração se desenvolvia, trazendo consigo novas aspirações e novas idéas. O elemento popular das comedias de Penna, Macedo e Alencar; dos romances destes dous, de Manoel de Almeida e Franklin Tavora; das poesias de Juvenal Galeno e Bittencourt Sampaio, desthronisou pelo nacionalismo litterario mais amplo o nacionalismo mais extreme de Porto Alegre e G. Dias.

O movimento inicial do romantismo, determinado pelos Suspiros Poeticos, conquista no sul e no norte intelligencias de brilho consideravel, em desproveito da poesia patria; poucos são os que se libertam das influencias de V. Hugo e Lamartine; que comprehendem-se de que o poeta representa a vida intellectual de seu povo em presença da natureza do seu paiz.

D'ahi — o resultado?

A poesia de contrafacção, de imitação; inexcedível ás vezes, mas sem nada adiantar como producto espontaneo, individual, indistructivel.

Esriptores de genio, que conheciam as leis da critica antes de sua promulgação, que as adivinha-

vam, por isso que descreviam o espectáculo grandioso de nossa natureza e estudavam o homem, fizeram, uns a poesia das raças, outros a poesia das classes (Sylvio Romero), mas sem a harmonia geral.

Preludiarão o naturalismo na poesia e na litteratura, com proveito, com aptidão de espirito.

Se a experiencia, a observação, o calculo, o raciocinio, isso a que chamamos naturalismo em sciencia, abrem ao espirito humano largas veredas para o conhecimento da verdade, a observação dos factos geraes e particulares, da natureza e da historia, não confundindo principios, entram nos dominios litterarios, recolhendo materiaes ou elaborando creações estaveis.

Nestes ultimos annos dous poetas distinctos entenderam romper com as tradições de escola, e as suas composições são presididas: pela synthetisação na sciencia em Martins Junior e pelo impulso de idéas socialistas e revolucionarias em Mathias Carvalho. O primeiro tem as qualidades eminentemente necessarias para quem trata de tal ordem de assumptos e é imaginoso; o segundo, sem ser mais poeta, é mais correcto: os seus versos são de bronze como as suas convicções, e sua inspiração vem do nosso estado social, que terá como consequencia a revolução, que a todos parece inevitavel.

Das considerações expendidas collige-se que a nossa litteratura ainda não passou da phase de hypergenesi accessoria.

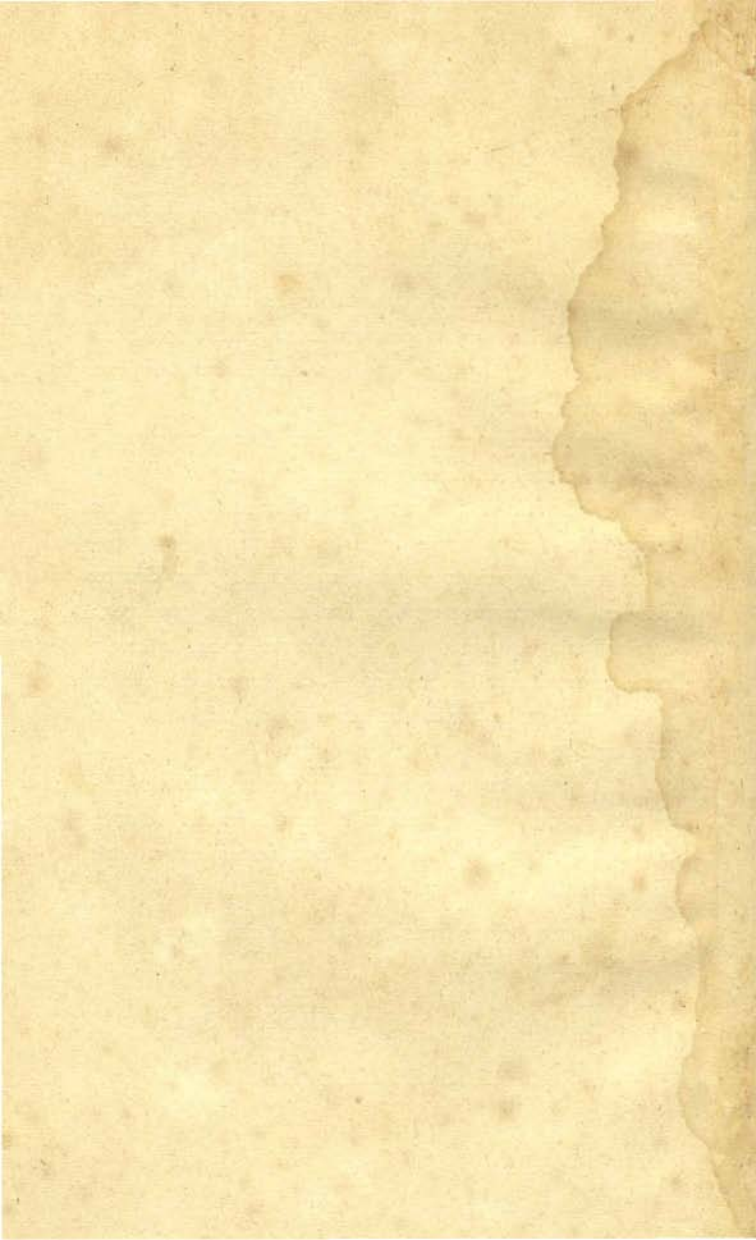
Reunir os elementos nas origens tradicionaes é o que nos cumpre; Sylvio Roméro, o mestre da critica entre nós, publicando os Cantos populares do Brazil, a collectanea mais completa e unica em volume que temos, impedio que fossem suffocadas por civilisações vindouras as vozes intelligentes de nossas populações no berço, ameaçadas pelo cosmopolitismo que nos invade.

Para termos uma litteratura é necessario que nos desquitemos do exclusivismo de typos; da conservação absurda da linguagem classica, porque as linguas, a menos que não fiquem estacionarias, modificam-se, progridem; que consagremos nas fôrmas da arte a herança psychica dos nossos progenitores; que sejamos de nosso paiz e de nosso meio, e assim nos tornaremos soberanos entre os povos que o são, pelos seus monumentos na poesia, na litteratura e nas artes.

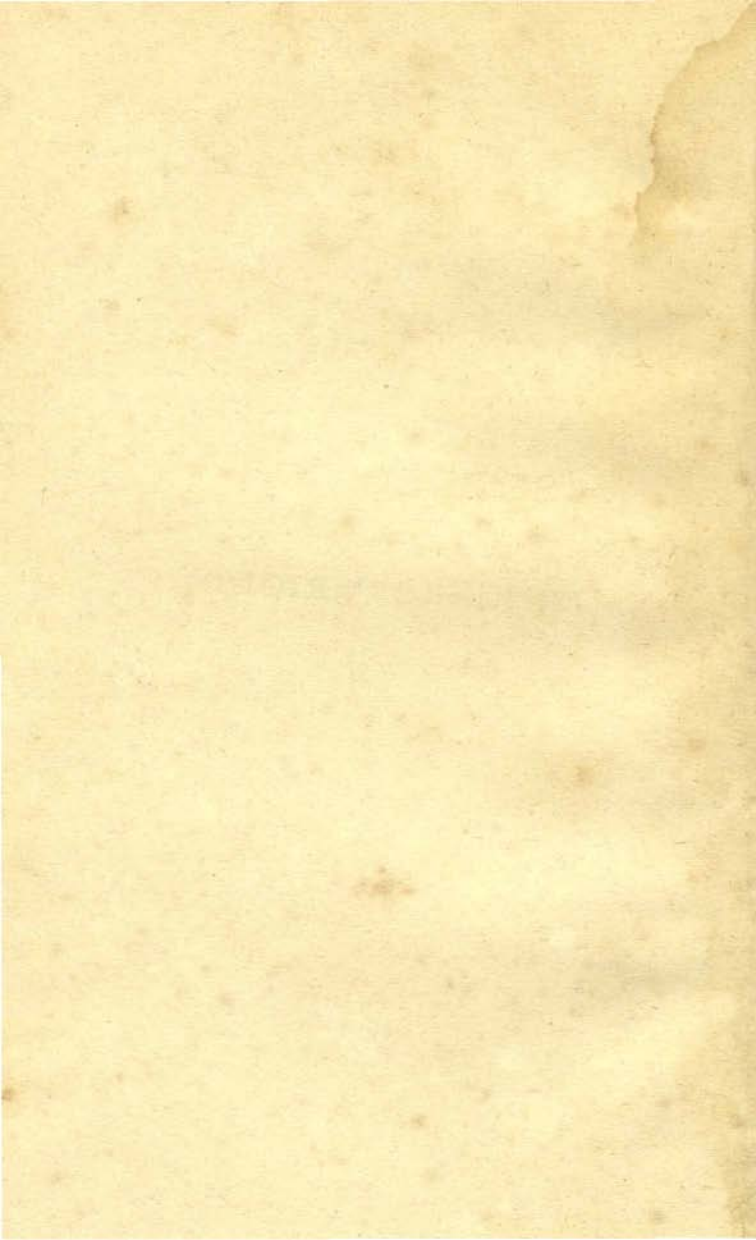
Acompanhar como o embryologista o desenvolvimento gradual e progressivo de nossa poesia atravez dos seculos, é o plano que escolhemos para este Parnaso.

*Suppomol-o um roteiro e um roteiro seguro.
O leitor o dirá.*

MELLO MORAES FILHO.



SECULO XVI
—
PRIMEIRO PERIODO





PARNASO BRAZILEIRO

— — — — —
JOSE DE ANCHIETA



AO SANTISSIMO SACRAMENTO

INEDITO



Oh que pão, oh que comida,
Oh que divino manjar
Se nos dá no santo altar
Cada dia!

Filho da Virgem Maria,
Que Deus Padre cá mandou,
E por nós na cruz passou
Crua morte,

E para que nos conforte
Se deixou no sacramento
Para dar-nos com augmento
Sua graça.

Esta divina fogaça
E manjar de lutadores,
Galardão de vencedores
Exforçados.

Deleite de enamorados
Que, com o gosto deste pão,
Deixam a deleitação
Transitoria.

Quem quizer haver victoria
Do falso contentamento,
Goste deste sacramento
Divinal.

Este dá vida immortal,
Este mata toda fome,
Porque nelle Deus e homem
Se contem.

É fonte de todo bem,
Da qual, quem bem se embebéda,
Não tenha medo de queda
Do peccado.

Oh que divino bocado
Que tem todos os sabores !
Vinde pobres peccadores
A comer.

Nem tendes de que temer
Senão de vossos peccados ;
Se forem bem confessados
Isso basta.

Que este manjar tudo gasta
Porque é fogo gastador
Que, com seu divino ardor,
Tudo abraza.

É pão dos filhos de casa
Com que sempre se sustentam
E virtudes accrescentam
De continuo.

Todo al é desatino,
Se não comer tal vianda
Com que a alma sempre anda
Satisfeita.

Este manjar aproveita
Para vícios arrancar,
E virtudes arranjar
Nas entranhas.

Suas graças são tamanhas
Que se não podem contar ;
Mas, bem se póde gostar
De quem ama.

Sua graça só derrama
Nos devotos corações,
E os enche de benções
Copiosas.

Oh que entranhas piedosas,
De vosso divino amor !...
Oh meu Deus e meu Senhor
Humanado !...

Quem vos fez tão namorado
De quem tanto vos offende?
Quem vos ata, quem vos prende
Com taes nós?

Por caber dentro de nós
Vos fazeis tão pequenino,
Sem o vosso Ser Divino
Se mudar.

Para vosso amor plantar
Dentro em nosso coração,
Achastes tal invenção
De manjar,

No qual nosso paladar
Acha gostos diferentes,
Debaixo dos accidentes
Escondidos.

Uns são todos incendiados
Do fogo de vosso amor;
Outros cheios de temor
Filial.

Outros, com o celestial
Lume deste sacramento,
Alcançam conhecimento
De quem são.

Outros sentem compaixão
De seu Deus, que tantas dores
Por nos dar estes sabores
Quiz soffrer.

E desejam só morrer
Por amor de seu amado,
Vivendo sem ter cuidado
Desta vida.

Quem viu nunca tal comida
Que é o summo de todo bem !
Ai de nós, que nos detem,
Que buscamos !

Como não nos enfrascamos
Nos deleites deste pão
Com que o nosso coração
Tem fartura !

Se buscarmos formosura
Nelle está toda mettida ;
Se queremos achar vida
Esta é.

Aqui se refina a fé ;
Pois debaixo do que vemos
Estar Deus e homem, cremos
Sem mudança.

Acrescenta-se a esperança
Pois na terra nos é dado !
Um canto nos céos guardado
Nos está.

A claridade que lá
Ha de ser aperfeiçoada,
Deste pão é confirmada
Em pureza.

Delle nasce a fortaleza,
Elle dá perseverança :
Pão de bemaventurança,
Pão de gloria,

Deixado para memoria
Da morte do Redemptor ;
Testemunho de seu amor
Verdadeiro.

Oh mansissimo Cordeiro !
Oh Menino de Belem !
Oh Jesus, todo meu Bem !
Meu amor !

Meu Esposo, meu Senhor,
Meu amigo, meu irmão,
Centro do meu coração,
Deus e Pai !

Pois com entranhas de mãe
Quereis de mim ser comido,
Roubai todo meu sentido
Para vós.

Com o sangue que derramastes,
Com a vida que perdestes,
Com a morte que quizestes
Padecer,

Morra eu, porque viver
Vós possaes dentro de mi,
Ganhai-me pois me perdi
Em amar-me.

Pois que para encorporar-me
E mudar-me em vós de todo
Com um tão divino modo
Me mudaes.

Quando na minh'alma entraes
E della fazeis sacrario
De vós mesmo é relicario
Que vos guarda.

Emquanto a presença tarda
De vosso divino rosto,
O saboroso e doce gosto
Deste pão

Seja minha refeição,
E todo meu appetite,
Seja gracioso convite
De minh'alma.

Ar fresco de minha calma,
Fogo de minha frieza,
Fonte viva de limpeza,
Doce beijo.

Mitigador do desejo
Com que a vós suspiro e gemo,
Esperança do que temo
De perder.

Pois não vivo sem comer :
Como a vós, em vós vivendo,
Vive em vós a vós comendo
Doce amor.

Comendo de tal penhor,
Nelle tenho minha parte
E depois de vós me farte
Com vos vêr.

S. URSULA

*Dialogo entre um Anjo e Satanaz, quando no
Espírito Santo se recebeu uma reliquia das
Onze Mil Virgens.*

DIABO

Temos embargos, donzella,
A serdes deste logar!
Não me queiraes enganar,
Que com o espada e rodella
Vos hei-de fazer voltar.
Se na batalha do mar
Me pegastes,
É que as Onze Mil juntastes,
Que fizestes em Deus crer.
Não ha de agora assim ser:
Se estaes de mim triumphantes,
Hoje vos hei de vencer.
Não tenho contradicções
Em toda a Capitania,
Antes ella com porfia
Debaixo de minha mão
Se rendeu com alegria.
Cuido que errastes a via
E o sol tomastes mal:
Tornai-vos a Portugal,

Que não tendes sol nem dia
Senão a noite infernal
De peccados,
Em que os homens ensopados
Aborrecem sempre a luz.
Se lhes fallardes na cruz
Dar-vos-hão mui agastados.

(Aqui dispara um arcabuz.)

ANJO

O' peçonhento Dragão
E pai de toda a mentira,
Que procuras perdição
Com mui furiosa ira
Contra a humana geração!
Tu nesta povoação
Não tens mando nem poder,
Pois todos pretendem ser
De todo o seu coração
Inimigos de Lucifer.

DIABO

Oh que valentes soldados!
Agora me quero rir:
Mal me podem resistir
Os que fracos com peccados
Não fazem senão cahir.

ANJO

Mas se cahem se levantam
E outros ficam de pé.
Se resistem, e se espantam,
Porque Deus com elles é.

E com excessivo amor
Lhes mandou essas esposas,
Onze Mil Virgens formosas,
Cujo continuo favor
Dará palmas gloriosas ;
E para dar maior pena,
A tua soberba inchada
Quer que seja derrubada
Por uma mulher pequena.

DIABO

Oh que cruel estocada
Me tiraste,
Quando a mulher nomeaste !
Porque mulher me matou,
Mulher me pôde tirar.
E dando comigo ao traste
A cabeça me quebrou.

ANJO

Pois agora essa mulher
Traz comsigo estas mulheres,
Que nesta terra hão de ser
As que alcançam-lhe o poder
Para vencer teus poderes.

DIABO

Ai de mim, desventurado,
Acolhe-te, Satanaz !

ANJO

Aqui, traidor jazerás,
De pés e mão amarrado,
Pois que perturbaste a paz
Deste povo socegado.

DIABO

O' Anjo, deixa-me já,
Que temo desta Senhora!

ANJO

Comtanto que te vás fóra
E nunca mais tornes cá.

DIABO

Ora seja na má hora.

(Indo-se, diz ao povo:)

Ou deixai-vos descansar
Sobre esta minha promessa,
Ou darei volta depressa
A vossas casas cercar
E quebrar-vos a cabeça.

VILLA

Motte

Mais rica me vejo agora
Que nunca dantes me vi,
Porque ter-vos mereci
Virgem Santa por Senhora.

Glosa

O Senhor Omnipotente
Me fez grande beneficio,
Dando-me aquella excellente
Legião de esforçada gente
Do grande martyr Mauricio.
Neste dia

Se dobra minha alegria
Com vossa vinda, Senhora!
E pois a Capitania
Hoje tem maior valia
Mais rica me vejo agora.

Como perpetua memoria
De vossa muí santa vida,
E de morte esclarecida
Com que alcançaste victoria,
Morrendo sem ser vencida;
Serei mais favorecida,
Pois vindes morar em mi,
Porque tendo vós aqui
Fico mais enriquecida
Que nunca dantes me vi.

Da Senhora da Victoria
Victoria sou nomeada:
E pois sou de vós amada.
De Onze Mil Virgens na gloria
Espero ser coroada.
Por vós sou alevantada,
Pois que ter-vos mereci;
Meus filhos ficam honrados
Em vos terem por princeza,
Porque de sua baixeza
Por vós serão levantados
A ver a divina alteza.

Tudo temos,
Pois que tendo a vós teremos
A Deus que connosco mora,
E logo desde esta hora
Todos vos reconhecemos
Virgem e martyr por Senhora.

Um companheiro de S. Mauricio vem a caminho da Virgem e diz:

Toda esta Capitania,
Virgem martyr gloriosa,
Está cheia de alegria,
Pois recebe neste dia
Sua mãe tão piedosa.
Nós somos seus padroeiros,
Com toda nossa legião
Dos thebanos cavalleiros,
Soldados e companheiros
De Mauricio capitão.
Elle espera aqui por vós,
E tem prestes a pousada
Para com vossa morada
Verdes como somos nós,
Deste logar advogada.

URSULA

Para isso sou mandada,
E com vossa companhia
Faremos mui grossa armada
Com que seja bem guardada
A nossa Capitania.

(S. Mauricio falla com S. Vidal ao entrar na igreja.)

S. MAURICIO

Não bastam forças humanas,
Não digo para louvar,
Mas só para bem cuidar
As mercês tão soberanas,
Que com amor singular
Deus eterno,

Abrindo o peito paterno
Faz a todo este logar,
Para que possa escapar
Do bravo fogo do inferno
E salvação alcançar.

Ditosa Capitania,
Que o Summo Pai e Senhor
Abraça com tanto amor,
Augmentando cada dia
Suas graças e favor!

S. VIDAL

Ditosa por certo é,
Se não fôr desconhecida:
Ordenando cria vida,
De modo que ajunte a fé
Com caridade escondida;
Porque as mercês divinaes
Então são agradecidas,
Quando os corações leaes
Ordenam bem suas vidas
Pelas leis celestiaes.

S. MAURICIO

Bem dizeis, irmão Vidal,
E por isso os sabedores
Dizem que obras são amores
Com que seu peito leal
Mostram os bons amadores.

S. VIDAL

E destes quantos cuidais
Que se acham nesta terra?

S. MAURICIO

Muitos ha, se bem olhais,
Que contra os vicios mortaes
Andam em perpetua guerra,
E guardando com cuidado
A lei de seu Creador,
Mostram bem o serio amor
Que têm no peito encerrado
De Jesus, seu Salvador.

S. VIDAL

Estes taes comprometteram
Lembrança do beneficio,
De terem por seu patrão
Com toda a nossa legião
A vós, capitão Mauricio.

S. MAURICIO

Assim me têm,
E por isso o Summo Bem
Lhes manda aquella Senhora:
—Onze Mil Virgens que vêm
Para comnosco tambem
Serem suas guardadoras.

S. VIDAL

Tão gloriosas donzellas
Merecem de ser honradas.

S. MAURICIO

E comnosco ajoelhadas,
Pois que são virgens tão bellas,
De martyrios coroadas.

Recebendo a Virgem, diz S. Mauricio :

S. MAURICIO

Ursula, grande princeza,
Do Summo Bem mui amada ;
Boa seja a vossa entrada,
Grande pastora e cabeça
De tão formosa manada.

URSULA

Salve, grande capitão
Mauricio, de Deus querido !
Este povo é defendido
Por vós e vossa legião,
E nosso Deus mui servido.
Sou d'elle agora mandada
A ser vossa companheira.

S. MAURICIO

Defensora e padroeira
Desta gente tão honrada
Que segue nossa bandeira ;
Nós delles somos amados,
Elles guardados de nós.
Porque não sejamos sós,
Serão agora ajudados
Comnosco tambem de vós.

URSULA

Se os nossos portuguezes
Nos quizerem sempre honrar,
Sentirão poucos revezes
De inglezes e de francezes
E seguros podem 'star.

S. VIDAL

Quem levantará pendão
Contra seis mil cavalleiros
E contra o grande esquadrão
De nossos onze milheiros?

URSULA

Com taes inimigos d'alma
Começam a desmaiar:
E pois tem este logar
Nome de Victoria e palma,
Sempre deve triumphar.

S. VIDAL

Isso é o que Deus quer;
Guardem elles seu mandado,
Que nós teremos cuidado
De guardar e enriquecer
Este nosso povo amado.

S. MAURICIO

Se quereis,
Significar podereis.
Nem tendes melhor logar
Que aquelle santo altar,
No qual comnosco sereis
Venerado sem cessar.

URSULA

Seja assim.
Recolhamo-nos ahi
Com o nosso Senhor Jesus,
Por cujo amor padeci
Abraçada com a cruz
Com que elle morreu por mim.

Levando-a ao altar, lhe cantam :

Entraí *ad altare Dei*,
Virgem martyr mui formosa,
Pois que sois tão digna esposa
De Jesus que é Summo Rei.

Naquelle logar estreito
Caberás bem com Jesus,
Poir elle com sua cruz
Vos coube dentro do peito.

O' Virgem de grão respeito,
Entraí *ad altare Dei*,
Pois que sois tão digna esposa
De Jesus que é Summo Rei.

O PELOTE DOMINGUEIRO

INEDITOS

I

*Já furtaram ao moleiro
O pelote domingueiro.*

Se lhe furtaram ou não
Bem nos peza á nós com isso,
Perdeu-se com muito viço
O pobre moleiro Adão.
Lucifer, um máo ladrão,
Lhe roubou todo o dinheiro
Co'o pelote domingueiro.

Sem ter d'elle compaixão
Lhe furtaram o pelote,
Dês que o viram sem capote
Não curaram d'elle, não.
Chora agora com razão
O coitado do moleiro
Seu pelote domingueiro.

Lhe deram elle de graça
Porque Graça se chamava,
E^m com elle passeava
Mui galante pela praça;
Mas furtaram-lhe a ramaça,
Ao pobre do moleiro
O pelote domingueiro.

Era homem mui honrado
Quando logo lhe vestiram,
Mas depois que lh'o despiram
Ficou vil e desprezado.
Oh que seda! Oh que brocado!
Perdeste pobre moleiro
O pelote domingueiro.

Se quizeres moço trigo
Do divino mandamento,
Dentro do teu entendimento
Não passarás tal perigo:
Pois quizeste ser amigo
Do ladrão tão sorrateiro,
— Andarás sem domingueiro.

Mui formoso trigo tinha
Que era a humana natureza,
Mas moeu-o tão depressa

Que fez muito má farinha.
E por isso tão asinha
Apanharam do moleiro
O pelote domingueiro.

Era uma peça, a mais fina
De todas quantas tivera,
Se elle bem a defendera
Não julgavam de rapina.
— A cobra ladra e malina,
Com inveja do moleiro,
Apanhou-lhe o domingueiro.

Tinha um monte de botões
Em o quarto dianteiro,
Que lhe deram sem dinheiro,
Que são os divinos dons.
Por menos de dous tostões
Foi o parvo do moleiro
A vender tal domingueiro.

Era feito de tal sorte
Que toda a casa vestia,
Em nenhum modo podia
Furtar-se senão por morte.
Foi morrer em hora forte,
Peccando o pobre moleiro,
E ficou sem domingueiro.

Os pobretes cachopinhos
Ficaram mortos de frio,
Quando o pai com desvario
Deu na lama de focinhos.
Cercou todos os caminhos
O ladrão com seu bicheiro
E rapou-lhe o domingueiro.

Elle muito namorado
De soberba e inchação,
Cuidou ter melhor gabão
E ser tido por letrado ;
Mas achou-se salteado
O mofino do moleiro
Sem pelote domingueiro.

Pareceu-lhe mui galante
A cachopa embonecada,
E que em ser sua namorada
Seria á Deus semelhante :
Seu pai se lhe poz diante
E sem dote e sem dinheiro
Lhe rapou seu domingueiro.

A mulher que lhe foi dada
Cuidando furtar maquias,
Com debates e porfias
Foi de graça moquiada.
Ella núa e esbulhada
Fez furtar ao tal moleiro
O seu rico domingueiro.

Toda bebada do vinho
Da soberba que tomou,
O moleiro derrubou
No limiar do moinho:
Acudio-o seu visinho
Satanaz, muito matreiro,
E rapou-lhe o domingueiro.

Parvo, porque te perdias
Por tão feia regateira?...
Cuidavas que era moleira,

Que furtava bem maquias?...
Não houveste o que querias,
Com ficar por derradeiro
Sem teu rico domingueiro?...

Sua falsa gentileza
Convidava-te a subir,
Tu quizeste consentir
E trepar muito de pressa.
Deram-te pela cabeça
Com um trocho de salgueiro
E perdeste o domingueiro.

Quanto mais para ella olhavas
Parecia-te melhor,
Perdido por seu amor
De ninguem te precatavas:
À porta por onde entravas
Te esperou seu companheiro,
Que rapou teu domingueiro.

Ella soube-se ajudar
Da mulher tua parceira,
E fez d'ella alcoviteira
Para em breve te enganar ;
Tu sem mais considerar
Lhe crêste, parvo moleiro,
E perdeste o domingueiro.

Negros foram teus amores,
Pois tão negro te deixaram ;
E o pelote te levaram
Sem te dar nenhuns penhores,

Senão fadigas e dores
Que terás, triste moleiro,
Pois perdeste o domingueiro.

O pelote foi-lhe dado
Para o domingo sómente,
Com que vivesse contente
Sem fadiga e sem cuidado :
Agora mui trabalhado
Geme o triste do moleiro
Sem pelote domingueiro.

Com o pelote lhe faltar
Cessaram todas as festas,
Foi contado com as bestas
Para sempre trabalhar :
Se isto bem quizera olhar
O coitado do moleiro,
Não perdera o domingueiro.

Elle como se viu tal
Escondeu-se de seu amo,
Encobrando-se c'um ramo
Debaixo de um figueiral ;
Porque o dragão infernal
Nos ramos d'um macieiro
Lhe rapou seu domingueiro.

Seu amo foi espanca-lo
Com a raiva que houve d'elle ;
E coberto com uma pelle
Para de casa lança-lo,
Não quiz de todo mata-lo,
Esperando que o moleiro
Cobriria o domingueiro.

II

*Já tornaram ao moleiro
O pelote domingueiro.*

O diabo lhe furtou
O pelote por enganos,
Mas depois de muitos annos
Um seu neto lhe tornou.
Por isso carne tomou
De uma filha do moleiro
Por pelote domingueiro.

Por querer ser mais sabido
Não fez conta do pelote,
O seu neto sem capote
Jaz nas palhas encolhido:
Para ser restituído
Ao pobre do moleiro
O pelote domingueiro.

Quiz vestido apparecer
Em pelote de semana,
Porque vem com carne humana
Á trabalhos padecer,
E no feno se envolver,
Para tornar ao moleiro
O pelote domingueiro.

Elle por se desmandar
Do pelote foi roubado,
O neto por bem mandado
Vem o furto restaurar.

Ha de se circumcidar,
Por ser neto do moleiro,
Por tornar-lhe o domingueiro.

Ditoso foste em achar,
Pobre moleiro, tal filha,
Que com nova maravilha
Tal neto te foi gerar.
Que do panno de tear
De tua filha, moleiro,
Te tornou teu domingueiro.

Oh que bôa tecedeira
Que tão fino panno urdia,
Com que a culpa se cobria
Do moleiro e da moleira...
Com ficar a têa inteira
Sem que ao pobre do moleiro
Se tornasse o domingueiro !...

Esta soube bem moer
O trigo celestial,
Em seu peito virginal
Ao tempo de conceber,
Escolhendo escrava ser
Porque ao soberbo moleiro
Se tornasse o domingueiro.

Para o layo ser perdido
A mulher foi medianeira,
Mulher foi tambem terceira
Para ser restituído.
Fica agora ennobrecido
O ditoso do moleiro
Com seu rico domingueiro.

De graça lhe foi tornado,
Mas custou muito dinheiro
Ao neto que foi terceiro
Para ser desamparado ;
Foi mui caro resgatado,
Ditoso de ti, moleiro,
Teu pelote domingueiro.

Trinta e tres annos andou
Sem temer nenhum perigo,
Se moendo como trigo
Até que o desamparou ;
Com seu sangue resgatou
Para o pobre do moleiro
O pelote domingueiro.

Lhe vai elle debruado
Com sedas de muitas côres,
Que são os golpes e dores
Com que agora foi comprado...
Fica muito mais honrado
Que d'antes o atafoneiro
Com tão fino domingueiro.

Se tinha muitos botões
O layo, na dianteira,
Tem agora na trazeira
Mais de cinco mil cordões :
Os acoites e vergões
Com que o neto do moleiro
Fez tornar o domingueiro.

Traz cinco botões sómente
Mais formosos que os primeiros,
Que são os cinco agulheiros

Que fez a maldicta gente
Em o corpo do innocente,
Para tornar ao moleiro
Tão galante domingueiro.

Moleiro bem descansado,
Que tal fortuna tiveste !
Pois o layo que perdeste
De graça te foi tornado ;
Se não fôra o enforcado
Poderas dizer, moleiro,
Fogo ! viste, domingueiro ?

Nem te bastará poupar
As maquias do moinho,
Nem deixar de beber vinho,
Nem seis mezes passear,
Para poder ajuntar
Tanta somma de dinheiro
Que comprasses domingueiro.

Nem bastaram petições
E que foram bem compostas,
Em que leváras ás costas
Muitos casos de afflições:
Só as dores e orações
D'este teu neto, moleiro,
Ganharam o domingueiro.

A elle foi concedido,
E por isso nú nasceu ;
E depois, quando cresceu
Foi de purpura vestido,
E na cruz todo moido
Porque tu, pobre moleiro,
Cobrasses teu domingueiro.

Só agora podes sahir
Com pelote damascado,
De alto abaixo pespontado,
Que a todos póde cobrir ;
Já podes bailar e rir,
E dar voltas em terreiro
Com tão fresco domingueiro.

Bem podes sempre trazel-o
Em domingo e dia santo,
E em semana, sem quebranto,
Que te hajam de dar por ella.
Bem cingido com ourella
De justiça, bom moleiro,
Guardarás teu domingueiro.

As moças já podem ter
Amores de seu pelote,
E vestir-se do chioite
Se formosas querem ser !
Já podem todas dizer :
— Viva o neto do moleiro
Que nos deu tal domingueiro !

Viva o segundo Adão,
Que Jesus por nome tem !
Viva Jesus nosso bem,
Jesus, nosso Capitão !
Hoje, na Circumcisão,
Se tornou Jesus moleiro,
Por tornar o domingueiro.

BENTO TEIXEIRA PINTO**PROSOPOPEIA**

NARRAÇÃO

A lampada do sol tinha encoberto
Ao mundo sua luz serena e pura,
E a irmã dos tres nomes descoberto
A sua terça e circular figura ;
Lá do portal de Dite, sempre aberto,
Tinha chegado com a noite escura
Morpheu, que, com subtis e lentos passos,
Atar vem dos mortaes os membros lassos.

Tudo estava quieto e socegado,
Só com as flores Zephiro brincava,
E da varia fineza namorado,
De quando em quando o respirar firmava,
Até que sua dôr, d'amor tocado,
Por entre folha e folha declarava ;
As doces aves nos pendentos ninhos
Cobriam com as azas seus filhinhos.

As luzentes estrellas scintillavam,
E no estanhado mar resplandeciam,
Que, dado que no céu fixas estavam,
Estar no licor falso pareciam ;
Este passo os sentidos preparavam
Aquelles que de amor puro viviam,
Que estando de seu centro e fim ausentes,
Com alma e com vontade estão presentes.

Quando ao longo da praia, cuja areia
E' de marinhas aves estampada,
E de encrespadas conchas mil se arreja,
Assim de côr azul, como rozada;
Do mar cortando a prateiada veia,
Vinha Tritão em colla duplicada...
Não lhe vi na cabeça casca posta
(Como Camões descreve) de lagosta...

DESCRIPÇÃO DO RECIFE

Para a parte do sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o céu luminoso mais serena
Tem sua influição e temperada;
Junto da nova Luzitania ordena
A natureza mãe bem atentada,
Um porto tão quieto e tão seguro,
Que para as curvas náos serve de muro.

É este porto tal, por estar posta
Uma cinta de pedra inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa,
Onde quebra Neptuno a furia esquiva.
Entre a praia e a pedra descomposta
O estanhado elemento se deriva
Com tanta mansidão, que uma fateixa
Basta ter á fatal Argos anneixa.

Em o meio desta obra alpestre e dura
Uma boca rompeu o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura
Paranambuco — de todos é chamado :

De — *Paraná*, — que é mar, — *puca* — rotura,
Feita com furia desse mar salgado,
Que, sem no derivar commetter mingua,
Cova do mar se chama em nossa lingua.

Para a entrada da barra, á parte esquerda,
Está uma lagem grande e espaçosa,
Que de piratas fôra total perda,
Se uma torre tivera sumptuosa.
Mas quem por seus serviços bons não herda,
Desgosta de fazer cousa lustrosa ;
Que a condição do rei, que não é franco,
O vassalo — faz ser nas obras manco...



SECULO XVII



SEGUNDO PERIODO



PARNASO BRAZILEIRO

EUSEBIO DE MATTOS

AO ECCE HOMO

Hoje, que tão demudado
Vos vejo, por meu amor,
Espero, emfim, meu Senhor,
Me hei de ver por ganhado.

Satisfazei meu cuidado,
Já que assim vos chego a ver;
Pois só vós podeis fazer,
No mal que sentindo estou,
Que deixe de ser quem sou,
E seja como hei de ser.

Já vejo aos homens clamar
Por vossa morte, impacientes;
E dos tormentos presentes,
Inda a mais querem appellar.
Os termos se hão de trocar,
Que hoje a fé quer advertida,
Vendo em pena tão crescida,

A que é bem que se reporte,
Clamar porque vos dêem morte ;
Clamar a vós me deis vida.

Pilatos compadecido
De vos ver como vos via,
Outra condição vestia
Para vos mostrar despido.
Eu tambem, amor querido,
Vendo excesso tão atroz,
E o estado em que vos poz
O impio povo ruim ;
Já que vos despem por mim,
Me quero eu despir por vós.

Dispam-se contentos vãos,
Loucuras, cegas vaidades ;
Atem-se as mãos ás maldades,
Se á bondade lhe atam mãos :
Fiquem pensamentos sãos
E a soberba se desfaça :
No peito a humildade nasça ;
Morra a culpa, que me priva ;
Porque não é bem que eu viva
Quando morre o auctor da graça.

Este é o homem (dizia
Pilatos, que se enternece)
Mas quem a Deus desconhece,
Mal conhecer-se podia.
A minha esperança fia
De vós, que alentos lhe dá
Uma fé, que viva está ;
Que de amor no desempenho,
Conheça o mal que em mim tenho
E veja o bem que em vós ha.

Correu-se a nuvem sagrada
Dessa vossa vestidura ;
E do sol a formosura
Se mostrou toda eclipsada !
A flor, por homens pisada ?
Oh que pena me causais !
Pois quando assim vos mostrais,
Conheço, ó pai amoroso,
Que por seres tão piedoso,
A tal piedade chegais.

A barbara crueldade
Dos homens, Senhor, me admira ;
Pois se vestem da mentira
Para despir a verdade :
Não querem ter piedade,
Porque os cega a sem-razão ;
Porém, não é muito, não,
Quando o seu rigor os prostra,
Que quem com paixão se mostra,
Mal pôde ter compaixão.

Hoje me guia o destino
A amar-vos ; que não é bem
Tenha amor grosseiro a quem
Tem em vós amor tão fino :
Pois, quando a amar-vos me inclino,
Maior culpa amada prenda,
Fôra amar-vos sem emenda ;
Porque vendo esse amor vosso,
Se offender-vos ver não posso,
Como é bem que vos offenda?

Parodiando com palavras forçadas outras dez estancias de seu irmão Gregorio de Mattos, no retrato de certa D. Brites, formosa dama da Bahia, por quem o ultimo estava apaixonado.

Quem vos mostrar mudada a *bizarria*,
Da cara, que luz dava á bella *Aurora*,
Creio nenhuma affronta vos *faria*,
Se a morte contemplasse em vós, *Senhora* ;
Porque, sem luz vereis naquelle *dia*
A cara que brilhar vêdes *agora* ;
Que então haveis de ter, só por *estrella*,
Ver em cinza desfeita a cara *bella*.

Horror então será esse *thesouro*,
Que hoje naufrága em ondas de *cabello*.
Trocando, com mortifero *desdouro*,
Só em fealdade quanto tem de *bello* :
E se por aureo, vence agora ao *ouro*,
Então a terra ha de *convencel-o*
Que quem na vida vive *celebrado*,
Perde na morte as prendas de *adorado*.

Esses olhos, que hoje olham tão sem *tento*,
Então não hão de ser o que hoje *são* ;
Por quanto, se hoje são da luz *portento*,
Das trevas hão de ser *admiração* :
Se por tão claros, hoje dão *contento*,
Não hão de dar então *consolação* ;
Porque verão o fim a seu *desejo*,
Terminar nas cavernas que eu cá *vejo*.

A bocca, que por ser tão *pequenina*,
Conquista a côr do cravo, e a do *rubi* ;
Trocará quanto tem de *peregrina*
Pela mais triste bocca que eu já *vi* ;

Eu attendi chamar-lhe alguém *divina*;
 Mas confesso, Senhora, que o não *cri*;
 Porque entendo, que havia a vossa *bocca*,
 Pela de uma caveira fazer *troca*.

* Esse aljófar, que agora se *desata*
 Para brilhar melhor nesse *rozal*,
 Não mostrará no nácar viva *prata*
 Quando vir consumido o seu *coral*;
 Ostentas, que por golpes de *escarlata*,
 Mostram o rutilante do *crystal*;
 E então, no descórado do *marfim*,
 Dentes só se hão de ver, mas não *carmim*.

O peito, que hoje é fragoa do amor *cêgo*,
 Não será fragoa então, nem será *peito*;
 Porque, por dar á Parca seu *socêgo*,
 Perderá quanto tinha de *perfeito*;
 Se em algum tempo foi de fogo *emprêgo*,
 Então verá em si tão rijo *effeito*,
 Que julgará improprio a tudo o *mais*,
 Que não chegar a ver prodigios *taes*.

A causa que algum tempo foi de *amor*,
 Aqui motivará tal odio, e *tanto*,
 Que não verá o mundo outro *maior*
 Na fabulosa luz do seu *encanto*;

* Acompanhando o autor do *Florilegio*, para melhor comprehensão d'esta oitava, transcrevemos a que lhe é correspondente, a mais inspirada e artistica de toda a poesia parodiada:

Ver o aljófar nevado que desata
 A aurora sôbre a gala do rozal;
 Ver em rasgos de nácar tecer prata,
 E perolas em conchas de coral;
 Ver diamantes em golpes de esarlata,
 Em pingos de rubim, puro crystal;
 E' ver os vossos dentes de marfim
 Por entre os bellos labios de carmim.

Por quanto, o que causava tanto *ardor*,
Da mesma fealdade será *espanto* ;
Sem ver em si figura, nem *sinal*,
Dos dous botões, que tinha de *crystal*.

Das mãos hei de dizer, pois me *aventuro*,
Que se sua belleza agora *mata*,
Seu horror matará então *seguro*,
Quanto tímido agora *desbarata* :
Que se agora são prata, e crystal *puro*,
Então não hão de ser crystal, nem *prata* :
Pois ossos hão de ser, que vão *formando*
Ganhos, que vão mortos *sepultando*.

Pôr os olhos na cinta *não me atrevo*,
Porque a vejo de carne tão *succinta*,
Que já me não suspendo, nem me *elevo*
Da belleza que via nessa *cinta* :
De eu a ver, na garganta a morte *levo* ;
Porque, por feia a vejo tão *distincta*,
Que se não attende dessa *formosura*
Mais que um osso, que serve de *cintura*.

Do pé ia a fallar: *mas tate, tate*,
Que não tem nada o pé de *peregrino* :
Oh loucura de Amor! Oh *desbarate* !
Aqui, minha Senhora, *desatino* !
Quem consumiu o pé? quem lhe deu *máte* !
Mas ai! que a terra o viu tão *pequenino*,
Que por não ver em si sua *pégada*,
O picante do pé, tornou em *nada*.

GREGORIO DE MATTOS

A certo letrado em Pernambuco, pequeno
e presumido

Tu és mosquito que cantas,
Pequeno, e bem zunidor ;
Dos lençóes malquistador,
Aborrecido das mantas ;
Com o ferrão da lingua espantas,
E com a musica enfadas :
Caminhas ás trombetadas,
E não sabemos por onde ;
Porque o invisivel te esconde,
Para poupar bofetadas.

Algumas tens tu levado
Nessa mascarilha rara ;
Mas nada te sahe á cara,
Que és picaro descarado :
Indo daqui escoiçado,
Por tua velhacaria,
Para outra terra baldia
Tornastes, filho de um...
Como bêsta de retôrno,
Para a mesma estrebaria.

Nada queres que entendamos :
Só tu és sabio devéras :
Tomára, que já murrêras,
Por que nós tambem saibamos :
Isto posto ; argumentâmos :
Ergo, tu és homem só,

Como argumentava Job
 Aos socios que o estavam vendo:
Ergo, em vós outros morrendo,
 Toda a sciencia deu dó.

Esse corpinho fanado,
 Destilando o seu saber,
 Vinha, quando muito, a ter
 Uma oitava de letrado:
 Se no casco abreviado
 Dessa cabeça *merim*
 Cabe tão pouco latim,
 Como de douto se gaba,
 Quem no pêso é uma oitava,
 Na medida um salamim?

Tomára já que acabáras,
 (Torno a dizer outra vez);
 Sendo que morto, talvez
 Que saber nos não deixáras!
 Tomára que me explicáras;
 Porque a raiva se me arranque
 Se das sciencias és tanque,
 Ou se com Deus contrataste,
 E a sciencia lhe tomaste,
 Em meu odio, por estanque!

A TRES ENFORCADOS

DOUS NEGROS E UM MULATO

Jogaram á espadilha
 Tres Cansarrões co'a Justiça;
 E como o Demo os inguiça,
 Lam sempre á cascarrilha.

Não acharam na cartilha
 Cartas de geito e feitio
 Para trunfarem com brio,
 Jogo fizeram nefando,
 Que um quarto d' hora jogando
Perderam seis mãos á fio.

Não sendo de perder fartos,
 Pareceu total destrôço:
 Perdido o dinheiro grosso,
 Perderam também os *quartos*.
 Mas depois de azares artos
 Viram os tres jogadores,
 Que a Justiça déstra em flores,
 Em jogando com marãos,
 Sempre ganha com *tres páos*
 Aos maiores *matadores*.

Ao tempo que os tres sentiram
 Que o tal jogo os embarranca,
 Todos se viram sem branca
 Mas sem *alva* não se viram:
 Do jogo se despediram
 Sentidos do espalhafato,
 Mas tão nus do esfôlagato,
 Que de pura compaixão
 Lhes veio da Relação
 Uma fralda de barato.

Tanto alli se entristeceram,
 E tanto se traspassaram,
 Que a todos nos admiráram,
 Quando assim se *suspenderam*.
 Finalmente os tres morreram
 Uma morte tão veloz,

Que ao veneno mais atroz,
Nenhuns tão presto acabaram,
Como estes, quando choraram
A's entre pernas do *algoz*.

Jogar sobre mesa raza
Com seis Desembargadores,
Isso não, que aos *matadores*
Nunca deixam fazer vaza.
Se aos tres escaldou a braza,
Aos mais sirvam de exemplar,
E quando queiram jogar,
Joguem, mas o truque não,
Que os *tres páos* da Relação
Sempre é truque de ganhar.

Com bécas qualquer joguinho
Sempre é mui prejudicial ;
Pois com jogo tal ou qual
A mão levam de codilho ;
Tem cartas de *garrotinho*,
Por que tem cartas de *agarro*,
E os que cuidando que é barro,
Jogam com Ministro inteiro,
Se esperam rodar dinheiro,
Hão de rodar sobre um *carro*.

Os que na cidade vistes
Tantos *quartos*, e tão artos,
Entendei, que tão máos quartos
Resultam d'horas tão tristes :
E os que vel-os fugistes
Crede, que a hora não tarda
Á quem, a má sorte aguarda

Antes deveis entender,
Que toda a casa ha de arder
Á quem seus quartos não guarda.

Alérta, pardos do trato,
Á quem a soberba emborca,
Que póde ser hoje forca
O que foi hontem mulato ;
Alérta, que o aparato
Daquelle *pendente pé*,
Que na parede se vê,
Vos préga com voz sincera
Que se sois, o que elle era,
Podeis ser, o que elle é.

SATYRA

AOS COSTUMES DA BAHIA

Destes, que campam no mundo
Sem ter engenho profundo,
E entre os gabos dos amigos
Os vemos em papa-figos
Sem tempestade, nem vento ;
Anjo bento !

De quem com secretas letras
Tudo o que alcança é por tretas
Bacolejando sem pejo
Por matar o seu desejo
Desde amanhã até á tarde,
Deus me guarde !

Quem passeia tão farfante,
 Todo presado de amante,
 Por fóra luvas, botões,
 Insignias, armas, galões,
 Por dentro pão bolorento;
 Anjo bento!

Destes beatos fingidos,
 Cabisbaixos, encolhidos,
 Por dentro fataes maganos
 Sendo nas caras uns Janos
 Fazem dos vícios alarde,
 Deus me guarde!

Que vejamos teso andar,
 Quem mal sabe engatinhar,
 Muito inteiro e presumido,
 Ficando o outro abatido
 Com maior merecimento,
 Anjo bento!

Destes avaros mofinos,
 Que põe á mesa pepinos,
 De toda a iguaria isenta
 Com seu limão e pimenta
 Porque diz, que queima e arde,
 Deus me guarde!

Que pregué um douto sermão
 Um alarve, um asneirão,
 E que esgrima em demasia
 Quem nunca lá na *Sophia*
 Soube pôr um argumento;
 Anjo bento!

Deste Santo emmascarado,
 Que falla do meu peccado,
 E se tem por Santo Antonio,
 Mas em lutas com o demonio
 Se mostra sempre cobarde:

Deus me guarde!

Que atropellando a justiça
 Só com virtude postiga
 Se premêe o delinquente,
 Castigando o innocente
 Por um leve pensamento;
 Anjo bento!

MOTTE

A mais formosa, que Deus.

GLOSA

Eu com duas damas vim
 Hontem de uma romaria;
 Uma feia em demasia,
 Outra que era um serafim.
 E vendo-as eu vir assim
 Sós, e sem amantes seus,
 Lhes perguntei: Anjos meus,
 Quem vos pôz em tal estado?
 Disse a feia, que o peccado,
A mais formosa, que Deus.

A UNS CLERIGOS

que indo ao exame do cantochão para ordens sacras
na presença do Arcebispo D. João Franco de
Oliveira, desafinaram perturbados.

Senhor, os padres d'aqui
Por b quadro e por b mol
Cantam bem ré mi fa sol,
Cantam mal la sol, fa mi :
A razão que eu nisto ouvi,
E tenho para vos dar,
É que como ao ordenar
Fazem tanto por luzir,
Cantam bem para subir,
Cantam mal para baixar.

Porém como cantariam
Os pobres perante vós?
Tão bem cantariam sós,
Quão mal onde vos ouviam :
Quando o fa bordão erguiam
Cada um parece que berra,
E si um dissona, outro erra,
Mui justo me pareceu,
Que sempre á vista do céu
Fica abatido o que é terra.

Os padres cantaram mal,
Como estava presupposto,
E inda assim vos deram gosto,
Que eu no riso vi o signal :
Foi-se logo cada qual
Direito ás suas pousadas,
A' estudar nas taboadas

Da musica os sete signos,
Não por cantar a Deus hymnos,
Mas por vos dar badaladas.

Vós com voz tão doce e grata
Enleastes meus sentidos,
Que ficaram meus ouvidos
Engastados nessa prata:
Tanto o povo se desata
Ouvindo os vossos esp'ritos,
Que com laudatorios gritos
Dou em fé que uma donzella
Disse, qual outra Marcella,
O Cantico Benedictus.

Á PEDRO ALVARES DA NEIVA

QUANDO EMBARCOU PARA PORTUGAL

ROMANCE

Adeus, amigo Pedro Alvres,
Que vos partistes d'aqui
Para geral desconsolo
Deste povo do Brazil.

Partiste-vos, e oxalá
Que então vos vira eu partir,
Que sempre um quarto tomára
A libra por dous seitis.

Puzera o quarto em salmoura
E no fumeiro o pernil,
O pé não, porque me dizem
Que vos fede o escarpim.

Guardára o quarto de sorte,
Que se vos pudera unir
Na surreição dos auzentes
Quando tornasseis aqui.

Mas vós não fostes partido,
Mente quem tal cousa diz;
Antes fostes muito inteiro,
E sem se vos dar de mim.

Saudades não as levastes,
Deixaste-las isso sim,
Porque de todo esse povo
Ereis o folgar e rir.

Desenfado dos rapazes,
Das moças o perrixil,
O burro da vossa casa,
E da cidade o rossim.

Lá ides por esses mares,
Que são vidraças do anil,
Semeando de asnidades
Toda a vargem zaphir.

O piloto e a companha
Apostarei que já diz
Que vai muito arrependido
De ires no seu camarim.

O homem se vê e deseja,
E desesperado emfim,
Acceita que a nau se perca,
Por vos ver fóra de si.

Deseja ver-vos luctando
Sobre o elemento subtil,
Onde um tubarão vos parta,
Vos morda um darimdarim.

Deseja que os peixes todos
Tomem accôrdo antre si
De vos darem nos seus buchos
Sepultura portatil.

Sente que em amanhecendo
A fina força de ouvir
Os bons dias de uma bocca,
Cujo bafo é tão ruim.

Sente que não empregando
Nem um só maravedí
Em queijos frescos, a elles
Vos trezande o chambaril.

Mas vós heis de ir a Lisboa
Apezar de villão ruim,
E el-rei vos há de fazer,
Com mil mercês, honras mil.

Os cavalheiros da côrte,
Trazendo-vos junto a si,
Vos hão de dar como uns doidos
Piparotes no nariz.

E como vós sois doente
De fidalgos phrenesis,
Por ficar afidalgado
Toda a mofa heis de rustir.

O que trazeis de vestidos,
Uns assim, outros assim,
Sereis o moda dos modas,
E o modelo dos Törins.

A conta disto me lembro,
Quando em Marapé vos vi
Vestido de pimentão,
Com fundos de flor de liz.

Em verdade vos affirmo
Que então vos suppuz e cri
Surrada tapeçaria,
Tisnado guadamecim.

O que dizeis de mentiras,
Quando tomardes aqui,
Amizades de um visconde.
Favores de um conde vis.

Valido de um tal ministro,
Cabido de um tal juiz,
E até do mesmo Cabido
Leiguissimo mandarim.

El-rei me fez mil favores,
Mil favores, mais de mil,
Bem fez com que eu lá ficasse,
Mas não o pude servir.

Quem casou, como eu casei,
Com mulher tão senhoril,
É captivo de um ferreiro,
Não me posso dividir.

De el-rei é a minha cabeça,
Porém o corpo gentil
Todo é de minha mulher,
Não tem remedio, hei de me ir.

Achou-me razão el-rei,
E na hora de partir,
Pondo-me a mão na cabeça,
Me disse: Perico, adí.

Ide-vos Perico embora,
Ide-vos para o Brazil,
Que quem vos tirou da côrte
Não vos tirará d'aqui.

E pondo em seu peito a mão,
Eu que a fineza entendi
Chorei pos agradece-la
Lagrimas de mil em mil.

Botei pelo paço fóra,
Metti-me no bergantim,
Cheguei a bordo, embarquei-me,
Levámos ferro, e parti.

Os cavalleiros da côrte
Choraram tanto por mim,
Como por uma commenda
De Sanctiago ou de Aviz.

Hontem avistámos terra.
E quando na barra vi
Coqueiros e bananeiras,
Disse comigo: Brazil!

MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

A ILHA DE MARÉ.

Jaz em obliqua fôrma e prolongada
 A terra de Maré, toda cercada
 De Neptuno, que tendo o amor constante,
 Lhe dá muitos abraços por amante;
 E botando-lhe os braços dentro della
 A pretende gozar, por ser mui bella.

Nesta assistencia tanto a senhorea,
 E tanto a galantea,
 Que do mar de Maré tem o appellido,
 Como quem présa o amor de seu querido:
 E por gôsto das prendas amorosas
 Fica maré de rosas,
 E vivendo nas ancias successivas,
 São do amor marés vivas;
 E se nas mortas menos a conhece,
 Maré de saudades lhe parece.
 Vista por fóra é pouca apeteçada,
 Porque aos olhos por feia é parecida;
 Porém dentro habitada
 É muito bella, muito desejada,
 É como a concha tosca e deslustrosa,
 Que dentro cria a perola formosa.

Erguem-se nella outeiros
 Com soberbas de montes altaneiros,
 Que os valles por humildes despresando,
 As presumpções do mundo estão mostrando,
 E querendo ser principes subidos
 Ficam os valles a seus pés rendidos.

Por um e outro lado,
 Varios lenhos se vêem no mar salgado.
 Uns vão buscando da cidade a via,
 Outros della se vão com alegria ;

E na desigual ordem
 Consiste a formosura na desordem.

Os pobres pescadores em saveiros,
 Em canôas, ligeiros,
 Fazem com tanto abalo

Do trabalho marítimo regalo ;
 Uns as redes estendem,

E varios pesces por pequenos prendem ;
 Que até nos peixes com verdade pura
 Ser pequeno no mundo é desventura :

Outros no anzol fiados
 Tem aos miseros peixes enganados,
 Que sempre da vil isca cobiçosos
 Perdem a propria vida por gulosos.

Aqui se cria o peixe regalado
 Com tal sustancia e gosto preparado,
 Que sem tempero algum para appetite

Faz gostoso convite
 E se pôde dizer em graça rara
 Que a mesma natureza os temperára.

Não falta aqui marisco saboroso,
 Para tirar fastio ao melindroso ;

Os polvos radiantes,
 Os lagostins flammantes,
 Camarões excellentes,

Que são dos lagostins pobres parentes ;
 Retrogrados o'ranguejos,
 Que formam pés das boccas com festejos,
 Ostras, que alimentadas

Estão nas pedras, onde são geradas,
Emfim tanto marisco, em que não falo,
Que é vario perrexil para o regalo.

As plantas sempre nella reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do Inverno os desfavores,
Esmeraldas de Abril em seus verdores,
E dellas por adorno appetecido
Faz a divina Flora seu vestido.

As frutas se produzem copiosas,
E são tão deleitosas,
Que como junto ao mar o sitio posto,
Lhes dá salgado o mar o sal do gôsto.
As canas fertilmente se produzem,
E a tão breve discurso se reduzem,
Que, porque crescem muito,
Em dôze mezes lhe sazona o fruto,
E não quer, quando o fruto se deseja,
Que sendo velha a cana, fertil seja.

As laranjas da terra
Poucas azedas são, antes se encerra
Tal doce nestes pomos,
Que o tem clarificado nos seus gomos ;
Mas as de Portugal entre alamedas
São primas dos limões, todas azedas.

Nas que chamam da China
Grande sabor se afina,
Mais que as da Europa doces e melhores,
E têm sempre a vantagem de maiores,
E nesta maioria,

Como maiores são, têm mais valia.
Os limões não se presam,
Antes por serem muitos se despresam.
Ah! se a Hollanda os gozára!
Por nenhuma provincia se trocára.

As cidras amarellas
Cahindo estão de bellas,
E como são inchadas, presumidas,
É bem que estejam pelo chão cahidas :
As uvas moscateis são tão gostosas,
Tão raras, tão mimosas,
Que se Lisboa as vira, imaginára
Que alguém de seus pomares as furtára ;
Dellas a producção por copiosa
Parece milagrosa,
Porque dando em um anno duas vezes,
Geram dous partos, sempre, em dõze mezes.
Os melões celebrados
Aqui tão docemente são gerados,
Que cada qual tanto sabor alenta,
Que são feitos de assucar e pimenta,
E como sabem bem com mil agrados,
Bem se póde dizer que são lettrados ;
Não falo em Valariça, nem Chamusca :
Porque todos offusca
O gôsto destes, que esta terra abona
Como proprias delicias de Pomona.
As melancias com igual bondade
São de tal qualidade,
Que quando docemente nos recreia,
E' cada melancia uma colmeia ;
E ás que tem Portugal lhe dão de rosto,
Por insulsas aboboras no gôsto.
Aqui não faltam figos,
E os solicitam passaros amigos,
Appetitosos de sua doce usura,
Porque cria appetites a doçura ;
E quando acaso os matam,
Porque os figos maltratam,
Parecem mariposas, que embebidas
Na chamma alegre, vão perdendo as vidas.

As romãs rubicundas quando abertas
 Á vista agrados são, á lingua offertas,
 São thesouro das frutas entre affagos,
 Pois são rubis suaves os seus bagos.
 As frutas quasi todas nomeadas
 São ao Brazil de Europa trasladadas,
 Porque tenha o Brazil por mais façanhas,
 Além das proprias frutas, as estranhas.

E tratando das proprias, os coqueiros,
 Galhardos e frondosos
 Criam cocos gostosos;

E andou tão liberal a natureza
 Que lhes deu por grandeza,
 Não só para bebida, mas sustento,
 O nectar doce, o candido alimento.
 De várias côres são os cajús bellos,
 Uns são vermelhos, outros amarellos,
 E como varios são nas varias côres,
 Tambem se mostram varios nos sabores;

E criam a castanha,
 Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha.

As pitangas fecundas
 São na côr rubicundas,

E no gosto picante comparadas
 São de America ginjas disfarçadas.

As pitombas douradas, se as desejas,
 São no gosto melhor do que as cerejas,
 E para terem o primor inteiro

A vantagem lhes levam pelo cheiro.
 Os araçazes grandes ou pequenos,

Que na terra se criam mais ou menos,
 Como as peras da Europa engrandecidas,
 Como ellas variamente parecidas,

Tambem se fazem dellas
 Carias castas marmeladas bellas.



As bananas no mundo conhecidas
 Por fruto e mantimento appetecidas,
 Que o céo para regalo e passamento
 Liberal as concede em todo o tempo,
 Competem com maçãs ou baonesas,
 Com perós verdeaes ou camoesas;
 Tambem servem de pão aos moradores,
 Se da farinha faltam os favores;
 É conducto tambem que dá sustento,
 Como se fosse proprio mantimento;
 De sorte que por graça ou por tributo
 É fruto, é como pão, servê em conducto.
 A pimenta elegante
 É tanta, tão diversa e tão picante,
 Para todo o tempero acomodada,
 Que é muito avantajada,
 Por fresca, e por sadia
 A que na Azia se gera, Europa cria;
 O mamão por frequente
 Se cria vulgarmente,
 E não présa o mundo,
 Porque é muito vulgar em ser fecundo.
 O marçujá tambem gostoso e frio
 Entre as frutas merece nome é brio;
 Tem nas pevides mais gostoso agrado
 Do que assucar rosado;
 É bello, cordeal, e como é molle,
 Qual suave manjar todo se engolle.
 Vereis os ananazes,
 Que para rei das frutas são capazes;
 Vestem-se de escarlata
 Com magestade grata,
 Que para ter do Imperio a gravidade
 Logram da corôa verde a magestade;
 Mas quando tem a corôa levantada
 De picantes espinhos adornada,

Nos mostram que entre reis, entre rainhas
 Não ha corôa no mundo sem espinhas.
 Este pomo celebra toda a gente,
 E muito mais que o pecego excellente,
 Pois lhe leva a vantagem gracioso
 Por maior, por mais doce e mais cheirosô.

Além das frutas, que esta terra cria,
 Também não faltam outras na Bahia ;
 A mangaba mimosa
 Salpicada de tintas por formosa,
 Tem o cheiro famoso
 Como se fôra almiscar oloroso ;
 Produz-se no mato
 Sem querer da cultura o duro trato,
 Que como em si toda a bondade apura,
 Não quer dever aos homens a cultura.
 Oh que galharda fruta e soberana
 Sem ter industria humana !
 E se Jove as tirara dos pomares,
 Por Ambrosia as puzera entre os manjares !

Com a mangaba bella a semelhança
 Do macujé se alcança,
 Que também se produz no mato inculto
 Por soberano indulto,
 E sem fazer ao mel injusto agravo,
 Na boca se desfaz qual doce favo.

Outras frutas dissera, porém basta.
 Das que tenho descripto a vária casta,
 E vamos aos legumes, que plantados
 São do Brazil sustentos duplicados :

Os mangarás que brancos ou vermelhos,
 São da abundancia espelhos ;

Os candidos inhames, se não minto,
Podem tirar a fome ao mais faminto.

As batatas, que assadas ou cozidas

São muito appetecidas ;

Dellas se faz a rica batatada

Das Belgicas nações sollicitada.

Os carás, que de roxo estão vestidos,

São loyos dos legumes parecidos,

Dentro são alvos, cuja cor honesta

Se quiz cobrir de roxo por modesta.

A mandioca, que Thomé sagrado

Deu ao gentio amado,

Tem nas raizes a farinha occulta :

Que sempre o que é feliz, se difficulta.

E parece que a terra de amorosa

Se abraça com seu fruto delectosa ;

Della se faz com tanta actividade

A farinha, que em facil brevidade

No mesmo dia sem trabalho muito

Se arranca, se desfaz, se coze o fruto ;

Della se faz tambem com mais cuidado

O beijú regalado,

Que feito tenro por curioso amigo,

Grande vantagem leva ao pão de trigo.

Os aypins se aparentam

Co'a mandioca, e tal favor alentam,

Que tem qualquer, cosido ou seja assado,

Das castanhas da Europa o mesmo agrado.

O milho que se planta sem fadigas,

Todo o anno nos dá faceis espigas,

E é tão fecundo em um, e em outro filho,

Que são mãos liberaes as mãos de milho.

O arroz semeado,

Fertilmente se vê multiplicado ;

Calle-se de Valença por estranha

O que tributa a Hespanha,

Chamê-se do Oriente

O que come o gentio, e a Lizia gente,
Que o do Brazil quando se vê cozido,
Como tem mais substancia, é mais crescido.

Tenho explicado as frutas e legumes,
Que dão a Portugal muitos ciúmes;

Tenho recopilado

O que o Brazil contém para invejado,
E para preferir a toda terra,
Em si perfectos quatro AA encerra.

Tem o primeiro A, nos arvoredos

Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;

Tem o segundo A nos ares puros;

Na temperie agradaveis e seguros;

Tem o terceiro A nas aguas frias

Que refrescam o peito e são sadias,

O quarto A no assucar deleitoso,

Que é do mundo o regalo mais mimoso.

São pois os quatro AA por singulares

Arvoredos, assucar, aguas, ares.

Nesta ilha está mui ledo, e mui vistoso

Um engenho famoso,

Que quando quiz o fado antigamente

Era rei dos engenhos preminente,

E quando Hollanda perfida e nociva

O queimou, renasceu qual Phenix viva.

Aqui se fabricaram tres capellas:

Ditosamente bellas,

Uma se esmera em fortaleza tanta,

Que de abobada forte se levanta;

Da Senhora das Neves se appellida,

Renovando a piedade esclarecida,

Quando em devoto sonho se vio posto

O nevado cantor no mez de Agosto.
Outra capella vemos fabricada,
A Xavier illustre dedicada,
Que o Maldonado parochó entendido
Este edificio fez agradecido
A Xavier, que foi em sacro alento
Gloria da igreja, do Japão portento.
Outra capella aqui se reconhece,

 Cujo nome a engrandece,
Pois se dedica á Conceição sagrada
Da Virgem pura, sempre immaculada,
Que foi por singular e mais formosa
Sem manchas lua, sem espinhas rosa.
Esta ilha de Maré, ou de alegria,

 Que é termo da Bahia,
Tem quasi tudo quanto o Brazil todo,
Que de todo o Brazil é breve apodo ;
E se algum tempo Citherea a achára,
Por essa sua Chipre despresára,
Porém tem, com Maria verdadeira,
Outra Venus melhor por padroeira.



SECULO XVIII



TERCEIRO PERIODO



PARNASO BRAZILEIRO

ANTONIO JOSÉ

GLOSA

dos versos do conhecido soneto de Camões *Alma
minha*, etc.; por occasião da morte da infanta
D. Francisca em 1736.



QUE importa que separe a fera morte
Os extremos, que amor ligou na vida,
Se quanto mais violenta íntima o córte
Vive a alma no affecto mais unida?

E posto te imagine, oh triste sorte!
Nos horrores de um tumulo escondida,
Nunca do peito meu te dividiste,
« *Alma minha gentil, que te partiste.*

Se no regio pensil flor animada
Purpuras arrastava a galhardia,
Por isso na belleza inseparada
A duração efemera existia:
Se está na formosura vinculada,
Esta da morte occulta sympathia,
Que muito te ausentasses levemente
« *Tão cedo desta vida descontente?*

Como flor acabou quem rosa era,
Porém nessa fragrancia transitoria
Não quiz ser flor na humana Primavera,
Por viver serafim na excelsa gloria:
Já que o desejo meu te considera,
Gozando nesse Empyreo alta victoria,
Apezar da saudosa dôr vehemente
« Repousa lá no céu eternamente.

Nessa patria de raios luminosa,
Donde immortal se adora a luz immensa,
Alegre vivirás, alma ditosa,
Sem limite jámais na gloria intensa;
Que eu infeliz em ancia luctuosa
Farei no meu gemido a dôr extensa,
Eterno goza tu o bem que viste
« E viva eu cá na terra sempre triste.

Não cuides que o affecto de adorar-te
Se extinguiu nos limites de perder-te,
Porque na viva fé de idolatrar-te
Na memoria conservo o bem de ver-te:
Tão constante me elevo em venerar-te,
Que não sei que podesse mais querer-te —
Se cá na terra dura onde me viste,
« Se lá no assento ethereo onde subistê.

E se nesse brilhante firmamento
De algum humano bem memoria dura,
É porque no logar da culpa isento
Não se veja do ingrato a mancha impura:
Lembre-te pois, ó alma, o vago alento,
Que em suspiros exala esta ancia pura,
Lembra-te; pois tambem no céu luzente
« Memoria desta vida se consente.

Quantas vezes a tanta galhardia
Portugal sacrificios dedicava?
Nos altares de um peito amor ardia,
Nos ardores de uma alma amor se achava;

Se este extremo que em luzes se accendia,
Era fragoa de amor, que se abrazava,
Para allivio efficaz de um peito ausente
« *Não te esqueças daquelle amor ardente.*

Mas se algum dia o gosto por activo
Em crystalino riso se applicava,
(Que tambem o prazer quando excessivo
Pelos olhos rhetorico fallava,)

Hoje corre turbado o successivo
Crystal, que o gosto amado publicava,
Turvo distilla a magua o pranto triste,
« *Que já nos olhos meus tão puro viste.*

Para eterno padrão uma saudade,
Mausoleo immortal se erige: oh quanto
Póde uma dôr! pois toda a eternidade,
Breve circulo é de affecto tanto:

Recebe pois, ó inclita deidade,
O liquido holocausto de meu pranto,
Se acaso digno é de engrandecer-te,
« *E se vires que póde merecer-te.*

Neste fero tormento desigual
Sem remedio me vejo enlouquecer,
Sendo sómente allivio para o mal
Nesta ausencia infeliz por ti morrer:
Vivo tão satisfeito do fatal
Tormento, que me obriga a padecer,
Que mitigo no mal, que me deixou
« *Alguma cousa a dôr que me ficou.*

Viste as Tagides bellas lamentando
Entre as ondas do Tejo a morte escura,
Que lacrimoso feudo derramando
Dão a Neptuno infausta investidura?
Viste os patrios montes arrancando
Do coração da penha a fonte pura?
Pois tudo effeitos são, se bem se adverte,
« *Da magua sem remedio de perder-te.*

Mas se tens por objecto o celestial
Numen, de quem te ostentas girasol,
Felice tu mil vezes, que immortal
Vives eterna á sombra deste sol.
E se pois transmigrou teu ser mortal
A um sublime ser, sendo crisol
Da virtude, que a tanto te exaltou,
« Roga a Deus, que teus annos encurtou.

Quantos desejarão no grave espanto
Da ausencia, que formaste hoje em retiros,
Abrandar essa urna com o pranto,
Accender essas cinzas com suspiros !
Qual a marte dirá : não tardes tanto,
Leva-me a mim tambem em vagos giros,
Pois quão cedo de mim soube esconder-te,
« Que tão cedo de cá me leve a ver-te.

Qual nevada bonina, que o subtil
Matutino licor feliz bebeu,
A quem o sol ardente em raios mil
A odorifera pompa lhe abateu :
Assim, ó bella infanta, alma gentil,
Noto no seu estrago o golpe teu,
Que admirado do mal por certo estou,
« Quão cedo dos meus olhos te levou.

ARIAS E MISCELLANEAS

DRAMATICAS JOCOSAS

Viram já vocês um gato,
Que miando pela casa,
Tudo arranha, tudo arraza,
E caçando o pobre rato,

Este guincha que o não rape,
D'alli diz-lhe a moça *çape*,
E o gato responde *miau*,
E a senhora grita *xó?*

Dessa sorte amor tyranno
Faz das unhas duras frexas,
Que trepando da alma ás brexas
Corações, fressuras, bofes
Come, engole e faz em pó.

—
Lá vai á saude dos senhores,
E em suaves licores
Matarei a cruel melancolia,
Em doce hydropesia:
Apezar do pesar e do cuidado
Vestir quero a minha alma de encarnado.

—
Nas guerras do Bacco
Sem chuço ou bayoneta
Com esta trombeta
Toco a degolar: tan, taran, tan, tan,
E ao som deste som: torom, tom, tom,
Tudo terá fim: tirim, tim, tim,
Prostrando as cavernas
De tantas tabernas,
Porque dellas possa
Bacco triumphar.

—
É o amor que uma alma engolle,
Sabão molle:
Pois com elle quem se esfrega,
Cabra cega,
Escorrega,
Cahe aqui, cahe acolá.

Assim uma alma namorada,
Esfregada,
Ensaboada,
Que tropeços não fará!

—

Egeria peregrina,
Do sagrado eridano nympha bella,
Deixa o ceruleo, errante, throno vago,
Em que habitas, deidade;
Que se aguas procuras em taes maguas
Vem a meus olhos, que tambem tem aguas.

Alenta, respira,
Galhardo pastor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o crystal
Se abraçam as aguas
Em fogo de amor.

Se da Italia esphera,
Tutelar divindade te appellidas,
Ampára um peregrino,
Que a teu factu eridano sacrifica.

—

Outro rio em seu pranto: oh quanto temo,
Que unido o sacrificio á divindade,
Se inunde o orbe em liquida impiedade!

Alenta, respira,
Galhardo pastor, etc.

Outra vez, e mil vezes
Te busco impaciente,

Por ver se rigoroso meu destino
Nos influxos brilhantes de teus raios
Acha seguro asylo, e o passo errante
De um animo constante
Encam.aha propicia, porque vejas,
Que idolatra numéra em vagos giros
Tanto os votos, quantos os suspiros.

Alenta, respira,
Galhardo pastor, etc.

—

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A mangerona
Quero exaltar.
No seu triumpho
Que a fama entôa,
Palma e corôa
Ha de levar.

Hade por certo,
Que a sua rama
Na vez da fama
Sempre andará.

Inda que gaste
Duzentas solas,
Mil cabriolas
Por ti farei.

Ai que bichancro!
Que horrenda cara!
Quem lhe cascára
Um cambapé.

Dá-me essa mão
Para me erguer;
Vá-se d'ahi
Quem é vossê?

Sou quem por ti
Mil cabriolas
Juntas farei,
Queres tu ver?

Ora lá vai,
Uma, duas, tres, quatro, cinco e seis.
Mui buliçoso
Tens esse pé!

—

Senhor Caranguejo,
Adeus, que me vou :
Lá vai o meu bem,
Meu mal me matou.
Não chore, barbado,
Você é rapaz?
Amor é que chora,
Que amor é rapaz.
Adeus, que me vou
Não digas tyranna,
Adeus, que me vou.
Oh quanto me custa
Deixar-te sem mim!
Oh quanto me assusta
Ficar-me sem ti!
Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor se affogou.

—

Selvatica féra
Da brenha mais tosca
Se encrespa, se enrosca,
Se a cara consorte
Nos braços encontra
De amante rival.

Se o rustico instincto
De um bruto padece,
Desculpa merece
Uma alma abrazada
Dos zelos no mal.

Toda a mulher que não fôr
Inclinada ao matrimonio,
Ha de leval-a o demonio,
Se a não levar o amor:
Trate logo de depôr
Seu tyranno desdenhar;
Porém se não abrandar
Seu rigor, deve escolher
Ou casar, por não morrer,
Ou morrer, por não casar.

Não ha quem diga
Por esta cidade
Se devo casar,
Se não, ou se sim?
Porém que verdade
Me podem dizer,
Se eu hei de morrer
Assim como assim?

Roto lenho que impellido
De infeliz vaga procella,
Quasi a pique submergido,
Vendo ao longe a praia bella,
Sem que a ella
Possa naufrago aportar.

Eu assim na dôr violenta,
Sinto uma aspera tormenta,
Sem que possa minha idéa
 Por Medéa
Livrementemente publicar.

Dirás ao meu bem
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que á sua firmeza
Constante serei.
Que firme eu tambem
A tanta fineza,
Amante constante
Extremos farei.

Não veem o meu noivo
Como é galantinho!
Com esse focinho
Queria mulher!

Que tolo, que simples, que necio é você!
 Bem sei, não mereço
 Tão lindos amores,
 Porém taes favores
Os lanço de mim co'a ponta do pé.

Se cuidas, menina,
Que eu seja perjuro,
Pois olha, eu te juro,
Um raio me parta,
Me abraze um corisco,
O diabo me leve,
Se eu falso te fôr.

Mas ai, Taramella,
Se és linda, se és bella,
Terás em meu peito
Seguro o amor.

Que tremulo marres,
Que estatico morras,
Que estitico mirres,
Que morras, que marres, que mirres,
E a mim que se me dá?
Por mais que em teus males
Em ancias te estales,
E em prantos te estiles,
Debalde será.

ALEXANDRE DE GUSMÃO

EGLOGA

Pastora a mais formosa e deshumana,
Que fazes de matar-me alarde e gosto,
Como é possível, que á um tão lindo rosto
Unisse o céo uma alma tão tyranna?

Cruel, que te fiz eu, que me aborreces?
Tens duro coração mais que um rochedo;
Sou tigre, sou leão, que metta medo,
Que apenas tu me vês desapareces?

Por ti tão esquecido ando de tudo,
Que o gado no redil deixei faminto,
O sol me fere á prumo e não o sinto,
A ovelha está a chamar-me e não lhe acudo.

Lá vai o tempo já que em baile e canto,
Eu era no lugar o mais famoso ;
Agora sempre afficto e pesaroso,
Tudo que sei é desfazer-me em pranto.

Ha pouco que encontrei alguns pastores,
Que vão comigo ao monte apoz o gado,
E não me conheceram de mudado,
Que tal me tem parado os teus rigores !

Até o rebanho meu, que um dia viste
Tão nedio, antes que eu enlouquecesse,
Não come já, nem medra, e se emagrece,
Por dó que tem de ver-me andar tão triste.

Elle me guia a mim, não eu a elle,
Que vou nos meus pesares enlevado :
Bem póde o lobo vir matar-me o gado
Á minha vista, sem que eu dê fé d'elle.

Não sei que nuvem trago neste peito
Que tudo quanto vejo me escurece ;
A flor do campo parda me parece
E até o mesmo sol acho imperfeito.

Do alegre prado fujo, e só no escuro
Da serra me retiro entre os rochedos,
Ali pergunto ás féras e aos penedos
Se alguém ha mais que tu cruel e duro.

Ali ouço soar rompendo o matto
Dos ribeirinhos as saudosas aguas,
E em competencia vão as minhas maguas
Dos olhos despedindo outro regato.

O mal, que me succede, eu o mereço,
Que ingrato desprezei quem me queria;
Agora se me vê faz zombaria,
Que bem vingada está no que eu padeço.

Então o que era amor, não conhecia
Tambem me ria do tormento alheio;
Quão cedo (ainda mal!) o tempo veio,
Que já conheço mais do que eu queria!

Não me desprezes, não, gentil pastora,
Que igual castigo amor talvez te guarda;
Não sejas á piedade avêssa e tarda,
Tem dó de maltratar a quem te adora.

FR. MANOEL DE SANTA MARIA ITAPARICA

DESCRIPÇÃO DO INFERNO

Jaz no centro da terra uma caverna
De aspero, tosco e lugubre edificio,
Onde nunca do sol entrou lucerna,
Nem de pequena luz se viu indício.
Ali o horror e a sombra é sempiterna
Por um pungente e funebre artificio,

Cujas fenestras, que tu monstro inflammas,
Respiradouros são de negras chammas.

Rodeam este alcançar desditoso
Lagos immundos de palustres aguas,
Onde um tremor e horror caliginoso
Penas descobre, desentranha mágoas :
Fontes eladas, fumo tenebroso,
Congelam ondas e maquinam fráguas,
Mesclando em um confuso de crueldades
Chammas a neve, o fogo frialdades.

Ardente serpe de sulfureas chammas
Os centros gira deste alvergue humbroso,
São as faiscas horridas escamas,
E o fumo negro dente venenoso :
As lavaredas das volantes flammas
Azas compõem ao monstro tenebroso ;
Que quanto queima, despedáça e come,
Isso mesmo alimenta, que consome.

Um negro arroyo em pallida corrente
Irado ali se torce tão furioso,
Que é no que morde horrífica serpente,
E no que inficciona aspid horroroso :
Fétido vapor, negro e pestilente
Exhala de seu seio tão raivoso,
Que lá no centro sempre agonizado
De peste e sombras mostra ser formado.

As densas nevoas, as opacas sombras
Tanto encapotam a aspereza inculta,
Que em negra tumba, funebres alfombras
Parece a mesma noite se sepulta :
Fantasmas tristes, que tu Herebo assombras,
Terroros causam onde mais avulta
O rouco som de ahullidos estridentes,
O triste estrondo do ranger dos dentes.

Angustias, dôres, pena e sentimento,
Suspiros, ancias e penalidades,

Gemidos tristes e cruel tormento,
Furores, raivas, iras crueldades,
Em um continuado movimento.
Por todo tempo e todas as idades
Tanto a materia, que criam, destroçam,
Quanto a materia, que destroem remoçam.

Revolcando-se em chammas crepitantes
Ali está Judas n'uma cama ardente,
No coração tem viboras flammantes,
Na lingua um aspid feio e pestilente :
Geme e suspira a todos os instantes,
Blasfema irado, ruge impaciente,
Tendo a seu lado Herodes e Pilatos,
Anás, Caiás e outros mentecaptos.

Jaz em um lago graviolente e immundo
O archisectario arabigo e agareno,
Que perdição quiz ser de quasi um mundo,
Patrocinando o vicio vil terreno :
De uma parte submerso no profundo,
De si mesmo furor, peste e veneno,
Está Calvino, e de outra agonizando,
Luthero em fogo e agua ardendo e elando.

Preso n'um calabouço tenebroso
Está Alexandre em um nevado rio,
Que ainda agora por muito cubiçoso
Temem queira do inferno o senhorio :
Em um volcão de chammas horroroso
Estão Bello, Xerxes, Scevola e Dario,
Aurelio, Cesar e Domiciano,
Augusto, Nero, Tito e Juliano.

Em fim ali de todas as idades,
De todas as nações em desatinos
Se veem penar á força de crueldades
Homens, mulheres, velhos e meninos :
Uns entre as neves e as voracidades
Do fogo ardente, e alguns entre os malignos

Aspides, butres, viboras, serpentes,
Que os tragam e consomem com seus dentes.

Mas quanto póde a humana fantasia
Cuidar desta masmorra horrenda e escura,
E quanto póde a livre Poesia
Fingir em vã e apocripha pintura,
É uma boa propria allegoria,
Com uma metaphorica esculptura,
Que o inferno só consiste e o vil gozано
Na pena dos sentidos e do damno.

Em o mais alto deste solio infando,
Em um throno de chammas sempre ardentes,
Jaz Lucifer, a quem estão tragando
Aspides negros, serpes pestilentes ;
Elle com ira e com furor bramando
Se despedaça com agudos dentes,
Sendo para seu damno e eterno fado
De si proprio fiscal e algoz irado.

Viboras por cabellos cento a cento,
Por olhos tem dous Etnas denegridos,
Por bocca um crocodillo troculento,
Por mãos dous basiliscos retorcidos ;
Por cerebro a soberba e o tormento,
Por coração, por membros os latidos,
Por pernas duas cobras sibilantes,
Por pés dois Mongibellos tem flammantes.

Aquillo mesmo crê de que duvida,
Tem fastio do mesmo, que appetece,
O que não quer para isso se convida,
E affecta aquillo tudo que aborrece :
Quando quer repousar então mais lida,
Quando abrandar-se muito se enfurece,
Ancias são gostos, penas desafogo,
Por fogo a neve tem, por neve fogo.

DESCRIPÇÃO DA ILHA DE ITAPARICA

Cantar procuro, descrever intento
Em um heroico verso e sonoro
Aquella, que me deu o nascimento,
Patria feliz, que tive por ditoso :
Ao menos com este humilde rendimento
Quero mostrar-lhe sou affectuoso,
Porque é de animo vil e fementido
O que á patria não é agradecido.

Se nasceste no Ponto ou Lybia ardente,
Si no Pindaro viste a aura primeira,
Se nos Alpes ou Etna comburente
Principio houveste na vital carreira,
Nunca queiras, leitor, ser delinquente,
Negando a tua patria verdadeira :
Que assim mostras herdaste venturoso
Animo heroico, peito generoso.

Musa, que no florido de meus annos
Teu furor tantas vezes me inspiraste,
E na idade, em que vem os desenganos,
Tambem sempre fiel me acompanhaste!
Tu, que influxos repartes soberanos
Desse monte Helicon, que já pizaste,
Agora me concede o que te peço,
Para seguir seguro o que comêço.

Em o Brazil, provincia desejada
Pelo metal luzente, que em si cria,
Que antigamente descoberta e achada
Foi de Cabral, que os mares descorria,

Porto donde está hoje situada
A opulenta e illustrada Bahia,
Jaz a ilha chamada Itaparica,
A qual no nome tem tambem ser rica.

Até qui Musa: não me é permittido
Que passe mais ávante a veloz penna,
A minha patria tenho definido
Com esta descripção breve e pequena;
E se o tel-a tão pouco engrandecido,
Não me louva, mas antes me condemna,
Não usei termos de poeta experto,
Fui historiador em tudo certo.

ACADEMIA DOS ESQUECIDOS

ANTONIO DE OLIVEIRA

SONETO

Nasce Alexandre Magno assistido de Diana, cujo
templo queimava Herostrato.

INEDITO

Deixa em Epheso o templo portentoso,
E em Macedonia faz Lucina assento,
Para feliz fazer ao nascimento
Do Alexandre até ali mais poderoso.

Herostrato que quer morrer famoso,
Sem ter no mundo algum merecimento,
Para eterno ficar em monumento
Vai o templo queimar maravilhoso.

Mas com justa razão se sepultava
Na cinza a maravilha já esquecida
Quando est'outra melhor se levantava :

Porque a mesma Lucina presumida,
Mais com o Magno Alexandre se exaltava
Do que com a Maravilha mais subida.

DECIMA

A uma Senhora que perdendo o seu bem, cuidava em
descobril-o.

INEDITO

Está Nise tão sentida
De ter certo bem perdido,
Que o quer perder do sentido
Só por não perder a vida.
Assim anda em grande lida
Em cuidar em descuidal-o ;
Mas isto é buscar, buscal-o ;
É não querer, não querel-o ;
Esqueça ella o esquecel-o,
Não se lembrará lembral-o.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA

SONETO

Dando as damas de Carthago os seus cabellos para
incharcia da armada Charthageneza.

INEDITO

A pompa mais gentil da natureza,
Das damas preclarissimo thesouro,
Que augmenta a galhardia em porções d'ouro,
Solto em ondas nos mares da belleza,

Para encharcia á naval carthageneza
Dão as damas com gloria e sem desdouro,
Em lugar do cabello pondo o louro,
Que lhes deu o valor pela fineza.

Sahe a armada n'aquella conjuntura
Estrellas competindo em parallellos,
E levando nas prendas a ventura.

Segura vai na encharcia dos cabellos,
Que os cabos com que prende a formosura
Tanto mais fortes são, quanto mais bellos.

Um bello menino brincando em um jardim com as
flores, o mordeu um aspide e morreu.

ENDECHAS

INEDITO

Seja o verso pequeno,
E breve o estylo,
Pois o lyrico assumpto
É de um menino.

Bem que bello não fôra
Será preciso,
Que o poder da toante
O faça lindo.

De nacar e de neve
Composto vivo,
Era crystal com alma,
Flor com sentidos.

Dera em um jardim
Pasma aos jacinthos,
A's angelicas xaque,
Mate aos narcisos !

Ao brincar com todos
Foi de improviso,
Não de abelha picado
De aspide mordido.

Cahe logo coberto
De um suor tibio,
Que por ser de aljofar
Era rocio.

A morte recebeu
Em um deliquio,
Sem que a vida lhe deva
Um só suspiro.

Mas ser morto de certo
Eu não o affirmo,
Porque a todos parece
Que está dormindo.

Matar por esse modo
Fraco inimigo
Sendo fatalidade
Parece brinco.

Em um quadro de flôres
Tal paroxismo,
Morte foi de jasmim
Ou é delirio.

Ser campo o jardim
Deste homicidio,
Faz tão frio o lugar
Como o delicto.

Das mais formosas flores
O labyrintho,
Lamentando o caso
Se pôz murchito.

Um jardim foi a Venus
No parto abrigo,
Porque sobre flores
Nasceu Cupido.

Sendo varia a estancia
Aos dous meninos,
Um encontrou afagos
Outro castigos.

Lá na Quinta dos Padres
Foi o conflicto,
Do qual tirou devassa
Padre ministro.

Desterrou ao aspide
Do seu districto,
E ao menino morto
Lhe deu jazigo.

LUIZ SANCHO DE NORONHA

A um delfim carregando a um navegante naufragado,
e vencendo as ondas para o conduzir á praia.

IDYLIO

INEDITO

Alcanças, naufragante,
Arion por ventura ser segundo
Nas ondas equitante,
E correr neste campo tão profundo
Cavalleiro delfim, ou peixe humano,
Que as ondas corta e vence o oceano.

Alcanças finalmente
Ser baixel animado nesses mares,
Ou ser de Argos valente
Delfino Typhis, que cortando os ares
Por montes deste golfo crystalino
Em salvar-te achas velocinio.

Mas já que foi ventura
Ser no mar um feliz fluctivagante,
Na terra se se apura,
Um Nereo representas triumphante ;
E no céu por delphim ou por estrella,
Nove estrellas terás a qual mais bella.

Se amor reciprocado
 Faz de dous um supposto na vontade,
 Tu todo o delphinado,
 O delfim todo humano em claridade,
 Metamorphozes são neste trophéo
 Pelo mar, cá na terra e lá no céo.

ANDRÉ DE FIGUEIREDO MASCARENHAS

SONETO

Ao Exm. Sr. Vasco F. Cesar de Menezes, Vice-rei do Estado do Brazil, que a exemplo de El-rei Nosso Senhor, fundara em Portugal a real Academia, fundou agora na côrte da Bahia a Academia Brazilica dos Esquecidos, de que é protector.

INEDITO

Lá fuuda em Portugal Academia
 O monarcha, do Reino grande augmento,
 Cá dos passos reaes em seguimento
 Outra fundais, ó Cesar, na Bahia !

Tanto preço em vós ha, tanta valia,
 Que tem acções de rei vosso talento,
 Mas um Cesar de tal merecimento
 Supprir de um rei na falta só podia.

Que vendo que rei não sois, dáis n'esta empreza,
 E nas mais, que da fama o mundo atrôa,
 De ser rei nas acções cabal certeza.

Que, como em vosso applauso se apregôa,
Se o septro vos negou a natureza,
As acções vos seguram a corôa.

SONETO

A' Cesar, que depois da victoria da Pharsalia chorou
vendo a cabeça de Pompeo.

INEDITO

Os applausos não obstam, que appareça
A Cesar o contrario que lhe falta,
Que o coração em lagrimas lhe salta
Aos olhos, de Pompeo vendo a cabeça.

Chora ; porque na magua se conheça
Que o valor, que as acções suas esmalta,
Do triumpho que ao despojo tanto exalta
Nas lagrimas a gloria faz que cresça.

Pois da illustre cabeça em que memoria
Immortal lhe segura toda a idade,
As lagrimas lhe dão tambem victoria.

Fazendo com gentil desigualdade
Que os triumphos augmente á sua gloria
Uma vez o valor, outra a piedade.

JOÃO DE BRITTO E LIMA

DECIMAS

Recolhendo-se ao convento D. Joaquina Rosa de Tavora, por morte de seu esposo o Marquez de Gouvêa.

INEDITO

Deixa o seculo enganoso
A soberana Marquiza,
Compellida da tristeza
Da falta de seu esposo.
Mas neste excesso amoroso
De sentimentos tão dino,
Quiz que fosse o seu destino
Substituto soberano
Do melhor esposo humano
Um esposo o mais divino.

Nesse objecto idolatrado
Acho como superior
Que enganado o seu amor
Será mais bem empregado.
Deve esta mudança ao fado
No bem que tirar-lhe quiz ;
Porém já se não maldiz,
Vendo que a sorte oportuna
Da mais infeliz fortuna
A passou a mais feliz.

Sendo que foi esquecida
Já, do que ha de ser lembrada,
Deixa de uma vida amada
Pelo todo de uma vida...
Para não sahir vencida

Nesta mundana batalha,
Por vencer-se a si trabalha,
Trocando em succinto espacio
Por uma cova, um palacio,
As galas pela mortalha.

Nessa enganosa vaidade
Como ao mundo conheceu
A flor, aspirando ao céo,
O deixou na flor da idade.
E com a maior sinceridade
Que a do candido jasmim
Flor, mas sem funesto fim,
Disposta se considera
De terrestre primavera
Para o celeste jardim.

Flor que as mais flores humilha,
Que é deste jardim suspeito,
É um divino amor-perfeito
Ou celeste maravilha.
Mas vejo pelo que brilha
Tão alegre e tão formosa :
Da clausura rigorosa
Entre os asperos espinhos
Sem os pomposos alinhos
Se ostenta fragrante rosa.

Com rara fortuna agora
A contemplo n'este caso,
Rosa do funebre occaso
Passando á melhor aurora!
Bem que tanto se enamora
Do soberano arrebol,
Do sol que dá luz ao sol,

Que sem temer os desmaios
Se poz a seguir seus raios
Como amante girasol.

Tendo a certeza do dano
E as incertezas de morte,
A que foi mimo da sorte
É da sorte desengano.
Ao caduco ser humano
Que falsas glorias procura,
Desmente n'esta clausura
Esta que foi na belleza
Milagre da natureza,
Maravilha da ventura.

Discretamente sentida
Na falta de seu consorté,
Leu pelo livro da morte
A lição da mortal vida.
Deixou a pompa luzida
Da magnifica grandeza
Que lhe deu a natureza,
E pondo a belleza em calma
Mais goza a belleza d'alma
Do que a corporal belleza.

Dizendo-se a Agripina que se Nero seu filho chegasse
a imperar lhe acentava tirar a vida, respondeu
que fosse imperador ainda que a matasse.

SONETO

INEDITO

Tanto Agripina ao bravo Nero adora,
Que porque a toga vista, não repara
Na morte que o tyranno lhe prepara,
Que já vaticinada não ignora.

Foi premio uma maldade a mais traidora
Da fineza da mãe, unica e rara;
Mas se tão fino amor não obstara,
Menos tyranno este tyranno fôra.

A fineza da mãe que o mal despreza
E do filho cruel a antipathia
Deram ambos assombro á natureza.

Por extremo um e outro se avalia:
Em Agripina, da maior frieza,
Em Nero, da mais impia tyrannia.

JOSÉ DE OLIVEIRA SERPA

Ao coronel Sebastião da Rocha Pitta

SONETO

INEDITO

Ferido no Helicon da bruta pata
A Rocha donde a lyra Delio afina,
Rôta do centro a veia crystalina
De aljofar em corrente se desata.

Ficou sendo ao musêu a fonte grata,
E logo o douto Apollo lhe destina,
Que concite o furor da arte divina
Seu mentido crystal, liquida prata.

Rocha deste musêu sem semelhante,
Fonte em que o numen Cynthio se recreia,
Sois com o influxo melhor, mais abundante.

Pois qual outra Hypocrene sempre cheia,
Nessa fundamental Rocha elegante
Tem a prosa corrente, o metro veia.

ROMANCE JOCOSERIO

EM LOUVOR DA ACADEMIA DOS ESQUECIDOS

INEDITO

O livro dos Esquecidos
Desencadernado andava,
Mas já na memoria impresso
Hoje sahe livro de pasta.
Occulto andou por não ter
Com que encobrisse as faltas,
Porém de tudo hoje zomba
Por ter excellente capa.
Ora pois, se tanto brilha
Deixando a fórma em que estava,
Em signal de applauso e festa
Quero levantar-lhe estatua.
A estatua de Nabuco
Aqui vem como pintada
E a trago da Babylonia,
Por ter composições varias.
Cabeça de ouro excellente
É quem a Academia ampara
E por ter cabeça excelsa
Merece ser coroada.
Com a prata os Epigrammas
Canções e Sylvas compara

A Musa, que estas poesias
São lindas como uma prata.
Sahem de longe os Sonetos
Que por valentia rara,
Armados de ponto em branco
Têm da poesia a vanguarda.
São de ferro as Glosas lindas
Por prenderem bem limadas
Como em correntes os Mottes
Com que as Decimas rematam.
Finalmente os meus Poemas
Por não terem boa massa,
São de barro quebradiço
Que se estima em pouco ou nada.
Vindo do monte da Inveja
Nem a pedrinha nos falta,
Pois ha quem a mão esconda
E atire ao barro a pedrada.
Mas aqui desejo rir-me,
Por ver na Historia trocada
Tornar-se conveniencia
A mina que esperavam.
Cuidava fazer-me a peça,
Mas o Nescio não repara
Que o barro quando tem pedra
Melhor fortalece a taipa.
Debaixo dos pés a metto,
E fique a pedra embarrada
Por que é justo assim se vejam
Pedrinhas que a tudo embarram.
A pedra assim se aniquilla
E a nossa estatua se exalta:
O que lá cresceu na pedra
Aqui cresceu na estatua.

MANOEL DE MESQUITA CARDOSO

SONETO

A modestia com que se houve Alexandre Magno com
as rainhas captivas do exercito de Dario

INEDITO

Nesses bronzes de fama permanente,
De Alexandre se escreva a maior gloria,
E será inda curta toda a historia
Para louvor heróe tão excellente.

Se a fama é do valor ara decente,
E se é devido culto a sã memoria,
Qual digna pôde ser á esta victoria
Que pública o assumpto tão ingente!

Cale a fama a memoria mais subida,
Que merece esta acção tão exaltada,
Em que a gloria maior fica excedida:

Pois vence a valentia inimitada
De um heróe invencível, cuja vida
Será na eternidade celebrada.

Desterra-se Scipião de Roma**SONETO**

INEDITO

O sol, entre os planetas mais luzido,
De um polo para outro é desterrado,
Considerando-o então mais exaltado
Quando parece a todos abatido.

Com o sol Scipião esclarecido
No desterro se vê tão igualado,
Que a um e a outro como predicado
Sem duvida o desterro era devido.

Nos giros que dá o sol a toda a esphera,
Alcançam suas luzes mais augmento,
Devendo-o ao desterro que tivera.

E se este ao sol duplica o luzimento,
A Scipião tambem mais exagera,
Porque lhe dá maior conhecimento.

ROSA E AÇUCENA

DECIMA

INEDITO

Dizem todos que a rosa
É a melhor entre as flôres ;
Eu acho que em seus candores
A açucena é mais garbosa :
Porque se a deusa formosa
Da côr purpurea a vestiu,
Então alma lhe infundiu ;
Mas a açucena brilhante,
Amena, bella e fragrante
Sempre animada se viu.

ANTONIO DE FREITAS DO AMARAL

SONETO**Uma hera enlaçando um alamo secco**

INEDITO

Hera infeliz te julgo, desgraçada
Quando unida te vejo a esse madeiro,
Pois apressas o teu fim derradeiro
Ao compasso que estais mais enlaçada.

Não estavas mais bem acompanhada
Se buscasses o abrigo de um pinheiro,
Porque tendo tão nobre companheiro
Das mais heras serias invejada?

Se pois queres que teus braços floridos
Gloria sejam do mais ameno prado,
Toma o exemplo dos meus, quando oprimidos.

Que nas plantas de um Cesar sublimado,
Mais que os cedros do Libano subidos,
Asylo acham, favor, amparo e agrado.

SOBRE O MESMO ASSUMPTO**DECIMA**

INEDITO

Dizem que a hera seccou
Ao alamo que ali abraça,
Mas é falso, que em desgraça
Da hera se levantou.

E quem o certificou
Não o faria se soubera,
Que o alamo em sua esphera
Está secco como o vêm,
Não porque hera em si tem
Mas sim porque não tem era.

LUIZ CANELLO DE NORONHA

Ao coronel Sebastião da Rocha Pitta

SONETO

INEDITO

Fere a pedra Moysés co'a sua vara,
E brotar logo fez agua abundante;
Toca Apollo essa Rocha de diamante
E sahir logo faz fonte mais clara.

A da pedra foi pura e fonte rara,
Que um impulso a fez ter reveberante,
A da Rocha um só toque a fez manante
E ser veia mais pura se declara.

Se a da pedra por doce e crystalina
Se bebeu quando estava na torrente,
A da Rocha embebeu a cabalina.

Mas emquanto se bebem na vertente,
Aquella soube bem por doce e fina,
Essa sabe melhor por mais corrente.

Diogenes procurando um homem

SONETO

INEDITO

Diogenes de dia procurava
 Com uma luz a um homem que queria,
 E tentando com ella qual seria,
 Entretanto não acha o que buscava.

Ou na luz ou na sombra se cegava
 De todos que encontrava e que não via:
 Ôu delirio isto foi de fantasia,
 Ou fingia não ver a quem achava.

Porque o homem se é toda a creatura,
 E seu mundo homem grande é por apodo
 Desse homem, que o homem tanto apura;

Grande injuria lhe fez por este modo,
 Pois havendo no mundo o que procura,
 Em qualquer acharia um mundo todo.

ANASTACIO AYRES DE PENHAFIEL

A Cintia que chegando á janella para ver o seu
 amante que passava, deram-lhe os raios do sol
 nos olhos e a cegou, de sorte que o não viu.

SYLVA

INEDITO

A quem tal succedeu Cintia adorada?
 A quem tal minha bella ha acontecido?
 Porque além de ser caso nunca ouvido
 Este vosso, é dos nunca imaginados,

Pois querem meus, senão vossos peccados,
Que se saiba em toda esta Bahia
 Que esta descortezia
Vos fizera o sol, Cintia, sem respeito
Quando o sol nesses olhos busca ensaios
Para apurar a luz ao dar dos raios.

Porém perdõe Deus a quem revela
Circunstancias de amor a Cintia bella,
 E dellas faz assumpto
Para o que saber quero e vos pergunto.

 Dizei-me se enfadada
Não estais, porque quando na alvorada
Que vos tóca o amor pedindo a Aurora
 Para alento de Flora
 O rocio nas flores,
Não mandais vir então vossos amores ;
E antes que os amantes doure o sol, ou sáia
 A bordar esta liquida atalaia
Para lograr de amor a feliz salva
Nesses Orpheus do bosque, clarins d'alva,
 Não sahis á janella
Donde vos descobrindo a lua bella
 Vos ver seja preciso
 Esse vosso Narciso

Que uma rua atravessa, outra trespassa
 Sem que se satisfaça
 De vos ver firme e amante,
Não digo a cada hora, a cada instante,
Como quem, Cintia, essa alma vos informe,
Como quem véla sempre e jamais dorme ?
Porque quereis que o amante se tresnoite,
E vós, posta em socego toda a noite,
 Quando acordais, Senhora,

É já com dia claro e com sol fóra,
Sem saber que aos amantes muito agrada
O silencio melhor da madrugada?

Ora, Cintia querida,
Comquanto estamos aqui, se agradecida
Sois, eu já por vós quero
Responder, pois do sol vos considero
Corrida e affrontada.
Sei que ainda que falleis não direis nada;
Que com taes desaventuras
Sempre as vossas razões serão escuras.
E as que a seres outra me escusaras,
Como as luzes do sol serão tão claras.

Dizem cá que vos dera o sol na cara
Ao passar vosso amante e vos cegara,
De sorte que o não viras,
E que por não chorar então vos riras.
Digo eu, que no mesmo instante e hora
Vi dous sóes presidindo á mesma aurora,
Sem que o sol derradeiro
Visses que estaveis céga do primeiro.
Teve o riso sainete,
Pois quando se intromette
O sol que a vós se chega,
Como ha muito que andaveis de amor cega
E então ficou burlado,
Nada teve o risinho de affectado.

Sei eu já que algum dia
Chamaram Cintia á lua e que seria
Por sahir como vós, Cintia tão bella,
Quando o amante buscaes posta á janella.
Mas desta vez se creia
Que com cara o buscaes de lua cheia :

Para que elle o sol visse
Formar no vosso rosto um novo eclipse
Com o qual certamente imaginara
Que para elle o mundo se acabara.

Sentidissimo o tendes como é justo
Porque, como com este forte susto
Desfallecido o amor sente desmaios,
Se se queixa do sol, de vós diz raios.

E eu tambem o dissera
Se como Fabio tanto vos quizera;
Porém como de amor isento vivo
Não me quero mostrar tão excessivo,
Que contra o sol e contra vós profira
Cousa que offensa seja ou toque á ira.

E assim pois me despeço
Já aqui deste doutissimo Congresso,
Donde ao sol contas dando
O melhor sol no Cesar vou buscando:
Para que em qualquer polo
Com influxos de tão luzido Apollo
Minha musa illustrada,
Defendida e amparada,
Possa com melhor metro
Tocar a lyra e apurar o plectro
Que aos seus regios pés hoje deponho;
Para que ninguem cá, como supponho,
Diga que no seu canto
Como eu com a lyra sabiu tanto.

ACADEMIA DOS SELECTOS

—
MANOEL TAVARES DE SIQUEIRA E SÁ—
PREFAÇÃO

Adorando de longe os vestígios do poeta

I

As armas e os brasões santificados,
Que da cereal provincia transtagana,
Passaram, pelos mares empolados,
A illustrar a região Americana:
Merecendo fieis, regios agrados,
No governo, por graça soberana,
Moderando as brazilicas comarcas,
No reinado feliz de dous monarchas.

II

E tambem os poemas elegantes
Dos alumnos de Apollo, que discretos,
Nos que exprimem conceitos relevantes,
O caracter se imprimem de Selectos:
Epigrammas subtis e altisonantes,
Com oitavas, romances e sonetos:
Recitará fiel, com desempenho,
Se o puder conseguir, meu tardo engenho.

III

Cala, ó deusa loquaz, dos Singulares
O valor, e o primor dos Generosos,
Ainda que em conceitos não vulgares
Se fizessem no orbe tão famosos :
Porque agora acharás, se bem notares,
Nada avultam seus metros numerosos,
Quando brilha feliz, com energia,
Dos Selectos a douta Academia.

IV

E vós, Naiades bellas, se criado
Tendes em mim tão prompto e reverente,
Que não sabe faltar, do vosso agrado,
Aos obsequios no culto mais decente :
Permitti que recite hoje entoado
Os poemas, com alma tão valente,
Que pareçam manar, com gentil troca,
Do Aganippe os crystaes da Carioca.

V

Dai-me uma voz tão doce, que suave
Possa ao Thracio cantor metter inveja ;
Que excedido Amphião de mim se aggrave
E que admirado Arion jámais não seja :
Que no meu canto unindo o agudo e grave,
Novo e segundo Apollo em mim se veja,
E o novo heróe se veja sem segundo,
Celebrado no antigo e Novo-Mundo.

VI

E vós, ó inclyto Freire, excelso Andrada,
Honra e gloria immortal de Bobadella,
Cuja penna subtil, aguda espada
Da Cefarea contemplo parallela:
Com as quaes uma e outra mão armada,
Sois do Brazil firmissima tutela,
Mandado pelo rei a governal-o,
Para gloria do rei, bem do vassallo ;

VII

Vós, generoso ramo descendente
Do illustre antigo tronco denodado,
Que do Agareno barbaro insolente
Soube triumphar catholico exforçado :
Como no vosso escudo claramente
Ainda agora se lê bem decifrado,
Na que recita letra em voz suave
Paranympho celeste, á celea ave ;

VIII

Vós, general invicto, a cujo imperio
Obedece feliz este aureo emporio
Do Brasilico Estado, o ministerio
Com agrado cumprindo assáz notorio :
E, qual Febo, girando o globo ethereo,
Illustrais este e aquelle promontorio,
Já no sertão ao barbaro gentio,
Ou já ao civil Aulico, no Rio :

IX

Suspendei os desvelos por agora,
Em que Numa abstrahido vos contemplo,
Construindo, da Mystica Doutora,
Ás mais puras Vestaes, o melhor templo :
Porque lá do Carmelo, sem demora,
Esta cópia nos sirva cá de exemplo,
Venturosos logrando aqui, sem erro,
Das virtudes a patria no desterro.

X

E attendei aos applausos generosos
Dos alumnos de Apollo, que as camenas
Lhes influem, Senhor, que harmoniosos
Vos invoquem por inclyto Mecenas:
E ainda que em seus metros numerosos
Vossos meritos cabem mal e apenas,
A recitar seus versos opportunos
Me estimulam de Apollo estes alumnos.

XI

Pois correndo a cortina ao planisferio
Da historia do valor e do discurso,
Bem na vossa ascendencia o magistério
Vem das armas e letras em concurso :
E sem temer que o cynico criterio
Da Aganippe lhes turbe o claro curso,
Para cantar em vós tem felizmente
As armas e o varão mais excellente.

XII

Das acções vossas, que de Marte exemplo,
E de Minerva são norma invejada,
Humana musa indigna assáz contemplo,
Que a divina só é proporcionada :
Mas, da Fama, qualquer no Augusto Templo
Vos augura (Senhor) segura a entrada,
Por invicto, por forte e por valente,
Por zeloso, por sabio e por prudente.

XIII

Todos estes honrosos caracteres²
E outros muitos, vereis verificados
Em vós hoje, Senhor, se agora deres
Atenção a discursos bem fundados :
Mas por mais que, ó modestia, aqui te esmeres,
Não poderás suffocar os cultos brados,
Com que (novo Feijó) mostrar intento,
Que ha poemas cabaes sem fingimento.

XIV

Neste Rio, o Meandro ou o Caystro,
Por tal cópia de cysnes estou vendo,
Que outros tantos e iguaes, do Tejo ao Istro,
Lynce Apollo não vê, segundo entendo :
Eu, á sua harmonia, emfim ministro,
Imitar em meu canto só pretendo ,
Mas temo que o respeito e o fluxo um pouco
A voz tremula faça e o canto rouco.

XV

Na leitura se fôr balbuciante,
Dissimular deveis qualquer tropeço,
Que, qual Tullio, confesso ingenuamente
De dizer nos principios me estremeço :
Mas só para cantar-vos eloquente,
(Bem que tanta ventura não mereço)
Desejara hoje ter, com phrase grata,
Boca de ouro, Senhor, lingua de prata.

XVI

Porém, destes metaes tão cobiçados,
Que a Fortuna avarenta a tantos nega,
Por mais que a isso applico alguns cuidados
Tudo é nada, por fim nada me chega :
Mas os meus pensamentos desvelados
Em tal caso a prudencia me socega ;
Pois me habilito pobre, neste caso,
Por cidadão da côrte do Parnaso.

XVII

Nesta côrte hoje intento exercitar-me,
E nas suas intrigas instruir-me,
Às etiquetas suas applicar-me,
Porque culto poeta me corfirmo :
Desta sorte pretendo habilitar-me
Para os vossos encomios sempre firme ;
Mas em quanto eu só canto a voz de Pegas,
Ouvi vós a dos cysnes meus collegas.

XVIII

Pois como delles pende o desempenho
Dos assumptos, que estão determinados,
Hoje os meritos vossos com engenho
Altamente ouvireis bem decantados:
E como a publicar só aqui venho
Seus poemas sublimes e elevados,
A recitar-vos já tanto elogio
O Proemio acabando, principio.

FRANCISCO DE ALMEIDA JORDÃO

ROMANCE ENDECASYLLABO

Illustre general, Gomes famoso,
Inveja dos Romanos e dos Gregos,
Que cedendo já estão ás vossas plantas
As enlaçadas c'roas dos loureiros:
Se das acções a alma é a verdade,
Se esta deve ligar-se a seus preceitos,
Aguia, registarei as nobres luzes,
Se não se allucinar o meu engenho.
Versando as letras em a sábia Athenas,
Que retrata em suas aguas o Mondego,
Deixastes suas nimphas tão saudosas,
Quando á côrte chegou Carlos Terceiro.
O impulso marcial, da guerra o estrondo,
Vos occupou, Senhor, os pensamentos,
Largando as letras por seguir as armas,
Que deram a vosso pai um nome eterno.

Em batalhas, acções, choques, partidas,
Vosso valor se distinguiu sem medo,
Preferindo as campanhas de Mavorte
Aos intrincados bosques de Acadêmo.

O vosso sangue nellas espargido,
De gloria as esmaltou, sendo ornamento
Dos povos, que custaram aos hespanhóes
O ter soldado tal por prisioneiro.

Ha quasi quatro lustros, que servindo
A dous monarchas na grandeza excelsos,
Sempre em vós caprichou o generoso,
As glorias estimando mais que os premios.

Desse metal, que a dura terra entranha,
Devendo ao sol o nobre nascimento,
A offerta regeitae, porque se veja
A candura do vosso ministerio.

Constante não aceitaes a nobre offrenda,
Que gerou no crystal o deus de Delfos,
Luzindo mais a acção que o diamante
Na posse do que rege o luso sceptro.

Duas acções contemplo nesta grandes,
Que é conhecer o rei o nobre affecto
Do vassallo, que amante lh'o dedica,
Do heróe, que sustenta este governo.

Bem se viu, pois vos fez Gerião Segundo
De tres governos sustentando o peso,
Aonde em todos tres reproduzido
Sempre foram felizes os acertos.

Não só Moysés na Palestina aguas
Ao povo deu, como juiz supremo ;
Tambem nos nobres arcos que erigistes,
No do Rio saciada a sede vemos.

Nisto imitar quizestes ao monarcha
Que em throno diamantino tem assento,
Conduzindo de bellas a Lisboa
Puros crystaes a que respeita o Tejo.

Na clauzura que á Deus dedicaes grato
Renasceram as glorias do Carmelo,
Vendo nas santas filhas de Thereza
O ardor de Elias, com virtual socego.

Agora novamente sois mandado,
Por se reconhecer vosso talento,
Com poder absoluto á régia empreza,
Em Castilhos abrir sabio congresso.

Empreza é esta tão conspicua e ardua,
Que a um no coração mette receio,
Se não fóra prudente dirigida
Por maxima subtil, juiz discreto.

As balizas poreis ao Novo-Mundo
Que o vosso nome hão de fazer eterno,
Fazendo esquecidas as herculeas
Columnas venerandas no universo.

O Americano Emporio está pendente
Em quem o reja só dos vossos echos;
Os seus acertos só de vós se fiam!
Aqui pára admirado o meu silencio,

Aqui a minha penna se suspende,
Daqui passar não póde o meu reflexo,
Nesta acção titubea já meu canto,
Ouvi, Senhor, os ultimos accentos.

Se Pythagoras teve o nome honroso,
E os Melampotinos lhe erigiram um templo,
Da propria casa, pelos beneficios,
Quantos merecereis em este Imperio!

Nelle estatuas tereis incorruptiveis,
Em marmores fixado o nome excelso
Dos Freires, dos Andrades, em columnas
Mais permanentes que o duravel Evo.

Padre ANTONIO NUNES DE SIQUEIRA

ROMANCE LYRICO—ENDECASYLLABO

Quem a tão excelso heróe
Applaudirá sem recio
De que ao devido culto
Desmaie a voz, ou esmoreça o plectro?

Quem decente o elogio
Póde presumir, sabendo
Que elevados assumptos
Desempenhar só póde um alto engenho?

Porém, se do sacrificio
Não desdoura o rendimento,
O que por limitado
Faz principal offerta dos desejos:

Attendam-se minhas vozes,
Não se recusem meus versos;
Pois os affectos sobram
A compensar a falta dos conceitos.

Um coração generoso,
Da heroicidade um modelo,
É o que reverente
Pretendo elogiar, applaudir quero.

Gomes, digo, em quem se admira
Aquelle esforçado peito,
Que, muito a seu pezar,
Não vence a sorte, nem opprime o tempo!

Aquella rara constancia,
Aquelle valor excelso,
A quem não póde o fado
Render iniquo, ou perturbar adverso !

Aquelle animo invencivel,
Aquelle esforço indefesso,
A quem não intimidam
Ondas, que alteram do infortunio os ventos !

Que Epicuro venerando,
Ou que Estoico severo
Assim soube isentar-se
Ao infeliz vai-vem dos contratempos ?

Mui differente o motivo
Foi naquelles, mui diverso,
Julgando-se felices
Só do vaidoso bem no vão desprezo.

Oh como sem semelhante
Gomes, como sem exemplo
Se ostenta imperturbavel
Nos fins, com que melhora o seu projecto !

Porque a Deus attribuindo
Quanto lhe suceda, é certo
Ter na resignação
Da mais segura paz o melhor meio.

Mais quando deliberado
A um conforme rendimento,
A toda adversidade
Protesta acceitação, como de premio.

Viva pois sempre ditoso,
E em seus heroicos empregos
Seja a sua intenção
Guia sempre feliz de seus acertos.

Viva, e com novas mercês
Decore o rei seus desvelos,
E os céos o felicitem
Da excelsa heroicidade nos progressos.

Viva, e sem que o embarcem
Ou se lhe opponham austeros,
Respeitem seus triumphos
O fado, o infortunio, a sorte, o tempo !

DOMINGOS LOURENÇO DE CASTRO

SONETO QUARTO ACROSTICO

Do modulante	Orphêo	Invicto e	Raro,
O alento	Egregio	Nova	Eternamente
Invias	Espheas,	Onde	Instantemente
Tustrozoz	Xefes	São Luzo	Reparo.
Tuzitania em	Cantico	Excelso	Decharo,
Civas cante	Entre	Nós	Diuturnamente,
Sedo assumpto	Tuzido	O que	Eminente
Tem sido	Tuz do	Rio e seu	Amparo.
Recite	Europa	Grande a	Nosso intento,
Ilustrada	No plectro	O mais	Donoso,
ser do	Tonante	Mais	Rarificado
soberano,	Inclito,	E honroso	Assento.
Inste o Rio	seu	ser mais	Ditozo
Mostrando-o em	si na	Fama	Altificado.

FR. MANOEL DA ENCARNAÇÃO

MOTTE

*Ignoro se a Apollo siga
Para ser varão famoso
Ou se a Marte bellicoso:
Gomes Freire que o diga.*

GLOSA

I

Quando em flor com galhardia
Gomes excelso se achava,
Prendado Apollo o chamava,
Zeloso Marte o queria:
Naquelle excellencias via,
Neste, glorias com que obriga;
Nesta indecisa fadiga,
Não sei, dizia, prudente,
Se vá com Marte valente,
Ignoro se a Apollo siga.

II

Qualquer dos dous já me chama,
Meu peito ás letras se inclina,
Tambem de Marte á officina,
Pois o seu furor me inflamma:
Meu genio igualmente ama

A Marte e a Apollo brioso,
Mas á Coimbra ancioso
De luzes vou ; porque tome
Esmaltes para o meu nome,
Para ser varão famoso.

III

Neste luzido Congresso
Sabio tres annos brilhou,
E vantagem aos mais levou
No mais brilhante progresso :
Mas vendo de Marte o excesso
Lá contra a patria horroroso,
Fica outra vez duvidoso,
Qual seguirá no conflicto,
Se a Apollo Juris-perito
Ou se a Marte bellicoso.

IV

Já pensativo em si torna,
Vai-se com Marte incendiado,
Mostrar quiz que este, luzido
Só é quando Apollo o adorna :
Marte com letras se orna,
E se houver quem tal não siga,
(Movendo a questão antiga).
Affirmo só quando unidos
Varões fazem esclarecidos :
Gomes Freire que o diga.

ARCADIA ULTRAMARINA

ESCOLA MINEIRA

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

SONETO

Não se passa, meu bem, na noite e dia
Uma hora só que a misera lembrança
Te não tenha presente na mudança,
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a phantasia,
Com que mais me atormenta e mais me cansa...
Pois se tão longe estou de uma esperança,
Que allivio póde dar-me esta porfia!

Tyranno foi comigo o fado ingrato,
Que crendo em te roubar pouca victoria,
Me deixou para sempre o teu retrato :

Eu me alegrára da passada gloria,
Se quando me faltou teu doce trato,
Me faltára tambem delle a memoria!

SONETO

Estes os olhos são da minha amada :
Que bellos, que gentis e que formosos !
Não são para os mortaes tão preciosos
Os doces frutos da estação dourada...

Por elles a alegria derramada,
Tornam-se os campos de prazer gostosos ;
Em zephyros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada...

Vinde, olhos bellos, vinde, e emfim trazendo
Do rosto de meu bem as prendas bellas,
Dai allivio ao mal que estou gemendo...

Mas, oh delirio meu, que me atropellas !
Os olhos, que cuidei que estava vendo,
Eram, quem crêra tal ! duas estrellas...

SONETO

Adeus, idolo bello, adeus, querido,
Ingrato bem... adeus ! Em parte fica,
E essa victoria misera publica
Que tens barbaramente conseguido...

Eu parto, eu sigo o norte aborrecido
De meu fado infeliz... Agora, rica
De despojos, a teu desdem applica
O rouco accento de um mortal gemido.

E se acaso alguma hora menos dura
Lembrando-te d'um triste, consultares
A serie vil da sua desventura,

Na immensa confusão de seus pezares
Acharás que ardeu simples, ardeu pura
A victima d'uma alma em teus altares...

SONETO

Quando cheios de gosto e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vêm as lagrimas ardentes
Com mais ancia, mais dôr, mais agonia...

Aquelle mesmo objecto que desvia
Do humano peito as maguas inclementes,
Esse mesmo em imagens differentes
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flôres a bella contextura
Esmalta o campo na melhor fragrancia,
Para dar uma ideia da ventura ;

Como, oh céos, para os vêr terei constancia,
Se cada flor me lembra a formosura
Da bella causadora de minha ancia?...

Fabula do Ribeirão do Carmo

SONETO

A vós, canoras nymphas, que no amado
Berço viveis do placido Mondego,
Que sois da minha lyra doce emprego,
Inda quando de vós mais apartado ;

A vós do patrio Rio em vão cantado
O successo infeliz eu vos entrego ;
E a victima estrangeira, com que chego,
Em seus braços acolha o vosso agrado.

Vede a historia infeliz, que amor ordena,
Jámais de Fauno, ou de Pastor ouvida,
Jámais cantada na silvestre avena.

Se ella vos desagrada, por sentida,
Sabei, que outra mais feia em minha pena
Se vê entre estas serras escondida.

Aonde levantado
Gigante, a quem tocara,
Por decreto fatal de Jove irado,
A parte extrema e rara
Desta inculta região, vive Itamonte,
Parto da terra, transformado em monte ;
De uma penha, que esposa
Foi do invicto gigante,
Apagando Lucina a luminosa
Alampada brilhante,
Nasci ; tendo em meu mal logo tão dura,
Como em meu nascimento, a desventura.
Fui da florente idade
Pela candida estrada
Os pés movendo com gentil vaidade ;
E a pompa imaginada
De toda a minha gloria n'um só dia
Trocou de meu destino a aleivozia.
Pela floresta e prado,
Bem polido mancebo,
Girava em meu poder tão confiado,
Que até do mesmo Febo
Imaginava o throno peregrino
Ajoelhado aos pés do meu destino.
Não ficou tronco, ou penha,
Que não desse tributo
A meu braço feliz ; que já desdenha,
Dispotico, absoluto,
As tenras flores, as mimosas plantas,
Em rendimentos mil, em glorias tantas.
Mas ah ! Que amor tyranno
No tempo, em que a alegria

Se aproveitava mais do meu engano ;
Por aleivosa via
Introduziu cruel a desventura,
Que houve de ser mortal ; por não ter cura.

Vizinho ao berço caro,
Aonde a patria tive,
Vivia Eulina, esse prodigio raro,
Que não sei se inda vive,
Para brasão eterno da belleza,
Para injuria fatal da natureza.

Era Eulina de Aucollo
A mais presada filha ;
Aucollo tão feliz, que o mesmo Apollo
Se lhe prostra, se humilha
Na copia da riqueza florecente,
Destro na lyra, no cantar sciente.

De seus primeiros annos
Na belleza nativa,
Humilde Aucollo, em ritos não profanos,
A bella nympa esquiva
Em voto ao sacro Apollo consagrara ;
E delle em premio tantos dons herdara.

Tres lustros, todos d'ouro,
A gentil formosura,
Vinha tocando apenas, quando o louro,
Brilhante Deus procura
Acreditar do Pai o culto attento,
Na grata aceitação do rendimento.

Mais formosa de Eulina
Respirava a belleza ;
De ouro a madeixa rica e peregrina
Dos corações faz preza ;
A candida porção da neve bella
Entre as rosadas faces se congela.

Mas inda que a ventura
Lhe foi tão generosa,

Permitte o meu destino, que uma dura
Condição rigorosa,
Ou mais augmente em fim, ou mais atêe
Tanto esplendor, para que mais me enlêe.

Não sabe o culto ardente

De tantos sacrificios

Abrandar o seu Nume: a dor vehemente,

Tecendo precipicios,

Já quasi me chegava a extremo tanto,

Que o menor mal era o moral quebranto.

Vendo inutil o empenho

De render-lhe a fereza,

Busquei na minha industria o meu despenho :

Com ingrata destreza

Fiei de um roubo (oh misero delicto !)

A ventura de um bem, que era infinito.

Sabia eu, como o tinha

Eulina por costume,

(Quando o maior Planeta quasi vinha

Já desmaiando o lume,

Para dourar de luz outro horizonte)

Banhar-se nas correntes de uma fonte.

A fugir destinado

Com o furto precioso,

Desde a Patria, onde tive o berço amado ;

Recolhi numeroso

Thesouro, que roubara deligente

A meu pai, que de nada era sciente.

Assim pois prevenido

De um bosque á fonte perto,

Esperava o portento appetecido

Da nympha ; e descoberto

Me foi apenas, quando (oh dura empreza !)

Chego ; abraço a mais rara gentileza.

Quiz gritar ; opprimida

A voz entre a garganta

Apollo? diz, Apoll... a voz partida
Lhe nega força tanta :
Mas ah! Eu não sei como, de repente
Densa nuvem me põe do bem ausente.
 Inutilmente ao vento
Vou estendendo os braços :
Buscar nas sombras o meu bem intento :
Onde a meus ternos laços... !
Onde te escondes, digo, amada Eulina ?
Quem tanto estrago contra mim fulmina?
 Mais hia por diante,
Quando entre a nuvem densa
Apparecendo o corpo mais brilhante,
Eu vejo (oh dôr immensa !)
Passar a bella nympha, já roubada
Do Numen, a quem fôra consagrada.
 Em seus braços a tinha
O louro Apollo preza ;
E já ludibrio da fadiga minha,
Por amorosa empreza,
Era despojo da Deidade ingrata
O bem, que de meus olhos me arrebatava.
 Então já da paciencia
As rédeas desatadas,
Toco de meus delirios a inclemencia :
E de todo apagadas
Do acerto as luzes, busco a morte impia,
De um agudo punhal na ponta fria.
 As entranhas rasgando,
E sobre mim cahindo,
Na funesta lembrança soluçando,
De todo confundindo
Vou a verde campina ; e quasi exange
Entro a banhar as flores de meu sangue.
 Inda não satisfeito
O Numen soberano,

Quer vingar ultrajado o seu respeito ;
Permittindo em meu damno,
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.

E para que a lembrança
De minha desventura
Triumphe sobre a tragica mudança
Dos annos, sempre pura,
Do sangue, que exhalei, ó bella Eulina,
A côr inda conservo peregrina.

Porém o odio triste
De Apollo mais se accende ;
E sobre o mesmo estrago, que me assiste,
Maior ruina emprende :
Que chegando a ser impia uma deidade,
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,
Dos thesouros preciosos
Chegou noticia, que eu roubado tinha,
Aos homens ambiciosos ;
E crendo em mim riquezas tão estranhas,
Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido o ferro duro
Na abrazadora chamma
Sobre os meus hombros bate tão seguro ;
Que nem a dor, que clama,
Nem o esteril desvello da porfia
Desengana a ambiciosa tyrannia.

Ah mortaes ! Até quando
Vos cega o pensamento !
Que machinas estais edificando
Sobre tão louco intento ?
Como nem inda no seu reino immundo
Vive seguro o barathro profundo !

Idolatrando a ruina
Lá penetrais o centro,

Que Apollo não banhou, nem viu Lucina ;
E das entranhas dentro
Da profanada terra,
Buscais o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplos vos não dicta
Do ambicioso empenho
De Polidoro a misera desdita !
Que perigos o lenho,
Que entregastes primeiro ao mar salgado,
Que desenganos vos não tem custado !

Emfim sem esperança,
Que allivios me permita,
Aqui chorando estou minha mudança ;
E a enganadora dita,
Para que eu viva sempre descontente,
Na muda fantasia está presente.

Um murmurar sonoro
Apenas se me escuta ;
Que até das mesmas lagrimas que choro,
A deidade absoluta
Não consente ao clamor, se esforce tanto,
Que mova á compaixão meu terno pranto.

Daqui vou descobrindo
A fabrica eminente
De uma grande cidade ; aqui polindo
A desgrenhada frente,
Maior espaço occupo dilatado,
Por dar mais desafogo a meu cuidado.

Competir não pretendo
Comtigo, ó crystalino
Tejo, que mansamente vás correndo :
Meu ingrato destino
Me nega a prateada magestade,
Que os muros banha da maior cidade.

As nymphas generosas,
Que em tuas praias giram,

O' placido Mondego, rigorosas
De ouvir-me se retiram;
Que de sangue a corrente turva e feia
Teme Ericina, Aglaura, e Deyopéa.

Não se escuta a harmonia
Da temperada avena
Nas margens minhas; que a tal porfia
Da humana sede ordena,
Se attenda apenas o ruído horrendo
Do tosco ferro, que me vai rompendo.

Porém se Apollo ingrato
Foi causa deste enleio,
Que muito, que da musa o bello trato
Se ausente de meu seio,
Se o deus, que o temperado côro tece,
Me foge, me castiga, e me aborrece!

Emfim sou, qual te digo,
O ribeirão presado,
De meus engenhos a fortuna sigo:
Comigo sepultado
Eu choro o meu despenho; elles sem cura
Choram tambem a sua desventura.

Á LYRA

PALINODIA

I

Vem, adorada lyra,
Inspira-me o teu canto:
Só tu a impulso tanto
Todo o prazer me dás.

Já a alma não suspira ;
Pois chega a escutar-te :
De todo, ou já em parte
Vai-se ausentando o mal.

II

Não cuides, que te nego
Tributos de outra idade ;
A tua suavidade
Eu sei inda adorar ;
Desse perdido emprego
Eu busco o encanto amado ;
Amando o meu cuidado,
Jámais te hei de deixar.

III

Vê, de meu fogo ardente,
Qual é o activo imperio :
Que em todo este emispherio
Se attende respirar.
O coração, que sente
Aquelle incendio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.

IV

Se tanto bem confesso,
Ou seja noite ou dia,
Jamais essa harmonia
Espero abandonar.
Não ha de á tanto excesso,
Não ha de, não, minha alma
Desta amorosa calma
Meus olhos serenar.

V

Ah ! Quantas ancias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando
Eu venho a temperar !

No gosto, em que me encantas,
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco o alento
Que eterno me serás.

VI

Contigo partir quero
As maguas de meu peito ;
Quanto diverso effeito
Do que provaste já !

Não cuides que sou fero,
Porque já quiz quebrar-te :
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.

VII

Se tu só de minha alma
O caro amor sabias,
Contigo só meus dias
Eterno hei de alentar.

Bem que ameace a calma
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Jamais naufragarás.

VIII

Clamar a cada instante
O nome que me ouvia,
Ou seja noite ou dia
O bosque me ouvirá.

Bem que a meu culto amante
 Resista o desengano,
 O voto soberano
 Te espero tributar.

IX

Não temas, que deixada
 Te occupe este arvoredado,
 Onde meu triste enredo
 O fado tecerá;
 Conhece, ó lyra amada,
 O affecto, que me inspiras;
 Na mesma paz que tiras,
 Me das a melhor paz.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

 LYRA I

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
 Que viva de guardar alheio gado;
 De tosco trato, d'expressões grosseiro,
 Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
 Tenho proprio casal, e nelle assisto;
 Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
 Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
 E mais as finas lãs, de que me visto.
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado:
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste:
Ao som della concérto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
E' bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada e fina,
Te cobre as faces que são côr da neve.
Os teus cabellos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapóra...
Ah! não, não fez o céo, gentil pastora,
Para gloria de amor igual thesouro.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rez, o nédio gado.

Já d'estes bens, Marilia, não preciso :
Nem me cêga a paixão que o mundo arrasta ;
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço ;
Ali descansarei a quente sésta,
Dormindo um leve somno em teu regaço :
Em quanto a luta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois a mesma terra.
Na campa, rodeada de cyprestes,
Lerão estas palavras os pastores :
« Quem quizer ser feliz nos seus amores,
« Siga os exemplos que nos deram estes. »
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

LYRA XXVI

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos ;
Queimar as capoeiras ainda novas ;
Servir de adubo á terra a fertil cinza ;
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo ;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce canna o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos ;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Emquanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia mestra historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a lêr de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,
Marília, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

LYRA IV

Succede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia:
A' estação chuvosa e fria
A quente secca estação:
Muda-se a sorte dos tempos:
Só a minha sorte não?

Os troncos nas primaveras
Brotam em flores viçosos,
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão:
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortam
Armadas redes os passos,
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão:
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nem um dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois de gosto afflicção:
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos deuses moveram
Soberbos gigantes guerra:
No mais tempo o céu e a terra
Lhes tributa adoração:
Muda-se a sorte dos deuses;
Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão:
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A' verdade a vil traição:
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha;
Tornarei a ver-te minha;
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

LYRA V

Já, já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa;
Este mesmo que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam ;
As forças dos meus membros já se gastam ;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos ;
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto ;
Verás burnir-se a pelle, e o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso verão as plantas seccam ;
Na primavera, que os mortaes encanta,
Apenas cahe do céu o fresco orvalho,
Secca logo a planta.

A doença deforma a quem padece ;
Mas logo que a doença faz seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente ou qual a planta,
No meio da desgraça que me altera :
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz e vida ás flores,
Que effeitos não farão a quem por elles
Sempre morreu de amores?

LYRA III

Leu-se-me enfim a sentença
Pela desgraça firmada ;
Adeus, Marília, adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi ;
E a pena que então senti,
Justos céos, não sei dizer !
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma ; e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'hei de vêr.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento ;
Porém suspiro e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Não são as horas que perco,
Quem motiva a minha dôr ;
Mas sim vêr que o meu amor
Tal fim havia de ter.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Ausente de ti, Marília,
Hei de amar-te até morrer.

LYRA VIII

Eu sou, gentil Marília, eu sou captivo;
Porém não me venceu a mão armada
De ferro, e de furor:
Uma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força, que não seja
A tenra mão de amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadêas nas bigornas trabalhadas
Com pesados martellos:
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyranna guerra:
Sacode a setta ardente;
E sendo despedida cá da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto empyreo:
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
Tiram, Marilia, os succos saborosos
 Das orvalhadas flôres :
Pendentes dos teus beijos graciosos
O mel não chupam, chupam ambrosias
 Nunca fartos amores.

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que menêa com brandura ;
 A fonte crystalina,
Que sobre as pedras cahe de immensa altura,
Não fórma um som tão doce, como fórma
 A tua voz divina.

Em tórno dos teus peitos que palpitam
Exhalam mil suspiros desvelados
 Enxames de desejos ;
Se encontram os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropellem, voam, chegam
 E dão furtivos beijos.

O cysne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas e o pesçoço ;
 A não, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o panno grosso,
O teu garbo não tem, minha Marilia,
 Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade ;
Eu préso o captiveiro : sim, nem chamo
 À mão de amor impía :
Honro a virtude, e os teus dotes amo ;
Tambem o grande Achilles veste a saia,
 Tambem Alcides fia.

LYRA XXIV

Que diversas que são, Marília, as horas,
Que passo na masmorra immunda e feia,
Dessas horas felices já passadas
Na tua patria aldeia !

Então eu me ajuntava com Glauceste ;
E á sombra de alto cédro na campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
Á sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos ares leva ;
De exceder um ao outro qualquer trata ;
O écho agora diz : Marília terna ;
E logo : Eulina ingrata.

Deixam os mesmos satyros as grutas ;
Um para nós ligeiro move os passos ;
Ouve-nos de mais perto e faz a flauta
Co'os pés em mil pedaços.

— Dirceu, clama um pastor, ah bem merece
Da candida Marília a formosura !
— E aonde, clama o outro, quer Eulina
Achar maior ventura ?

Nem um pastor cuidava do rebanho,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella, ó minha amada, só findava
Ao acabar-se o dia.

Á noite te escrevia na cabana
Os versos que de tarde havia feito ;
Mal t'os dava e os lias, os guardavas
No casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gôsto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,
Eu agora, Marilia, não as canto ;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

LYRA XXV

Por morto, Marilia,
Aqui me reputo :
Mil vezes escuto
O som do arrastado
E duro grilhão ;
Mas ah que não treme,
Não treme de susto
O meu coração !

A chave lá sôa
Na porta segura :
Lá abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas ah que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Já o Torres se assenta ;
Carrega-me o rosto ;
Do crime supposto
Com mil artificios

Indaga a razão ;
Mas ah que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marília,
A mil innocentes,
Nas cruzes pendentas
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão ;
Mas ah que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão ;
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repara, Marília,
O quanto é mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito exforçado,
De amor a paixão ;
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA**A GRUTA AMERICANA**

A. JOSÉ BASILIO DA GAMA,

Terminidio Sipiilio

N'um valle estreito o patrio rio desce
De altissimos rochedos despenhado
Com ruido, que as feras ensurdece.

Aqui na vasta gruta socegado
O velho pai das nymphas tutelares
Vi sobre urna musgosa recostado ;

Pedaços d'ouro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o céo quiz derramar n'estes lugares.

Os braços dão as arvores frondosas
Em curvo amphitheatro onde respiram
No ardor da sesta as dryades formosas.

Os faunos petulantes, que deliram
Chorando o ingrato amor, que os atormenta,
De tronco em tronco n'estes bosques giram.

Mas que soberbo carro se apresenta?
Tigres e antas, fortissima Amazona
Rege do alto lugar em que se assenta.

Prostrado aos pés da intrepida matrona,
Verde, escamoso jacaré se humilha,
Amphibio habitador da ardente zona.

Quem és, do claro céo inclita filha?
Vistasas pennas de diversas côres
Vertem e adornam tanta maravilha.

Nova grinalda os genios e os amores
Lhe offerecem e espalham sobre a terra,
Rubins, saphyras, perolas e flores.

Juntam-se as nymphas que este valle encerra,
A deusa acena e falla: o monstro enorme
Sobre as mãos se levanta, e a aspera serra
Escuta, o rio pára, o vento dorme:

« Brillhante nuvem d'ouro,
Realçada de branco, azul e verde,
Nuncia de fausto agouro,
Veloz sobe, e da terra a vista perde,
Levando vencedor dos mortaes damnos
O grande rei José d'entre os humanos.

« Quando ao tartareo açoute
Gemem as portas do profundo averno,
Igual á espessa noite
Vôa a infausta discordia ao ar superno,
E sobre a lusa America se avança
Cercada de terror, ira e vingança;

« És a guerra terrivel
Que abala, atemorisa e turba os povos,
Erguendo escudo horrivel,
Mostra Esphinge e Medusa e monstros novos;
Arma de curvo ferro o iniquo braço:
Tem o rosto de bronze, o peito d'aço.

« Pallida, surda e forte,
Com vagaroso passo vem soberba
A descarnada morte.
Com a miserrima triste fome acerba ;
E a negra peste, que o fatal veneno
Exhala ao longe, e offusca o ar sereno.

« Ruge o leão ibero
Desde Europa troando aos nossos mares,
Tal o feroz Cerbero
Latindo assusta o reino dos pezares
E as vagas sombras ao trifauce grito
Deixam medrosas o voraz Cocyto ;

« Os montes escalvados,
Do vasto mar eternas atalaias,
Vacillam assustados
Ao ver tanto inimigo em nossas praias.
E o pó sulphureo, que no bronze soa,
O céo, e a terra, e o mar e o abysmo atroa.

« Os echos pavorosos
Ouviste, ó terra aurifera e fecunda,
E os peitos generosos,
Que no seio da paz a gloria inunda,
Armados correm de uma e d'outra parte
Ao som primeiro do terrivel Marte.

« A hirsuta Mantiqueira,
Que os longos campos abraçar presume,
Viu pela vez primeira
Arvoradas as quinas no alto cume,
E marchar as esquadras homicidas
Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.

« Mas, rainha augusta,
Digna filha do céo justo e piedoso,
Respiro e não me assusta
O estrepito e tumulto bellicoso,
Que tu lanças por terra n'um só dia
A discordia, que os povos opprimia.

« As horridas phalanges
Já não vivem d'estrago e de ruina,
Deixam lanças e alfanjes,
E o elmo triplicado e a malha fina;
Para lavar a terra o ferro torna
Ao vivo fogo e á rigida bigorna.

« Já cahem sobre os montes
Fecundas gottas de celeste orvalho;
Mostram-se os horizontes,
Produz a terra os frutos sem trabalho;
E as nuas graças, e os cupidos ternos
Cantam á doce paz hymnos eternos.

« Ide, sinceros votos,
Ide, e levai ao throno lusitano
D'estes climas remotos,
Que habita o forte e adusto Americano,
A pura gratidão e a lealdade,
O amor, o sangue e a própria liberdade. »

Assim fallou a America ditosa,
E os mosqueados tigres n'um momento
Me roubaram a scena magestosa.

Ai, Termindo, rebelde o instrumento
Não corresponde á mão, que já com gloria
O fez subir ao estrellado accento.

Sabes do triste Alcindo a longa historia,
Não cuides que os meus dias se serenam,
Tu me guiaste ao templo da memoria;
Torna-me ás musas, que de lá me acenam.

O TEMPLO DE NEPTUNO

A JOSÉ BASILIO DA GAMA

Termino Sipilio

Adeus, Termino, adeus augustos lares
Da formosa Lisboa; o leve pinho
Já solta a branca véla aos frescos ares.

Amor, o puro amor do patrio ninho,
Ha muito que me acêna, e roga ao fado
Que eu sulque o campo azul do deus marinho.

Eis a náu que já d'um, já d'outro lado
Se deita e se levanta; foge a terra,
E me foges tambem, Termino amado.

Da alegre Cintra a desejada serra
Mal apparece, e o valle, que ditoso
De Lilia e Jonia a voz e a lyra encerra.

Ainda me parece que saudoso
Te vejo estar da praia derradeira,
Cançando a vista pelo mar undoso.

Já não distingues a real bandeira
Despregada da popa, que voando
Deixa no mar inquieto larga esteira.

Sei que te hão de assustar de quando em quando
O vento, os varios climas, e o perigo
De quem tão longos mares vai cortando.

O lenho voador leva consigo,
E te arranca dos braços n'um só dia
O suspirado irmão e o caro amigo.

Rijo norte nas cordas assobia,
Quatro vezes do sol os raios puros
Voltaram e só mar e céu se via :

Quando a esteril Selvage os verde-escuros
Hombros ergueu do sal, que se quebrava
Nas nuas pontas dos rochedos duros.

Eu vi Tritão mancebo, que animava
O retorcido buzio, e diligente
De todo o mar a corte se ajuntava.

Bate as azas um genio, e vêm contente,
N'uma mão a coroa, n'outra a taça,
Deu-me do nectar, e cingio-me a frente.

Termindo, pois de Febo a mão escassa
Nega seus dons aos rudes e aos profanos,
Guarda meus versos dessa tosca raça.

Embora os leiam peitos sobrehumanos,
Que no cume do monte bipartido
Viram das santas musas os arcanos.

Entrei no templo de cristal polido,
Do grão-Neptuno amplissima morada,
E o vi n'um throno de safira erguido.

Defronte está de nymphas rodeada
A branca Thetis, as enormes phocas,
E os amantes delfins guardam a entrada.

Os grandes rios, que por largas bocas
Entram no vasto mar com fama e gloria,
Co' as urnas vêm desde as nativas rocas.

Vejo a paz, a fortuna e a victoria,
O deus da Arcadia, o inventor da lyra,
Venus, Amor e as filhas da memoria.

Principe amado, por ti suave gira
Nas cordas d'oiro o delicado plectro
Apollo o move, e Clio assim respira,
Em alto nupcial, festivo metro :

« Do lucido Titan a bella esposa,
De côr de rosa o aureo coche adorna ;
E alegre torna a nos mostrar seu rosto,
Cheio de gloria, de prazer, de gosto.

« As brancas azas sobre o novo leito
Aos céos acceito o casto amor estende,
A pyra accende, e inda estreitar procura
O mais ditoso laço a fé mais pura.

« Concordia, tu que tens de amor a chave,
Prisão suave tu lhe tens tecida,
De quantos Ida em margens deleitosas
Cria intactos jasmims, e frescas rosas,

« Persico ornato a fertil copia ajunta ;
E de Amatunta a deusa delicada
Vem rodeada dos Cupidos bellos,
Uns voam, outros lhe pendem dos cabellos.

« Casta Lucina, o teu formoso aspecto
Com doce affecto inclina, e nos dê prova
A prole nova que é de amor tributo,
E seja de taes ramos digno fruto ;

« Se fundaram por seculos inteiros,
A vós guerreiros, de Lisboa os muros,
Netos futuros entre gloria immensa
Nascei, é vossa a justa recompensa.

« Cercam o throno a candida verdade,
E em tenra idade a rara fé nobreza,
Graça, belleza, e quanto o céu fecundo
Por honra da virtude envia ao mundo.

« O jubilo nos povos se derrama,
Alegre a fama vai de agoiros cheia,
E a nuvem feia que a tristeza envolve,
Espalha o vento, e em átomos dissolve.

« Do grande avô o espirito disperso
Pelo universo vôa, aos seus vindouros
Prepara os loiros ; vejo a murta, e as palmas,
Dignas coroas de tão grandes almas.

« Possa da augusta filha o forte braço
Por longo espaço sustentar o escudo,
Que ampara tudo o que seu reino encerra,
E encher de astros o céu, de heroes a terra. »

Cantou a musa, e sobre todos chove
Celeste ambrosia ; alado mensageiro
Leva as noticias ao supremo Jove.

Ouviu então do mar o reino inteiro
A fatidica voz e o nobre canto
De Proteo, que os futuros viu primeiro.

Cantava como ainda... mas o espanto
Dos olhos me roubou tudo o que eu via,
Que os timidos mortaes não podem tanto.

Cheia de limo e de ostras, dividia
A já cansada proa os mares grossos,
Até que amanheceu o novo dia.

Se emfim respiro os puros climas nossos
No teu seio fecundo, ó patria amada,
Em paz descancem os meus frios ossos.

Vive Termindo, e na inconstante estrada
Piza a cervis da indomita fortuna,
Tendo a volubil roda encadeada
Aos pés do throno em solida columna.

ANACREONTE

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo ;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

Quando as cordas lhe mudaste,
O' feliz Anacreonte,
Da Meónia viva fonte
Esgotaste o claro humor.

O ruído lisongeiro
Dessas águas não escuto,
Onde geme dado a Pluto
O grosseiro habitador.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo ;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

Neste bosque desgraçado
Mora o ódio, e vil se nutre
Magra inveja, negro abutre
Esfaimado e tragador.
Não excita meus affectos
Guido, Paphos, nem Cythéra :
Vejo a serpe, ouço a panthéra...
Oh que objectos de terror !

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo ;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

Cruel setta passadora
Me consome pouco a pouco,
E no peito frio e rouco
A alma chora e cresce a dôr.
Surda morte nestes ares
Enlutada, e triste vejo,
E se entrega o meu desejo
Dos prazeres ao rigor.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo ;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

Dos heróes te despediste,
Por quem musa eterna sôa ;
Mas de flores na corôa
Inda existe o teu louvor.
De agradar-te sou contente:
Sacro loiro não me inflamma :
Da mangueira a nova rama
Orne a frente do pastor.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo ;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

O RETRATO

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gosto amor espera
Em Cythéra eternizar.

Só adorna os teus cabellos
Verde fita, em que os enlaças ;
E o jasmim, que as puras graças
Com desvelos vão buscar.
Na alva testa entre a alegria,
E a feliz serenidade,
Não diviso a crueldade,
Que porfia em maltratar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gosto amor espera
Em Cythéra eternizar.

Os teus olhos... Ah! não pinto...
Os teus olhos tudo rendem.:
Da ternura o fogo accendem,
E me sinto desmaiar.
Tua face delicada
É mais bella do que a rosa,
Quando a purpura mimosa
Orvalhada, expõe ao ar..

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gosto amor espera
Em Cythéra eternizar.

Doce o riso não encobre
Mil agrados innocentes :
Mostra as perolas luzentes,
Que descobre o respirar.
Não se apartam do teu seio
Dois amores pequeninos,
Tão crueis e tão ferinos,
Que receio de os pintar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gosto amor espera
Em Cythéra eternizar.

Tristes e asperos rigores
Na tua alma se esconderam,
E implacaveis prometteram
Minhas dôres augmentar.
Tudo o mais é formosura,
São bellezas, que não vejo ;
E nem póde o meu desejo
Na pintura debuxar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e linda rosto,
Que por gosto amor espera
Em Cythéra eternizar.

GLAURA DORMINDO

Voai, zefiros mimosos,
Vagarosos com cautela ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto é lindo o meu amor !

Mais me elevam sobre o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as rosas orvalhadas
Ao pequeno beija-flor.
O descanso, a paz contente
Só respiram n'estes montes :
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo sente um puro ardor.

Voai, zefiros mimosos,
Vagarosos com cautela ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto é lindo o meu amor !

O silencio, que nem ousa
Bocejar e só me escuta,
Mal se move n'esta gruta,
E repousa sem rumor.
Leve somno, por piedade,
Ah derrama em tuas flores
O pesar, a magoa, as dôres,
E as saudades do pastor !

Voai, zefiros mimosos,
Vagarosos com cautela ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto é lindo o meu amor !

Se nos mares apparece
Venus terna e melindrosa,
Glaura, Glaura mais formosa
Lhe escurece o seu valor.
No vestino azul e nobre
É sem oiro e sem diamante,
Qual a filha de Thaumante,
Que se cobre de esplendor.

Voai, zefiros mimosos,
Vagarosos com cautela ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto é lindo o meu amor !

É suave o seu agrado
A meus olhos nunca enxutos,
Como são os doces frutos
Ao cançado lavrador.
Mas bem longe da ventura
Às mudanças vivo affeito,
Encontrando no teu peito
Já brandura e já rigor !

Voai, zefiros mimosos
Vagarosos com cautela ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto é lindo o meu amor !

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

O SONHO

Em sonhos vi um Indio magestoso,
De presença gentil, altivo e forte:
Mostrava no semblante respeitoso
Da alegria o transporte;
Barbaro o traje, mas riqueza tanta
Dos miseros mortaes a vida encanta.

*Zona de pelles de diversas côres,
Guarnecida de pedras preciosas,
Representa do sol os resplendores;
Oh! que pennas mimosas!
Sobre o cocar, thesouro de riqueza,
É tudo quanto pôde a natureza!*

Cinto de curtas pennas recamadas
Tem em torno de si pennas compridas
De differentes côres matizadas;
E as plumas fendidas
Formam ao todo um circulo composto
Lindo saiote da natura ao gosto.

*Pendia ao tiracol de branco arminho,
Com rubins e saphyras, que encantava,
Concavo dente de animal marinho,
Que lhe serve de aljava;
Porém as settas e o seu arco forte
Longe deixou, que já não teme a morte.*

Rompe montões de apinhoadá gente,
Procurando do paço a regia sala ;
Eis que apparece o principe regente,
E o Índio assim lhe falla,
Cheio de submissão e de respeito
Co'as mãos cruzadas no constante peito :

« Venho a teus pés, ó principe sagrado,
Beijar a regia mão de agradecido
Por teres meus direitos sustentado
Com valor desmedido,
Desmedido valor, prudencia e arte,
Dons conferidos só a Jove e Marte.

« Assim da Providencia a equidade,
Condoida de tanto soffrimento,
Em meus braços lançou a magestade,
Quando a Europa em tormento
Vê os ultimos thronos abalados,
Monarchas presos, outros degradados.

« Fui então exaltado a reino unido
Pelo sexto João, piedoso e terno,
Mas tirou da ternura o seu partido
A caterva do inferno,
Que reduziu do teu imperio nobre
O ouro e a prata a só papel e cobre.

« Gemia Portugal, tudo gemia,
Em desgraça fatal e sorte dura ;
Apparece na Europa a luz do dia
Para nós sombra escura ;
Visto nossos irmãos desse hemispherio
Quererem captivar todo este imperio.

« Pedem o rei e a familia excelsa
A pretexto de amor e lealdade ;
Vai o sexto João sem que conheça
 A encoberta maldade ;
Elle emfim nos deixou, não de aggravado,
Visto deixar o seu penhor amado.

« Se a constituição era capaz
De nos abrir as portas da ventura,
Se desceu sobre nós anjo de paz,
 Novo sol de luz pura,
Como apparece negra a atmosphaera
Vindo empestar a brazileira esphera?

« Embora que o congresso corrompido
Contra os meus interesse decretasse ;
Os vis ferros já tinha sacudido,
 Tudo mudou de face ;
Seguiremos a lei, se a lei fôr justa,
Mas não tente campar á nossa custa.

« Proclamarem o bem a bem dos povos
Tanto na Europa como no Brazil,
E promulgarem dous decretos novos
 Com politica vil !...
Como já se acabou o despotismo,
Se apparece de novo um novo abysmo?

« Tres seculos vivi escravizado,
Arrastando grilhões de impiedade ;
Acabou esse tempo desgraçado,
 Não soffro a iniquidade ;
Tenho em ti defensor, tenho justiça,
Hei de calcar aos pés a vil cobiça.

« Protesto e juro ante o céu e a terra
 De não temer combates sanguinosos
 Té derrotar em defensiva guerra
 Monstros ambiciosos,
 Que cegos da razão com sêde de ouro,
 À brilhante nação causam desdouro.

« Não julgues, Portugal, em nós fraqueza,
 Pelo estado do antigo soffrimento:
 Este paiz, nascente, de riqueza
 É um novo portento:
 O gigante Brazil inabalavel,
 É pelo seu local inconquistavel.

« Nós temos conselheiros respeitosos,
 Temos heróes de esphera sublimada,
 Temos um principe, que nos faz ditosos;
 Vindo a paz desejada,
 Que mais desejarão os filhos meus,
 Seguindo as leis do verdadeiro Deus? »

Disse, e a beijar tornou a real mão
 Do grande Pedro, defensor amado,
 Que esteve attento ouvindo a narração
 Do Brazil exaltado.
 Exaltado Brazil, agora é justo
 Erguer-se a Pedro grande eterno busto.

CARTAS CHILENAS

O GOVERNADOR E SEU SEQUITO

Ora pois, doce amigo, vou pintal-o
 Da sorte que o topei a vez primeira;
 Nem esta digressão motiva tédio,
 Como aquellas, que são dos fins alheias;

Que o gesto, mais o trage nas pessoas
Faz o mesmo, que fazem os letreiros,
Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,
Que dão, do que elles tratam, boa idéa.

Tem pesado semblante, a côr é baça,
O corpo de estatura um tanto esbelta,
Feições compridas e olhadura fêia,
Tem grossas sobranceiras, testa curta,
Nariz direito, e grande; falla pouco
Em rouco baixo som de mão falsete;
Sem ser velho, já tem cabello ruço;
E cobre este defeito e fria calva
À força de polvilho, que lhe deita.
; Ainda me parece, que o estou vendo
No gordo rocinante escarranchado!
As longas calças pelo embigo atadas,
Amarello collete e sobre tudo,
Vestida uma vermelha e justa farda:
De cada bolço da fardeta, pendem
Listradas pontas de dous brancos lenços;
Na cabeça vasia se atravessa
Um chapéo desmarcado, nem sei como
Sustenta a pobre só do laço o peso.
Ah! Tu, Catão severo, tu, que estranhas,
O rir-se um Consul moço, que fizeras,
Se em Chile agora entrasses, e se visses
Ser o rei dos peraltas quem governa?
Já lá vai, Dorotheo, aquella idade,
Em que os proprios mancebos, que sobiam
À honra do governo, aos outros davam
Exemplo de modestia até nos trages.
Deviam, Dorotheo, morrer os povos,
Apenas os maiores imitaram,
Os rostos e os costumes das mulheres,
Seguindo as modas, e rapando as barbas.

Os grandes do paiz com gesto humilde
 Lhe fazem, mal o encontram, seu cortejo ;
 Elle austero os recebe, e só se digna
 Affrouxar do toutiço a mola um nada,
 Ou pôr nas abas do chapéo os dedos.

Caminha atraz do chefe um tal Roberio,
 Que entre os criados tem respeito de aio ;
 Estatura pequena, largo o rosto,
 Delgadas pernas, e pançudo ventre,
 Sobejo de hombros, de pescoço falto ;
 Tem de pisorga as côres, e conserva
 As bufantes bochechas sempre inchadas :
 Bem que já velho seja, inda presume
 De ser aos olhos das madamas grato,
 E o demo lhe encaixou, que tinha pernas
 Capazes de montar no bom ginete,
 Que rincha no Parnaso. Pobre tonto !
 ; Quem te mette em camisas de onze varas ?
 Tu só podes cantar em coxos versos,
 E ao som da má rabeça, com que atroas
 Os feitos de teu amo, e os seus despachos.

Ao lado de *Roberio* vem *Matusio*,
 Que respira do chefe o modo e o gesto ;
 É peralta rapaz de tesas gambeas,
 Tem cabelo castanho, e brancas faces,
 Tem um ar de mylord, e a todos trata
 Como a inuteis bichinhos ; só conversa
 Com o rico rendeiro, ou quem lhe conta
 Das moças do paiz as frescas praças :
 Dos bolços da casaca dependura
 As pontas perfumadas dos lencinhos,
 Que é signal, ou character, que distingue
 Aos serventes das casas dos mais homens :
 Assim como as familias se conhecem
 Por herdados brasões de antigas armas.

Montado em nédia mula vem um padre,
Que tem de capellão as justas honras :
Formou-se em Salamanca ; é homem sabio :
Já do mysterio do Pilar um dia
Um sermão recitou, que foi um pasmo ;
Labregão no feitio, e meio idoso,
Tem olhos encovados, barba tesa,
Fechadas sobranceiras, rosto fusco,
Cangalhas no nariz. Ah ! quem disséra,
Que n'um corpo, que tem de nabo a fórma,
Haviam pôr os céos tão grande caco !

O resto da familia é tudo o mesmo ;
Escuso de pintal-o. Tu bem sabes
Um rifão, que nos diz, que dos domingos
Se tiram muito bem os dias santos.

UM QUADRO REALISTA

Nas margens, Dorotheo, do sujo corgo,
Que banha da cidade a longa fralda,
Ha uma curta praia toda cheia
De já lavados seixos : neste sitio
Um formoso passeio se prepara :
Ordena o sabio chefe, que se cortem
De verdes lorangeiras muitos ramos,
E manda, que os enterrem nesta praia,
Finguindo largas ruas. Cada tronco
Tem debaixo das folhas uma taboa
Sem lavor, nem pintura, que sustenta
Doze tigelas do grosseiro barro ;
No meio do passeio estão abertas
Duas pequenas covas pouco fundas,
Que lagos se appellidam ; sobre as bordas

Ardem mil tigelinhas, e o azeite
Que corre, Dorotheo, dos côvos cacos,
Inda é mais, do que são as sujas aguas,
Que nem os fundos cobrem d'estes tanques.
A tão formoso sitio tudo acode,
Ou seja de um, ou seja de outro sexo,
Ou seja de uma, ou seja de outra classe.
Aqui lascivo amante, sem rebuço,
Á torpe concubina offerta o braço ;
Alli mancebo ousado assiste e falla
Á simples filha, que seus paes recatam ;
A ligeira mulata em trages de homem
Dança o quente lundú, e o vil batuque ;
E aos cantos do passeio inda se fazem
Acções mais feias, que a modestia occulta.
Meu caro Dorotheo, meu doce amigo,
Se queres, que este sitio te compare,
Como serio poeta, aqui tens Chipre
Nos dias em que os povos tributavam
Á deusa tutelar alegres cultos.
Se queres, que o compare, como um homem
Que alguma noção tem das Sacras Letras,
Aqui Sodoma tens, e mais Gomhorra ;
Se queres finalmente, que o compare
A lugar mais humilde em tom jocoso,
Aqui, amigo, tens esse afamado
Quilombo, em que viveu o pai Ambrosio.

COSTUMES DE VILLA RICA

Apenas, Dorotheo, a noite chega,
Ninguem andar já póde sem cautela
Nos sujos corredores de Palacio ;
Uns batem com os peitos n'outros peitos,

Outros quebram as testas n'outras testas ;
Qual leva um encontrão que o vira em roda ;
E qual por defender a cara, fura
Com os dedos que estende, incautos olhos ;
Aqui se quebra a porta, e ninguem falla ;
Alli range a couceira, e sôa a chave ;
Este anda de mansinho ; aquelle corre ;
Um grita que o pisaram ; outro inquire
« Quem é ? » a um vulto, que lhe não responde.
Não temas, Dorotheo, que não é nada ;
Não são ladrões que offendam, são donzellas
Que buscam aos devotos que costumam
Fazer, de quando em quando, a sua esmola.

Chegam-se emfim as horas, em que o somno
Estende na cidade as negras azas
Em cima dos viventes, espremendo
Viçosas dormideiras. Tudo fica
Em profundo silencio ; só a casa,
A casa aonde habita o grande chefe,
Parece, Dorotheo, que vem abaixo
Fingindo a moça que levanta a saia,
E voando nas pontas dos dedinhos,
Préga no machacaz de quem mais gosta
A lasciva embigada, abrindo os braços ;
Então o machacaz torcendo o corpo,
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
Ou dando alguns estalos com os dedos,
Seguindo das violas o compasso,
Lhe diz, eu pago, eu pago, e de repente
Sobre a torpe michela atira o salto.
O' dansa venturosa ! Tu entravas
Nas humildes choupanas, onde as negras,
Aonde as vis mulatas, apertando
Por baixo do bandulho a larga cinta
Te honravam c'os marotos e brejeiros,

Batendo sobre o chão o pé descalço.
Agora já consegues ter entrada
Nas casas mais honestas e palacios!
Ah! tu, famoso chefe, dás exemplo.
Tu já, tu já batucas, escondido
Debaixo dos teus tectos, com a moça
Que furtou ao senhor o teu Ribeiro!
Tu também já batucas sobre a sóla
Da formosa comadre, quando o pede
A borracha funcção do *santo* Entrudo!
Ah! que isto sendo pouco, é muito e muito!
Que os exemplos dos chefes logo correm,
E correm muito mais, quando fomentam
Aquelles vicios a que os genios puxam.

O tempo, Dorotheo, voando, foge;
E nunca os de Palacio imagináram
Que tão veloz fugia, como agora.
Acaba-se a funcção, e chega o dia;
Vem abrir as janellas um criado,
E o chefe lhe pergunta que algazarra
Fizeram os mais servos toda noite,
Que o não deixou dormir um breve instante;
O criado, que sabe que o bom chefe
Só quer que lhe confessem a verdade,
O successo lhe conta desta sorte:
« Fizemos esta noite um tal batuque!
« Na cêa todos nós nos alegamos:
« Entrou nelle a mulher do teu lacaio:
« Um só, senhor, não houve que, lascivo,
« Com ella não brincasse, todos elles
« De bebados que estavam, não puderam
« O intento conseguir; So eu mais forte... »
Apenas isto diz o vil criado,
O chefe as costas vira, e lhe responde,
Soltando um grande riso: « fóra fracos! »

Já disse, Dorotheo, que as mocetonas
 Só entram em Palacio, quando estende
 A noite sobre a terra a negra capa ;
 Que a formosa virtude da cautela
 Até parece bem n'aquelle mesmo,
 A quem a profissão lhe não exige
 Que viva recatado, como vivem
 As moças, que inda querem ser donzellas.
 Agora, Dorotheo, julgar já podes
 Que sahem de Palacio muito cedo.
 Assim é, Dorotheo; as donzellinhas
 Pela porta travessa vão sahindo,
 Mal tocam as garridas á primeira.
 Mas a bella Rosinha fica, e dorme
 Nos braços de Matusio a madrugada ;
 Só sahe de dia claro, e o grande chefe
 Lhe atira uma pedrinha da janella,
 Só para que lhe dê um ar de graça !
 Que grande estimação, Rosica bella !
 Aqui se mostra bem, que as outras moças
 Não trazem, como trazes, lucro á casa.

 THEORIA DO GOVERNO

.

 Ainda, caro Amigo, ainda existem
 Os vestigios dos Templos sumptuosos
 Que a mão religiosa do bom Numa
 Ergueu a Marte, e levantou a Jano.
 Ainda, ainda lêmos que elegêra
 Para estas divindades sacerdotes,
 E que muitas donzellas consagrara,

Afim de conservar-se acceso o fogo
Em o templo de Vesta sobre as aras.
Tambem, tambem sabemos que este sabio,
Para ter mais conceito entre o seu povo,
Fingio que a Nympha Egeria, sendo noite,
Vinha fallar com elle, e que benigna
A fórma do governo lhe inspirava.
O mesmo fez Sertorio, que dizia
Que nada executava, que não fosse
Ensinado por uma branca cerva,
Que a deusa caçadora lhe mandára.
Mafoma, o vil Mafoma, astuto segue
Tambem este systema: ao seu ouvido
Acostuma a chegar-se a mansa pomba.
A nação ignorante se convence
De que este seu propheta conhecia
Os segredos do céo, por este meio.
Não ha, meu Dorotheo, não ha um chefe,
Bem que perverso seja, que não finja
Pela Religião um justo zelo,
E quando não o faça por virtude,
Sempre ao menos o mostra por systema.

CANTO GENETHLIACO

Ao capitão-general D. Rodrigo José de Menezes,
governador da Capitania de Minas-Geraes, por
ocasião do baptisado de seu filho D. José Thomaz
de Menezes.

Barbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos ;
Revolvam-se no horror das sepulturas
Dos primeiros avós os frios ossos :

Os heróes das mais altas cataduras
Principiam a ser patricios nossos;
E o vosso sangue, que esta terra ensopa,
Já produz frutos do melhor na Europa.

Bem que venha a semente á terra estranha,
Quando produz, com igual força gera,
Nem do forte leão fôra de Hespanha
A fereza nos filhos degenera;
O que o estio em umas terras ganha,
Nas outras vence a fresca primavera,
A raça dos heróes da mesma sorte
Produz no sul o que produz no norte.

Romulo por ventura foi Romano?
E Roma a quem deveu tanta grandeza?
O grande Henrique era Lusitano?
Quem deu principio á gloria portugueza?
Que importa que José Americano
Traga a honra, a virtude e a fortaleza
De altos e antigos troncos portuguezes,
Se é patricio este ramo dos Menezes?

Quando algum dia permittir o fado
Que elle o mando real moderar venha,
E o bastão do pai com gloria herdado
No pulso invicto pendurado tenha,
Qual esperaes que seja o seu agrado?
Vós experimentareis como se empenha
Em louvar estas serras e estes ares,
E venerar gostoso os patrios lares;

Esses partidos morros e escavados,
Que enchem de horror a vista delicada
Em soberbos palacios levantados
Desde os primeiros annos empregada,

Negros e extensos bosques tão fechados,
Que até ao mesmo sol negam a entrada,
E do agreste paiz habitadores
Barbaros homens de diversas côes,

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço!
O pastor louro, que meu peito inflamma,
Dará novos alentos ao meu verso
Para mostrar do nosso heróe na boca
Como em grandezas tanto horror se troca.

Aquellas serras na apparencia feias,
Dirá José: « Oh! quanto são formosas!
Ellas conservam nas occultas veias
A força das potencias magestosas;
Tem as ricas entranhas todas cheias
De prata e ouro, e pedras preciosas;
Aquellas brutas escavadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.

Aquelles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares.
Os corinthios palacios levantados,
Doricos templos, jonicos altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos desses sertões feios e escuros.

A c'rôa d'ouro, que na testa brilha,
E o sceptro, que empunha na mão justa
Do augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana augusta,

E Lisboa de Europa maravilha,
Cuja riqueza a todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençoada.

Esses homens de varios accidentes,
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados:
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

« Por ventura, Senhores, pôde tanto
O grande heróe, que a antiguidade acclama,
Porque aterrou a fé de Erimanto,
Venceu a Hydra com o ferro e chamma?
Ou esse a quem da tuba grega o canto
Fez digno de immortal eterna fama?
Ou inda o macedonico guerreiro,
Que soube subjugar o mundo inteirø?

« Eu só pondero que essa força armada,
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre uma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos,
Isto que tem co'a força disparada
Contra todo o poder dos elementos,
Que bate a fórma da terrestre esphera
Apezar de uma vida a mais austera.

« Se o justo e o util pôde tão sómente
Ser acertado fim das acções nossas,
Quaes se empregam, dizei, mais dignamente
As forças d'estes, ou as forças vossas?

Mandam a destruir a humana gente
Terriveis legiões, armadas grossas ;
Procurar o metal que acode a tudo
É d'esses homens o cansado estudo.

« São dignas de atenção... » ia dizendo
A tempo que chegava o velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do grande Pedro com o poder sagrado,
E já o nosso heróe nos braços tendo,
O breve instante em que ficou calado,
De amor em ternas lagrimas desfeito
Estas vozes tirou do amante peito :

« Filho, que assim te fallo, filho amado,
Bem que um throno real teu berço enlaça,
Porque foste por mim regenerado
Nas puras fontes de primeira graça ;
Deves o nascimento ao pai honrado,
Mas eu de Christo te alistei na praça ;
Estas mãos por favor de um Deus superno
Te restauraram do poder do inferno.

« Amado filho meu, torna a meus braços,
Permitta o céo que a governar prosigas,
Seguindo sempre de teu pai os passos.
Honrando algumas paternaes fadigas
Não receio que encontres embarços,
Por onde quer que o teu destino sigas,
Que elle pisou por todas estas terras,
Mattos, rios, sertões, morros e serras.

« Valeroso, incansavel, diligente
Do serviço real, promoveu tudo
Já nos paizes do Pori valente,
Já nos bosques do bruto Botocudo,

Sentiram todos sua mão prudente
Sempre debaixo de acertado estudo,
E quantos viram seu sereno rosto
Lhe obedeceram por amor, por gosto.

« Assim confio o teu destino seja
Servindo a patria, e augmentando o Estado,
Zelando a honra da Romana Igreja,
Exemplo illustre de teus paes herdado ;
Permitta o céo que eu felizmente veja
Quanto espero de ti desempenhado,
Assim contente acabarei meus dias,
Tu honrarás as minhas cinzas frias. »

Acabou de fallar o honrado velho
Com lagrimas as vozes misturando ;
Ouvio o nosso heróe o seu conselho
Novos projectos sobre os seus formando.
Propagar as doutrinas do Evangelho,
Ir aos patricios seus civilizando,
Augmentar os thesouros da reinante,
São seus desvelos desde aquelle instante.

Feliz governo, queira o céo sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o seculo dourado
Dos tempos de Rodrigo e de Maria ;
Seculo que será sempre lembrado
Nos instantes de gosto e de alegria ;
Até os tempos, que o destino encerra,
De governar José a patria terra.

CONSELHOS A MEUS FILHOS

Meninos, eu vou dictar
As regras do bem viver ;
Não basta sómente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sabios é o pensar.

Neste tormentoso mar
D'ondas de contradicções,
Ninguem soletre feições,
Que sempre se ha de enganar ;
Da caras a corações
Ha muitas leguas que andar.

Applicai ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes têm ouvidos,
E tambem podem fallar :
Ha bichinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar
Evite-lhes a occasião,
Que os males por si virão,
Sem ninguem os procurar,
E antes que ronque o trovão,
Manda a prudencia ferrar.

Não vos deixeis enganar
Por amigos, nem amigas,
Rapazes e raparigas
Não sabem mais que asneiar ;
As conversas e as intrigas
Servem de precipitar.

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem que ratos velhos
Não ha modo de os caçar:
Não batam ferros vermelhos,
Deixem um pouco esfriar.

Se é tempo de professar
De taful o quarto voto,
Procurai capote roto,
Pé de banco de um bilhar,
Que seja sabio piloto
Nas regras de calcular.

Se vos mandarem chamar
Para ver uma funcção,
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão:
Quem está bem deixa-se estar.

Deveis-vos acautelar
Em jogos de paro e topo,
Promptos em passar o copo
Nas angolinas do azar:
Taes as fabulas de Esopo,
Que vós deveis estudar.

Quem falla, escreve no ar,
Sem pôr virgulas nem pontos,
E póde quem conta os contos,
Mil pontos accrescentar;
Fica um rebanho de tontos
Sem nenhum adivinhar.

Com Deus e o rei não brincar,
É servir e obedecer,
Amar por muito temer,
Mas temer por muito amar,
Santo temor de offender
A quem se deve adorar!

Até aqui póde bastar,
Mais havia que dizer;
Mas eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Póde o resto adivinhar.

DOMINGOS CALDAS BARBOSA

AINDA SOU TEU

CANTIGAS

Desde o primeiro momento
Em que viste o gesto meu,
Desde então me captivaste,
Com que gosto inda sou teu!

Amor assim preparára
Este novo estado meu;
Quiz-me escravo; terno escravo,
Desde então inda sou teu.

O teu coração batia,
Batia também o meu;
Tu socegaste e estás livre,
Eu inquieto inda sou teu.

Ah que foi mui frouxo o laço
Com que o amor te prendeu ;
Foi mal seguro, fugiste ;
Segurou-me, inda sou teu.

Finjo diante dos outros,
Calo o triste estado meu ;
Bem que pareça estar livre,
Sou escravo, inda sou teu.

Não, já não póde extinguir-se
Fogo que amor accendeu ;
Entre as cinzas abafado
Arde ainda, inda sou teu.

A' teu meigo volver d'olhos
Amor tantas forças deu,
Que desde que me prenderam,
Sem soltar-me, inda sou teu.

Tanto o meu amor desfarço,
Que ainda ninguem o entendeu ;
Não o entendam muito embora
Não importa, inda sou teu.

Ah ! meu bem, para mim vive,
Que para ti vivo eu ;
Na presença ou na distancia,
Pódes crer-me, inda sou teu.

Do nosso destino a urna
Travesso amor revolveu ;
Viu que tu vives mudando,
E eu morrendo, inda sou teu.

Vamos, cruel, fazer contas
De teu amor e do meu;
Eu pagando, não és minha;
Tu devendo, inda sou teu.

Se tu vires, que eu te falto,
Dize: Lereno morreu;
Mas sabendo, que inda vivo,
Saberás que inda sou teu.

Uma nova escravidão
Se queres, te juro eu,
Repetindo antigos votos,
Aqui juro, inda sou teu.

Sobre a doce antiga chamma
Que nosso amor accendeu,
Jura de quem és agora,
Vê jurar, que inda sou teu.

Ser teu sempre, ternamente
Amor mesmo o prescreveu,
Eu de amor as leis seguindo,
Só teu fui, inda sou teu.

A mim já me não pertença
Nem eu mesmo já sou meu;
Amor fez que teu eu fosse
Por amor, inda sou teu.

É uma vida já nova
A vida que amor me deu;
Faz ser tua a minha vida,
Eu o cumpro, inda sou teu.

Debaixo da fria campa,
Existindo o corpo meu,
Emquanto o coração dure
Ali mesmo inda sou teu.

CADA VEZ QUERER-TE EU MAIS

IMPROVISO

Tu gostas de meus suspiros,
E de ouvir meus tristes ais;
Gostas de ver-me morrendo,
Cada vez querer-te eu mais.

Se em meus olhos reparares,
Has de ver de amor signaes;
E verás, quando mais vires,
Cada vez querer-te eu mais.

Entrei no templo de amor,
Com poucos a mim iguais;
E foi todo o juramento,
Cada vez querer-te eu mais.

Tu já déste a meus desejos
Cruentos golpes fataes;
E a esperança me fazia
Cada vez querer-te eu mais.

Loucamente me fugias
Para perjuros rivaes;
Vinhas delles, e me vias
Cada vez querer-te eu mais.

No meio dos meus enfados,
Dos meus ciumes fataes,
Me viste, abrazado em zelos,
Cada vez querer-te eu mais.

Quando tu pões nos meus olhos
Os teus olhos divinaes,
Fazes com doce renovo,
Cada vez querer-te eu mais.

Protesto não mais querer-te,
Quero disto dar signaes ;
E o meu coração me manda
Cada vez querer-te eu mais.

Se depois de vir a morte
Podem amar os mortaes,
Nos Elysios será visto
Cada vez querer-te eu mais.

A B C DE AMOR

Uma menina
Quer que eu lhe dê
Lições de amores
Por A B C.

A — É amante,
 Não ardilosa :
B — É benigna,
 Não bolicosa :

C — É constante,
Não curiosa:
*Tome, menina,
Lição gostosa.*

Uma, etc.

D — Delicada,
Não desdenhosa:
E — Engraçada,
Não enganosa:
F — Fiel,
Não furiosa.
*Tome, menina,
Lição gostosa.*

Uma, etc.

G — É galante,
Mas não gulosa:
I — É ser justa,
Não invejosa:
L — Leal,
Não lacrimosa.
*Tome, menina,
Lição gostosa.*

Uma, etc.

M — É ser meiga,
Não mentirosa:
N — Andar nedia,
Não nojosa:
O — Obediente,
Nunca orgulhosa.
*Tome, menina,
Lição gostosa.*

Uma, etc.

- P — É prudente,
 Não preguiçosa:
 Q — É quieta,
 Não queixosa:
 R — Risonha,
 Não rigorosa,
*Tome, menina,
 Lição gostosa.*

Uma, etc.

- S — É sincera,
 Não suspeitosa:
 T — É ser terna,
 Nunca teimosa:
 V — Verdadeira,
 Nada vaidosa:
*Tome, menina,
 Lição gostosa.*

Uma, etc.

- X — Xocarreira,
 Pouco xorosa:
 Z — Zombadeira,
 Pouco zelosa:
*Tome, menina,
 Lição gostosa.*

Uma, etc.

Depois das letras
 Bem decorar,
 Quer que eu lh'ensine
 A soletrar?

Tome sentido
Vá de vagar,
A, m, a, r,
Solétre *amar*.

Quero ensinal-a
Tim por tim tim;
E lições dar-lhe
Até ao fim:
Olhe, menina,
Bem para mim,
S, i, m,
Diga-me *sim*.

Mas se lhe falla
Um maganão,
Então é outra
Nova lição:
A mão levante
Dê bofetão;
N, ã, o,
Diga-lhe *não*.

LUNDÚ

Eu tenho uma Nhanhansinha
A quem tiro o meu chapéo;
É tão bella, tão galente,
Parece cousa do Céu,

Ai Céu!
Ella é minha yayá,
O seu moleque sou eu.

Eu tenho uma Nhanhansinha
Qu'eu a não posso entender ;
Depois de me ver penar,
Só então diz que me quer.

Ai etc.

Eu tenho uma Nhanhansinha
A melhor que ha nesta rua ;
Não ha dengue como o seu,
Nem chulice como a sua.

Ai etc.

Eu tenho uma Nhanhansinha
Muito guapa, muito rica ;
O ser formosa me agrada,
O ser ingrata me pica.

Ai etc.

Eu tenho uma Nhanhansinha
De quem sou sempre moleque ;
Ella vê-me estar ardendo,
E não me abana c'o leque.

Ai etc.

Eu tenho uma Nhanhansinha
Por quem chora o coração ;
E tanto chorei por ella,
Que fiquei sendo chorão.

Ai etc.

DOÇURA DE AMOR

Cuidei que o gosto de amor
Sempre o mesmo gosto fosse,
Mas um amor brasileiro
Eu não sei porque é mais doce.

Gentes, como isto
Cá é temperado,
Que sempre o favor
Me sabe a salgado:
Nós lá no Brazil
A nossa ternura
A assucar nos sabe,
Tem muita doçura,
Oh! se tem! tem.
Tem um mel mui saboroso
É bem bom, é bem gostoso.

As ternuras desta terra
Sabem sempre a pão e queijo,
Não são como no Brazil
Que até é doce o desejo.

Gentes &c.

Ah nhanhan venha escutar
Amor puro e verdadeiro,
Com preguiçosa doçura
Que é amor de brasileiro.

Gentes &c.

Os respeitos cá do Reino
Dão a amor muita nobreza,

Porém tiram-lhe a doçura
Que lhe deu a natureza.

Gentes, &c.

Quando a gente tem nhanhan
Que lhe seja bem fiel,
E' como no Reino dizem
Cahiú a sopa no mel.

Gentes &c.

LUNDÚ

Eu nasci sem coração
Sendo com elle gerado,
Porqu'inda antes de nascer
Amor m'ó tinha roubado.

RESPOSTA

Meu bem, o meu nascimento
Não foi como elle nasceu;
Qu'eu nasci com coração,
Aqui 'stá que todo é teu.

Apenas a minha vista
De ti noticia lhe deu,
Logo elle quiz pertencer-te
Aqui 'stá que todo é teu.

Bebendo a luz dos teus olhos
Nella um veneno bebeu ;
É veneno que captiva
Aqui 'stá que todo é teu.

Elle em signal do seu gosto
Pulou no peito e bateu ;
Vem vel-o como palpita
Aqui 'stá que todo é teu.

Para ser teu, nhanhansinha,
Não deixei nada de meu,
Té o proprio coração
Aqui 'stá que todo é teu.

Se não tens mais quem te sirva
O teu moleque sou eu,
Chegadinho do Brazil
Aqui 'stá que todo é teu.

Eu era da natureza,
Ella o amor me vendeu :
Foi para dar-te um escravo
Aqui 'stá que todo é teu.

Quando amor me viu rendido
Logo o coração te deu ;
Disse, menina, recebe,
Aqui 'stá que todo é teu.

Unidos os corações
Deve andar o meu c'o teu ;
Dá-me o teu, o meu 'stá prompto
Aqui 'stá que todo é teu.

Fr. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO**EXCERPTOS DO «CARAMURÚ»**

TABAS INDIANAS

No Reconcavo ameno um posto havia
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetral-o a entrada toda ;
Um plano vasto no seu centro abria,
Aonde, edificando á patria moda,
De troncos, varas, ramos, vimes, canas,
Formaram, como em quadro, oito cabanas.

Qualquer dellas com mole volumosa
Corre direita em linhas parallelas ;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes, ou columnas bellas :
Um angulo no cume a faz vistosa,
E coberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba altas, e boas,
De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes provido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita :
Tal o rude tapuia na grande arca,
Alli dorme, alli come, alli medita,
Alli se faz humano, e de amor molle,
Alimenta a mulher, e afaga a prole.

Dentro da grã choupana á cada passo
Pende de lenho a lenho á rede extensa,
Alli descanso toma o corpo lasso,
Alli se esconde a marital licença :
Repousa a filha no materno abraço
Em rede especial, que tem suspensa :
Nenhum se vê (que é raro) em tal vivenda,
Que a mulher de outrem, nem que a filha offenda.

Alli, chegando a esposa fecundada
Á termo já feliz, nunca se omite
De pôr na rede o pai a prole amada,
Onde o amigo, e parente o felicite ;
E como se a mulher soffrêra nada,
Tudo ao pai reclinado então se admitte,
Qual fôra, tendo sido em modo sério
Seu proprio, e não das mãis o puerperio.

Quando na rede encosta o tenro infante,
Pinta-o de negro todo, e de vermelho,
Um pequeno arco põe, frecha volante,
E um bom cutello ao lado : e em tom de velho,
Com discurso pathetico, e zelante
Vai-lhe inspirando o paternal conselho ;
Que seja forte diz, (como se o ouvisse)
Que se saiba vingar, que não fugisse.

Dá-lhe depois o nome, que apropria
Por similhaça, que ao infante iguala,
Ou com que o espera celebre algum dia,
Se não é por defeito que o assignala :
A algum na frente o nome se imprimia ;
Ou pintam no verniz, que tem por gala,
E seguindo a figura se lhe observa,
Dão-lhe o nome de fêra, fructo, ou herva.

Trabalha em tanto a mãe sem nova cura,
Quando o parto conclue, e em tempo breve,
Sem mais arte que a provida natura,
Sente-se lesta, e sã, robusta, e leve :
Feliz gente, se unisse com fé pura
A sóbria educação, que simples teve !
Que o que a nós nos faz fracos, sempre estimo,
Que é mais, que pena ou dôr, melindre e mimo.

Vai com o adulto filho á caça, ou pesca
O solícito pai pelo alimento ;
O peixe á mulher traz, e a carne fresca,
E á tenra prole a fructa por sustento :
A nova provisão sempre refresca,
E dá nesta fadiga um documento,
Que quem nega o sustento á quem deu vida,
Quiz ser pai, por fazer-se um parrecida.

Que, se acontece que a enfermar-se venha,
Concorre com piedade a turba amiga ;
E por dar-lhe um remedio, que convenha,
Consultam-no entre si com gente antiga :
Buscam quem de herba saiba, ou cura tenha,
Que possa dar alívio ao que periga ;
Ou talvez sangram n'uma febre ardente,
Servindo de lanceta um fino dente.

Mas vendo-se o mortal já na agonia,
Sem ter para o remedio outra esperança,
Estima a bruta gente acção mui pia
Tirar-lhe a vida com a maça ou lança :
Se morre o tenro filho, a mãe seria
Estimada cruel, quando a criança,
Que pouco antes ao mundo della veio,
Não torna ao seu lugar no proprio seio.

Tal era o povo' rude, e tal usança
Se lhe vê praticar no vicio illuso:
Tudo nota Diogo, na esperança
De corrigir por fim tão cego abuso.
No lugar da cabana, em que descança
Menos da gente, e multidão confuso,
Põe-lhe a rede Gupéva, que o convida,
De rica e molle pluma entretecida.

GUERRA HOLLANDEZA

Cede do seu governo de affrontado
O general Nassau, tornando a Hollanda,
Tendo o conselho de Arrecife armado
Mil artificios de calumnia infanda:
Nem contra os habitantes moderado
O duro freio no governo abranda,
Onde a plebe aggravada que o experimenta,
O jugo sacudir com gloria intenta.

João Fernandes Vieira foi na empreza
O instrumento da Patria liberdade,
Heróe que soube usar da grã riqueza,
Libertando o Brazil desta impiedade:
De amigos, e parentes na defeza
Tentou furtivamente a sociedade,
E como a pedra a estatua de Nabuco,
O Belga derribou de Pernambuco.

Nomeou cabos, tropas, companhias,
Pediu soccorros, e invocou prudente,
Expondo do Hollandez as tyrannias
O governo Brazilico potente:

Avisa sem demora Henrique Dias,
Capitão dos Ethiopes valente,
E o forte Camarão, que em guerra tanta,
Com os seus Carijós o Belga espanta.

Ouve o Hollandez com susto o movimento;
E querendo opprimir nascente a chamma,
Com dous mil homens prevenia attento
A nova guerra, que o Vieira inflamma:
Deixára o Luso chefe o alojamento,
E os Belgas, que á cilada occulto chama,
Empenhou de um lugar nas duras rocas,
A que o monte chamaram das Tabocas.

Entre arbustos, e canas de improviso
Dispara o Luso sobre a incauta gente;
E precedendo o damno antes do aviso,
Disbarata o Hollandez com furia ardente:
Suspende a marcha o Batavo indeciso,
E sem ver o inimigo, o golpe sente,
Até que vendo o estrago dos soldados,
Cedem o campo e fogem destroçados.

Hollanda era potente, e o Luso afflicto,
Onde enchendo Lisboa de ameaças,
Por ter noticia do infeliz conflicto,
Meditava ao Brazil novas desgraças:
Mas por guardar os seus o Rei invicto,
Dispoz piedoso das provincias lassas,
Providencias, que á paz chamar podessem
O tumulto, em que os nossos permanecem.

Vão com dous regimentos destacados
O Moreno, e Negreiros da Bahia
A dar paz (se é possível) destinados
Na guerra, que o Vieira então movia:

Viram veigas, e campos abrazados,
E o colono infeliz, que parecia,
Com lastima da tropa, que observára,
Todo o estrago, que o Belga alli causára.

Avistado o Negreiros, e o Vieira,
Venho (disse o primeiro) a prisão dar-vos,
Por haver provocado a ira estrangeira
A uma guerra, que acabe de assolar-vos :
É justo que eu tambem prender-vos queira,
Mas será (disse o heróe) com abraçar-vos ;
E assim dizendo, alegre move o passo,
E os dous recebe com festivo abraço.

Outro tanto fazia a tropa unida
Ao invicto esquadrão pernambucano :
E applaudindo a victoria conseguida,
Detestam do Hollandez o enorme engano :
Nem muito tarda a gente fementida,
Que não abraze a esquadra ao Lusitano,
Onde embarcado pela paz chegára,
Como o Batavo proprio o convidára.

Ouvem-se em tanto os miseros clamores
De turba femenina, que invocava
O soccorro dos seus libertadores
Contra o Belga cruel, que as captivava :
Mais não cessa o Vieira, e sem rumores
O engenho, aonde incauto descançava
O Belga general cercado, bate,
E rendendo-o á prisão, vence o combate.

Henrique Hus do Arrecife commandante
Era o cabo dos Belgas prisioneiro,
Blac rendido tambem, chefe importante,
Subalterno nas armas do primeiro :

Foge do Luso o Batavo arrogante,
Espalhando os fuzis no grão terreiro,
E a chamma teme, que no horrendo empenho
Lançava o Vieira pelo vasto engenho.

Com fama de victoria tão brilhante
Toma as armas a plebe, e o Belga invade,
Serinhaem tomou, Villa possante,
O partido commum da liberdade:
Segue Iramaracá com fé constante,
Porto Calvo, e os contornos da cidade,
Deixando no Arrecife sem remedio,
Encerrado o Hollandez com duro assedio.

Mas não cessa na Hollanda a companhia,
E ao numeroso exercito, que ordena,
Sigismundo Van-Scop por chefe envia,
Munido em guerra de potencia plena:
Do esperto general, que desconfia
O premio ao valeroso, ao fraco a pena,
E emprehendendo com forças o combate,
O inimigo Vieira ou prenda, ou mate.

Abordando o Arrecife então cercado,
A inercia dos seus chefes reprehende,
Nem muito tarda, que no campo armado,
Não saia a Olinda, que expugnar emprende:
Em assalto a accommette duplicado,
E a brava tropa, que ao presidio attende,
Com tanto alento o Batavo rechaça,
Que ferido Van-Scop se acolhe á praça.

Sem que desista da passada instancia,
Tenta de novo a empreza da Bahia;
Mas notando nos Lusos a constancia,
Que injuria do poder lhe parecia:

Consome do Reconcavo a abundancia
Com frequentes sortidas, que emprendia :
E porque cresça na cidade o tédio,
Occupa Taparica, e põe-lhe o assedio.

Telles em tanto, que expulsar pretende,
Sem igual força o Batavo contrario,
Contra o commum conselho o ataque emprende,
E tudo expõe no impulso temerario :
Mas vendo o Luso Rei, que a nada attende,
O Belga nos seus pactos sempre vario,
Manda armada ao Brazil, que poderosa
A batava nação dome orgulhosa.

Teme o golpe Van-Scop, e desampara,
Por guardar o Arrecife, Taparica,
Antevendo que a esquadra se prepara
Contra a praça, que auxilio lhe supplica :
Barreto de Menezes, que chegára
De novo general patente indica,
E em Pernambuco sublimado ao mando,
Com prudencia e valor foi governando.

Nove mil homens, tropa valerosa,
E com frequentes palmas veterana,
Manda o Batava a empreza perigosa,
Que a guerra ponha fim Pernambucana :
Occupa o mar armada poderosa :
E dominando a praia Americana,
Usurpa em mar, e terra alto dominio,
Ameaçando dos Lusos o exterminio.

Põe-se em campanha o Batavo terrivel,
Com sete mil de veterana tropa,
Vão densos bandos de gentio horrivel,
Com destro gastador vindo da Europa :

E estimando a potencia irresistivel,
Cede ao Belga a Barreto, e quanto topa,
Em quanto em defensiva o Luso fica,
E o campo contra o Belga fortifica.

Sigismundo porém, que os bastimentos
Em Moribeca assegurar procura,
Disponha alli tomar alojamentos,
Estimando a victoria já segura:
Mas Barreto, e Vieira a tudo attentos,
Na justiça, que a causa lhe assegura,
Confiam que na empreza o Ceo lhe valha,
E tudo vão dispendo a uma batalha.

Nem com tanto poder Van-Scop recusa,
Dicidir n'uma acção toda a contenda,
Antevendo, se a perde a gente Lusa,
Que outra força não tem que a guerra emprenda;
E já na marcha a multidão confusa,
A acção começa pelo fogo horrenda,
E turbando dos Belgas toda a fórma,
Combatem com valor, porém sem norma.

Nos montes Guararapes se alojava
Formado o Portuguez, que o Belga espera;
E a ascaramuça, que emprendêra brava,
Traz o sitio o Hollandez, que adverso lhe era:
Desde alto monte o Luso fogo obrava,
Com ruina dos Batavos tão fera,
Que ou seja ao lado, ou na espaçosa frente,
Se cobrio de cadaveres o monte.

Reune os batalhões Van-Scop irado,
E á frente com valor da linha posto,
Tenta desalojar do alto occupado
O invicto Camarão, que lhe faz rosto:

Mas com chuva de balas rechaçado,
Perde tres vezes o ganhado posto;
E já ferido com mil mortos cede,
Em vil fuga, que a noite lhe concede.

Noventa dos seus perde o Lusitano;
E enquanto o Belga se retira incerto,
Descobre a aurora todo o monte, e plano
De bandeiras, canhões, e armas coberto:
Muitos alli do Batavo tyranno,
Perdidos pela noite em campo aberto,
Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
Nas mãos da nossa tropa prisioneiros.

Horrorisa-se a Hollanda, pasma Europa,
Exulta Portugal, canta a Bahia,
Vendo-se triumphar tão pouca tropa
Da terrivel potencia, que a invadia:
Nada de humano o pensamento topa,
Que em tudo a mão de Deus clara se via,
Pois sempre elege para os seus portentos
Os mais fracos e humildes instrumentos.

Tinha exhausta a ambição, mas não cançada
A cubiçosa Hollanda em tal conquista;
E para novo empenho aparelhada,
Escolhe os capitães, e a gente alista:
Mas do Britanno ás armas provocada,
Sobre interesse que mais alto avista,
Suspende o influxo na famosa empreza.
Deixando em Pernambuco a guerra aceza.

Brinc a este tempo, coronel valente,
Impetra de Van-Scop tropa luzida,
Com petrechos, e numero potente,
Que em batalha cruel tudo decida;

Cinco mil homens de escolhida gente,
De canhões e petrechos guarneçada,
Põe no campo assombrado da potencia,
Igualando o valor co'a diligencia.

Com dous mil e seiscentos veteranos
Fez-lhe frente Barreto, e o Belga invade,
Correm de toda a parte os Lusitanos
A sustentar a Patria liberdade:
Aloja o Luso sobre os mesmos planos,
Onde fôra a passada mortandade ;
O Belga na montanha se distingue,
Um que o estrago renove, outro que o vingue.

Mas Brinc a tudo attento desde o cume
Com pericia guerreira occupa o monte,
Onde seguindo o militar costume,
Dá fórma á retaguarda, e ordena a frente :
Nem tão ousado o Portuguez presume,
Que em vantajoso posto o Belga affronte,
Esperando a occasião dalli opportuna,
De poder atacar com mais fortuna.

Reconhece Barreto o sitio e fórma ;
E vendo o ardor da Lusitana gente,
Que, habil no passo, da subida o informa,
Faz que o bravo Vieira ataque ardente :
E cubrindo a invasão com sábia norma,
Com o fogo protege o assalto ingente,
Até que por mil casos duvidosos,
Vê sobre o monte os campeões briosos.

Nova batalha alli com fogo vivo
Move impavido o Belga, e firme insiste ;
E por mais que o Vieira invada activo,
Onde um corpo vacilla, outro resiste :

Tal ha que ainda combate semivivo,
Tal que cadaver já na morte triste,
A terra morde, e em raiva enfurecida,
Blasfemando do céu, despede a vida.

A toda a parte vôa o grão Barreto,
E um anima, outro ajuda, outros exhorta:
E excitando no Luso patrio affecto,
Incita o forte, o invalido conforta:
Bramava o fero Brinc em sangue infeto,
Entre a Batava turba oppressa, e morta,
Assalta horrendo um batalhão potente,
E outros reprime com ferocia ardente.

Mas o invencivel Camarão, que o nota
Um forte troço de reserva abala;
E suspendendo a misera derrota,
Lança o Belga por terra de uma bala:
Logo o almirante da soberba frota,
Vendo invalido Brinc cahir sem falla,
Occupa o mando, que já vago estima,
E o Batavo á peleija altivo ánima.

Não soffre Henrique Dias, que observava
Do novo chefe a intimação constante:
E de um tiro, que fero lhe apontava,
Derriba morto o intrepido almirante:
Sem commandante o Belga trepidava,
E de um e de outro lado vacillante,
Uma vil fuga tímido declara,
E o campo com desordem desampara.

O estandarte soberbo dos estados,
Tendas, peças, bandeiras numerosas,
Mil e tresentos mortos numerados,
Prisioneiros, bagagens preciosas:

Muitos centos na fuga degollados,
A caixa militar, armas custosas,
Foram nesta occasião de tanta gloria
O merecido premio da victoria.

Cinge o Arrecife de um assedio estreito
Com prompta cura o chefe Lusitano;
Mas tendo longa guerra o Belga feito,
Era continuo sim, mas mutuo o damno :
Até que Jacques ao commando eleito
No campo se avistou Pernambucano,
Conduzindo em fortuita derrota
Para o Luso commercio a usada frota.

Por mar, e terra sitiada a praça,
Depois do longo assedio de nove annos,
Com mil desastres fatigada e lassa,
Cedeu todo o Brazil aos Lusitanos :
Mercê clara do céo, patente graça,
Que a tão poucos, e mizeros paisanos
Cedesse uma nação, que enchia em guerra,
De armadas todo o mar, de espanto a terra.

A TOMADA DE VILLAGALHON

Cavalheiro de Malta, e Franco nobre
Era Villagalhon de forte peito,
Soldado antigo, que o valor descobre,
E entre os Hugnotes do maior respeito :
De mil promessas o partido cobre,
Havendo-o a empreza do Brazil eleito ;
E abonada de um chefe de esperanza,
Dá-lhe a mão a heresia em toda a França.

Este vi navegando a Cabo-Frio,
Seguido de outras náos a forte empreza ;
E que tratando affavel co'gentio,
Explorava do sitio a natureza ;
Mostrava aos naturaes animo pio ;
E arguindo-lho a gente Portugueza,
Induz a nação bruta a que lhe assista
Na empreza do commercio, e da conquista.

Voltou a França o cabo diligente,
Tendo de ricas drogas carregado,
E convocando ás náos armada gente,
Torna de turba ingente acompanhado:
Nem tarda do sertão cópia potente
De um povo, que nas armas alliado,
Por amigo estimava, mais sincero,
Menos inculto sim, porém mais fero.

Alli Villagalhon, que o troço aloja,
Ás gentes do sertão se confedera ;
E toda a costa a dominar se arroja,
De donde os nossos expulsar já espera :
Do seu commercio o Portuguez despoja,
Na fertil Parahyba, em que util era ;
Nem ha na costa do Brazil enseada,
Que o Hugonote não tenha bloqueada.

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
Tres náos, que em guerra cuidadoso armára,
Com oito de commercio tem consigo,
Além das que em soccorro convocára :
E por ter força igual ás do inimigo,
Sobre longas canôas, que ajuntára,
Guia contra os Tamoios prepotentes
Do bravo Carijó turmas valentes.

Nhighe-teroi se chama a vasta enseada,
Que estreita boca, como barro encerra,
Fechando em vasto porto á grande armada
Um lago, que em redondo cinge a terra:
Vê-se ilha penhascosa sobre a entrada,
Com fortaleza, que disposta em guerra,
Por boca dos canhões rumor fazendo,
Fechava a barra ao valeroso Mendo.

Era a ilha de rochas guarnecida,
Que em torno tem por natural muralha,
D'onde a força das balas rebatida,
Faz inutil dos Lusos a batalha:
Tres dias foi dos nossos combatida,
Sem que o fogo incessante aos nossos valha,
Até que fatigado o invicto Mendo,
Invade á escala vista o forte horrendo.

Entre as frechas, e balas destemido
Na penha o Portuguez trepando salta;
E deixando o Francez esmorecido,
Degolla, mata, fere, invade, e assalta;
Nem do antigo valor cede esquecido
O Francez animoso, até que falta
De sangue a brava gente na contenda,
Faz a perda, e cansaço que a ilha renda.

Nem mais demora teve o invicto Mendo
Ao ver a gente adversa dissipada,
E a excelsa fortaleza desfazendo,
A costa visitou na forte armada:
E tudo ao nome seu sujeito havendo,
Á Bahia tornou, que illuminada
Entre o som do clarim, e alegre trompa,
Em triumpho a Mendo recebeu com pompa.

Mas a facção do Hugnote enfurecida
Villagalhon potente ao Brazil manda,
Que a ilha recobrando já perdida,
Guerra intenta fazer por toda a banda :
Vê-se a nossa marinha combatida,
E a forte esquadra, que o Francez commanda,
Dominante no Oceano por modo,
Que impedia o commercio ao Brazil todo.

Mais não tolera a Lusa Monarchia,
Que ao rei christianissimo adherente,
Contra a rebelde heretica porfia,
Armada põe na America potente :
Chefe Estacio de Sá prudente envia,
De válidos galeões com forte gente,
Que o herege expulsando da enseada,
Deixe nova cidade alli fundada.

Obsequioso abraçava o claro Mendo
O valeroso chefe seu conjunto,
Às forças da Bahia unido tendo
As que trouxera sobre o mesmo assumpto :
Contra os esforços do Tamoio horrendo
Accommette o rebelde em liga junto,
Incorporando á armada Lusitana
Vasto esquadrão da turba Americana.

Chama-se Pão de Assucar o penedo,
Em pyramide ás nuvens levantado,
Onde de um salto tinha já sem medo
A turba militar desembarcado :
Nadava pelo mar vasto arvoredó
Do gentio em canôas habitado ;
E do ardente Francez luzida tropa,
Que habil n'arte de guerra fez a Europa.

Destes o luso campo accommettido
De dardos, fréchas, balas se embaraça,
Em sombra o seio todo escurecido,
As náos occultam nuvens de fumaça:
E ao echo dos canhões entre o ruído,
Tudo está cego, e surdo em campo e praça;
E no horrivel relampago das peças
Cahem por terra os bustos sem cabeças.

Voam as náos de chammas occupadas,
Enchendo a enseada do infernal estrondo,
As canôas dos nossos abordadas,
E os galeões que em linha se vão pondo:
Os golpes, que retinem das espadas,
O golpho, que arde em chammas em redondo,
Eram na terra, e mar em sangue tinto
Um abysmo, um inferno, um labyrintho.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
Dura a batalha com commum perigo,
Cessando o impulso do contrario fogo,
Todo o estrago apparece do inimigo:
Tinha cedido da contenda logo
Receioso o Tamoyo do castigo;
E os Francezes, que as náos mal sustentavam,
Entre as penhas o asylo procuravam.

Não cessa o bravo Sá contra o gentio,
E a forte tropa pelo matto avança;
Porque abatendo o orgulho, e insano brio,
Se apartasse o sertão da infame alliança;
Nem receia o Tamoyo o desafio,
Tendo no seu valor tanta confiança,
Que fugindo da aldêa ao matto, e gruta,
A liberdade ao Portuguez disputa.

Era aspero o combate, e lenta a guerra,
E sem effeito o assedio ao Francez posto ;
E o barbaro, embrenhado dentro a terra,
Tinha emboscada ao Portuguez disposto :
Mendo, que n'alma o grão cuidado encerra,
Tendo de Estacio soccorrer proposto,
Faz levas, busca náos, e a gente incita,
E em auxilio dos seus partir medita.

Já dobra o frio Cabo a esquadra ingente,
E á vista do penhasco lança a amarra,
Pasma o rebelde, vendo a armada á frente
Occupar numerosa e estreita barra :
Une-se a frota alli da Lusa gente,
E os mutuos casos vanglorioso narra,
Irmão a irmão, e o filho ao pai, festivo
Por ter chegado são, e achal-o vivo.

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo ;
E por festiva salva estrepitosa,
Faz que vomite o bronze o fogo horrendo,
Contra a ilha, que avistam penhascosa :
E largamente consultado havendo
Os dous chefes da empreza gloriosa,
Contra o penedo tentam no mais alto,
A peito descoberto, um fero assalto.

Vêm-se entre as penhas formidaveis bocas
De canhões, e mosquetes trovejando ;
E nas quebradas espantosas rocas
Do barbaro Tamoio o immenso bando :
Muitos alli das asperas barrocas
Vão os nossos fuzís précipitando,
Outros da rota penha em meio ás gretas,
Cobriam contra nós todo o ar de settas.

Não cessava o rebelde bellicoso
Com vivo fogo o assalto rebatendo,
Emquanto sobe o Luso valeroso,
Trepando em furia no penedo horrendo ;
Quem no meio do impulso impetuoso,
Cahe na ruina o proximo envolvendo,
Quem ferido da frécha, ou veloz bala,
Do mais alto da penha ao mar resvala.

Todo o penhasco em fogo se fundia,
Emquanto o mar em roda em chammas ferve,
Entre o fracção, e fumo que sahia,
De nada o ouvido vale, e a vista serve :
A terra toda em roda estremecia ;
E sem que a agua do incendio se preserve,
Parecia ferver do fogo insano,
Escondendo a cabeça o padre oceano.

Qual do Vesuvio a boca pavorosa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuosa
Parte do vasto monte involta em chamma :
A cinza cobre o céu caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal espantado, e tremebundo,
Crê que o céu caia, e que se funda o mundo.

Tal de Villagalhon na penha dura,
Do horrífico trovão freme a tormenta,
E a chamma entre a fumaça horrenda, e escura
Do infernal lago as furnas representa :
Porém do proprio fumo na espessura
A pontaria, que o rebelde intenta,
Evita o Portuguez, que ataca incerto
A escala vista, e a peito descoberto.

E já no grão penedo tremulavam
As Lusas quinas pelo forte Estacio,
E as lises do penhasco se arrancavam,
Donde a Villagalhon se ergue um palacio:
Pela roca os Tamoios se arrojavam,
E o valor Luso dando inveja ao Lacio,
A guarnição Franceza investe á espada,
E obriga em duro choque á retirada.

O valente Francez, que a bellica arte
Já com valor na Europa professára,
O peito á fuga oppõe por toda a parte,
E faz que volte o fugitivo a cara:
E vendo Estacio só junto ao estandarte,
Que por chefe dos Lusos se declara,
Cuida de um golpe terminar a empreza
No general da gente Portugueza.

Não desfallece o capitão valente;
E de um, e de outro lado accommettido,
Rebate as balas sobre o escudo ingente,
E arroja-se ao rebelde enfurecido:
Lebrun despoja do mosquete ardente,
Com que muitos de um golpe tem ferido,
Outros do ingreme posto ao mar despenha,
E alguns expulsa da soberba penha.

E já fugia a timida caterva,
Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
D'onde a viseira descoberta observa,
Lhe aponta desde logo ardente bala.
Cahindo o heróe na espada, que conserva,
Adora humilde a cruz, e perde a falla:
Banha-se em sangue o chão, e em tanta gloria
Regada a terra produzio victoria.

Porque enquanto em seguil-o divertido,
Abandona o Francez a fortaleza,
Tinha parte do exercito subido,
A dar fim com victoria á forte empreza:
Admira Mendo o braço esclarecido;
E bem que do sobrinho o valor preza,
No juvenil ardor notou magoado
O tomar chefe as partes de soldado.

A patria (o nobre Sá diz lagrimando)
Victima irás da fé, da liberdade,
Vigor no sangue heroico á terra dando,
D'onde se erga immortal nova cidade:
O caso acerbo aos posteros contando
Tenham seus cidadãos da heroicidade
Clara lição no fundador primeiro,
Gloria eterna do Rio de Janeiro.

Tal nome deu á enseada no recordo
Do mez, que illustre foi por caso tanto,
E á cidade deixou com justo accordo
A clara invocação de um martyr santo:
E havendo as tropas recolhido a bordo,
Descançadas do bellico quebranto,
Faz immortaes no tempo transitorio
Os Corrêas, e Sás no novo emporio.

JOSÉ BASILIO DA GAMA

QUITUBIA

POEMA

Faceia pompa d' Eros L' Africa ancora.

METASTASIO.

Tu, deusa de cem bocas, que nos pintas
 As ondas do Mar Negro em sangue tintas,
 E o Niester incerto, e irresoluto
 (1) Sem saber a quem pague o seu tributo,
 Eterto assumpto de doiradas liras ;
 Agora que dos reis (2) dormem as iras,
 Teus olhos sobre a escura Africa estende ;
 Depois alada deusa, os ares fende,
 E entoa em som de barbara trombeta,
 O forte capitão da (3) guerra preta.
 Esforçado (4) Quitubia, o Tejo sabe
 Quanto valor dentro em teu peito cabe.
 Herdaste de teu pai o nome, e o brio,
 Que foi terror do perfido gentio :
 Fez-lhe sentir da nossa espada o peso ;
 E levando nas mãos o raio aceso
 (5) Queimou a côrte da (6) feroz rainha

(1) Foi escripto no mez de Novembro de 1791.

(2) A Paz Geral.

(3) Este é o seu posto, e assim se intitula.

(4) É o seu nome de guerra : quer dizer fogo : e seu nome de baptismo Domingos Ferreira da Assumpção. Assim mesmo se chamou seu pai, que governou o presidio de Ambaca. E o mesmo nome teve já seu avô, que depois de obrar proezas na guerra, foi o primeiro da sua côr, que disse missa no presidio das Pedras.

(5) Nas guerras, em serviço da corôa, contra a Rainha Ginga sua tia. E obrigou-a a retirar-se, e passar para a outra parte do Rio Vhamba, e a pedir paz em 1744.

(6) A Rainha avô desta chama-se D. Veronica ; mas o seu nome é D. Benguc.

Mas tu ganhaste, além dos que ella tinha
 Novo direito á immortalidade :
 É teu brazão a tua lealdade.
 O titulo, que tens, deu-te a victoria :
 C'o teu sangue compraste a tua gloria,
 Que ainda que essa côr escura o encobre,
 Verteste-o por teu rei ; é sangue nobre.
 (7) Em vão o pai te quiz ás letras dado :
 Estava o bravo (8) Encogy acastellado
 No fragoso rochedo ao céu vizinho,
 Qual aguia pendurada do seu ninho ;
 Quando a coragem, que teu peito encerra,
 Gritou a teus ouvidos guerra, guerra.
 Fugiste á paz, correstes aos inimigos ;
 Foste buscar a gloria entre os perigos :
 Nem tornaste sem ver sobre ruínas
 Tremular na alta pedra as lusas quinas,
 Depois atravessando o negro mundo
 Duas vezes de incognito Balundo
 O sertão penetraste valoroso :
 Lá é que nasce o (9) Gangu tortuoso,
 Que desce até perder no (10) Cuanza o nome,
 Aonde o (11) crocodillo os pretos come.
 Tentaste então, em guerra trabalhosa,
 A barbara Quiçama sequiosa ;
 Terra vil de tostados horizontes,
 A quem negou o céu rios, e fontes :

(7) Na sua mocidade applicou-se aos estudos na capital de São Paulo de Loanda: mas apenas se preparou a primeira expedição, deixou os livros, e foi guerrear.

(8) Potentado, a quem conquistámos a pedra, ou serra, que conserva o seu nome. Hoje é bom vassallo da corôa com outros dous potentados seus vizinhos, o Ambuella, e o Ambuila.

(9) Rio, que vem do Sertão de Benguella.

(10) Rio bem conhecido, que entra no mar ao Sul da Capital de Angola.

(11) Gandu na lingua do paiz.

Mas no ventre das ⁽¹²⁾ arvores sombrias
 Resguardam do calor as agoas frias
 Da chuva, com que mal se apaga a sede,
 Que a ti, e aos teus ir mais avante impede,
 Apenas da fadiga descansado,
 Para diversa empreza nomeado,
 A estrada do valor de novo trilhas :
 Lá te vejo abraçar as ferteis ⁽¹³⁾ ilhas,
 Que a Cuanza em torno serpeando lava :
 Que inda que as defendia gente brava,
 Evitar não poderam a ruina,
 Que a dura lei da guerra lhes destina.
 Já passavas os dias em secego,
 Quando os réos Dembos, com orgulho cêgo,
 Rompem a guerra : a guarda retrocede ;
 E soccorro, e vingança a um tempo pede.
 O grande general te chama, e ordena
 Que os Dembos desleaes paguem a pena,
 Tu levantaste a voz, e o braço invicto :
 Conheceram os povos o teu grito ;
 Longe de si o vil terror sacodem :
 Os valentes de Ambaça á guerra acodem ;
⁽¹⁴⁾ Ambaça, que teu pai regeo um dia ;
 Que réga da Lucalla a enchente fria :
 Pelas margens cobertas de palmeiras
 Vem terçando a azagaya as mãos guerreiras
 Arma os valentes seus com igual brio
 Combambe ao longø do espraçado rio,

⁽¹²⁾ Estas arvores chamam-se Embondeiros; algumas são tão cor-pulentas, que doze homens não as abraçam. A casca é grosseira, e dura; o resto é tão brando, que com facilidade, e com qualquer instrumento se deixa cavar. Os negros fazem-lhe uma abertura pelo alto, e entrando dentro, lhe extrahem por alli todo o interior, naquella vasta cisterna depositam toda a agua, que podem recolher da chuva; que deste modo conservam fresca, e saudavel, nem ha outra no paiz: a vegetação não só não padece, mas prospera, e a arvore cobre-se toda de folhas, de flores, e de fructos, que se assemelham a confeitos.

⁽¹³⁾ Pertencente á rainha Ginga.

⁽¹⁴⁾ Rio, que vem das terras da Rainha, e entra na Guanza.

Que cercam verdes, debruçados ramos ;
 Largo passeio dos ⁽¹⁵⁾ hipopotamos.
 Já d'entre tanto arco, e frexa tanta,
 O mancebo ⁽¹⁶⁾ cabôco se adianta ;
 O valor pelos annos não espera :
 É timido inda mais que brava féra,
 E é seu direito, em que ninguem o iguala,
 Ser quem primeiro exponha o peito á bala.
 O Bengo, que se humilha ao gram tridente,
 Da arenosa Loanda a praia ardente ;
 Massangano, que a ⁽¹⁷⁾ prumo o sol recebe,
 E que da Cuanza, e na Lucalla bebe ;
 Todos á causa publica concorrem ;
 E Moxima, e Calumbo ás armas correm,
 Já perdido de vista o patrio ⁽¹⁸⁾ Pungo,
 Cortavas as campinas de Colungo ;
 Já longe estava a gente valorosa ;
 Quando instruido em guerra cavilosa,
 Com temerario pé pizando as raias
 O ⁽¹⁹⁾ Mossulo c'os seus, cobrem as praias,
 E a capital assustam, pondo logo
 Toda a margem do Bengo a ferro, e fogo.
 O impavido barão, que tanto póde,
 Arma o resto da gente, e a tudo acóde,
 Tu passas sem que a nobre ira se abrande,
 O turvo Zenza : o emaranhado Dande ;
 E vencedor dos asperos caminhos,

⁽¹⁵⁾ Na lingua do paiz Guvo.

⁽¹⁶⁾ Souva Moço, que mostrou muito valor na guerra.

⁽¹⁷⁾ Esta phraze em rigor não designa só Massangano : mas poeticamente exprime o effeito do calor, que é alli tão intenso, que succede muitas vezes incendiarem-se os tectos. Os moradores, em certos tempos tem sempre agua sobre elles.

⁽¹⁸⁾ Pedra mais alta que as outras, que se deixa ver de uma grande distancia. O primeiro capitão mór das Pedras, posto por Sua Magestade, foi Simão Dias.

⁽¹⁹⁾ O Dembo, que se propôz fazer diversão, e atacar a Capital ; e que se chegou para nós ao longo do mar até ao Bengo ; intitula-se Marquez de Mossulo.

Lhes vás fazer a guerra nos seus ninhos.
Nen ⁽²⁰⁾ os rebeldes Dembos te esperaram,
Que as casas com a presa abandonaram.
Um frio susto o peito lhes congela,
Vendo diante a morte, e a causa della.
A vida vão salvar nas suas brenhas ;
Outros se acolhem ás nativas penhas ;
Cahe a idade innocente, a curva idade :
Ah que eu sinto gemer a humanidade !
Põe de balde a razão á ira o freio,
Correndo vai a mãi c'o filho ao seio :
Não vê o precipicio, e o tem diante.
Tu ordenas, e ficam n'um instante
Os fructiferos troncos escachados ;
Os toscos edificios arrazados ;
E em severo castigo de seu erro
Devora a chamma o que escapou ao ferro ;
Com o exemplo aterrada a infiel gente,
E Africa assim ⁽²¹⁾ submissa, e obediente,

URUGUAY

POEMA

MORTE DE LINDOYA

Pisaram ⁽¹⁾ finalmente os altos riscos
De escelvada montanha, que os infernos
Co'o peso opprime, e a testa altiva esconde
Na região, que não perturba o vento.
Qual vê quem foge á terra, pouco a pouco

⁽²⁰⁾ Foram o Quinguengo, e o Nabua Angongo, ambos d'além do Dande.

⁽²¹⁾ O capitão mór da guerra preta, que ficou na ausencia do valoroso Quitubia, é Luiz Gonçalves Vaz, seu discipulo na arte da guerra, e que faz honra ao mestre ; sem ter a estatura do primeiro, tem todo o seu valor, como bem mostrou no caminho Encogy.

⁽¹⁾ As tropas de Andrada.

Ir crescendo o horisonte, que se encurva,
Até que com os céos o mar confina,
Nem tem á vista mais que o ar, e as ondas:
Assim quem olha do escarpado cume
Não vê mais do que o céu, que o mais lhe encobre
A tarda e fria nevoa, escura e densa.
Mas quando o sol de lá do eterno, e fixo
Purpureo encosto do dourado assento,
Co'a creadora mão desfaz, e corre
O véo cinzento de ondeadas nuvens,
Que alegre scena para os olhos! Podem
D'aquella altura, por espaço immenso,
Vêr as longas campinas retalhadas
De tremulos ribeiros; claras fontes,
E lagos crystallinos, onde molha
As leves azas o lascivo vento;
Engraçados outeiros, fundos valles,
E arvoredos copados, e confusos,
Verde theatro, onde admira quanto
Produzio a superflua natureza.
A terra soffredora de cultura
Mostra o rasgado seio; e as varias plantas
Dando as mãos entre si, tecem compridas
Ruas, por onde a vista saudosa
Se estende, e perde. O vagaroso gado
Mal se ouve no campo, e se divisam
Por entre as sombras de verdura, ao longe
As casas branquejando, e os altos Templos.
Ajuntavam-se os Indios, entretanto
No lugar mais visinho, onde o bom Padre
Queria dar Lindoya por esposa
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto,
E a regia autoridade de Cacambo.
Estão patentes as douradas portas
Do grande Templo, e na visinha praça
Se vão dispondo de uma, e de outra banda

As vistosas esquadras diferentes.
Co'a chata frente de urucú tingida
Vinha o Indio Kobbé disforme, e feio,
Que sustenta nas mãos pesada maça
Com que abate no campo os inimigos
Como abate a seára o rijo vento,
Traz consigo os selvagens da montanha,
Que comem os seus mortos; nem consentem
Que jámais lhes esconda a dura terra
No seu avaro seio o frio corpo
Do doce pai, ou suspirado amigo.
Foi o segundo, que de si fez mostra,
O mancebo Pindó, que succedera
Á Cepé no lugar: inda em memoria
Do não vingado irmão, que tanto amava,
Leva negros pennachos na cabeça,
São vermelhas as outras pennas todas,
Côr, que Cepé usava sempre em guerra.
Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam,
E que tem por injuria morrer velhos.
Segue-se Caitutú de regio sangue,
E de Lindoya irmão. Não muito fortes
São os que elle conduz, mas são tão destros
No exercicio da frecha, que arrebatam
Ao verde papagaio o curvo bico,
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
O peixe prateado está seguro
No profundo ribeiro. Vinham logo
Alegres Guaranís de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.
Pennas da côr do Céu trazem vestidas,
Com cintas amarellas: e Baldetta
Desvanecido a bella esquadra ordena
No seu Jardim (*) ; até o meio lança

(*) Nome do cavallo que montava Baldetta

Pintado de vermelho, e a testa, e o corpo
Todo coberto de amarellas plumas.
Pendente a rica espada de Cacambo,
E pelos peitos ao travez lançada
Por cima do hombro esquerdo a verde faxa,
De d'onde ao lado opposto a aljava desce.
N'um cavallo da côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro
Tatú-Guaçú feroz, e vem guiando
Tropel confuso de cavallaria,
Que combate desordenadamente.
Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem
Pelles de monstros os seguros peitos.
Revia-se em Baldetta o santo Padre;
E fazendo profunda reverencia,
Fóra da grande porta, recebia
O esperado Tadeo activo, e prompto,
A quem acompanhava vagaroso
Com as chaves no cinto o irmão Patusca,
De pesada, enormissima barriga.
Jámais a este o som da dura guerra
Tinha tirado as horas do descanso.
De indulgente moral, e brando peito,
Que penetrado na fraqueza humana
Soffre em paz as delicias d'esta vida,
Taes, e quaes nol-as dão. Gosta das cousas,
Porque gosta, e contenta-se do effeito,
E nem sabe, e nem quer saber as causas.
Ainda que talvez, em falta d'outro,
Com grosseiras acções o povo exhorte,
Gritando sempre, e sempre repetindo,
Que do bom pai Adão a triste raça
Por degrãos degenera, e que este mundo
Peiorando envelhece. Não faltava,
Para se dar principio á estranha festa,
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam

Todas de brancas pennas revestidas
 Festões de flores as gentis donzellas.
 Cançados de esperar, ao seu retiro
 Vão muitos impacientes a buscal-a.
 Estes da crespia Tanajura aprendem
 Que entrara no jardim triste e chorosa,
 Sem consentir que alguém a acompanhasse,
 Um frio susto corre pelas veias
 De Caitutú, que deixa os seus no campo,
 E a irmã por entre as sombras do arvoredo,
 Busca co'a vista, e teme de encontral-a.
 Entram emfim na mais remota, e interna
 Parte do antigo bosque, escuro e negro,
 Onde ao pé de uma lapa cavernosa
 Cobre uma rouca fonte, que murmura,
 Curva latada de jasmins e rosas.
 Este logar delicioso e triste,
 Cançada de viver, tinha escolhido
 Para morrer a misera Lindoya.
 Lá reclinada, como que dormia,
 Na branda relva, e nas mimosas flores,
 Tinha a face na mão, e a mão no tronco
 De um funebre cypreste, que espalhava
 Melancolica sombra. Mais de perto
 Descobrem que se enrola no seu corpo
 Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
 Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
 Fogem de a ver assim sobresaltados
 E param cheios de temor ao longe;
 E nem se atrevem a chamal-a, e temem
 Que desperte assustada, e irrite o monstro,
 E fuja, e appresse no fugir a morte.
 Porém o destro Caitutú, que treme
 Do perigo da irmã, sem mais demora
 Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
 Soltar o tiro, e vacillou tres vezes

Entre a ira e o temor. Emfim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a boca e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos gyros
Se enrosca no cypreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece, com que dôr! no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte; e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento, e aos écos tantas vezes
Contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado
O alheio crime, e a voluntaria morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!

DOMINGOS VIDAL BARBOSA

ODE

Ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza

I

Brilhante luz, que me transporta, admiro!
Sinto em meu peito estranho movimento!
Que doce encanto! Novo ar respiro!
 Já oiço no alto assento
A aurea Trompa da deosa verdadeira
D'altas acções eterna pregoeira.

II

O' Musa, de Luiz a gloria canto;
Prende-se a voz no rude e fraco peito,
Palpita o coração cheio de espanto,
 E cheio de respeito:
Pois com tremula mão a lyra afino,
Desça á inflamar-me o teu furor divino.

III

Eu vejo suspendida sobre os ares
A grande tocha da immortal Verdade!
Santa Innocencia, vejo os teus alteres
 Isento de maldade!
Entre dourada nuvem luminosa
Alegre desce Astréa magestosa.

IV

A Justiça levanta o braço irado,
Açoita os monstros, que o mortal veneno
Vomitam co'a desordem misturado;
O justo céu sereno
Abre com larga mão rico thesouro,
E manda por Luiz a idade d'ouro.

V

A deshonra, e o adulterio enfurecidos
Por terra vendo o seu antigo imperio,
Da candida Justiça perseguidos
Buscam outro hemispherio:
As leves negras azas desferindo
Quaes timidas do Açor pombas fugindo.

VI

A paz, a doce paz, terna e ditosa,
Por entre nós voando diligente,
Co' alegre manto cobre carinhosa
O justo, e o innocente:
Já vemos o que o Fado promettia,
Dias de gosto, dias de alegria.

VII

Se não vemos desfeitos fortes muros
Aos tristes éccos do terrivel Marte
Entre globos de fumo altos e escuros;
Vemos engenho e arte,
Que podem espalhar por toda a terra
Gloria na paz, nome immortal na guerra.

VIII

O irado Tempo, que ancioso v^õa
N'alta carroça, que com pressa gyra,
Veloz o quente eixo fuma e soa,
 Parando cheio d'ira,
A rouca voz soltou vociferando,
Da bocca pelos cantos escumando:

IX

Do infallivel Destino tenho ouvido
Que teu nome, no mundo respeitado,
Será do meu imperio defendido:
 Mortal afortunado,
Escuta, a meu pezar, a prophecia,
Que se verá cumprida em algum dia.

X

N'esta foice, de ruinas instrumento,
Teu nome gravarei; c'o elle lançando
A gloria dos heróes, no esquecimento,
 Que a Fama anda cantando,
Voltarei contra mim o odio e a inveja,
Sem que nenhum isento o mundo veja.

XI

Serei triste e terrivel homicida
D'altos imperios, torres elevadas ;
Pobre choupana á cinzas reduzida,
 Cidades sublimadas,
Tudo consumirei ; só tua gloria
Verei subir ao Templo da Memoria.

XII

Isto dizendo, o écco retumbava,
 E de Luiz o nome assignalado
 Nas azas da virtude aos céos voava.
 O mesmo velho irado
 Por um pouco depõem a furia insana,
 Que tem de destruir a raça humana.

XIII

E vós, Senhor, que unis no illustre peito
 Do bravo Marte ora terror e espanto,
 Da sabia Deosa ora o sagrado effeito,
 Não desprezeis meu canto;
 As debeis novas forças inda rudes
 Não podem bem louvar vossas virtudes.

BARTHOLOMEO ANTONIO CORDOVI

DYTHIRAMBO

Nymphas goyanas,
 Nymphas formosas,
 De côr de rosas
 A face ornai.
 Vossos cabellos
 De varias côres
 Hoje enastrai.
 Sim, nymphas, applaudi tão grande dia!
 E tu, doce Lyeu, pai da alegria
 Vem-me influir,

Que os annos de Tristão quero applaudir.

O' lá, traze do Pheno

O suave licor grato e sereno;

Traze os doirados copos crystalinos,

Venham talernos,

Venham sabinos,

Deita, deita, enche o copo — gró, gró, gró ;

Não entornes, espera, que este só

Não é que havemos

Hoje beber ;

Maisinhos temos

Sem confeição,

Para brindar

Ao bom Tristão.

Hoje á sua saude

Pretendo de beber mais de um almude !

Evoé

O' padre Leneu

Saboé

Evan Bassareu.

Nectar suave, oh ! quanto me consolás !

De mim se ausentem

Rixas, temores,

Mágoas, tristezas,

Penas e dores.

Venha outro copo de Baccho espumante,

Que ferva no peito,

E a mente levante.

Nos lusos fastos não se leia agora

Dos seus maiores a brilhante historia :

Com alheias acções não condecora

A sua alta memória

O bom Tristão delicias dos humanos.

O curso dos seus annos

Cheios não são deste furor guerreiro,
 Que nos campos de Marte desbarata,
 Rende, saqueia, obriga, assola e mata;

Mas esperem, que escuto!

Vejo os troncos bolir! Ah! sim, bem vejo
 Os Satyros brincões, Faunos auritos,

Que cheios de desejos,

Soltando aos ares vem ruidosos gritos,
 Os capripedes deuses que diriam?

Se não me engano, em sua companhia

Vem bistanidas Thracias ululando,

Agitadas da rubida ambrozia,

Em choreas sincinnas volteando

Estas doces cantigas modulando:

Goyanos louvemos

Tristão immortal,

Bebamos, dansemos,

Ausente-se o mal.

E os doces licores

Do bom Nicteleu,

Em taças se entornem

De claro crystal.

Evoé

O' padre Leneu

Saboé

Evan^o Bassareu.

Pois já que Tristão

De paz nos encheu,

Gostosos bebamos

O sumo de Oreu.

Traze, traze depressa o Paramanca,

Empine-se a botelha toda inteira.

Mas que chamma ligeira,

Ao modo de uma tropa.

Pelas tumidas vêas me galopa?
És tu, Bromio gostoso? Eu bem te entendo.
Bebamos mais aquelle, que das ilhas
 Me mandaram de mimo
Do profundo oceano as verdes filhas.
No licor forte o coração me nada,
 Baccho, Baccho, evoé!
O que terei nos pés? Eu cambaleio?
 Cahindo estou de somno:
Depois que esvasiei quatro botelhas,
Rubidas tenho e quentes as orelhas,
O nariz frio, os braços estendidos,
Parece-me que gyra a casa toda.
Já não posso suster-me — nos ouvidos
 Sinto um leve susurro:
O corpo tremilhica, o chão me falta,
E julgo que esta casa está mais alta.
 Como o teu elixir
Tão depressa, ó Leneu, me faz dormir?!
 Agora que eu queria
 Cantar do bom Tristão
 O seu candido genio,
 O terno coração,
 A presaga prudencia,
 A profunda modestia,
 A serena clemencia,
 A justa temperança,
Agora é que me fazes tal mudança?

 Evoé
O' padre Leneu
 Saboé
Evan Bassareu.

Venham um copo, dois copos, tres copos,
Retinem aos ares

Mil brindes contentes,
 E os povos ardentes
 De summa alegria,
 Nas aras do gôsto
 Com férvido mosto
 Entoem gostosos
 Sem mais dilação
 Os annos ditosos
 Do terno Tristão.

Evoé
 O' padre Leneu
 Saboé
 Evan Bassareu.

Sim, do grande Tristão tantas virtudes
 O povo lhe louve,
 O Neiva lhe dará muitos almudes
 Deste espirito rubro,
 Que colhe no moinho,
 Que os pezares desvia,
 Que o somno concilia,
 Que alegre a mocidade,
 Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
 O' padre Leneu
 Saboé
 Evan Bassareu.

Epistola aos Arcades do Rio de Janeiro

Socios queridos, que voaes ligeiros
 Pelas vastas campinas de Minerva,
 Até parar nos delphicos outeiros ;

A voz de Evandro, que não tem reserva
Guardai constantes dentro em vossos peitos,
Pois que amisade a todos vos conserva.

Elle deseja que sejaes perfeitos,
E nos tempos futuros apontados
Por homens sabios, livres de defeitos.

Não jaz dormindo em leitos torneados
A incansavel sciencia, que se alcança
Com trabalhos continuos e cançados.

Aquelle, que constante mais se cança,
E a noite toda passa os livros lendo,
Esse tem de saber mais esperança.

Mas é preciso, que só vá colhendo
Aquillo que bom fôr, o máo deixando,
E bom criterio na lição fazendo.

Andar obras immensas folheando
Nem gosto, nem approvo, e só me agrada
Estar um sabio autor sempre trilhando.

Eu sei que o nosso espirito se enfada
De calcar sem mudança uma materia
Tres vezes pelos olhos já passada;

Mas é cousa disforme e pouco séria
Confundir as idéas, e volante
N'um instante passar do Nilo á Hesperia.

Se um poema quereis compôr brilhante
Lêde e relêde aquelle autor mais puro,
Que seja ao vosso intento só bastante.

Deixai os mais, que lá para o futuro
Servir-vos poderão, porém agora
Que os leaes nem permitto, nem aturo.

Queixas quereis fazer de uma pastora?
A Theocrito lêde, e tendes Maro,
Em quem do campo a simples graça mora.

Se descreveis as furias de um avaro,
Que brilhantes idéas apresenta
O nosso Venusino, amigo caro?

Quem graça busca, quem clareza intenta,
Em satyras, epistolas, ou ode,
Elle de dal-as a ninguem se isenta.

Heróes famosos decantar bem pôde
Quem lêr os feitos do piedoso Eneas,
E a quem abraça Homero, Homero acode.

Quem traz mettido em sangue amor nas veias,
Quem quer chorar seus funebres pezares
Ovidio lhe dará bellas idéas.

Apollo a taes varões ergueu altares,
Com elles esgotou o seu thesouro,
E seus nomes ergueu até aos ares.

Com prospera alegria e fausto agouro
As musas sobre as testas lhes puzeram
Corôas enlaçadas de hera, e louros.

Aquelles que estes premios pretenderam,
E ver do Pindo o cume desejaram,
Por imitar taes vates só fizeram.

Se o bom Camões com outros alcançaram
Eternisar seus nomes entre a gente,
Sobre os seus passos muito trabalharam.

Pureza, locução, phrase corrente
N'elles beberam; quem os não imita
Viver depois de morto nunca intente.

Não passe dia algum sem que repita
Cinco vezes ou seis estes autores
Quem quizer de poeta ter a dita.

Nem vale ornar o assumpto só de flores:
É preciso substancia, succo, e fructo,
Com que se nutram sempre os bons leitores.

Se o vosso espectador com olho enxuto
Nunca ver pretendeis na triste scena,
Quando de Ignez pintaes tragico o luto:

Se de Andromaca triste a dura pena
Pela morte de Heitor quereis ao povo
No theatro mostrar, é cousa amena.

Mas este assumpto velho fareis novo,
Lendo a historia primeiro, e bem sabida,
Que a fabula inventeis então approvo.

E depois d'ella estar bem concebida,
Em vós o inverosimil não domine,
Que a mentira aborrece quando ouvida.

De noite e dia folheai Racine,
Repassai a Voltaire, tão boa escola
O tragico artefacto vos ensine.

Uma obra má, a todos desconsola,
E sem compôr poemas, hoje quero
Ser pedra de afiar, que o ferro amôla.

A Moliere no comico venero,
Ninguem pinta o ridiculo mais proprio,
E n'esta parte que o sigaes espero.

Os vicios soube ver com microscopio,
E mostra com fiel galantaria
Como quer o vadio dar um opio.

Agora, amigos meus, é que eu devia
Dar do soneto as leis impertinentes,
Pois quem os faz perfeitos gloria cria.

Elle afflige, e deshonra a muitas gentes
(Mas sendo bom iguala ao bom poema),
Inda que tenha versos excellentes.

Quem chegou dos sonetos ver a extrema
Alfeno foi, e quem seguir seus passos
O agudo dente do mordaz não tema.

Garção, o bom Garção, que sobre os braços
Viveu sempre das Musas recostado
E que de louco lhe pozeram laços,

Apenas dous ou tres nos ha deixado,
Que dignos sejam de immortal memoria,
Sem que por isso fique deshonorado.

As decimas não dão ao vate gloria ;
Labirinthos, acrostico, anagramma,
Foi sempre do Parnaso vil escoria.

Emfim, amigos meus, a honrosa fama,
Com a tuba na mão pisando os ares,
Para o templo do gosto, só vos chama.

No seu portico entrae, nos seus altares
Bebei para lição linguagem pura
Para com graça bem vos explicares.

O congresso dos sabios não atura
Carunchosa dicção, phrases corruptas,
Palavras expressivas só procura.

Não se analysem frivolas disputas,
Em materias servis nunca fallemos,
Sejam altos assumptos nossas lutas.

De sermos proveitosos só tratemos,
Sejamos aos bons livros applicados,
Se nome e honra acaso pretendemos.

Estes sejam emfim vossos cuidados,
E seja sempre toda a vossa gloria,
De ficardes por bons canonisados
No santo templo da feliz memoria.

JOÃO PEREIRA DA SILVA

Descrição e fabula do Pão de Assucar e do sitio denominado Botafogo, extrahida do 2.º canto do poema heróe-comico — Estolaida.

Ha na foz larga d'este equorio rio,
Que o nome tem do Deus de dous semblantes,
Morto remanso em um logar sadio,
E defezo dos ventos sibilantes:
Ali não calla o inverno, nem o estio:
Babuja o mar co'as conchas mais galantes:
Do silencio palacio verdadeiro,
Que cerra o *Pão de Assucar* sobranceiro.

Esta penha redonda, alta e pontuda,
Suster parece a Capricornia zona:
A pyramide Egypcia mais aguda
D'ella á vista se abate, e desabona.
Ou é da madre terra a lingua muda,
Do mundo antigo maravilha nona,
Ou foi, segundo os Gregos e Romanos,
Pão de Assucar do chá dos Centimanos.

Tomando sim os monstruosos Brontes
De Bacco o chá na Liparea cópa,
Alçaram contra o céu soberbas frontes,
E qualquer joga as armas com que tópa;
Com as chicaras lhe atiram de ôcos montes,
Cahe na Asia o Tauro, e os Perineos na Europa;
E o Pão de Assucar, como mais ligeiro,
Na foz cahio do Rio de Janeiro.

Seu cume excelso sempre fumegante
 Aparece por vezes inflammado :
 Raios trisulcos lança-lhe o Tonante,
 Neptuno o tem bramindo rodeado.
 E ou por jazer debaixo algum gigante,
 Qu'inda chammas vomita exasperado,
 Ou dos relâmpos pelo assiduo jogo,
 Chama-se a curva praia — *Botafogo*.

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA

OS PASTORES DO AMAZONAS

INTERLOCUTORES

UMA NAPEA, ou Nympha dos bosques.

BIRENO, Pastor do Amazonas.

ELYSA, Pastora do Amazonas.

OUTROS PASTORES, SERRANOS E SERRANAS, DO MESMO.

A scena se figura nas margens do dito Rio Amazonas, ou nas de Gurupá, que é como feudatario d'aquelle, e o em que se acha a cidade de Belém do Pará.

ACTO UNICO

SCENA I

Vista de bosque, e nelle Bireno dormindo meio reclinado sobre uns pequenos penhascos a um dos lados do tablado, no qual da parte opposta, e mais para o fim delle se verá uma gruta.

Ducto (1)

Aos sacros deuses.
 Louvores dai ;
 Gentes de Luzo,

(1) Cantado dentro dos bastidores para a parte donde está a gruta.

Cantai, cantai :
De tão alto beneficio
A memoria eternizai.

A estas vozes desperta Bireno sobresaltado, e emquanto se finaliza o canto se põe elle em pé, procurando cheio de suspensão por todo o bosque a origem delle até que determinando-se diz :

BIRENO

Que vozes ; que suave melodia
Do somno me desperta ! quão sonora !
Quem será ! Donde vem tanta harmonia ?
Nunca a ouvi semelhante sobre as margens
Do famoso Amazonas... Mas lá vejo
Para aqui caminhando uma serrana :
É Elysa, e seria talvez ella
Que o peito me ferio com voz tão bella ?

SCENA II

Salte Elysa por aquelle lado em que fíca a gruta, e chegando-se para o pé de Bireno aiz :

ELYSA

Salve Bireno...

BIRENO

Adeus, presada Elysa,
Dize-me, acaso foram tuas vozes
Sempre doces, mas hoje mais suaves,
As que, soando neste bosque umbroso,
Suspenderam os zephyros, e foram
Despertar meus sentidos, que em socego
Á sombra do arvoredado repousavam ?
Dize, amavel serrana ; e se tú foste,
Continúa a cantar, que dos raminhos
Já pendem para ouvir-te os passarinhos.

ELYSA

Não, Bireno, eu não fui, nem sei quem fosse
 D'entre os nossos serranos, que podesse
 Cantar tão digna, e tão suavemente.
 O mesmo assombro, que essa voz te causa,
 Também sentindo, venho deligente
 A causa examinar. Em nossos campos,
 Repara, meu Biredo, neste dia,
 É tal a amenidade, que parece
 Que a mesma natureza alegre vejo.
 Tudo prazer respira, os ares puros,
 Os velhos troncos com viçosas flôres,
 Os doces passarinhos gorgendo,
 Tudo, tudo denota neste dia
 Não sei que novo gosto.

BIRENO

Sim, Elysa,
 Os deuses nos protegem certamente,
 E nossos ledos, e ditosos campos
 Hoje parecem delles habitados.

Côro (dentro) (2)

Do largo Amazonas,
 Felizes Pastores,
 Soltai doces vozes,
 Ornai-vos de flôres;

Fazei memoravel
 Tão ditoso dia,
 Celebrando o nome
 Da excelsa Maria

(2) Enquanto assim sôa este canto, estarão os dois pastores suspensos ouvindo, e olhando para aquella parte, donde vem as vozes.

Nelle dois presentes
 O céu nos envia;
 Celebrai o nome
 Da excelsa Maria.

ELYSA

Que novas maravilhas! que sublime,
 E nunca ouvido canto em nossos campos!
 Suspensa fico! Quem será, Bireno?

BIRENO

Talvez dos nossos deuses tutelares
 Estas sonoras vozes hoje sejam.
 Não percebeste, Elysa, como acaba
 A letra, não ouviste o doce nome,
 Que o sentido termina do seu canto?
 Aquelle nome, para nós tão fausto,
 E que ha pouco se vio reproduzido
 Na tenra filha, suspirado fructo
 Do grão Jozino, e singular Carlina,
 Os nossos bons, beneficos senhores.
 Mas que vejo! repara... Oh céos! Elysa!

SCENA III

*Sahe a Napéa da gruta, e cantando o seguinte virá
 andando até ficar entre os pastores, que em-
 tanto mostram a maior suspensão.*

NAPÉA (*cantando*)

Pastores do Amazonas dilatado,
 As vossas ditas memorai, e gratos
 No escuro seio dos espessos matos,
 Honrai, honrai um dia tão sagrado.

A MESMA NAPÉA (*fallando, diz*)

Mortaes, deixai o inopinado assombro.
Napéa deste bosque sou, pastores,
A que, por ordem da immortal Diana,
Da casta deusa, que entre nós preside,
Com outras companheiras entoando
Deste dia os louvores, aqui venho
Dizer-vos e ensinar-vos o que é justo,
E conforme á vontade soberana
Da filha de Latona. Ouvi-me attentos:
Vós já sabeis o grande beneficio,
Que Jove, tão propicio a vossos votos,
Vos concedeu benigno; beneficio,
Que de males immensos vos livrára,
E que mil ditas nelle só promette
Aos Luzos campos, e aos que delles pendem:
Vós acabaes de ouvir o grato annuncio,
Porquanto a toda a parte a fama o leva,
Do feliz nascimento de Maria,
Entre vós por Marilia nomeada,
Aquella, cujo nome excelso, e digno,
Cujos interesses geralmente
A todos os mortaes; aos mesmos deuses,
Pelo bem, pela gloria, que resulta
A uns e outros de vida tão presada.
Agora sabereis que a tanta dita
Outra mais se lhe ajunta neste dia,
Formoso dia, em que do tempo insano,
Das parcas respeitada, emfim triumphava
A grande avó, a sem igual Maria,
Dos vossos campos tutelar senhora,
A benefica Maria, cujas graças
Inda mesmo tão longe vem buscar-vos:
Aquella, cujo sceptro radiante
Chega propicio, estende os seus influxos

Ao Tejo, Nilo, Ganges e Amazonas:
À cuja sombra alegres, e tranquillos
Os fructos recolheis da paz ditosa,
E sem temor de injustos oppressores
Em rebanhos cresceis, araes os campos:
Fieis Americanos, se de rudes,
E de insensiveis peitos, quaes já fosteis,
Em outro tempo; agora felizmente,
Pela luz da razão já penetrados,
Fugir quereis a indecoroso nome;
Se o céo, se um mesmo céo vos manda as chuvas,
E o verão creador; se ao mesmo throno
Off'recem reverentes seu tributo
O Amazonas, e o Tejo, fieis sendo
Desse Quarto João aos descendentes,
Que vossos pais com vivas acclamaram,
Pertence-vos tambem honrar agora
Estes dois natalicios venturosos:
Tudo vos chama, tudo vos obriga
A tão devido obsequio, o vosso nome,
O dever, gratidão, vosso interesse,
D'outros povos o exemplo, e finalmente
A ventura de terdes em Coutinho
Um maioral, que nisso se interessa,
Que vos ama, vos honra, e vos anima,
Como da mesma patria dignos filhos;
Coutinho, em cuja vinda recebestes
De Marcia mais um novo beneficio;
Emfim os mesmos deuses soberanos,
A sacra Delia quer, e assim ordena
Que neste dia deis a justa prova
Da vossa gratidão; e convocados
Por tão forte motivo os mais pastores,
O nome festejeis, e o nascimento
De Maria primeira, e da segunda,
De Marcia, e Marília soberanas,

Cujos nomes por vós são muito usados,
 Que os mesmos deuses amam: esta a causa,
 Este o digno motivo, que me guia,
 E que a vós, ó Pastores, que entre os outros
 Mais attendidos sois, mais respeitados,
 Para aviso fazer-vos me dirige.

BIRENO

Excelsa semi-déa, ás tuas plantas ⁽³⁾
 Aceita d'um mortal a reverencia.
 (Suspensio, e embaraçado apenas creio
 No mesmo que estou vendo!) Sacros deuses,
 Sublime Nympha, que farei, que graças
 Vos são devidas por mercês tão raras?
 Quanto amaes aos mortaes? Que grande dia
 De maravilhas cheio!

ELYSA ⁽⁴⁾

Sacra Nympha,
 Immortal habitante destes bosques,
 Meu respeito e homenagem te tributo,
 E em minha suspensão te rendo as graças
 Dos portentos de que hoje te dignaste,
 Que testemunha fosse: de que modo
 Responder poderemos dignamente
 A graças taes?

NAPÉA

Pastores, levantai-vos,
 E sem tempo perder, correi ligeiros
 A dar execução ao sacro mando
 Da casta Delia: convocados hoje
 Outros serranos, como já vos disse,

⁽³⁾ Curvando um joelho diante della.

⁽⁴⁾ Prostando-se tambem.

Que armados de festões, e de mil flôres,
Qual o dia requer, aos deuses honrem,
E festejem por modos variados
Este dia feliz e assignalado.

BIRENO

Obedeço, alta Nympha, a teu mandado,
E ao decreto de Delia soberana
Obedecer é pouco, pois minh'alma
Com assombro, e alegria não atina
No modo d'um mais justo desempenho:
Taes graças, e favores tão sabidos,
D'um fraco humano a gratidão excedem.

ELYSA

Obedecer é pouco.

AMBOS

Mais devemos
Fazer reconhecidos em tal dia
De tanta suspensão, tanta alegria. (*Vão-se.*)

SCENA IV

Fica só a Nápéa, e canta em recitado:

Já, Lusos, já cessaram, fieis Lusos,
As fervorosas supplicas, os votos
Com que os céos fatigando, aos céos pedieis
A suspirada prole,

Já sobre as plumas do dourado berço,
Das graças, e virtudes rodeada,
Vos estende risonha a mão propicia,
A tenra mão mimosa,

Do antigo tronco a augusta vingadora,
Do invicto Affonso a clara descendente,
De João adorado a filha, e gloria,
A neta de Maria;

Maria, cujas inclytas virtudes
O céo attende, e seus dourados dias
Neste dia feliz renova, e firma
Em duplicados fios.

Chegai, ó povos, concorrei, ó Lusos,
Das quatro partes, dos oppostos climas,
Vai adusto Brazil, vai reverente
Beijar-lhe humilde a planta.

Aria

Dos varios orbes
Todas as gentes,
Os mesmos deuses
Dos céos luzentes,
Eu vejo ledos,
Ledos estão.
Do Estygio lago
Então juraram,
Que o claro dia,
Que tanto amaram,
Perpetuamente
Brilhar farão. (*Vai-se.*)

SCENA V

Côro. (Dentro)

Á sacra Diana
Nossos sons levemos,
Da nossa ventura

A causa entoemos ;
 A Marcia, e Marilia
 Louvores cantemos. (5)

BIRENO

Eis o altar de Diana, que preside
 Aos nossos campos sempre favoravel,
 E que hoje mais que nunca se interessa
 Nas nossas ditas : caros companheiros,
 Vamos, vamos, levar-lhe reverentes
 Os dons sinceros, as off'rendas puras
 Do nosso justo amor reconhecido :
 Assim convem que gratos comecemos
 O festejo, e os prazeres deste dia.
 Já vos contei, pastores, como a deusa,
 (Elysa bem ouviu) dignou-se pia
 De avisar-nos por meio de uma Nympha
 Do que fazer deviamos ; agora,
 A tão alto favor assignalado,
 Devemos gratos ser, e então depois
 Que ao justo céu tivermos satisfeito,
 Por tantos tão sensiveis beneficios,
 Quaes hoje experimentamos ; sim, pastores,
 Quaes hoje nos concede o céu propicio,
 Cantemos, entoemos nossas ditas,
 Unamos todos, todos os prazeres,

(5) Acabado o côro, e levantado o segundo panno, apparece vista de um bosque, ou campo matisado de flôres, e no meio o altar de Diana com o retrato da deusa, e em cima do retabulo as armas reaes de Portugal. Aos dons lados do altar ver-se-hão quatro grossos troncos de grandes arvores, duas de cada banda, formando como duas alas, e por entre estes troncos ou arvores, virão sahindo pastores e pastoras, uns e outros pelos diversos lados, e adiante de todos Bireno e Elysa, vindo todos elles ornados festivamente, e pelo modo mais vistoso, que fôr possível, attendendo a propriedade e a occasião, com grinaldas de flôres na cabeça, e nas mãos trarão as pastoras açafates de flôres, e os pastores pombos, com as suas flautas penduradas aos lados, e chegando ao meio do tablado formam um semicirculo á direita do qual occuparã as pastoras.

De que os singelos peitos são capazes,
Em louvor deste dia memoravel.

ELYSA

Vamos, pastores, vamos fervorosos
Offertar nossos dons á casta Delia.

Ducto

BIRENO e ELYSA

Sublime Diana, (*Bireno.*)
Que dá vida ás flôres,
Os votos acceita
Dos simples Pastores :

Acceita o tributo, (*Elysa.*)
Que nós te rendemos,
Pelo bem, que agora
De ti recebemos:

De Marilia e Marcia, (*Ambos.*)
Que tanto estimamos,
Os dias preserves
Nós te supplicamos. ⁽⁶⁾

BIRENO

Soltai, Pastores, gratas cantilenas,
Embocai, embocai as doces flautas,
Tudo fazer devemos neste dia,
Em honra de Marilia, e Marcia augusta. ⁽⁷⁾

⁽⁶⁾ Acabado vão a dois e dois os pastores e as pastoras pôr seus dons sobre a banqueta do altar, a saber: os açafates de flôres e os pombos, e tornando em ordem para o mesmo lugar em que estavam.

⁽⁷⁾ Tiram os Pastores as flautas do lugar em que as tinham, ficando com ellas na mão direita.

BIRENO (*cantando em recitado*)

Quantos prodigios, quantas maravilhas
 Se não vêm neste dia esclarecido?
 Que bens não tem os nossos ledos campos
 Da benefica Marcia recebido?
 Lá sobre os dilatados horizontes
 Mostra hoje Phebo novos resplendores,
 E assim como diffunde a luz brilhante,
 Assim Marcia sublime os seus favores.

Aria

Alta Marcia, se teus dias
 Contam ledos os humanos,
 Teus favores soberanos
 Ninguém póde numerar:
 Dos annos á furia cedam
 Embora esses troncos rudes;
 De Marcia os dons, as virtudes
 A farão eternisar.

ELYSA (*cantando em recitado*)

De quantos males, quantas desventuras,
 Nos não livrou propicio o céu piedoso
 Nesse dia feliz, em que Marilia
 Teve o seu nascimento venturoso?
 Tristes annuncios, funebres presagios,
 Já não causam ao peito mil temores,
 Desfez-se a nuvem, que assustava as gentes,
 Nasceu Marilia, socegai pastores.

Aria

Já cessou, já se não ouve,
 No cume d'aquelle outeiro,
 Do pavoroso agoureiro
 O nocturno sibilar.

Só se escuta, que ventura!
 Marilia excelsa louvando,
 Das aves o côro brando
 Doces cantos modular. (8)

Dueto

Os fructos da paz, (Bireno.)
 Os campos floridos
 A ti grande Marcia,
 A ti são devidos.

Ao nascer Marilia (Elysa.)
 Fica livre a terra,
 Do triste temor
 Da perfida guerra.

De Marcia sublime (Bireno.)
 Mil bens recebemos.

Á tenra Marilia (Elysa.)
 Quanto não devemos?

De Marcia, e Marilia (Ambos.)
 O nome entoemos. (9)

BIRENO.

Nossas vozes, pastores, são inimitáveis,
 O vento leva; e para que constantes
 Da nossa gratidão, do prazer nosso

(8) Tocam agora os Pastores um breve concerto de flautas, e terminando tornarão os dois a cantar este dueto, cujos intervallos e pausas serão occupados pelas flautas.

(9) Tornam a tocar as flautas um pouco de tempo até que Bireno continúa.

Os signaes perduraveis hoje sejam,
Vamos, vamos gravar nos duros troncos,
Nos troncos, que ali vêdes, a memoria
De dia tão ditoso.

ELYSA

Vamos, vamos. (10)

Inscrições

1.^a (11)

Á casta Diana,
Por tal beneficio,
De que somos gratos,
Este seja indício.

3.^a

Á Marcia sublime
Seja dedicado
Deste antigo cedro
O tronco sagrado.

2.^a (12)

De tantas venturas,
Neste dia unidas,
As memorias fiquem
Aqui transmittidas.

4.^a

Com Marilia cresça,
E mil flôres deite,
O novo loureiro,
Que o tempo respeite. (13)

Duetto

Moradores do Amazonas,
Pastores desta campina,
Applaudi fieis o dia,
Que o céo renovar se digna.

(10) Vão todos, e chegando-se para o pé dos quatro grossos troncos, que estão juntos ao altar de Diana, tiram das algibeiras os seus instrumentos de aço com que fingem entalhar nos troncos as seguintes Inscrições, as quaes á proporção que forem fazendo, irão apparecendo em letras grandes, e illuminadas de modo que da platéa se possam lêr.

(11) A primeira e terceira á direita do altar.

(12) A segunda e quarta á esquerda do altar.

(13) Emquanto os Pastores fazem estas Inscrições, bem entendido, que cada um abra a sua, as Pastoras as irão ver, e acabadas que sejam tornam todos para o mesmo logar.

Tu és Marcia soberana,
De nossos campos senhora,
Tu, Marilia, amparo nosso,
És de Marcia sucessora. ⁽¹⁴⁾

BIRENO

Somos ditosos, caros companheiros,
Sejamos gratos a favores tantos,
Com que o céu neste dia nos distingue :
De Marcia, e de Marilia soberana
O caro nome, a preciosa vida
Sinceros votos sempre nos mereçam.
Em tanto a nossa festa terminando,
Se vos parece, vamos, meus pastores,
Ver as que fazem, pela mesma causa,
Segundo ouvi, as gentes da cidade,
Mais ricas do que as nossas, não mais puras.
Vamos, Elysa, vamos ; pois é justo
Que este dia guardando, em honra sua,
Deixemos nossos rusticos trabalhos,
Deixemos tudo, e só nos occupemos
Nos seus applausos.

ELYSA

Sim, Bireno, vamos,
É geral, é também o prazer nosso.

TODOS

Louvemos com reciproca alegria
De Marcia, e de Marilia o grande dia. ⁽¹⁵⁾

⁽¹⁴⁾ Torna-se a repetir um breve concerto de flauta.

⁽¹⁵⁾ Vão-se, e na retirada irão cantando o côro.

Côro (16)

De Marcia sublime
 Mil bens recebemos,
 Na tenra Marilia
 Mil ditas teremos:
 De Marcia, e Marilia
 O nome entoemos.

ODE

Estrophe I

Desterra, ó musa, frivolas contendas,
 Do futil ocio filhas,
 Canta sublime as grandes maravilhas,
 Que este dia te off'rece; não pretendas
 Na aurea frente cingir louros colhidos
 No mais baixo do Pindo, ao alto cume
 Os vai buscar floridos.

Antiestrophe I

Carlota Augusta, em reverencia tua,
 Os animos discordes
 Da cidade, e campina já concordes
 Se unem para applaudir com gloria sua
 Teus regios annos, as paixões se calam,
 E só de gosto, a exemplo de Coutinho,
 Os corações se abalam.

Epodo I

Famosos Portuguezes,
 Erguei ledos os frontes já mirradas,
 Nas pobres campas frias, mas honradas:

(16) Entretanto abate-se o panno.

Vêde o vosso mil vezes
Fiel amor ao príncipe adorado
Dos vossos descendentes imitado.

Estrophe 2

Vêde que além dos mares scintillando
O raro exemplo vosso,
No remoto Pará deste alvoroço
Hoje vai os impulsos animando ;
Elle me inspira, e guia á nobre empreza
De celebrar c'ó a Cythara de Thebas
A singular princeza.

Antiestrophe 2

E enquanto espessas sombras denegridas
Cobrem de infausto luto
O lugar, onde habitam, já corrupto,
Perfidos monstros, povos parrecidas,
Que a detestavel mão... De horror se espanta,
E a voz suspende a Musa... Tu, ó Lisia,
Teus principes decanta.

Epodo 2

Offerece o puro incenso
De reverente amor, em tão bom dia,
De João á esposa, á nora de Maria,
Duplica o zelo intenso
Da intacta fé, e assombre a redondeza
A fama, a honra, a gloria Portugueza.

Estrophe 3

Real princeza, de que o céo benigno
Nos fez alto presente,
De quem hoje se mostra estar pendente

Da feliz Lusitania o grão destino,
Escuta os sons da lyra, com que intento
Os mysterios cantar, que precederam
Teu regio nascimento.

Antiestrophe 3

Quando o Quarto João justo, e prudente,
No peito revolvia,
Os trabalhos, e riscos que corria,
Por segurar-lhe o throno a Lusa gente,
Alta noite desperto, e um pouco afflicto;
Então junto do leito lhe apparece
O santo Affonso invicto.

Epo do 3

Eu sou (lhe diz) aquelle
Dos Lusos Reis famosos Rei primeiro,
Teu, ó filho, teu tronco verdadeiro
A vir aqui me impelle
O segredo que tenho de explicar-te,
Para em teus bons intentos confirmar-te:

Estrophe 4

Nesta empreza maior do que as de Alcides,
Maior que a força humana;
Digna de ti por grande e soberana,
O ditoso successo não duvides;
E posto que trabalhos arriscados
Te custe, virá tempo, em que com gloria
Serão recompensados.

Antiestrophe 4

Tempo virá, que em vinculo apertado
Se enlacem, te assevero,
As Lusas quinas c'o leão Hibéro,

Então perpetuamente terminado
 O motivo da guerra sanguinosa,
 Teus povos gozarão, teus descendentes
 Eterna paz ditosa.

Epodo 4

Na grande, rica Hesperia
 Nasce quem, por decreto do alto fado,
 Formará deste laço o nó sagrado:
 Esta gloria da Iberia
 É essa, eu vejo, a quem João se vota,
 Que do grão Carlos se dirá Carlota.

Estrophe 5

Oh tempo venturoso! Os Mansanares
 Já vem unir-se ao Tejo,
 E de extranhas nações o atroz desejo,
 Unidos domam: cessam os pezares
 Das antigas rivaes, e por Carlota
 O quasi secco Bragantino tronco
 Nova progenie brota.

Antiestrophe 5

O céu assim permite, o céu benigno,
 Que as supplicas lhe attende,
 E a perdida esperança aos Lusos rende;
 Que ella será, eu leio na destino,
 Avô, e mãe de reis, qual neta, e filha,
 E que a par de João com mil virtudes
 De Lysia maravilha.

Epodo 5

Tal presago se explica
 A teu respeito o rei que Ourique acclama,
 Princeza Augusta, de quem hoje a fama

Já tudo verifica ;
Tal o bem, que dever te confessamos,
Taes são os votos, que por ti formamos.

Ao Sñr. João de Mello Lobo

QUANDO NAUFRAGOU NOS BAIXOS DA TIJÓCA, Á ENTRADA
DO PARÁ

ODE

Em vão dos bravos ventos combatido,
Bramar se vê na praia o mar irado ;
As furias não abrandam os bramidos
Do denodado Boreas !

Em vão quem da desgraça sente o golpe,
Geme, clama, lamenta, desespera,
As lagrimas não curam a ferida
Do penetrante ferro.

De que servio áquelle, que os prezados
Haveres vio roubar-lhe a fatal cheia,
Da cabana, que os deoses lhe guardaram,
Derribar as paredes ?

Se a fazenda se vai, existe o nome,
Se um e outro ainda resta, a doce vida
Cede todos ; porém, rindo da sorte,
Alma nobre lhe fica.

Com ella ficam livres as virtudes,
Que o fazem feliz, ou desditoso ;
Embora diga o vulgo cégo e rude
Aquelle é desgraçado.

Não será certamente se conserva
O leme da razão, que da tormenta
Seguro o tornará, forçando o remo
Ao porto da fortuna.

Infeliz o que a perde, que turbado
Das rotas vélas, dos quebrados mastros
Às vagas em tumulto se abandona
Dos empolados mares.

As vagas das paixões que nos figuram,
Em um mal aparente, um mal eterno,
Quando piloto sabes que succede
A calma á tempestade.

Que da rapida roda, o raio ardente,
Que rasga, que revolve a dura terra,
Não descança no chão, ligeiro sobe,
E procura outro ponto.

Se em extrema desdita te ponderas,
Espera, amigo, espera nova sorte,
Não afflijas os céos, se das maiores
Desgraças não padeces.

Que disseras, se os olhos entreabrindo
Entre mãos argelinas, vis cadêas,
Perdida a liberdade, a patria, o sangue,
Te viras sem amigos?

Oh que a amizade, a candida amizade
É Santelmo nos mares da fortuna:
Feliz aquelle que, mudando as scenas,
Os amigos descobre.

Não digo que gracejes ao aspecto
Dos pacótes rolando sobre as ondas;
Dos tristes companheiros em derrota,
A ermitões reduzidos.

Nem quero que presumas serviria
Em sorte igual meu animo de exemplo:
Eu te mostro o caminho, que encoberto
Te tinha céga magoa.

Apára a força da cruel pancada
Em escudo de heroico soffrimento,
Quem de Christo as bandeiras segue firme,
Quem por homem se tem;

E qual viçoso delphico loureiro,
Que ora soffra do inferno o sopro frio,
Ora aperte o verão, não perde a galla,
Não murcha, nem abate.

Assim deve ficar uma alma grande
Já nos mãos, já nos prosperos successos,
Assim ganhar a corôa reluzente
Do mesmo louro feita.

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA

—
SONETO

Não se enfade, menina, d'essa sorte,
Por São Paulo me espere mais uns dias,
Que os sapatos irão nas noites frias,
Pois não quer São Crispim que agora os córte.

Praza a Deus que eu de todo vença a morte,
Que verá como em tres Ave-Marias
Lhe faço p'ra estragar as francezias,
Sapatos de setim com solla forte.

Mas se os quer com mais prompta raridade,
Requeira a Solimão na Mauritania
Que servida ha de ser com mais vontade.

Pois elle para a ver na nova Albania,
Lhe dará p'ra que traje á divindade,
As botas do grão duque de Aquitania.

SONETO

Grande festa, senhores, lá se fez
Onde vôa no mar muito alcatraz;
Foi o bom prégador um frei Thomaz,
Sendo só os cantores pagos tres.

Dous gallos cada qual por sua vez,
Com vinte cheireletes mais atraz,
Dera sotta, codilho, seis, e az,
O peixe de que gosta o rei francez.

Á função não faltaram tres goriz,
Que dentro em quatro mil cascas de noz
Lhe serviram de pagem dous seriz.

Mas tem mão, Musa minha, á tua voz,
Que quasi me parece por um triz,
Que o soneto lá vai de foz em foz.

MANOEL JOAQUIM RIBEIRO

Junto de um freixo copado
Com minha Jonia adorada,
Sôbre a relva matizada
Doces horas vou passar.

Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Não vem ali bravas feras
Dessas alpestres montanhas,
Só tu, amor, acompanhas
Nosso gôsto singular.

Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Naquelle sítio, sómente
Aos prazeres consagrado,
Não entra inhumano fado,
Nem desgôsto chega a entrar.

Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Ali, de um manso regato,
Se escuta o susurro brando,
Como quem vai murmurando
Do que nos vê praticar.

Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Cantam ternos passarinhos
Nos altos ramos pousados,
E com suaves trinados
Vem nosso gôsto augmentar.

Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Quando pégo n'alva mão
Onde a brancura admira,
Só o favonio respira
Naquelle ameno logar.

Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

As rosas em tôrno nascem
Da minha Jonia formosa;
Quando me deixa amorosa
Nos seus braços recostar.

Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Suas lindas, alvas faces,
S'eu lhe expresso algum desejo,
Logo cobertas de pejo
Mostram a côr de nacár.

Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Bando de gentís amores,
Nas brancas azas suspensos,
Os nossos gostos intensos
Vem alegres contemplar.

Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Permitta amor que esta dita,
Qu'eu góso e mais Jonia bella,
Assim em mim, como nella,
Nunca se chegue a acabar.

Quando estou com minha amada,
Mais não tenho a que aspirar.

Aqui nesta balça escura,
Da tristeza imagem feia,
Lembranças de um bem que adoro
Vou resolver na idéa.

Ai, ai, ó dores!
Quem pôde viver alegre
Ausente dos seus amores.

A terna rôla suspira
Quando não vê o consorte:
Eu longe da minha Jonia
Supporto ancias de morte.

Ai, ai, ó dores!
Quem pôde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Brutas penhas se me ouvires
Algum amante segredo,
O' penhas! não sei se o diga,
Até de vós tenho medo.

Ai, ai, ó dores!
Quem pôde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Anda a sabiá cantando
De raminho, em raminho,
Alegre por ver defronte
A sua amada no ninho....

Ai, ai, ó dores!
Quem pôde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Eu, porém, sem ter socêgo,
Ando por esta espessura,
Inuteis queixas formando
Da minha pouca ventura.

Ai, ai, ó dores!
Quem pôde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Tu, limoeiro, que viste
Aquelle beijo suave....
Folhinhas, guardai silencio,
Só vós, ninguém mais o sabe.
Ai, ai, ó dores!
Quem pôde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Doces, amantes promessas
Pela minha Jonia feitas,
Qual será o feliz dia
Que vos veja satisfeitas.
Ai, ai, ó dores!
Quem pôde viver alegre
Ausente dos seus amores.

O mais vil d'entre os bichinhos
Vê e logra o bem que adora,
Só eu, infeliz, não posso
Ver a quem nesta alma mora.
Ai, ai, ó dores!
Quem pode viver alegre
Ausente dos seus amores.

Deixai-me tristes lembranças,
Deixai-me infeliz morrer:
Não é justo tenha vida
Quem seu bem não pôde ver.
Ai, ai, ó dores!
Eu morro de saudades
Se não vejo aos meus amores.

Canta o pastor namorado
Da pastora os olhos bellos,
Canta-lhe o rosto nevado,
Os longos, pretos cabellos
Onde amor anda enredado.

Sobre a borda do saveiro,
Canta o terno pescador
Os grilhões do captiveiro,
Bemdizendo o deus d'amor
Por se ver prisioneiro.

Sua linda, ao som da lyra,
Canta o soldado na guerra ;
Ora geme, ora suspira,
Nunca lhe esquecendo a terra,
E a última vez que a víra.

Eu tambem dentro em mim sinto
Igual férvida paixão ;
Dos mais eu não sou distincto ;
Do meu bem a perfeição
Mil vezes na idéa pinto.

Amor a tudo avassalla,
Ninguem d'elle vive isento :
Alguem ha que soffre e cala ;
Porém o seu fogo lento
Tudo mina, a tudo iguala.

Ao rei no throno sentado,
No inculto monte ao serrano,
A todos fere o vendado :
Ninguem se isenta do damno,
Que faz o farpão doirado.

Achilles com peito de aço
É sensível á ternura :
Do rei Latino no paço
O teucro heroe, por ventura
D'amor não caíu no laço ?

Alexandre ostenta forte
Não ver de Dario as filhas,
Mas depois segue outro norte :
Entre as amantes quadrilhas
Tu o vais pilhar, ó morte.

De Carthago o vencedor
Tambem sente a chamma activa :
Perdido todo o valor,
Á vista de uma captiva
Chora nos ferros d'amor.

Quem levou Helena a Troya ?
Deu a Lucrecia o punhal ?
Quem urdiu a vil tramoia
Com que no Uruguay fatal
Morreu a gentil Lindoia ?

Quem a Cleopatra envia
Do throno ao cahos profundo ?
Leva Dido á campá fria ?
Quem afamada no mundo
Fez a lusitana Osmia ?

Só tu és, idalio nume,
A causa destes effeitos :
Ninguem livre se presume ;
Tu pões em todos os peitos
Teu activo, ardente lume.

Jonia, a minha Jonia bella,
Me faz sentir igual chamma;
O seu amor me disvela;
Venturoso aquelle que ama
S' é correspondido della.

No meu coração cravada
Tem amor a setta dura,
Más não é envenenada:
É setta que, com ternura,
Sempre foi por mim beijada.

S' é erro, Jonia, adorar-te,
A natureza o protege:
Quem censura nesta parte,
Talvez seja por que inveje
Eu ser feliz em amar-te.

Que querem de mim qu' eu faça,
Vendo teu rosto divino?
Tudo, Jonia, tudo enlaça,
Tudo prende o deus menino
Á vista da tua graça.

Se aquelles guerreiros fortes,
Perdido o marcio furor,
Mudaram seus duros portes....
Se no dominio de amor,
Sentiram doces transportes....

Se aos mesmos padres conscriptos
A gentil Virginia inflamma;
S' em Florença aos patrios gritos
Sacrifica Laura a fama,
Sem temer da crise os ditos....

Fale o mundo o que quizer,
Hei de amar-te, Jonia linda ;
O deus Pafio assim o quer ;
Té agora ninguem ainda
Resistiu ao seu poder.

SONETOS

As redeas toma o inclyto Lorena,
A paz nos baixa da justiça ao lado,
Geme a maldade no grilhão pezado
Victima digna da mais dura pena :

A sábia dextra, que o castigo ordena,
Longe afugenta todo o monstro irado,
Da sagrada virtude acompanhado
As redeas toma o inclyto Lorena :

A nuvem do terror ao criminoso
Entre as brenhas persegue e nas campinas,
Té que vindo a seus pés é venturoso :

Com governo feliz de acções tão dínas,
Melhora sua sorte o desditoso,
Exulta alegre a afortunada Minas.

Mais póde o sol deixar de ser luzente,
É com a noite misturar-se o dia ;
Ser a calma, bem como a neve fria,
E ser por natureza o gêlo quente :

Mais póde o mar deixar de ser movente,
E de ser rocha a bruta penedia,
Tornar-se em trevas tudo o que alumia,
E a mesma terra ser resplandecente :

Mais póde o mundo em nada ser desfeito,
A materia perder a gravidade,
Deixar o fogo de queimar o effeito :
Mais póde, emfim, ser sombra a claridade,
Qu'eu deixar de sentir no terno peito
O golpe que me fere da saudade.

Padre JOSÉ GOMES DA COSTA GADELHA

OS SUSPIROS DA ALETRIA

PELO SEU AMADO ASSUCAR

Era alta noite ; tinha caminhado
Metade da estellifera campina
A caçadora deusa, e para o lado
De Bootes seu gyro a Ursa declina :
O mitrado cardume, sujo gado,
Que para o ar Proteo cruel destina,
Do socego do mar favorecido,
Pelo convez jazia adormecido.

Mal o frio silencio interrompia
De quando em quando o leme que rosnava ;
O vento, o mesmo vento parecia,
Que no seio das aguas repousava.
Apenas o piloto de vigia,
E outro phoca, que o rumo demandava,
Apenas estes dous são acordados,
E eu, que attento assistia aos meus cuidados.

Quando lá das cavernas do mais fundo
Do navio uma voz sahe combatendo
Um passo, e outro passo torpe, e immundo,
Que em laivos de alcatrão a vai prendendo:
Tão cortado, tão triste, e tão profundo
Era o som, que opprimil-o não podendo
Prego, madeira, breu, tudo cedia
Aos pungentes clamores da aletria.

« Assucar, caro assucar, meu visinho!
Porém vizinho não, meu companheiro!
Onde estás? Oh! mal haja o que caminho
Pelo mar não trilhado abrio primeiro!
Se era homem na forma esse mesquinho,
Não devia ser homem verdadeiro;
Tinha corpo de páo, alma de ferro;
Digno de muitas mortes por seu erro.

Onde estavam, Neptuno, os teus cruentos
Baixos? Teus cégos váos, teus duros morros?
Aonde, alto imperante, rei dos ventos,
Aonde, Eolo, estavam teus cachorros?
E não correm crueis, loucos, sedentos
A tragal-os co'os seus vermelhos gorros,
Antes que na irrupção de dous imperios
Tragam mortes, divorcios, vituperios?

Pela doce união, vinculo grato,
Que na terra, meu bem, faço contigo,
Não ha mesa assejada, rico prato,
Em que logo não venham ter commigo:
Tudo que é gosto bom, fino palato,
Me festeja, me dá risonho abrigo;
Ando de mão em mão, de boca em boca,
A qual primeiro diga: isto me toca.

Aqui porém de ti divorciada
Pela negra ambição de um phoca escasso,
Insulsa, sem sabor, desconsolada,
Da marmitta á bandeja afflicta passo :
Só me gosta a brutal gente mitrada,
Ao limo affeita, á turba, e ao sargaço ;
Que pessoa de bem, gente de gosto,
Mal aos beijos me chega, volta o rosto.

Que eu nesta fatal urna, escuro seio,
Viva incognita a todos, pouco importa:
Que assim me veja quem com tanto asseio
Já me vio... oh! quizera antes ser morta!
Esta a causa do meu misero enleio...
Este objecto me vence, e me transporta...
Ver-me em triste repudio, em tal retiro...
É de pejo, e vergonha o meu suspiro.

Triste, mil vezes triste soledade !
Só para mim, cruel, no mar te avanças ?
Tudo o mais goza aqui de sociedade,
Os mais todos tem suas allianças.
Ah! Quando te hei de ver, minha saudade ?
Assucar, minhas doces esperanças !
Quando, quando virás ao meu regaço ?
Ah! Quando te hei de dar um terno abraço ? »

Aos echos tristes desta voz chorosa
Commove-se o paiol, sahe da barrica
A protestante brôa carunchosa
Cujo antigo solar em Londres fica :
Velha, calva, sem dentes, e rugosa,
Na sua meia lingua mal se explica :
Porém como não era muito tôla,
Á aletria saudando, assim consola :

Prima, querida prima! (Isto dizendo,
Deita-lhe o secco braço no pescoço:
A aletria por honra a vai soffrendo;
Mas que nausea! Que tédio! Que alvoroço!)
O coração me está, prima, revendo
Vosso justo queixume, o pranto vosso!
Consolai-vos, que tendes companheira,
Sem que me valha a graça de estrangeira.

Ao bom queijo frescal, manteiga nova
Nos anglicos navios sociada,
Um me gaba, este pucha, outro o renova,
Todos rindo me dão sua dentada:
Mas aqui, se por fome algum me prova,
Logo sou descomposta, e praguejada:
Como se fôra acaso culpa minha
Ter quem de lá me trouxe alma mesquinha.

« Somos parentas, não t'ó nego, ó brôa,
Mas legitima eu sou, tu és bastarda;
E esta desigualdade de pessoa
Tambem á queixa igual razão não guarda:
Além de que, te faz união boa
O caruncho, que sempre tens de guarda. »
Isto disse a aletria com int'resse
De que mais outro abraço lhe não desse.

Vem o truncado peixe, que nos bancos
A cabeça deixou, pois não convinha
Lê-se-lhe o mundo nos cabellos brancos
A decrepita idade que já tinha:
E bem que assim não traga os dias francos,
Descobre-se nas épocas da espinha,
Que o vira a Gran-Bretanha entrar escravo
No reinado infeliz de Henrique oitavo.

A um bordão arrimado o pobre velho,
Cada passo uma quéda lhe off'recia,
Té que chega por fim, sujo, e vermelho,
E emphatico assim falla á aletria:
« Este caduco, tremulo conselho,
Estes annos, senhora, esta polia
De que venho a teus pés todo coberto,
Que não desprezes tu parece acerto.

Todos aqui lamentam ; na verdade,
Cada qual mostra a causa pelo effeito,
Tem razão ; porém eu na minha idade
Lá mostro ter na magoa mais direito.
O teu mimo, finura, e gravidade
Justamente requer igual respeito ;
Porém entre estes lobos carniceiros
Todos, velhos ou moços, são cordeiros.

Nunos ! Castros ! Almeidas ! Quem me dera
Esse raio, essa ardente colubrina !
Esta infame patrulha conhecera
Que cousa é tratar mal a gente fina.
Mas para que é mecher na gente austera ?
Descance em paz a maxima heroina.
Para a sôcos ficarem ensinados,
De Gibraltar só bastam dous soldados.

O tropego ancião já de cansado
Parava entre colerico, e sentido ;
Bem que, a não se queixar, inda calado,
Pelo cheiro mostrava estar ardido.
A aletria, que tinha inda pregado
N'elle o rosto, e lhe dava attento ouvido,
Como quem se levanta de um transporte,
Responde-lhe mais viva desta sorte :

« Tu, pai da sexta, e sabbado, exp'riente
 Tua falla fizeste, e sempre impressa
 Dentro d'alma a terei: ingenuamente,
 Não parece de quem não tem cabeça.
 Comtudo a nossa causa é diferente:
 Bacalháo, tu tens quem te favoreça:
 Dão-te as mãos o azeite, e o vinagre,
 E á mesa só te assentam por milagre. »

A cornuda, infernal peste do Norte,
 Irmã podre da tosca medicina,
 Triste carne, que vem depois da morte,
 Soffrer cruel martyrio em negra tina,
 Penetrada tambem de magoa forte
 Sahe da calda mais forte que resina,
 E asquerosa, corrupta, e fedorenta,
 N'esta voz á aletria se apresenta:

O teu pezar, vizinha, é verdadeiro;
 É publico, a nenhum de nós se esconde:
 Mas tu pódés tornar ao companheiro:
 Eu onde hei de ir buscal-o? Dize: onde?
 Já co'a mão no nariz, pelo máo cheiro,
 Enjoada a aletria lhe responde:
 Aparta-te de mim, morte salgada!
 E esse teu escorbuto não é nada?

Eis que o arroz co'a cevada no fardello
 Vem-lhe attentos fallar da parte esquerda:
 É bem digno de pranto o teu desvello
 (Dizem) bem que é commum em nós a perda.
 « Querem correr commigo em paralle'o?
 (Lhes responde) Ora vão beber da merd.,
 Tu arrimo commum das pobres festas,
 E tu, doce ambição das magras bestas.

Que fiz eu? Nenhum d'estes é culpado!
Ambos me vêm de affecto verdadeiro.
Em succo de baleia recheiado
Sejas tu, negro phoca, cozinheiro.
Mas que! Lá me responde o enfarruscado
Apontando co'o dedo ao dispenseiro.
Ah! Que este ao capitão traz por escudo!
Ah! Que elle não responde! E réo de tudo.

Oh! Queira o forte impulso Neptunino,
Não que as praias o vejam insepulto,
Mas que soffra cruel, p'ra seu ensino,
Em qualquer parte vergonhoso insulto.
Nunca lhe mostre o céo rosto benino,
No vento sempre encontre incerto vulto;
Ou fraco em demasia, ou muito rijo,
Navegue sempre por marés de mijo.

Permitti, vós, ó Genios, a quem cabe
Da discordia, e desgosto a infernal arte,
Se é solteiro, solteiro mesmo acabe,
Se é casado, a mulher d'elle se aparte:
Qual outro Menelao prove a que sabe
Um desquite despotico, um aparte;
Em terra sem remedio soffra o damno,
Que no mar me permite deshumano. »

Os deuses protectores da innocencia,
Vingadores severos da injustiça,
Que até dormindo prestam audiencia
Ao suspiro int'rior, á voz submissa,
Como agora os ouvidos da clemencia
Negariam aos brados da justiça?
Emquanto o justo voto lhe differem,
Outra pena mais prompta lhe conferem.

Inda fallava: quando o mar desperta,
Acorda o pai Neptuno, Eolo acorda;
Um, e outro se põem co'ouvido alerta
A escutar os suspiros junto á borda.
Conhecido o motivo, e descoberta
A causa; qual de raiva desacorda,
E qual por suas mãos prompta vingança
Vai tomar do delicto sem tardança.

Dá-se Maroto igual? Que aleivosia!
(Diz o mar, pelos ares escumando.)
Atrevido! Bregeiro! Co'a aletria?
Não conhece a aletria? (Isto berrando,
Dizia o vento.) E ambos á porfia
No navio colericos saltando,
A sôcos, cachações, murros, sopapos,
Capitão, gente, emfim põem tudo em trapos.

Eu que do meu belixe a tudo attendo,
Pelas pragas do tempo desconfio.
Sento-me, abro o postigo: eis que vou vendo
O grão phoca correndo-lhe agua em fio.
Torno á cama: e aos céos agradecendo
O favor de salvarem-me o navio,
A mim mesmo me digo já deitado:
Ora graças a Deus! Estou vingado.

Padre MANOEL DE SOUZA MAGALHÃES

ARGUMENTO

Refutam-se os fundamentos
De alguns homens entendidos,
Que ralham dos instruidos
Em outros conhecimentos:
Mostram-se os merecimentos,
E excellencias da poesia:
Que qualquer sabedoria
(Se não abusamos della)
A nossa aventura assella,
A nossa fama avalia.

DECIMAS

Quem será sufficiente
A dar-te digno louvor,
Se o teu merito, senhor,
É ás vozes transcendente?
Dos homens o mais sciente
Alguma cousa dirá;
Porém onde se achará
Um sabio? Se elle é tão raro!
Quem o será! Eu declaro:
Só um poeta o será.

Nas letras o mais versado,
Sem poesia, é pateta;
Só é sabio o que é poeta,
Como será demonstrado.
Um juiz, um advogado

São mentirosos, tratantes :
Os medicos ignorantes :
Os philosophos sophistas ;
Charlatães os moralistas :
Os astrologos pedantes.

O bom desembargador,
Claro Macedo, meu Brito,
Carvalho, Bastos perito,
O amavel coadjutor
Contra mim todo o rigor
Pratiquem sem piedade :
Que eu amo a sinceridade ;
Sou Catão, em que me mellem ;
Inda mesmo que me pellem,
Hei de fallar a verdade.

Digam que é presumpção minha :
Que me póde isto importar ?
Cada um deve chegar
À braza a sua sardinha,
Que materia me convinha
Mais ajustada, e mais bella ?
Sem duvida, nem cautella,
O poeta é sem segundo
E a esses sabios do mundo
Eu trato de bagatella.

Astrea sob o docel
Tem só da espada a armação ;
Seus copos de vidro são,
Sua folha é de papel :
A balança sem fiel,
Sem mostrar peso ou medida :

Traz uma venda cingida:
E pela letra trocada,
Passa a justiça vendada
A ser justiça vendida.

Advogado o mais perfeito
Às leis chama seu conforto;
Mas faz do direito torto,
E do torto faz direito:
Torcendo as leis a seu geito,
Defende sem compaixão
Com razões a sem razão:
E eis que as bolsas exauridas,
Vão as partes concluidas,
E os autos sem conclusão.

Quando o medico chamamos,
Traz elle um seguro forte;
Por dar-nos a salvo a morte
Nosso dinheiro lhe damos:
Se da molestia saramos,
Diz que a vida lhe devemos;
Porém emfim se morremos,
Diz que a hora é definida.
Passam bem a sua vida,
E nós a nossa perdemos!

Dos philosophos, tirados
Os principios evidentes,
São as mentiras patentes.
Os erros continuados:
Em theses alambasados,
Não ha quem possa atural-os.
Se pertendemos sondal-os.

Mil subterfugios inventam
Sabios da Grecia se ostentam,
Sendo de Troya cavallos.

Sacro jarreta, allegando
O Larraga, o Busembau,
Corella, Castro Pallau,
Todo vermelho bufando ;
Os Decretos vomitando,
Os Concilios Synodaes,
Decisões e pastoraes,
Nestes incultos Brazis,
É touro dos Cariris
Entre os bandos recentaes.

Um Pantorra reverendo
Muito sabio se inculcando,
Ad intra as obras mostrando,
Ad extra as obras trazendo ;
Sobre os dogmas discorrendo,
Os mysterios discutindo ;
Aos fieis já presidindo
Pregador, ou missionario,
Elle um nescio, um plagiario?...
D'entro d'alma me estou rindo !

O geometra, que lida
Em um trabalho profundo,
Sabendo medir o mundo,
Nelle vive sem medida :
Pesa bem ; ninguem duvida !
Mas nos dá pesos incriveis :
Conta os numeros possiveis ;
Não faz caso, em razões varias,
Por linhas imaginarias,
Das verdades infalliveis.

Observa o astro inflamado :
Mas vendo luzir nos campos
Os brilhantes perilamos,
A causa ignora ; coitado !
Persente o ar perfumado
De aromas encantadores.
Que diz o mor dos doutores
Por observações tão bellas?
Muito da luz das estrellas,
Nada do cheiro das flores.

Aos astros refulgentes
Um certo errantes chamava.
Diogenes lhe tornava :
Vê, bom homem, que tu mentes :
Os astros obedientes
Ás impostas leis, que encerram,
A sombra espessa desterram
Em periódica acção :
Elles errantes não são ;
Os homens são os que erram.

Talles, que os astros observa
Na gruta se precipita :
Dóe-se, luta, geme, grita ;
Eis que o acode uma serva :
Ah ! meu senhor, sem reserva,
O que te convém não vês ?
Oh ! Quão nescio que tu és !
Loucura maior não ha !
Quer ver quem longe está,
Sem ver o que tens aos pés.

Desses que já dito tenho
(E os que deixo de dizer)
Que o mais sabio vem a ser

O poeta, a provar venho.
Sem que exgote todo o empenho,
Digo que sem poesia
A mesma facundia é fria:
Não ha sem ella eloquencia:
Só ella anima a evidencia,
Dando ás vozes energia.

De que me serve exprimir
O que está no pensamento,
Se a força do meu intento
Venho eu mesmo a destruir?
Ninguem poderá ouvir
(Inda na phrase mais pura)
As descripções sem pintura,
Os discursos sem ardor,
Os conceitos sem valor,
As narrações sem cultura.

Só do poeta a expressão
Faz da fonte uma serpente,
E faz mudar de repente
O mar em feroz dragão:
As Cloris muda em leão,
As Florindas em penedos;
Faz Nymphas dos arvoredos,
No céu as flores colloca,
Os astros por flores troca,
Vira as almas em rochedos.

Alexandre suspirava
De Achilles a grande dita,
Ao qual com gloria infinita
O grande Homero cantara:
A nenhum sabio invejára!

Todos a este cederam;
Aos outros não se renderam
Distincções tão gloriosas!
Sete cidades famosas
Por Homero contenderam.

Se as provas não são completas,
Com Fenelon assevero,
Que a Escripura excede a Homero,
Como Homero aos mais poetas:
A poesia dos prophetas!
De Job os altos talentos!
De David os pensamentos!
As bellezas dos Cantares!
São as provas singulares
Dos poeticos portentos.

Emfim, Pretor excellente,
Tenho já tocado a meta:
Sendo o mais sabio um poeta,
Vos louva condignamente,
Mas eu fico descontente,
Pois nem um, nem outro sou.
E se aos Grandes aggravou
A minha proposição,
Perdoem, pois como a Balaão
Hoje uma Besta fallou.

Ora pois fazer as pazes
C'os Homens de bem pertendo,
E submisso me arrependo
Dos meus assertos mordazes:
Fora o pensar dos rapazes:

Cada qual no que aprendeu
Ser sabio confesso eu;
Se outra sciencia estudou,
Nenhum delles se obrigou
A saber o estudo meu.

As razões destes extremos
As abomino, as escuso;
Que tem o saber c'o abuso,
Que nós do saber fazemos?
Do que estudamos usemos
Com modo e sobriedade.
Eis aqui a utilidade
(Inda apezar dos contrarios)
Que nos faz ser necessarios
À humana sociedade.

Nas leis gloria não pequena
Teve Licurgo, Ulpiano;
Em curar o corpo humano
Um Galeno, um Avicena:
As leis da natura ordena
Newton, Copernico igual:
Thomaz de Aquino em moral:
Euclides em geometria:
E Archimedes todavia:
Todos têm gloria immortal.

Agora transcreverei
O que do sabio se escreve:
Arte longa, vida breve.
Eu só sei que nada sei:
Nem isto mesmo direi:
Não sei o que é ignorar:

Filho do erro, hei errar;
Minha inopia reconheço.
Com o propheta confesso
A... a... a... Não sei fallar.

LUIZ PAULINO PINTO DA FRANÇA

Descrição d'um naufragio

Do vento açoitado
O oceano geme;
Desarvora o mastro,
E nos rouba o leme.
Já rasgada a véla
Pelos ares vôa,
Nas ondas mergulha
Soçobrada a proa.
Materia inflammada
Do ar se despega,
Clarão côr d' enxofre
A vista nos cega.
Raio combustivel
Nosso barco arromba,
No bojo dos mares
O ecco rebomba.

Tres vezes Neptuno
Com ancia implorámos:
Neptuno está surdo,
Em vão o chamámos.
O terror e o susto
De nós se apodéra,
O medo da morte
Só em nós impera.

Montões d'infelizes
Nas ondas sorvidos,
Intentam salvar-se
Por entre alaridos.
Um disputa ao outro
A taboa partida,
E qual mais ligeiro
Vai perdendo a vida.
Acaba a contenda,
A taboa fugiu,
Ao longo dos mares
Boiando se viu.
Feliz o que vive
Na solida terra,
Que negra borrasca
Jámais lhe faz guerra!

SONETOS

A teus pés, fundador da monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada :
Hoje rende á traição a forte espada,
Que jámais se rendeu á valentia.
O' rei, se minha dor, minha agonia,
Penetrar podem sepulchral morada,
Arromba a campa, e com a mão myrrada
Corre a vingar a affronta dêste dia.
Eu fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei: grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem;
E as lagrimas, que a dor aos olhos lança,
Recebe, grande rei, por vassallagem,
Acceita-as em protesto da vingança.

Duas horas antes de expirar

Eis já dos mausoléus silencio horrendo
 Me impede o respirar, a voz me esfria;
 Eis chega a morte eterna; eis morre o dia,
 E ao nada a natureza vai descendo.

No, da aniquilação, passo tremendo,
 Escudo-me da sã philosophia;
 Terror humilde o rosto não m'enfia,
 Como Catão morreu, eu vou morrendo.

Mas ah! tu, d'alma nobre qualidade,
 Saudade cruel, co'o soffrimento
 Me arremessas a mares de anciedade....

Mulher.... filhos.... amigos.... n'um momento,
 No momento do adeus p'r'a Eternidade,
 Vós sois o meu cuidado, e o meu tormento.

PADRE SILVERIO DA PARAOPEBA

Fabula do Morro do Ramos

Qual Dom Quixote
 No rocinante,
 Já cavalleiro
 Me fiz andante.
 Apenas raia
 A luz phebea,
 Não busco encantos
 De Dulcinea.
 A estrada busco
 De Villa Rica,
 Que doze leguas
 Distante fica.

Só por beijar
Neste almo dia
A mão piedosa
D'alta Maria.

Passo a *Itabira*,
Passo a *Caxoeira*,
E a mesma Serra
Subo á carreira.

Aonde o conde
De cavalleiros
Deixou a fonte
Aos passageiros,
Que ali descansam

Junto á corrente
Quando os abraza
A calma ardente.

Logo presago
Meu coração
Cá palpitou-me,
Nem era em vão.

Porque chegando
Ao fim da serra,
Ouço um ruido
Que ali me aterra.

De espessa gruta
Do sol isempta,
Figura horrenda
Se me apresenta.

Tostado o corpo
Tinha a figura,
Mais de mil palmos
Tinha de altura.

Os olhos fundos,
Faces chupadas,
As barbas brancas,
As mãos mirradas.

Mal se apresenta
Pasma o cavallo :
Cheio de espanto
Assim lhe fallo :
— « Quem és, me dize,
O' monstro horrendo ? »
Mal lhe pergunto
Fiquei tremendo.

Depois de um pouco
Estar calado,
Como quem soffre
Um mal pesado.

Abrindo a bocca,
Onde se viam
Tres velhos dentes,
Que já boliam.

Alçando aos ares
A carantonha,
Com voz cançada,
Porém medonha :

— « Sou *Ramos* » disse,
« Filho da terra,
Que aos altos deuses
Tambem fiz guerra.

« Com *Villa Rica*
Tomei amores,
Que hoje me causam
Magoas maiores.

« Ella me fez
O leito d'ouro,
E fez-me entrega
Do seu thesouro.

« Vivia farto,
Alegre e cheio,
E dos amores
Em doce enleio.

« Porém os deuses,
Que se aggravaram,
Logo a soberba
Me castigaram.

« Neste alto morro
Precipitado,
Por meu castigo
Fui transformado.

« Meus longos ossos,
Que aqui jazeram,
Em duas pedras
Se converteram.

« Por maior pena,
Maior castigo,
Tenho a *Velloso*
Por inimigo.

« Elle me estruge,
Elle me aterra,
Fazendo sempre
Contínua guerra.

« Agudos ferros,
Forças estranhas,
Me vão rompendo
Estas entranhas.

« Tenho defronte
A minha bella ;
Mas ah ! não posso
Chegar-me a ella.

« Deito-lhe os olhos,
Votos lhe off'reço,
Nem um aceno
Sequer mereço.

« Nos seus ouvidos
Por meus suspiros,
Soam medonhos,
Horrendos tiros.

« Lagrimas tristes
Correndo em fio,
Nas repuchadas
Daqui lhe envio.

« Porém debalde
Suspiro e choro,
Por essa imagem,
Qu'inda hoje adoro.

« Entre prazeres
De mim se esquece,
Ou por enorme
Me desconhece.

« Pois que com ella
Fallar não posso,
Pelo destino
Ou fado nosso :

« Dize-lhe que hoje,
Bem que se occulta,
O seu amante
Tambem exulta.

« Que, pois, lhe pede,
Como em penhor
Do seu antigo,
Fiel amor.

« Que desse nobre
Metal luzente,
Que do seu seio
Vai na corrente.

« Um padrão alto
Mande erigir,
Onde estas letras
Faça insculpir :

« = A par de Pedro,
Com alegria,
Por longos annos
Viva Maria. = »

ANTONIO MENDES BORDALLO**A D. João de Almeida**

Cançada a vista, o rosto macilento,
A pelle quasi rota sobre os ossos,
Perdido o grão soccorro dos humanos
A santa paciência ;

Almeida illustre, qual o furioso
Que perdeu a razão na violenta,
Na crise mais cruel da infeliz sanha,
Se morde, se espedaça.

Accuso os fados — corro delirante
Á fonte dos meus males; fataes livros !
Desde os primeiros, innocentes annos,
Paixão, doce cuidado !

Fixos os tristes, macerados olhos
Nos sublimes, nos celebres escriptos,
Onde achei a razão, d'onde a minh'alma
Maravilhada, absorta,

Ás espheras subiu, no immenso espaço
Viu os astros girar ; da natureza
Os arcanos, que o vulgo desconhece,
Penetrou atrevida.

Arranco mil suspiros — quê funestas
Idéas, na enleuada phantasia,
Se chocam, se confundem, sem que possa
Formar um só discurso !

O pranto se desprende ; a dôr immensa
Os gemidos suffoca, das virtudes
A mais bella me empresta a sua heroica
Constancia inalteravel.

Os mesmos que m'opprimem, que m'entregam
No seio tragador da vil miseria
O buido punhal que toca o peito
Suspendem, me desviam.

Os livros onde lia moral pura
Condemnam de Catão o sangue, a morte,
Sou forçado a viver, a ser ludibrio
Dos homens que me ultrajam.

Neste de afflicções duro combate
Se exaltam, se refinam mais pezares:
Os gregos, os romanos já não vivem
Para honrar os talentos.

A misera, infeliz bibliotheca
Condemno ao fogo, juro inconsiderado
Offertar nos altares da ignorancia
Frequentes sacrificios.

Porém que injusta, barbara deidade
A sentença revoca? Me apresenta
Do bravo Achilles, do piedoso Eneas,
Os immortaes cantores?

O furor se mitiga, não te espantes
Da subita mudança, caro Almeida ;
Se fosse acaso capital delicto
A lição de taes livros,

Com elles entre os braços subiria
Os lugubres degraus do cadafalso,
E diria ao tyranno: — Vil, aprende
A ter alma sensivel — !

O primeiro logar que se offerece
Aos olhos mal enxutos, quebrantados,
Narra os desastres, miserandos casos
Do genitor de Páris.

Então a mente como absorta pára,
Com aquelles combina os seus successos:
Que remedio efficaz para os afflictos
Achar damnos maiores!

Tu, que em herança dos avós preclaros,
Recebeste os brazões, o patrimonio;
Tu, que não viste o pavoroso aspecto
Da faminta pobreza;

Que cheio de afflicção, de encolhimento,
Não ensaias, não fôrças o teu rosto,
Para ouvir do ministro inaccessible
Um desabrido — *logo* —.

Que á custa de fadigas, de desprezos,
Não buscas o padrinho que te insulta;
Que não és reputado pelos grandes
Animal de outra especie;

O^r fertil genio, solidos talentos
Ancioso cultiva, reinvidica
Do poder do fatal esquecimento
A lusa, antiga gloria.

A casa de jogo.

Brindemos, Chapelain, a companhia
Dos guerreiros tafues, que denodados
Investem do cadete o louro campo,
Que encaram mil azares.

Que importa que o cruel, surdo destino
Despreze do Morão os ais, os votos:
Que importa que o cadete inexoravel
Embote nossas armas!

Não affrouxa a constancia, novo aproxe
Tu e eu dirigimos: pela esquerda
Eis que a dama apparece, qual Santelmo
Ao naufrago marinho.

Um pirollo, uma paz, um casamento
Annuncia a derrota: já vacilla,
Já fluctúa, e talvez peça armistício
O medroso banqueiro.

Mais ah! que a scena muda! horror, carnagem
O valete nos mostra! os teus suspiros
Só servem de aggravar males tamanhos,
Morão endiabrado.

Fujamos Chapelain, nada nos resta,
Além da paciencia; novo esforço
Façamos com os dados, *oitos, setes,*
Mudaram nossa sorte.

É igual a desgraça! tudo céde
Ao bravo campeão, filho das musas:
Mais *trezes*, mais *quatorzes*, mostra o dado,
Do que pulgas em Maio.

Os fados não se forçam, não se abrandam,
Impreterível é sua carreira:
Embora philosophe o sabio Motta,
Co'a sciencia de Euclides.

É preciso ceder, mudar de esgrima,
Unamos nossas armas contra as adens,
Que a par do lombo, em torno da chouriça,
Pacificas descançam.

Alli em batalhão todos unidos,
Qual Cesar de Pompeo ferindo as tropas,
Arremessemos amoladas facas,
Os garfos empunhemos.

Então o bom Faustino, mais affeito
Do que Annibal en Cannas, vai fendendo
Os fartos pei's da perdiz cevada,
Coif o durasio trigo.

Então o Bernardino espaventando,
As trigueiras bochechas Bacco invoca,
Invectiva o Duarte, narra os casos
Do desertor de Boston.

A tactica de beber rubro falerno,
Qu'os copos transbordando em grossa espuma,
Alegra os corações, eleva as almas,
Fará grandes conquistas.

Ou praguejem, ou não os maldizentes,
Esta nova invenção de colher louros:
É certo que riremos do cadete,
Sem perder um só chavo.



ARCADIA FRANCISCANA FLUMINENSE

Fr. ANTONIO DE S. URSULA RODOVALHO

Ao casamento dos Infantes de Portugal
e Castella*É decreto do céu, que se executa.*

SONETO

INEDITO

Respeita Portugal, Numen Sagrado,
Teu grande arbitrio sobre os bens, que goza,
E tua mão, que seus Heróes despoza,
Beijando está, de gostos mil banhado.

Na fé de seus maiores vae fundado,
Naquella fé constante e generosa,
Que em forte braço da nação famosa
Ao novo mundo tem allumiado.

Portugal não conhece outro destino,
Bem que o queira enganar serpente astuta,
Senão as leis do teu poder divino.

Tal é a voz, que em teu altar se escuta:
Estas bodas dispoz um Deus benino:
É decreto do céu, que se executa.

OITAVA

INEDITO

No Tejo aureo, e lá no Ibero frio
 Duas joias de preço se creavam ;
 Deu lustre aquella ao Luso senhorio,
 Com esta os Hespanhões muito se honravam.
 Trocam ellas emfim o patrio rio,
 Seu valor na mudança accrescentavam :
 Deste modo outra vez com melhor dita
 Uma e outra nação se felicita.

MOTTE

*D' Agenor a filha amada
 De galas enfeitada o vulto,
 E por obsequio agora
 A Jove perdôa o insulto.*

G L O S A

INEDITO

Europa, descubro o enredo,
 Tem commigo paciencia ;
 Este tempo é d'indulgencia,
 É tempo só de brinquedo.
 Não te lembra, um dia cedo,
 Que d'um touro namorada
 Aportar foste a uma Ilha?
 Pois fez esta maravilha
 D' Agenor a filha amada.

Mas já não fallo contigo,
Fallo em terceira pessoa.
Esta moça foi tão boa,
Que livre d'este perigo,
Estrangeira, e sem abrigo,
Vivendo em lugar occulto,
De Princeza teve culto:
E por brilhar mais que todas,
Agora em tempo de bodas
De galas enfeita o vulto.

Foi fineza, que enfeitada,
Sendo moça, não se vio;
Nem quando ao throno subio,
Nem quando veio roubada.
No vestir tão moderada
Sempre foi esta senhora,
Que enfeitar-se, nem uma hora,
Nunca tal d'ella se disse;
Só se foi na meninice,
E por obsequio agora.

Com razão sentio seu pouco
O que Jove lhe tem feito,
E desde então com effeito
Lhe pretende dar o troco.
Ora Jove foi um louco
Em tomar d'um boi o vulto,
E assim por um modo occulto
Mettel-a aos mares, e ventos:
Mas por estes casamentos
A Jove perdôa o insulto.

FR. FRANCISCO DA CANDELARIA

SONETO

INEDITO

Se dos regios infantes celebrados
Os desposorios vês com alegria,
Não julgues ser da humana fantasia
Pensamentos de novo fabricados.

Na sabia Providencia decretados
Estão todos os bens da monarchia:
Aos soberanos ella rege e guia,
No acertado governo dos estados.

Que penhor queres ter mais permanente
Do bem, que no presente se desfruta,
Que a vontade do Deus Omnipotente?

Pois quanto ordena um rei, que a Deus escuta,
Não é oráculo vão, que sempre mente,
É decreto do céu, que se executa.

EPIGRAMMA

INEDITO

No florido jardim da Lysia bella
A um nobre e verde loiro se creava,
A uma diva também de Castella
Os seus mimosos ramos levantava:
Guardada de leões estava aquella,
O loiro por si mesmo se guardava:
Mas, quando em grande altura se avistaram,
Dos dois troncos os ramos se enlaçaram.

FR. JOAQUIM DAS SANTAS VIRGENS SALAZAR**SONETO**

INEDITO

Depois que o rei dos reis, Senhor supremo,
Na prole soberana quiz d'Henrique
Monarchia formar que fortifique
D'Europa occidental o fim extremo ;

Que falte a Portugal prole não temo,
Pois elle o prometteu no campo Ourique :
Duvide esse infiel, negue, critique ;
Que eu de não crer a Deus é só, que tremo.

De Castella a real correspondencia,
Que o luzitano reino desenluta,
E' de Deus amorosa Providencia.

Não é de Portugal maxima astuta,
Não é vil interesse, ou dependencia,
É decreto do céu que se executa.

FR. BERNARDO DE S. GONSALO

DITO

Narrando estava Marte destemido
Seu valor entre a gente portugueza ;
Chega Amor, e lhe diz, que tal empreza
Não prosiga por quanto foi vencido.

Eu venci, assim falla o deus Cupido,
 As settas disparando com destreza:
 Seja prova de minha fortaleza
 Bragança com Borbon haver unido.

Pallas vendo brigar Amor com Marte,
 Doutamente termina a vã disputa,
 Mostrando em pouco seu engenho e arte:

Attende, Marte, diz, Cupido, escuta:
 Este laço d'amor vem d'outra parte,
 É decreto do céo, que se executa.

FR. IGNACIO DAS MERCES MALTA

SONETO

INEDITO

No regaço da mãe Amor estava
 Seus carinhos gozando em certo dia;
 Mil triumphos fiel lhe repetia,
 De que muito feliz se gloriava.

Eu venci, de (m fallava)
 Favoreça a (ouzadia);
 Já nos peitos (amor ardia,
 Quando eu da rica Iberia me apartava.

Mas apenas Cupido tem fallado,
 Sem demora lhe diz a mãe astuta:
 Teu prazer, filho meu, é, mal fundado;

A razão te darei, attende, escuta :
 Se taes peitos o amor tem abrazado,
 É decreto do céo, que se executa.

FR. IGNACIO DE S. ROZALIA

SONETO

INEDITO

Em amoroso laço permanente
 O conjugal amor tem apertado
 Os penhores fieis do Ibero estado,
 E as delicias tambem da Luza gente.

Uma e outra nação vive contente,
 Logrando aquelle tempo desejado,
 Que nos seculos vindouros celebrado
 Hade ser inda mais, que no presente.

A tocha nupcial que foi acceza,
 É grilhão da discordia dissoluta,
 Dos males communs firme defeza :

O vinculo d'amor, que a Deus se imputa,
 É concordia dos reis. É paz firmeza,
 É decreto do céo, que se executa.

ODE

INEDITO

Eu não decanto heróes ensanguentados
 Nos marciaes furores,
 Nem aquelles, que no orbe celebrados

Pelo nome immortal de seus maiores
Não buscam ser melhores,
E sem mais honra, que essa herdada gloria,
Querem encher capitulos na historia.

Tambem longe de mim, os que elementos
Insultam; desses ares
Trazendo cedros, pinhos corpulentos,
Para o seio rasgar dos frios mares:
Oh! musa, que pezares,
Se á vista dos objectos, que hoje tenho,
Louvar fantasmas fosse o teu empenho!

A' tocha nupcial castos amores,
Entôa em doce canto:
Da nossa gloria são fieis penhores,
Que o céo nos concedeu benigno, e santo:
Comtigo a voz levanto;
Pois que tão grande, e exuberante gosto
Encheu-me o coração, banhóu-me o rosto.

Nos santos laços de Hymeneu ditosos
A prole soberana!
Como são nossos dias venturosos!
Que mais quereis, ó gente Luzitana?
Podeis viver ufana,
Na posse da maior felicidade,
Qual nunca teve de Saturno a idade.

Intrepido appareça o teu semblante,
Que por propria defeza
Inda cheio d'horror, sempre arrogante
Ostentaste na mais guerreira empreza:
De todo o susto illeza
Não tornarás a ver a patria terra
Lavada em sangue, envolta em fumo, e guerra.

A paz dourada, a mansidão serena,
Co' o aspecto magestoso
A maligna discordia já condemna ;
Eis o tempo feliz, seculo ditoso :
Foge Marte raivoso ;
E debalde Vulcano nas fornalhas
Fundindo está canhões, forjando malhas.

Ah! povos, que soffreis da dura guerra
Fataes calamidades !
Não tendes visto destruida a terra,
Verdes campinas, villas e cidades ?
Recorrei as idades,
E vereis reduzidas a deserto
Por aquelles, que estão dos deuses perto.

Dos caudalosos rios, quantas vezes
Vistes nos proprios valles
Plantadas lanças, bellicos arnezes ;
Perniciosos males sobre males :
E tu, Ceres, não cales,
Que te fez em lugar de loiro trigo,
Brotar fructos de ferro o inimigo.

Graças aos céos : chegou aquelle dia,
Em que a pomba o virente
Ramo nos trouxe, imagem da alegria,
Annunciando paz a toda a gente :
Oh ! Lizia está contente :
A paz, a santa paz, que é do céu filha,
A teus pés reverente hoje se humilha.

De doces cantos com prazer immenso
Enche os serenos ares,
E espessas nuyens de devoto incenso

Levantar faze sobre os teus altares :
Dá cultos singulares ;
Pois convem, que em ventura tão notoria
Usos menos communs invente a gloria.

Alegrai-vos, ditosos Portuguezes,
E tu, feliz Hespanha ;
São dadivas, que o céu dá poucas vezes :
Este grande prazer, gloria tamanha,
A todos acompanha ;
E sendo deste modo igual a dita,
Uma, e outra nação se felicita.

Fr. RAYMUNDO PÉNAFORT DA ANNUNCIÇÃO

SONETO

INEDITO

Não temas, Luzo Imperio, que estes laços
Unindo para sempre a dois infantes,
Zelo excitem nos povos confinantes,
E te opponham soberbos embaraços.

Tudo destruirão estes dois braços,
A quem sacro valor faz triumphantes,
Que as quinas ao leão forças constantes
Darão sempre, inda feitas em pedaços,

Aquelle, que dos reinos rege a sorte
E jurou defender-te em toda a luta,
Quer, que Hespanha de ti seja consorte.

Não temas : e, o que diz teu Genio, escuta :
Da familia real o pacto forte
É decreto do céo, que se executa.

Fr. ANTONIO DAS NEVES

Das regias intenções effeito nobre.

SONETO

INEDITO

As serias reflexões das magestades
Que as duas monarchias felicitam,
A firmeza da paz nos facilitam
Com certeza de mil felicidades.

Tão sublimes e augustas qualidades
Duplicadas nas bodas se acreditam,
E ao prazer mais constante nos excitam
Nestas duas reaes posteridades.

Abraçaram-se os secptros com ternura,
E no sacro hymineo já se descobre
A eterna duração da paz futura.

Publique a fama, seus clarins redobre,
Que é tão grande prazer, tanta ventura,
Das regias intenções effeito nobre.

Fr. DIONIZIO DE S. PULQUERIA

Que mais hade fazer uma rainha.

SONETO

INEDITO

Descei, astros brilhantes, dessa esphera
Cingir a frente da maior princeza,
Que menêa com tão feliz destreza
A vara do poder que o céo lhe déra.

Doces hymnos lhe canta a gente Ibera
Suas glorias lhe deve a Portugueza,
São os frutos da sabia madureza,
Que mais se apura, quanto mais impera.

Fallo emfim da rainha luzitana,
Que á custa da melhor prenda que tinha,
Unio as gentes Luza e Castelhana.

Que outro bem, ó vassallos, mais convinha?
Que mais quereis da vossa soberana?
Que mais hade fazer uma rainha?

Fr. FRANCISCO DE S. EULALIA

Leão em Portugal, Quinas na Hespanha.

SONETO

INEDITO

Venturosa concordia, tu nos trazes
O socego geral das monarchias,
Repartindo constantes alegrias
D'amorosa união, de firmes pazes,

Refream-se por ti linguas mordazes,
Desterram-se de nós as vãs porfias ;
Tornam-se as noites nos mais claros dias,
A dois reinos emfim ditosos fazes.

Foge desta concordia, ó negra inveja,
Ou se por ella o teu furor se assanha,
Temer podes então, que em teu mal seja.

Porque tanto por mar, como em campanha,
Para tudo vencer, basta que esteja
Leão em Portugal, Quinas na Hespanha.

Fr. FRANCISCO DE S. CARLOS

SONETO

INEDITO

Entre tantos senhores soberanos,
Que vivem sobre a terra gloriosos,
Somente a flor dos luzos bellicosos
Levou a rica joia dos Hispanos.

Quer amor, que se deva aos seus enganos
O bom logro de gostos tão ditosos ;
Diz fortuna : que não : que venturosos
Foram por seu cuidado os luzitanos.

Foi ao céo em doirada e rica fita,
Assentada a proposta da disputa ;
E vem com decisão assim escripta :

A gloria só a Jove é, que se imputa ;
E toda a preeminencia dessa dita,
E decreto do céo, que se executa.

CANÇÃO

I

INEDITO

Oh ! que a imagem me vem á fantasia
De uma noite serena, e deleitosa,
Que apesar foi das trevas tão formosa,
Como costuma ser o claro dia !

Pois na cópia de luzes, que brilhavam,
E esmaltavam
O terreno
Grato e ameno,
Parecia
Que queria

Os direitos roubar o negro Erebo
Aos doirados do loiro Phebo.

II

Ouvem-se acordes varios instrumentos ;
Sôa d'Orpheo a rara melodia ;
Que com novos requebros attrahia
O rigor natural dos elementos.
O sonoro concento deleitava,

E alegrava
Os ouvidos
Divertidos :
Nem suaves
Lindas aves
Costumam entoar na tarde amena
Tão saudosa e jucunda cantilena.

III

Alternados tripudios já mostravam
De varias ricas farças a belleza,
E os ligeiros meneios na destreza
Os olhos mais attentos enganavam,
Andam-se os pés aqui, ali movendo ;
E fazendo
Levantados,
Ou parados
Em as danças
Mil mudanças
Como fazem nas aguas Eritréas
Os ceruleos Delfins com as Serêas.

IV

As castalias irmãs deixam as fontes,
Que ás suas glorias foram consagradas,
E da nova Aganippe namoradas
Não se lembram jámais dos sacros montes :
Afinam os aonios instrumentos,
E aos concentos
Do aureo plectro
Novo metro
Vão rimando,
Exaltando
A facha nupcial, que no presente
Tanto sublima aos céos a Luza gente.

V

Novos inventos vêm apparecendo,
Em que a industria d'Apelles, e a esculptura,
Roubando á natureza a formosura
Os olhos mais, e mais vão entretendo.
Ali dansas, e musicas estavam,
 Que apartavam
 Destes ares
 Os pezares ;
 E harmonia
 Tal havia,
Que, se o negro Plutão presenciara,
O misero Ixion logo soltara.

VI

Que lenho será aquelle cristalino,
Que vem sulcando o arido elemento !
Argo não foi melhor no luzimento,
Quando de Colcos trouxe o Vellocino.
Pendem dos lados luzes mil brilhantes
 Rutilantes,
 Como estrellas
 Muito bellas :
 E quem via,
 Cuidaria,
Que a barca do estrellado firmamento
Buscava sobre a terra novo assento.

VII

Um Vesuvio portatil transportava
A fusca prole d'Amphitrite undosa :
E a serpe formidavel, e espantosa
Pela garganta chammas arrojava.
Entre o fogo os cyclópes trabalhando

Vem cantando
 Á pancada
 Compassada
 Do martello
 Som mui bello:
 Nem já se vio fazer tanta harmonia
 Unida com o estrondo a melodia.

VIII

Esta machina andante o mundo atrôa
 Broutes, Pyraemon, Steropes forjando
 Estão sulfureos raios: já bramando
 O erro repetido aos ares sôa.
 Rapido sobe á esphera refulgente
 Fogo ardente,
 Que luzia,
 E fazia
 Nas alturas
 Mil figuras.
 E Vulcano parece, que da terra
 Faz ao reino de Jove dura guerra.

IX

Outros muitos objectos deleitosos
 Ornados d'esplendor, e de belleza,
 Em que á porfia o preço, e a destreza,
 Tornavam importantes, e formosos,
 Entreteram a noite toda inteira;
 De maneira,
 Q'os Etontes
 Sobre os montes
 Já se viam,
 Que luziam:
 Os quaes cantar não posso sem que tema,
 Que á canção degenera em um poema.

X

Aquelle illustre heróe, gloria do Tejo,
Que da occidental praia Lusitana
Veio illustrar a gente Americana
Attento aos espectaculos eu vejo.
Seu amor engenhou toda a alegria
E assistia
Entretido,
E esquecido
Do repouso
Deleitoso,
Que o vassallo fiel em seus excessos
Não reconhece obstaculos, nem tropeços.

XI

Vai, ó canção, correr todo Universo
E em teu verso
Vai cantando,
Publicando
As grandezas
Portuguezas ;
De sorte que assombrado o mundo diga :
Dos vassallos o amor a tudo obriga.



SECULO XIX



QUARTO PERIODO

(Até 1840)



PARNASO BRAZILEIRO



Fr. FRANCISCO DE S. CARLOS



A ASSUMPÇÃO

POEMA

A CONVOCAÇÃO DE SATAN

N'UMA horrivel prisão, que fez o Eterno
Na mais interna furna lá do inferno ;
Onde um recto Juiz sorpa inflexivel
Contra os reprobos chamma inextinguivel,
Habita Lucifer: sentindo o peso
De Deus, que ali o suplanta em ira acezo.
É um monstro medonho, e tão disforme
Na massa colossal do vulto enorme,
Que se o doce repouzo, e a paz gosara,
Deitado duas geiras occupara.
De tão sombria, e horrenda catadura,
Que faz pavor á mesma Estyge escura.
No reprobo semblante retractado
Vê-se todo o rancor d'um condemnado.

Os olhos afiguram dois cometas,
Que ardem entre duas nuvens pretas.
A boca era, se abria, internamente
Estuante fornalha. Quando ardente
Do peito o ar pestifero bafeja,
De vivas brazas turbilhões dardeja.
Assim do Ethna o gigante, se respira,
Lavas de enxofre acezo a Jove atira:
Todo o monte convulso se a outro lado
Revira o enorme corpo, meio assado.
Não é tão fea, não, a noite umbrosa,
Que apanha o viajor em matta idosa,
Perdido entre fuzis, raicos frequentes,
Urros de tigres, silvos de serpentes,
Como este monstro singular, e incrível,
Quasi sem fórma, quasi indefinível.
Se o Cantor Ulisseo vira este demo,
Diria ser gentil o Polifemo.

Em torno delle giram a milhares
Vãos espectros, nas fórmas singulares.
Do peccado, e da morte infame raça
Que lhe faz côrte, que lhe faz a praça.
As Eumenides, furias tão medonhas,
De grifo armadas, e fataes peçonhas.
A fera Erinix, ou cruel Alecto,
De serpes engrenhada a coma, e aspecto.
Carybdes, Scylla, Esphinges desconformes,
E d'um só olho as Gorgonas enormes.
Equipides Nubigenas monstruosos
Da leve nuvem partos vergonhosos:
Triformes Geriões, Janos bifrontes,
Os Aloidas altos mais que os montes.
Hydras de cem cabeças, mil serpentes
Na escama verdes, e na crista ingentes:
Nas mãos com a tocha a anguifera Megera,
E com flagello horrivel. A chimera,

Que labareda em turbilhões vomita :
A blasfemia, que de continuo grita
Pelas furnas do cáos: « Guerra aos ministros
« Do Rei do Empyreio, sempre a nós sinistros »
De farças taes os Anjos se vestiram,
Des que rebeldes lá do Sol cahiram.
Entre si estes monstros se aborrecem,
Debellam-se uns aos outros, não conhecem
A paz, nem união ; antes se mordem
Co'atroz rancor. Em fim tudo é desordem.

Certo já dos triumphos da Divina
Mãi do seu Deus, blasfema, e desatina.
E no throno, em que rege a infame praga,
N'uma cobra enfaxado, que lhe afaga
Co'a triple lingua os labios, fero, e irado,
Dando forte punhada, e rude brado,
Exclamou : « Onde está meu heroismo ?
« De que me serve ser Chefe do abysmo ? »
Do brado o éco retumbou no averno
E as furias, que exercitam lá no inferno
Nas almas condemnadas o supplicio,
Pararam de assustadas o exercicio.
« É crível (continúa) que a donzella
« De Nazareth nascesse em tal estrella,
« Que calcando meu sceptro, e minha furia,
« Ostente a meu pezar ser minha injuria ?
« Já no instante fatal, em que bafeja
« O halito da vida malfazeja,
« É na graça gerada : desprezados
« Meus terriveis grilhões, grilhões sagrados,
« Que sem reserva arrastam os humanos
« Sejam escravos, sejam Soberanos :
« Vive depois, e vive sempre altiva,
« De meus carinhos desdenhosa, e esquiva :
« Surda á sagrada voz do meu preceito,
« Sem menor attenção a meu respeito :

« Morre a final, de si sempre senhora,
« Do mundo, e seus encantos vencedora :
« Victima de um rival, e o vituperio
« Dos poderes da morte, e meu imperio.
 « E agora, por mais summa da desgraça,
« Sobre as azas dos anjos ao Céu passa
« A gozar de uma gloria nova, e immensa,
« Tratando-me com tanta indifferença ?
« E sou eu inda aquelle que por sorte
« Houve o reino das trévas, e da morte ?
« E quem crer póde, vendo que não pude
« Domar uma mulher, que assim me illude ?
« Quem humilde virá daqui em diante
« Prostrar-se a mim em ar de supplicante,
« Offerecer-me dons, victimas raras,
« E perfumes queimar nas minhas aras ?
« Mas tambem se largar de mão a empreza,
« Já não é mostra infame de fraqueza ?
« Não farei tal: a honra nada cede :
« Um prompto desaggravo a injuria pede :
« Heide-me oppôr: fatal, bravo transtorno
« Vou causar no triumpho estulto. Em torno
« Delle raios, trovões, nuvens, tormentas,
« Guerras de sangue, e horror sempre sedentas,
« Tudo farei valer; quer eu consiga,
« Ou não, o bom successo desta intriga.
« Atacar, é signal sempre de forte,
« Vencer, algumas vezes é da sorte. »

Como isto disse, chama a brado ingente
Um ministro infernal, seu confidente,
Por convocar as furias, que a milhares
Vagam por terra, e vagam pelos ares.

Fr. Francisco de Paula Santa Gertrudes Magna**Encomio poetico do conde dos Arcos**

Que sonoro clamor, que som jucundo
Será este, que atroa e espanta o mundo?
Que ligeira matrona tão formosa
É esta que diviso magestosa,
Sobre os euros voando accelerada,
De auríferas perpetuas coroada?
Da linda côr do céu toda vestida,
Com brancas, niveas azas guarnecida?
O rosto alegre, a roupa fluctuante,
E na dextra o clarim altisonante?
Ah! sim, tu és, oh bella, oh cara fama,
Vinde, povos, correi: ella vos chama:
Escutai os louvores, que publica;
Pois a tuba sonora á boca applica
Admirai (vos diz ella em tom valente)
O mimo que vos manda o céu clemente.
O varão a quem deu com primasia
O regimen excelso da Bahia,
É um sabio politico profundo,
Bem capaz de reger, dar leis ao mundo,
Um aulico varão de probidade,
Que acceitando das mãos da magestade
As redeas dos governos mais honrosos
Se ostentou em mil feitos gloriosos
Integerrimo, heroico, astuto, activo,
De si mesmo senhor, das leis captivo:
Um constante sequaz da recta Astréa,
Em cujo coração arde e se atêa
Do bem publico o zelo abrazador:
Um prudente, efficaz governador,

Que o feio crime pune com prudencia,
Ouve os tristes gemidos da innocencia,
Quebra a espada homicida, o impio aterra,
Da calumnia mordaz a boca cerra,
Prende as avidas mãos do latrocinio,
Calca aos pés o damnoso patrocínio,
E com altas, sublimes providencias,
As artes estimula, anima as sciencias,
Uteis planos na mente excelsa traça
Do commercio os canaes desembaraça:
Augmenta as producções da agricultura,
E grangêa ao paiz alta ventura.
É dos povos um terno bemfeitor,
Dos tribunaes fiel moderador,
Que, regrando a leal auctoridade
Pela recta balança da equidade,
Cinge a corôa á virtude, enfrêa o vicio,
Faz a terra ditosa, o céo propicio.
É o conde illustrissimo dos Arcos
O magnanimo, o inclyto Dom Marcos...
Aqui a fama a voz tanto forçou,
Que entre as mãos a trombeta lhe estalou.

Mas que genio, que vate sublimado,
Na castalia corrente inebriado,
Cantar pôde um louvor assáz honroso
A tão sublime heróe, tão glorioso?
Ah! Que não tenha eu a melodia,
Com que o Tracio cantor penhas movia!
As indomitas féras amansava,
Os troncos e montanhas arrastava!
Altos muros, cidades erigia,
E no horrido averno suspendia
A tristeza, o terror, a confusão!
Mas se um simples furor, se a indignação
Promptos versos dictou a um Juvenal;

Não fará hoje em mim effeito igual
O justo amor de um merito sublime,
Que da fama o clarim ao mundo exprime?
Sim, afoito a meu plectro a mão lançando,
E sem tímido pejo a voz soltando,
Como echo da fama eu principio
Do grande heróe o debito elogio.

Se um prudente varão, que assim governa,
Se faz digno de gloria sempiterna,
E ter deve por seu merecimento
No templo da memoria um alto assento,
A paz desses heróes, raios de Marte,
Que por terra, ou por mar, em toda a parte,
Animosos, por entre mil perigos,
Arrostrando da patria os inimigos,
Com mavorcio valor os derrotaram,
E com gloria o seu nome abrilhantaram:
Se das musas o canto mais pomposo,
E da patria o louvor mais glorioso
Gosar deve um heróe justo e prudente,
Que os povos rege sabia e destramente,
Vós, musas immortaes, estros divinos,
Vinde, vinde inspirar-me excelsos hymnos;
Que engrandeçam, que elevem com espanto
O sublime varão, que eu hoje canto.

E vós, divino Apollo, ardente nume,
Que os vates inflammais no sacro lume:
Vós auctor da canora poesia
(Arte excelsa, que em metrica harmonia
Com brilhantes, altissimos conceitos
Dos heróes eternisa os grandes feitos.
E co' magico assento dos seus hymnos
Os caducos mortaes torna divinos,
Prestai-me o vosso plectro harmonioso,

Com que possa cantar o nome honroso
Deste chefe exemplar nos seus governos
Que o céo já destinou para reger-nos.

Mas que scena brilhante se me off'rece!
Que deidade a meus olhos apparece!
Apollo de Camenas rodeado
N'um carro brilhantissimo, tirado
Por valentes frisões, socios de Ethonte,
Lá desce do castello, excelso monte,
A sacia eburnea lyra temperando:
Sobre o nosso horizonte vem marchando.
Oh como vem tão bello e tão risonho!
Mas que vejo! Que é isto? Será sonho?
Não, não é illusão, não é engano.
Das Camenas o nume soberano,
Chegando a mim, com gesto gracioso,
Sustendo o veloz carro luminoso,
Me entrega o tetracordo temperado;
E deixando Calliope a meu lado,
Ao Pindo se recolhe velozmente.
Seguindo a lactea via refulgente.
Que dita o sacro Apollo me segura!
Calliope a meu lado... Oh que ventura!
Vinde, vinde, pacificos Bahianos!
Restos nobres de antigos Lusitanos,
Vinde entoar commigo um novo canto,
Que os dous orbes atrôe, encha de espanto.

Eis a lyra celeste, aurea e sonora
Desse Deus immortal, que o Pindo adora:
Aõ som de tão melodico instrumento
Cantar o singular merecimento,
Desse conde, exemplar da humanidade,
Do throno arrimo, espelho da equidade,
Da nobreza esplendor, da patria lustre,

Que as virtudes herdou com o sangue illustre
De seus avós preclaros tão famosos,
Dos inclytos Noronhas gloriosos,
Que abrangem por divisa em seus braços
Arrogantes castellos e leões
Como prole antiquissima e real
Dos monarchas de Hespanha e Portugal,
Stirpe excelsa de heróes recém-laçada
Com a egregia familia celebrada
Nos fastos hespanhóes e portuguezes,
Com a inclyta prole dos Menezes ;
Cujo sangue por feitos illustrado,
Nos seculos remotos dimanado
Do alto e régio sólio de Leão,
Correndo enlaçado em geração
Com o sangue preclarissimo e real
D'altos reis de Navarra e Portugal,
Ostentou seus influxos poderosos
Nos grandes Marialvas façanhosos,
Como a Hespanha assombrada vio mil vezes
No bravo D. Antonio de Menezes,
Varão inseparavel da victoria,
Que o reino luzo encheu de immensa gloria,
Heróe, a cujo nome poderoso
Teme o Hispano inimigo inda medroso ;
Pois mil vezes na horrida campanha
A cerviz abateu da altiva Hespanha :
Já, qual raio veloz devastador,
Rompendo as linhas d'Elvas com valor,
E ganhando a campal, feliz victoria
Que seu nome esmaltou de eterna gloria :
Já tomando de assalto em arduas guerras
A Valença de A'cantra, e varias terras :
Já c'roando seus meritos preclaros
Na victoria alcançada em Montes Claros,
Onde a Hespanha orgulhosa emfim vencida,

Suas armas depôz esmorecida.
Mas em vão, musa minha, as azas bates,
Se numerar pretendes os combates,
Em que as palmas colheram da victoria
Estes e outros avós de eterna gloria,
Que o tempo assolador aos pés calcando,
É da parca inflexivel triumphando,
Sobre as azas do grande e heroico exemplo
Subiram da memoria ao sacro templo.
Deixa, musa, do conde a gloria herdada
Da sua alta ascendencia abrilhantada:
Não, não firmes, jámais os teus louvores
Nas façanhas de seus progenitores;
Que o illustre brazão das grandes almas
« Não se deve tecer de herdadas palmas; »
Nem o nobre esplendor do nascimento
Prestar pôde immortal merecimento,
A mesma voz da candida verdade
Altamente nos grita e persuade
Que se o nobre por si nada merece,
Quanta mais honra herdou, mais se invilece,
Que sem virtude a egregia fidalguia,
Apezar da vã pompa e da ufania,
Com que a plebe grosseira e rude assombra,
Tem menos realidade do que a sombra;
Esta ao menos é um nada, que se vê;
Parece alguma cousa e nada é:
Mas a herdada nobreza sem virtude,
Que os esquentados cerebros illude,
E' um nada enganoso, hereditario,
Só visivel no mundo imaginario.
Embora exaltem outros a grandeza
Dos soberbos phantasmas de nobreza,
Desses grandes do mundo, semelhantes
Áquelles altos montes arrogantes,
Sempre inuteis, estereis, sem cultura,

Que de grandes só tem a enorme altura :
Rudes massas bem dignas de desprezo,
Que a terra opprimem sempre com seu peso,
E tornam com a sombra infructuosos
Os seus proximos valles espaçosos.
Eu jámais louvarei os brazões futeis
De alguns desses varões á patria inuteis,
Que á sombra de seus troncos elevados,
No regaço da inercia reclinados,
As fronte cingem de vetustos louros,
E da patria disfructam mil thesouros,
Graças, titulos, honras e favores,
Merecidos por seus progenitores.
Durmam pois no profundo esquecimento
Os illustres varões por nascimento,
Que devendo deixar exemplos raros
D'altos feitos, de meritos preclaros,
Que resistam da parca ao duro corte ;
Não deixam mais que pó nas mãos da morte.
Eu canto um conde illustre, egregio inteiro,
Nos governos heróe, de heróes herdeiro,
Que se grande sahio por nascimento,
Maior se fez por seu merecimento.
Solta, musa canora, os teus louvores,
Falla : mas não : suspende os teus clamores.
Falle o grande Pará, que inda saudoso
Do seu justo governo precioso,
Inda chora, ou lamenta inconsolavel
A sua infausta perda irreparavel ;
Conservando nos gratos corações
Mil bellos monumentos, mil padrões,
Erguidos a tão caro bemfeitor
Pelas mãos do mais grato, ardente amor,
Monumentos mais fortes, mais seguros,
Q'os jaspes, q'os metaes, q'os bronzes duros.
Falle a côrte real americana,

Hoje assento da c'rôa Lusitana,
Que ao clarão da lucifera exp'riencia
O vio mover com zelo e com prudencia
A fulminante espada da justiça,
Cortar da horrenda hydra da cubiça
As avidas cabeças pululantes,
Derribar torpes vicios dominantes,
E velar pelo publico socego,
Mostrando-se em tão alto, honrar o emprego
O mais bello exemplar dos vice-reis,
Efficaz zelador das patrias leis.
Cante emfim seu louvor em tom jucundo
A Lysia, o Portugal, o Novo-Mundo,
Onde brilhando vôa e se derrama
Sobre as aras altisonas da fama
O nome de um heróe tão exemplar,
Que no governo vem resuscitar
As virtudes heroicas, eminentes,
Que ostentaram seus nobres ascendentes:
O quarto, o preclarissimo D. Marcos,
Sexto conde, com titulo dos Arcos,
Varão douto, politico e profundo
Capaz de dirigir os reis do mundo;
E o nobre D. Rodrigo de Menezes,
Honra e gloria dos grandes portuguezes,
Varão digno do credito immortal.
Q'inda tem nesta vasta capital,
Onde restam brilhantes monumentos
Da piedade exemplar, zelo e talentos,
Que tanto no governo o distinguiram,
E de esplendida gloria o revestiram.
Alegra-te, Bahia, exalta a frente;
Pois verás em teu seio brevemente
Um heróe, que reune os altos meritos
De tantos ascendentes benemeritos,
Já do throno emanou a escolha justa,

Já o conde osculou a mão augusta.
A Lysia americana o vio saudosa,
Entrar na regia não, que já vaidosa,
C'o thesouro riquissimo, que encerra,
O curvo ferro, guinda, larga a terra,
E já soltando aos euros todo o panno,
Vem sulcando este tumido Oceano,
Que debaixo da curva e ferrea quilha
C'o peso deste heróe geme e se humilha.
Mas que ouço? Que salvas estrondosas
Retumbam n'estas margens espaçosas?
Alviçaras, Bahia, que é chegado
O teu governador tão suspirado.
Já na barra se avista a não possante,
E sobre o mastro a flamula volante:
Já os fortes por bocas de canhões
O salvam com belligeros trovões.
Ao crebro trovejar do bronze ardente
Acode alvoroçada a incauta gente.
Que scena já diviso tão vistosa
Nesta vasta metropole famosa!
Exultam com razão seus habitantes;
O prazer resplandece nos semblantes.
Que novo, que geral contentamento!
Tudo vejo em acção, em movimento:
Soam vivas, repiques festivaes,
Ouço caixas, trombetas marciaes,
A cujos valentissimos accentos
Marcham destros, armados regimentos,
Formados em bellissimas fileiras,
Arvorando as belligeras bandeiras.
Já corre o senado com presteza,
O clero, os magistrados, a nobreza
A receber com esplendido apparato
O conde excelso em tão plausivel acto.
Já corré o povo á praia furioso

A ver o novo chefe tão famoso,
Que em brilhante escaler já fluctuando
A' ribeira espaçosa vem chegando.
Apenas salta em terra, me parece
Que logo o vicio esqualido estremece ;
Que o solido immortal merecimento
Ergue a frente humilhada, cobra alento,
Descobrimdo o Mecenas mais zeloso
Nesse chefe illustrado e poderoso,
Que entrando vem com vivas festivaes
Ao travez das fileiras marciaes.
Que alegre comitiva tão pomposa
Adorna a sua entrada gloriosa !
Apoz delles empunhando a nua espada
Vem marchando a policia desejada.
Com ar severo e passo magestoso
Vem Minerva, qual astro radioso
As luzes da sciencia derramando,
E com vivos fulgores dissipando
Da profunda ignorancia a noite escura,
A seu lado lá vem a agricultura
Coroadada com mimosas, lindas flores,
Offertando risonha aos moradores
Doces fructos, que a terra amena cria.
A prudencia que o conde excelso guia
A palacio já chega: e por cautela,
Qual vigilante astuta sentinella,
A's virtudes entrada livre deixa:
Mas com provida mão as portas fecha
Á lisonja, ao suborno, ao despotismo,
Á mole impunidade, ao fanatismo.
A vil adulação vendo-se expulsa,
Logo ardendo em furor, brava e convulsa,
Dos frivolos adornos se despoja,
E por terra iradissima os arroja.
O suborno, ministro da cubiça ;

E fatal corruptos da sã justiça,
Á vista de tão recto e justo conde,
Deixando os tribunaes, triste se esconde.
Astréa, que banida se suppunha,
Erguendo a fronte airosa, a espada empunha,
Sustentando na mão com segurança
A legal e rectissima balança.
A solícita industria vigorosa,
Pondo a inercia em fugida vergonhosa,
Desvelada correndo por mil partes,
Uteis fabricas ergue, anima as artes,
Como astuta, engenhosa directora:
Ao som de sua voz despertadora,
O ocio inerte, filho da preguiça
E o somno despertando s'espreguiça,
E gemendo se esconde na espessura,
Deixando os fertes campos sem cultura.
Tudo toma um aspecto mais brilhante
No sublime governo dominante...
Mas aonde por mão archipotente
Me vejo arrebatado incautamente?
Que nympha de immortal, gentil belleza,
Na mão levando a nivea tocha accesa
Por entre pavorosa escuridade,
No templo me introduz da eternidade?
Ah! sim, tu és, linda Amalthea,
Sybilla oriental, casta cumea,
Que a meus olhos, rasgando o céo escuro,
Me apresentas no quadro do futuro
A grande soteropole famosa
Gozando a idade d'ouro preciosa,
Cantada por mil vates eminentes
Em seus versos canoros, eloquentes.
Oh que emblemas no quadro edificante
Diviso á luz da tocha scintillante!
Alli vejo Bellona furiosa,

Preza ao carro da paz victoriosa,
E de um lado a policia dominante,
Conduzindo a pompa triumphante
Pela dextra a risonha urbanidade.
Mais ao longe a brutal barbaridade,
Fugindo de temor com passo incerto
A entranhar-se nas brenhas de um deserto,
De outro lado o commercio enriquecido,
De roçagante purpura vestido,
Entornando com seu robusto braço
Da Bahia no candido regaço,
A curva cornucopia de Amalthea,
Do mais puro, estimavel oiro cheia.
No centro do painel, que se m'off'rece,
Vejo á vivida luz, que me esclarece,
Os Bahianos polidos já contentes
Engolfados em brincos innocentes,
Desfructando a mais doce liberdade
Entre os braços da amavel sociedade.
Uns á sombra dos troncos mais frondosos
Comendo bellos fructos saborosos,
E com liquido nectar deleitavel
Mil saude fazendo ao conde amavel.
Outros juntos nas placidas campinas
Já tecendo-lhe c'rôas de boninas,
Já cantando á porfia os teus louvores,
Levando até ás nuvens seus favores
Sobre as azas sonoras da harmonia
Nos mais vivos transportes de alegria:
Todos abençoando com ternura
O benefico auctor de tal ventura.
Vejo emfim... Mas que velho venerando
Nos penetraes do templo vem entrando?
Com habitos de cynica pobreza,
E na mão a lanterna traz accesa?
Será este o Diogenes famoso,

O cynico arrogante, que orgulhoso
Aos pés calcava o fausto de Platão?
Sim, é elle, que o pallido clarão
Da esqualida lanterna levantando,
Com estoica irrisão vem contemplando
Dos guerreiros heróes mais valerosos
Os celebres triumphos sanguinosos,
Pintados por destrissimos pinceis,
Nesses amplos, magnificos paineis,
Que guarnecem de pompa respeitavel
As paredes do templo veneravel.
Já perto vem de mim com ar estoico:
Já vê com reflexão do conde heroico
O regimen benefico, espantoso
No quadro do futuro myst'rioso:
Mas apenas do alto do painel
Vê do conde o retrato mais fiel;
Exclama, em alegria transportado,
« Eis o homem por mim tão procurado! »
E curvando a cabeça reverente
De um sopro a luz apaga de repente
Aqui tudo a meus olhos se escurece,
Toda a grata visão se desvanece.
O' bom conde, que bens tão preciosos
Augurais aos Bahianos venturosos!
Oh mil vezes feliz, ditosa gente,
A quem o céu envia um tal presente!
Tomai pois nessas mãos industriosas
As redeas do governo magestosas.
Não pareis na carreira edificante,
Em que a passos velozes de gigante,
Correis ao sacro templo da memoria
Coberto de brilhante, immensa gloria.
Realisai, pr'enchei os grandes planos,
As bellas esperanças dos Bahianos,
Que sensiveis a tantos beneficios

Lá nos tempos vindouros mais propicios
 Taes padrões erguerão a vossa gloria,
 O' immortal vos farão na lusa historia:
 E por bocas de egregios oradores,
 Da eloquencia espargindo os resplandores,
 Levarão vosso nome á eternidade
 Sobre as azas da candida verdade;
 E se faltam do Pindo altos cantores,
 Que vos possam tecer dignos louvores;
 A gratidão fecunda dos Bahianos
 Crescerá vates destros, soberanos,
 Que nas chammas de Apollo radioso
 Accendendo o seu facho luminoso,
 Farão patente aos olhos das nações
 De suas brilhantissimas acções
 O quadro magestoso e verdadeiro,
 Que de espanto encherá o mundo inteiro.
 Eu mesmo em refulgentes, gratos hymnos,
 Vossos feitos de eterno applauso dignos,
 « Cantando espalharei por toda a parte »
 « Se a tanto me ajudar engenho e arte. »

Padre ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

A CREAÇÃO

Recitativo 1.º

Já do tempo voraz se divisava
 A ferrea curva foice reluzindo;
 Despiadado, umas vezes meneava,
 Outras vezes ao longe desferindo,

Em torno de si mesmo a agitava:
Quando o Nume potente
A cujo aceno o tempo audaz nascêra,
Fez retumbar a voz, que tudo impera;
Os abysmos do nada estremeceram
E ao Deus grande, e clemente
Os possiveis tremendo obedeceram:
Atonito levanta a escura frente
O cháos rodeado
De confusão e horror: inda a belleza
Com pincel variado
Não ornava a recente natureza.

Aria 1.ª

Tranquillas jazendo,
As ondas dormiam
Que a face cobriam
Do cháos horrendo.
Ao leve soprar
De um zephiro brando,
Vida vai cobrando
O languido mar,
Do vasto Oceano
No seio se encerra;
E a madida terra
Deixa respirar.

Recitativo 2.º

A luz resplandeceu, e o firmamento
Que em denegridas sombras se envolvia,
Mostrou formoso o seu soberbo assento;
De graças, e esplendor se revestia
O magestoso dia;
Quando, cheio de pompa e luzimento,
O sol rompeu nos ares, dardejando

De animante calor celestes raios.
 Enternecido, triste sentimento
 Magôa o rosto lindo
 Da noite descontente,
 Que a ausencia de Phebo luminoso
 Assim terna annuncia:
 Emtanto desferindo
 Escassa luz em throno tenebroso,
 Sobre nuvens o sceptro reclinando,
 A lua os céos, e terras alumia.

Aria 2.ª

Fulgentes estrellas
 Nos céos resplandecem:
 Na terra verdecem
 Mil arvores bellas.

Os montes erguidos
 Os valles retumbam
 Ao som dos rugidos,
 Dos feros leões.

Nas azas sustidas,
 As aves revoam:
 Nos ares entoam
 Sonoras canções.

Recitativo 3.º

O' terra! ó Céos! ó muda natureza!
 Trásbordai de alegria: triumphante
 Das entranhas do nada surge o homem:
 Eis apparece; e a candida belleza
 O sisudo semblante lhe ennobrece.
 Seu magestoso porte
 Soberano do mundo o patentea.

Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel
Que o immenso universo senhorea :
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel
Da mulher carinhosa,
Com suave doçura resplandecem.
Apenas a divisa transportado,
Tu és o meu prazer, que novo encanto
Eu vejo ! lhe dizia ; e arrebatado
Em delirio amoroso,
Mil vezes em seus braços a apertava,
E todo o extenso mundo,
Por ella só, deixar pouco julgava.

Aria 3.ª

Qual rosa engraçada
Que zefiro adora,
Terna e delicada ;
Enredo de Flora :

Assim é mimosa
E linda a mulher
E o homem se goza
Em se lhe render.

Qual grita entre as feras
Leão rugidor,
Derramando em torno
Gelido terror :

Tal se mostra o homem
Sobre toda a terra ;
Tudo rende e aterra
Em arte e valor.

Recitativo 4.º

O mundo era creado, e transluzia
Em toda parte o braço omnipotente,
Que fizera raiar a noite, e o dia.
Da frigida semente
Outra vez novo ser se produzia;
Animada ao calor do sol ardente,
Tudo em vida fervendo parecia.
Fecundo recebera
Virtude de crescer, multiplicar-se,
O animal que á fera
Impia morte soubera sugerir-se.
Então o Creador arrebatado
Em divino prazer, almo, infinito,
Olhou dos Céos o livro sublimado
Que com as suas mãos havia escripto,
E assim fallou: Ouvi cheios de susto,
Mortaes, a voz do Deus immenso, e justo.

Aria 4.ª

Os Céos entoam
Minha grandeza
Os seres todos
Juntos pregoam,
Por varios modos,
Do eterno ser
O incomparavel,
Grande, inefavel,
Alto poder.

A minha gloria,
Homem, respeita,
Rendido, aceita
Meu mandamento,
Traze á memoria,
Que o firmamento

Por ti criei:
Que o mar e a terra
E o que ella encerra
Tudo te dei.

Se me adorares
Com vivo amor,
E me offertares
Santo temor;
Por mim o juro,
Minha presença
Ao peito puro
Eu mostrarei,
E recompensa
Tua serei.

Mas se quebrares
O meu preceito,
E sem respeito
O profanares,
Da morte fera
A mão severa
Tu sentirás:
E em vão gemendo,
No averno horrendo
Me chamarás.

ODE SOBRE O AMOR

CONSIDERADO COMO PRINCIPIO E ESTEIO DA
ORDEM SOCIAL

Não foram, caro Souza, as lyras de ouro
De Orpheo, e de Amphion, que os leões bravos,
E os indomitos tigres amansando,
As cidades fundaram.

Embora finjam mentirosos vates,
Que as torcidas raizes desprendendo
As arvores annosas, que os penedos,
Apoz elles correram,

Tú, só tú, puro amor, despir podeste
De estúpida bruteza a humana especie ;
Só tú soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

Sem ti insociaveis viviriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados ;
Ou nos sombrios verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam,
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente estímulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singellos prazeres da amizade,
Prazeres suavissimos, só dados
Aos peitos generosos, e sensiveis,
Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas,
No seio da ignorancia inda jazeram ;
Que inerte, e frouxo a nada se atrevera
Um peito enregelado.

As bellas Marcias, as gentis Lycores,
Em vão dos vivos olhos fuzilaram
Acesos raios, com que audaz fulminas
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas engraçadas bocas,
Em vão, meigos sorrisos soltariam,
Tingindo as juvenis mimosas faces
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.

Dos risos, e das graças rodeada,
Venus com farta mão não derramára
Em seus rusticos leitos brandas flores,
Flores que tú só colhes.

O gosto de abraçar a cara esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

Vira-se em breve, co'o volver dos annos,
Ermo de novo, o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda terra
Outros homens brotassem.

Ah! crê-me, Souza, amor, amor, sómente
A vasta natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos gera,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expôr a vida,
Em defesa da patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver soffrido longas marchas
Por aridos sertões, por frias serras,
Arrastrando cansado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas ;

Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando a furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte envolta levam ;

Depois de ver os rapidos ginetes
Atropelando os fulminados corpos
Dos cahidos guerreiros, que em vão pedem
Vingança, ou piedade,

Entre os braços da timida donzella,
Que amor lhe promettêra, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.

O misero cultor, que industrioso
Do fertil seio da benigna terra
Faz abrolhar os preciosos fructos,
Que a vida nos sustentam,

Ou já soffra no frigido Janeiro,
Emquanto o arado rege, os finos sopros,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O gelado *Nordêste* ;

Ou já suporte no calmoso estio
Do abrazado *Suão* o ardente bafo,
Cuidoso, o louro trigo debulhando
Nas pulverreas eiras ;

Apenas desenvolve o denso manto
Sobre a face da terra a noite amiga,
Se o repouso procura aos lassos membros
Na rustica morada,

Vendo a fiel consorte, que saudosa
Ao encontro lhe sahe, e o caro filho,
Que largando da mãe o doce peito,
Lhe estende os tenros braços,

Em ternura suavíssimo desfeito,
Que o casto amor no coração lhe entorna,
Contente já de sua humilde sorte
Bem diz a Providencia.

Assim, ó Souza, na fiel balança,
Onde a razão os bens, e os males pesa,
Se vê que, sem amor, a vida humana
Seria insupportavel.

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA

A' HENRIQUE DIAS

NATURAL DE PERNAMBUCO, E SEU RESTAURADOR
EM 1654

Estrophe I

Não posso, Egregio Henrique, em larga cópia
As lagrimas da Aurora offerecer-te;
Nem de marmor luzente
Padrões eternos contra o Tempo erguer-te;

Antiestrophe 2

Assim outr'ora Elpino,
 Atropellando os Évos fugitivos,
 Da immensa Eternidade
 As bifores abriu formosas portas :
 Quanta d'alli rutila
 Brillhante gloria em Azamor, e Arzila!
 Viste de novo Adamastor, ferrenho
 Sulcar teus mares Lusitano lenho.

Épodo 2

Qual furor divinal de mim se apossa!
 Que sacro enthusiasmo
 Em grossos turbilhões me assalta á mente!
 Onde me elevas impeto divino!
 Oh Passado! Oh Futuro! Eu vejo tudo,
 Abrem-se os penetraes aos meus accents.

Estrophe 3

Henrique! Lá me assoma em densa treva
 Do féro Belga a alta trincheira invicta!
 Que clamor, que se eleva!
 Que terror nos cercados, que se excita!
 O bipene cutello a Parca afia
 No fuzilo dos elmos, das espadas;
 Trôa o bronze inflammado,
 Que em chuveiros a morte despedia.

Antiestrophe 3

Como debalde intentas,
 Belga soberbo, te esquivar ao raio!
 Como!... Já se arremessam
 Altas escadas ás trincheiras altas;

Já tremula a primeira
 Sobre as muralhas portuguez bandeira ;
 Já curvas, Hollandez, com Fado escasso,
 Altiva fronte do Africano ao braço.

Épodo 3

Freme na Estancia o belico Mavorte
 Fulminando ruinas.
 Lá Dias apparece... ah! quão azinha
 Foge ao vel-o a Batavia atrocidade,
 Assim de Heitor fugia o Grego imbelle,
 Que as muralhas de Troia accommettia.

Estrophe 4

Que confusão, ó Musa, que alarido!
 O céo se encobre de negrume horrendo!
 Que estrondo nunca ouvido!
 Que sangue pela terra vai correndo!
 Que é isto!... Mas lá sôa... « O Belga forte,
 « Nas salinas fugir em vão intenta ;
 « Henrique os atropella,
 « É a seu lado se espraia a negra morte. »

Antiestrophe 4

Tal do Heróe de Carthago
 Fugia á vista a Quirinal cohorte:
 Quando em Tresbia valente
 O consul atrevido derrotára,
 Tal foge temeroso
 Do açor cruento á garra furibunda.
 O aereo bando de mimosas pombas.
 Tanto do Heitor Brasílio assusta o braço?

Époda 4

Como lá foge ao vel-o nas Taboças
 O Batavo medroso!
 Como sem côr, sem vida, espavorido,
 De susto cheio, no Afogado foge!
 Como tresûa navegando os mortos
 Na feia barca o sordido Charonte!

Estrophe 5

Guararápes! abaixa o nobre cume;
 O illustre Scipião lá vai subindo,
 Que nunca visto lume
 Da fulgurante espada vem sahindo!
 Relincha o nitridor atropellado
 Sangue, e fogo no freio mastigando;
 Lá sôa!... lá começa
 Dos peloiros o estrondo repetido.

Antiestrophe 5

Qual do cavallo vôa,
 Qual sem cabeça corpo vai rolando,
 Qual decepado braço,
 Inda tremendo aberta a quente espada,
 Qual sem dono ginete
 Pisa, e repisa galopando o campo....
 Lá dá costas o Belga, lá procura...
 Nas densas mattas o mesquinho abrigo.

Épodo 5

Musa!... porém já basta, descancemos
 Um pouco a lyra d'ouro;
 E entretanto conheça o Mundo todo,

Épodo 1

Longe de mim o vulgo boquiaberta,
 Que não pôde escutar os sons cadentes,
 Que o vate desencerra;
 Longe de mim a turma aborrecida,
 Que á Lirica não sóbe, e que derrama
 Versos sem alma, e só no nome versos;
 Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,
 Não de Filinto, Coridon e Alfeno;
 Meiga pompa ululante
 Não segue os vãos da ave do tonante.

Estrophe 2

Vem, Aonio, á meu lado ouvir meus hymnos;
 Vem a prestar-me a lyra,
 Que hoje tem de troar com sons divinos,
 Quaes Diniz, que nos guia,
 Outr'ora modulára;
 Vem commigo cantar, deixa de parte
 A arrufadiça Ulina.
 Se devemos á patria a nossa vida,
 Demos-lhe a nossa fama,
 Demos vida aos heróes, que á patria a deram.

Antiestrophe 2

 O' vós sombras divinas,
 Manes de Henrique, manes de Negreiros,
 As campas sacudi, erguei a frente
 Para escutar o cisne,
 Que roubou vosso nome ás mãos do Lethes.
 Exultai! Novo heróe vai hombraear-vos
 Sobre as azas da fama.
 Teve parte comvosco nos perigos,
 Vai ter comvosco seu quinhão na gloria.

Épodo 2

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,
 Emulando de Marte a valentia,
 Venceu Numancia fêra,
 Carthago derrotou, deu leis ao mundo,
 Foi doce á patria, horrivel ao imigo;
 Qual Condé, cujo nome portentoso
 Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,
 E que, quando voava ao Marcio campo,
 Levava no seu braço
 O augurio não fallivel da victoria:

Estrophe 3

Rebello assim desfeito em chamma, em ira,
 Á toda a parte vña,
 E onde assoma valor, audacia inspira.
 Treme de ouvir-lhe o brado
 O Belga esmorecido.
 Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerne
 Provocando o inimigo,
 C'a espada trovejou raios de mortes,
 E, Hercules imitando,
 Rouba a vida á um Antheo c'os rijos braços.

Antiestrophe 3

Foge o Belga medroso,
 Foge á vista do heróe; porém aonde
 Póde escapar ao raio? o heróe o segue,
 Assoberbando tudo.
 Nada lhe embarga os passos, nada o prende;
 Chameja, espuma, brama, e os campos tãla,
 Desmorona os reductos;
 E de sangue, e de gloria, e pó coberto,
 Entre impios ossos caros ossos piza.

Estrophe 3

Muzurépe! Já vòa em teu soccorro,
 Dos olhos sintillando fogo ardente,
 Sedento do inimigo,
 O heróe á cuja fama é pouco o mundo.
 Já!... Que horror! entre fumo, entre alarido,
 Chove o bronze mortifera granada;
 Cruzam lanças, a hoste se derrama...
 Exulta, ó Mazurépe! O Belga cede,
 Ante o Brazilio raio
 Tudo é pó, tudo é cinza, tudo é nada.

Épodo 4

Novo campo de gloria se offerece
 Ao brazileiro Tigre:
 Sigismundo a vingar-se lhe apparece.
 O' Belga desgraçado!
 Porto Calvo famoso
 Por tres vezes te vio deixar-lhe o campo,
 Quando Rebello forte,
 A dextra o raio, o terrorismo á frente,
 Impavido assomando,
 Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

Antiestrophe 4

Assim o antigo Persa,
 No esquadrão numeroso confiando,
 Aos da Grecia guerreiros se apresenta;
 Assim Flaminio bravo
 Á gloria de Carthago, ao fero Annibal;
 Tal em Neméa os bravos Sicilianos
 Á Pericles se offrecem;
 Assim nas margens ferteis do Garona
 A aguia soberba foi lançada em terra.

Épodo 5

Assim em Roma o brio dos Horacios
Nos recemnados filhos vegetava;
Assim o egregio sangue
Em Termopilas dura derramado
Antolhava em seus filhos vingadores:
Tomai delles o brio, a força, a manha;
Sêde sempre fieis á patria cara:
Vós sereis Brasileiros:
Sereis Pernambucanos verdadeiros.

Anonymo Bahiano**O « Pelo-signal » do Conde dos Arcos**

Na barra foi que se vio
A jangada bordejando,
Como se estivesse esperado
Pelo signal.

Foi o Simplicio fiscal
Em ir ao padre prender,
Vindo cavalheiro ser
Da Santa-Cruz.

Para o palacio o conduz,
Vindo de traição aos seus:
Dos falsos pernambucanos
Livre-nos Deus.

Foi preso o padre e os seus,
O que fôr justo direi,
Por se levantar contra o rei
Nosso senhor.

Então justa destroça
Dos falsos pernambucanos,
Que sempre são dos bahianos
Inimigos.

Se entraram no perigo
Os jangadeiros culpados,
É porque foram chamados
Em nome do padre.

O doutor, para que guarde
A todos no pensamento,
Disse que veio ao livramento
Do filho.

Cercado de maravilhas
De conselhos obrigado,
Como se fôra ditado
Do Espirito-Santo.

Como se oppôz abateu-se ;
A vil culpa nos contém :
Elles nos sirvam de exemplo.
Para sempre, amen.

JOSÉ ELOY OTTONI

GLOZA

Dos sceptros, que arrancou, rivaes de Roma
A infame, a prostituta, ergeu-se altares,
O dragão do Oriente ao rito assoma,
De veneno e de horror salpica os ares.

O colosso se ergueu, mortal symptoma
Unio virtude ao continente, e aos mares,
E ao ribombo da gloria lusitana
Deu signal a trombeta castelhana.

Se guerreira, ou cruel, a Hespanha um dia
Deu leis ao mundo inteiro, a Hespanha agora
Pune o roubo, a traição, a aleivozia,
Rebata ao monstro a furia usurpadora :
Das cavernas e tumulos se erguia,
Clarão noturno, que brilhava outr'ora!
No Pantheon se ouviu écco ruidoso,
Horrendo, féro, ingente, e temeroso.

De provincia em provincia o raio acceso
Vinga o damno, a perfidia, o dólo, o estrago,
Da Hespanha o odio, que transcende illeso
Te avisa, infame, a sorte de Carthago;
Não mancha a gloria de um solar defeso
Perjurio antigo na apparencia afago :
Retumba o Ebro.... e a voz da Iberia ufana
Ouvio o monte Artabro e Guadiana.

O Algarve sacudindo o arnez e a malha
Que a mão da morte enxovalhados tinha,
Enruga a testa, os esquadrões retalha,
Entoa o nome da immortal rainha.
Rebomba ao Norte a guerra! um genio atalha
O golpe, que o furor desembainha,
Neptuno vendo em furia o Tejo iroso,
Atraz tornou as ondas de medroso.

Lisia a fronte gentil ergeu vaidosa,
O pai, os filhos de prazer chorando
Viram como em fugida vergonhosa
As aguias sobre o Tejo esvoaçando ;

Sem honra escapa a gente bellicosa,
Os meninos e os velhos esmagando ;
A carnagem feroz e deshumana
Ouvio o Douro e a terra Trastagana.

No ardor de illustre e fervido combate
Marulha o Tejo, o Mançanares brame,
Remonta o vôo, que sem pejo abate,
D'ingenuas aguias o brioso enxame :
Libertina cruel, raivosa Hecate,
Os louros murcham da victoria infame :
A instavel urna contemplando ancioso,
Correu ao mar o Tejo duvidoso.

Anjo terrivel desfechando a espada,
De novo ensópa em amargura o Douro ;
Descobre a mão depois de ensanguentada,
Do riso inerme o placido thesouro.
Reçuma de prazer do Rio a entrada,
A fronte cingem de oliveira e louro
Os paes, que em pranto os filhos abraçaram,
E as mães, que o som terrivel escutaram.

O raio d'Albion nas grutas sôa ;
Retumba o ferro nas lipareas ilhas,
O sujo Bronte arregaçado atrôa,
Batendo notas da cadencia filhas.
Predisse o fado a gloria de Lisboa :
E os heróes de tão altas maravilhas,
Depois que em nobre ardor as mães beijaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

Á POESIA

ODE

Não os que enchendo vão pomposos nomes
 Da adulação a boca ;
 Nem canto tigres, nem ensino a feras
 As garras afiar, e o agudo dente :
 Minha musa orgulhosa
 Nunca aprendeu a envernizar horrores.

Genio da inculta patria, se me inspiras
 Acceso estro divino,
 Os porfidios luzentes não m'o roubam,
 Nem ferrugentas malhas, que deixaram
 Velhos avós cruentos :
 Canto a virtude quando as cordas firo.

Graças ás nove irmãs ! meus livres cantos
 São filhos meus e seus !
 A lauta mesa de baixela d'ouro,
 Onde fumegam sículos manjares,
 Do vulgo vil negaça,
 Mal comprados louvores não me arranca.

Divina poesia, os alvos dias,
 Em que pura reinavas,
 Já fugiram de nós. — Opacas nuvens
 De fumo os horizontes abafando,
 A luz serena offuscam,
 Que sobre o Velho Mundo derramaras.

Á sêde d'ouro, e á vil cobiça dados
Os filhos teus (ingratos!)
Nas niveas roupas tuas aljofradas
Mil negras nodoas sem remorso imprimem.
Mascarada lisonja,
Fome, baixeza os venaes hymnos dictam.

Então, que densos bosques e cavernas
Os homens acoutavam,
Pela musica e dansa acompanhada
Benefica poesia a voz alçando,
Do seio da mãe terra
Nascentes muros levantar fazia.

Então pulsando o vate as cordas d'oiro,
A populosa Thebas
Altiva a frente ergueu, ao som da lyra;
E os horridos costumes abrandando
A sentir novos gozos
Aprende a feroz gente, bruta e céga.

Assim Orptheo, se a doce voz soltava,
Os Euros suspendidos,
O rio quedo, as rochas attrahia:
E os raivosos leões e os ursos féros
Manso e manso chegavam
A escutar de mais perto o som divino.

O selvagem que então paixões pintava
Com uivos e com roncocos,
Pelas gentis Camenas amestrado
Os ouvidos deleita, a lingua enriça,
E com sonoro metro
Duraveis impressões grava na mente.

Qual a tenra donzella branca e loira
 Da Paphia deusa inveja,
 Os olhos côr de céu, vermelha a face,
 O peito faz sentir, que não sentia:
 Assim Musas divinas,
 Corações bronzeados ameigavam.

Entre os frios Bretões, e os Celtas duros
 Reinarão as Camenas.
 De pó, de sangue, de ignominia cheios
 Mostra os vencidos Ossian á patria;
 E a frente coroando,
 Canta os triumphos, canta a propria gloria.

Qual das aves a magica harmonia,
 Que a primavera canta,
 Assim teus feitos, grandes e sublimes,
 No dia da victoria, herculeo Fingal,
 Teus bardos celebravam,
 E a testa sobrançada desfranziás.

Soberbos templos teve, teve altares
 Na Grecia a poesia.
 Genios brilhantes! seus antigos vates
 Os sociaveis nós, uteis e doces,
 Humanos apertaram:
 Simples, e poucas, sabias leis fizeram.

A frente levantar não se atrevia
 O fanatismo ferreo;
 Co'a gotejante espada dos altares
 Arrancada, vermelho sangue quente,
 Que lagos mil formára,
 Dos proprios filhos não vertia a terra.

Nem absurda calumnia perseguia
A razão e a virtude...
Se a terra via, via heroicos crimes.
Tu, monstro horrendo, horrendo despotismo,
Ah! sobre ti cahiram
Accesos raios, que na mão trazias!

Maldição sobre ti, monstro execrando,
Que a humanidade aviltas!
Possam em novos mares novas terras,
Por britannicas gentes povoadas,
Quebrados os prestígios,
Os filhos acoutar da liberdade!

Então a fome de ouro, mãe de crimes,
Negra filha do inferno!
Não tinha o braço matador armado
Do tyranno Europeu. — A Africa adusta,
E a doce patria minha,
Seus versos innocentes entoavam.

Vós lhes dictaveis, Heliconias deusas,
Ternos versos chorosos
Do doce amigo morto á sombra ausente!
Outras vezes as vozes levantando,
A gloria dos heróes
Em choréas energicas cantavam.

Então nascendo altiloqua epopea
Celebra os semideuses:
Tal da Grecia recente em alvos dias,
A trombeta embocando sonora,
Fez ver a luz Homero,
Que depois imitaste, augusta Roma!

Não mil estatuas de fundido bronze,
 Nem marmores de Paros
 Vencem as iras de Saturno idoso:
 Arrazam-se pyramides soberbas,
 Subterram-se obeliscos,
 Resta uma Illiada, e uma Eneida resta!

Qual rouca rãa nos charcos, não pretendam
 De mim vendidos cantos.
 Se a Cythara divina me emprestarem
 As filhas da Memoria, altivo e ledó,
 A virtude cantando,
 Entre os vates também terei assento.

Á ROLA

ODE SAPHICA

Tu que estes ares despejada cortas,
 Para onde, dize, voas sacudindo
 Tantos aromas de Sabéa origem,
 Doce rolinha!

Entre a plumagem de arroxadas côres
 Alegre trazes pallidas violas!
 A quem no bico offerecer destinás
 Jasmins e rosas?

Porque pendente do pescoço lindo
 Um papel trazes, que parece escripto
 De amores ternos, que um amante envia
 Á sua amada?

Pára, e responde: — Vou seguindo, amigo,
Não meus caprichos; obedeço ao mando
Imperioso de meu caro Amo,
De Nize escravo:

Nize formosa, Nize que domina
Livres vontades, e com meigo riso
As iras vence de Cupido, e vence
Mortaes e deuses.

Desde os pendores da gentil *Tijuca*
Vim ao chamado do meu grão Poeta.
Terno me pede; porém eu submissa
Por amo o tenho.

Elle me ordena que lhe leve á Nize
Carta nascida de seu brando peito;
Cujos amores, dos mortaes inveja,
Canta suave,

Quando entre as penhas, resoando a lyra,
Nize celebra em *Catombi* ditoso;
Ou nas sombras, sempre verdes margens
Do seu *Catete*.

Jurou-me agora de outorgar-me certo
A liberdade, se esta carta entrego;
Mas eu que pezo com juizo as cousas,
Eu a rejeito.

De que me serve atravessar os ventos,
Soffrer os frios da empinada serra,
Comer faminta, de bichinhos cheias,
Bagas agrestes?

De que me serve recrear os echos
Dessas montanhas com lascivo arrulho,
E em duas garras de Gavião pirata
Perder a vida?

Mais vale escrava do meu bom Josino
Cumprir honrada e bem leal seus mandos ;
E no seu meigo bordadoso seio
Gemer suave.

Sentado á mesa, elle co'migo brinca :
Eu lhe arrebató o seu melhor bocado ;
Pico-lhe os dedos, eu a barba pico,
Beijo-lhe a boca.

Ri-se, e me anima. E se doidices faço,
Não me castiga, nem sequer se enfada ;
Antes em taça de *Madeira* louro
Logo me brinda.

Eu, quando Febo calido remonta,
Faço-lhe sombra co'as abertas azas ;
E se da noite vai crescendo o frio,
Tambem o aquento.

Assim eu vivo regaladamante ;
Livre de laços, livre de perigos,
Durmo tranquilla ; ou de sentinella
Guardo-lhe a lyra.

PARAPHRASE

DE PARTE DO CANTICO DOS CANTICOS

O ESPOSO

Ah dá-me, ó cara, os saborosos beijos
Dessa suave purpurina boca !
Quaes em torno das rosas orvalhadas
Abelhas diligentes, taes do accesso
Coração pullam férvidos desejos.
Já meus vorazes beijos vão roubando
Balsamico thesouro sobre os labios
Em que Amor mora. A lingua sitibunda
De nectar divinal todo me inunda.
Mais jucundo que arabigos perfumes
É o hálito teu, amada esposa !
Qual nova Phenix entre aromas puros
Arde comtigo já minha alma amante :
Arde, sim — mas ditosos seus ardores !
Pois para doces jubilos maiores
De novo resuscita, quando morre.
Tu de pombinha azul tens as pupillas :
Dous pomos crús, que o crú amor nutrira ;
Brincam no meio do expandido seio :
Elies, ó cara, são duas aljavas,
Donde mil corações amor settea.
Vaidosas graças mil cingem-te o corpo
Se passeias ; e se ligeira corres,
Pareces viração que os trigos move.
Qual do prado rainha as flores vence
A fresca rosa, assim gentis donzellas,
Quando te vêm, de inveja amarellecem.
Crystal o collo, de ébano as madeixas ;
Lindos jasmims os candidos dentinhos ;
Nos rubros beijos trazes mel e leite ;
Faz deste mundo céo um seu sorriso.

A ESPOSA

Meu doce bem, ah cessem teus louvores ;
Porque tal formosura eu não a tenho :
Sim, eu ardo de amor, mas não sou bella.
Comtigo só, comtigo, caro esposo,
Derreter-se de amor esta alma ancía.
Feliz serei, se o fogo meu te accende ;
E serão paga minha os teus deleites.
Sim, um só coração de dous façamos.
Com sympathico lume ambas as almas
Amor nos accendeu — tua sou toda :
Eu para ti, tu para mim nasceste.
Desde que os olhos teus para mim voltas,
O coração, qual raio, ah tu me abrazas.
Eu apenas respiro, perco as côres,
Ardo, esmoreço ; fico toda amores.

RESTO

DE UMA TRADUCÇÃO DE OSSIAN

Ao pé de alto rochedo alcantilado
No cume da montanha,
Debaixo de um carvalho carcomido
Ossian, de Fingal derradeiro filho,
Já velho, sobre o musgo repousava.
A loura crespá barba
Agitada do vento lhe ondeava ;
Sósinho, pensativo,
Já privado da vista, elle escutuva
A voz medonha do tufão do Norte.
Negra tristeza então lhe assalta o peito,
E a chorar os mortos seus assim começa :
Eis te cahido, qual um grão carvalho,
Cercado de seus ramos !

Onde, ó Rei Fingal, onde estás, ó padre?
 Onde estás tu, Oscúr, ó filho amado?
 Onde estão os meus todos?
 Ah, repousam na terra! embalde os braços
 Estendo, e com mão gelada apalpo
 O tumulto já frio: só a torrente
 Ouvindo estou, que breme furiosa
 Na pedra sepulchral, que as cinzas cobre!
 Que me queres dizer negra torrente?
 Lembranças do passado me apresentas.
 Filhos do Fingal nestas margens eram
 Qual matta espessa em chão succoso e rico:
 Agudos ferros suas lanças eram.
 Bem temerario, quem oppôr-se ousava
 Ao seu furor e raiva!
 Fillán o grande estava aqui. Tu estavas
 Oscúr, meu caro filho!
 Aqui estava o potente e nobre Fingal
 Co'a fronte branca de velhice honrada;
 Sobre as membrudas pernas se firmava,
 Suas largas espaduas presentando.

.

FRANCISCO VILELLA BARBOSA

MARQUEZ DE PARANAGUÁ

LYRA

Viste-me, Anarda, e gemeste...
 Mas eu que tambem gemia
 Os teus ais attribuia
 Á dô de me ver penar.

Não julguei que de amor fossem ;
Este em Gelia estar cuidava :
Cégo então, que o procurava
Tão fóra de seu lugar !

Não receies pois que n'alma
Mais esta Gelia persista :
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar ?

Sim, Anarda, amor julguei
Existir no peito della,
E no teu estava, ó bella,
Que a mais bella é o seu altar.
Mas alfim em ti o achei,
Foi-se o encanto, e acabou Gelia ;
Assim perde o brilho Delia,
Se Phebo chega a raiar.

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista :
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar ?

Se ella tem longos cabellos,
De côr de ebano e anellados,
Dize, os teus não são dourados,
Não fazem tudo cegar ? -
O sol, meu bem, que aos mais astros
Por brilhante causa zelos,
Tambem tem louros cabellos,
Como os teus se vêm brilhar.

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista ;
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar ?

Se os seus olhos são travessos,
E ardentes como os de Venus,
Não faltam certos acenos,
Certa expressão singular?
Quando amorosos se volvem,
E mostram d'alma a ternura,
Tem a languida doçura
Em que os teus vejo nadar?

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar?

Nos teus olhos quaes dous astros
Marco as horas preciosas,
Em que as vagas amorosas
Meu baixel deve sulcar.
Pois se denso nevoeiro
Gyra nelles do ciúme,
Fujo ao trepido negrume
Vou-me no porto anchorar.

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar?

Se o seu rosto é bem talhado,
Se é mimosa a face sua,
Tem acaso a côr da tua,
Vêm-se as rosas rebentar?
Tu não vês como já murchos
No seu rosto os jasmims pendem,
Não vês como os teus recendem,
Quaes estrellas no alvejar?

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar?

Se ella tem a boca breve,
Por ventura tão jucundo
Vê-se o coral rubicundo
Como na tua rasgar?
A tua boca, meu bem,
É de perolas thesouro:
Tuas palavras são ouro,
Que á tempo sabes soltar.

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar?

Se tem o seio espaçoso,
As ondas n'elle espraçadas,
Já batidas e cançadas
Dormem como em morto mar.
No teu, meu bem, ao contrario
Empoladas ondas vagam,
Onde as vontades naufragam,
Que ardentes se vão banhar.

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar?

Se os seus braços são roliços,
Breve a mão, o pé escasso,
Seus movimentos, seu passo
Tem teu garbo regular?

Ah! Se tu nos teus me apertas,
Sinto de amor as cadêas:
Se danças, ou se prendes,
Vejo-te as graças cercar.

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar?

Em fim, Anarda, de Gelia
No que toca a formosura,
Tenho-te feito a pintura;
E tens tu que receiar?
Não tens, além de mais bella,
Uma alma em tudo completa,
Que sabe nobre e discreta
Tantas graças realçar?

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar?

Se por acaso inda á Gelia
Alguma homenagem cabe,
É de nescio, que não sabe
O que é digno de se amar.
Assim ao barro formoso,
Sem alma, sem movimentos,
Mil profanos rendimentos
Vê-se o mundo tributar.

Não receies pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e esta conquista
Quem te póde disputar?

EPIGRAMMA

E' este o vosso Conselho !
O nome foi mui bem dado :
Não é do Estado o conselho
Mas sim conselho de Estado !

MANOEL ALVES BRANCOVISCONDE DE CARAVELLAS

Á LIBERDADE

Genio das solidões, enquanto curvo,
Calcado aos pés do fero despotismo
Geme o Universo, no teu sacro asylo,
Venho ampliar minha alma ;
O monstro aqui não temo,
Nem os seus vis satellites bifrontes :
Sós nos rodeiam n'estas soledades
Os Arabes errantes,
Do homem primitivo o só modêlo...
O deserto é seu templo, ao Sêr Supremo
D'onde oblações enviam.
N'estes aridos plainos sem limites,
N'estes combros de areias movediças,
N'este, de horrores estendido abysmo
Habita a foragida liberdade.

Eil-a doirando
Deste ermo as trevas
Com seus influxos :
Arma-lhe a dextra uma afiada espada,

Punição de tyrannos ;
 A sinistra a balança,
 Penhor do sancto dogma da igualdade,
 Tem a seu lado a rigida virtude,
 A cujo seio desce
 Dos céos cadeia d'aço sempiterna.
 O primeiro fuzil Zenão sustenta,
 E Lycurgo severo ;
 Na branca simples veste o deusa enxuga
 O sangue, que dimana das feridas
 Do intrepido Catão, Seneca illustre,
 De Traséas, de Peto venerandas.
 Martyres da virtude, eu vos saudo !
 Eu vos adoro, divinaes portentos !
 Por vosso honrado sangue, e pelo ferro
 Que essas veias rasgou, dai que rebentem
 Na amada patria, emulos da gloria,
 Emulos vossos, que atro despotismo
 Nas furnas infernaes, sedento ruja,
 E o mundo, que accurvou, console Themis.

Como é da deusa o solitario asylo
 Magnifico na sua singeleza !
 Dos bronzes, nem dos marmores o orgulho
 Este alcaçar profano
 Seus atrios não respiram
 Do Oriente a molleza affeminada,
 Sob o relento, sob o céu potente
 Ouve as queixas do probo,
 Do oppressôr envenena os passatempos,
 Pune a avareza do juiz iniquo !...
 Lá me acena, e me aponta
 Para o quadro dos tempos resgatados
 Das mãos do esquecimento ; lá me abrem
 Seus thesouros, e os seculos aventam
 Pela dada sahida atropellados.

Lá se levantam
Em densas turmas
Leões do Caucaso!...

Ennoitecem os céos pulvereas nuvens,
Descora Marathona!
Tisiphone anciosa,

Precursora da morte, bate as azas,
E faminta de estrago, abrindo a boca,
Crespos dragões vomita.

Misera Grecia, lá se despedaçam
As columnas da tua independencia!

Mas que heróe d'ali se ergue?...

Do elmo fuzilam vividos coriscos,
É Pallas, se demove os igneos olhos;
É Coriolano fumegando em ira;
É Reinaldo no arrojo impetuoso!...
Genio sublime, impavido Milciades,
A pinha das cohortes inimigas,
Precedido de horrores, arremettes.
Eis descosidos batalhões serrados;
A floresta de lanças cáe por terra,
Embotadas no escudo d'aço fino.
Triumphá; e sobre a ruina dos tyrannos
Hasteia os teus pendões, ó liberdade!

O destino com cravos de diamante
Fixará infausto aresto inexoravel:
A Pythia o lêra na convulsa tripode.

« — Novo Theseu valente

« — Co'os perigos se affronta,

« — Novos monstros ao duro braço rende.

« — Mas que pranto, que ululado se ouve,

« — Se alonga em toda a Grecia?

« Vergonhosa auricidia os pulsos lhe ata! — »

Ah! Completou-se o oraculo tremendo.

Tu foste, ó liberdade,

Demandar outras plagas mais amigas,
 Onde plantasses os salvados garfos
 A cuja sombra acolhem-se as virtudes,
 Cujos fructos são solida ventura.

Eis o terreno
 De semi-deuses
 E monstros berço,
 Onde extremado a natureza humana
 Elevou-se até Bruto,
 Abateu-se até Nero.
 Remontando de novo ao grande Aurelio,
 Não vês este horizonte endeusado
 Que em derredor o cinge?
 Não vês aquella copula soberba?
 D'ali frexando os vôos possantes aguias
 Quaes aligeros Euros,
 Ou quaes o pensamento o espaço tragam,
 As tyrannas cabeças ameaçam.
 D'ali dos Scipiões a voz rompia,
 Nas azas da victoria aos polos ambos.
 O' Roma, alta princeza das cidades,
 Dormitas? Onde os teus antigos brios?
 Eia, accorda, eia, arranca denodada
 A mascara fagueira dessas hydras,
 Que famulentas, em teu sangue illustre
 Anhelam saciar perfidas garras.
 Não tens a liberdade em teu amparo?
 Ah! que á cobiça franqueaste o peito!

Contemplai, povos livres, no cadaver
 Da soberana de um milhão de imperios...
 Chorai sobre estas ruinas magestosas!...
 Aqui foi Roma, ó povos!
 A mudez dos sepulchros,
 Onde o *Veto* troou, tremendo impera.

Será que mais horror a terra opprime?

Que lugubre alarido

Nos antarticos gelos longe echôa?

O ar se entenebrece, arqueja a terra,

Ensanguentam-se os astros:

Redobrados trovões estalam!

Travam combate horrisono co'as penhas

Enfurecidos mares; ronca rouco

Da tempestade o genio pavoroso!

Por amplo hiato

Feias harpias

O inferno aborta

Entre ondas de espessissimos vapores.

Tantos grãos não revolve

No seu bojo o Oceano!

Co'as estridentes, rebatidas azas

Vem sulcando cahoticos negrumes!

Tu as sentiste, Europa!

Tu gemeste nas trevas enredada.

A santa liberdade espavorida

Desampara teu gremio;

Arvora o ferreo sceptro a tyrrania!...

Ai de ti! miseranda, quantos seculos

Pendem de horrores!... Ai que a tocha eterna

Da razão tenta embalde alumiar-te!

Por aqui, por ali crepusculavam

De espaço a espaço dias milagrosos

Abafados em sangue mal nascidos!...

Já quasi fenecia o santo lume,

Eis que avulta em vigor e aclara os orbes.

É fama que de lobrega espelunca

Troou pesada voz — Somos vencidos!

Fugi ó filhos! o homem conheceu-se.

Genio que transvoaste destemido

O pego tenebroso das idades,

Apressa-te em beber no arco sonôro
A setta mais estremece,
E pelo véo que enlucta
Do globo a maior parte darda os fôcos
Onde a luz concentrou-se portentosa.
Olha o genio da America,
Açaimados no Norte os negros monstros,
Como pelo Occidente ao Sul discorre!...
Olha a soberba Hisperia,
C'roada de triumphos mauritanos,
Perseguindo-os na trepida fugida!...
Olha d'heroicas cinzas renascendo
A Italia, e braço a braço co'elles trava!...

Mas d'onde assôma
Novo luzeiro,
Que ressumbrando
Vem das espessas trévas fugitivas?

Enlevado o contempla,
Em extasis profundo,
Um mortal, antes nume, alçando a fronte
Gotejante de um rio caudaloso.

Tremei, filhos do Averno,
Tremei que Lysia acorda do lethargo
Inerte em que jazia, e em brado iroso

Já proclama os mysterios
Gravados co'o cinzel da eternidade
Da natureza no sacrario augusto.
Livres e iguaes nascestes, Lusitanos!

Lei, bem commum; decepe-se o que damna,
Quão rapido no peito humano se ergue
A natureza ao grito da verdade!...
Quão rapido baqueia a prepotencia,
Que tem por base lagrimas e sangue!

Manes de Freire, venturosos manes,
 Cantai, cantai victoria; lei tremenda
 Não póde a natureza revogal-a,
 Vos condemna ao sepulchro — mas vencestes!

Cuidava o monstro suffocar em cinzas
 Os sentimentos do homem, reduzil-os
 Aos de indignos escravos, que o cortejam,
 Ufanos de beijarem

O pó, em que elle pisa!

Cégo não via da razão o braço
 Estalar-lhe os degrãos do altivo throno,
 Preparar-lhe alta quéda!

Céga não via sua luz divina,
 Que já nos horizontes scintillava,
 Ameaçando raios!...

O' Luzos! parabens! No nosso seio
 De novo alça a razão seu templo augusto.
 Eia! Vamos beber na fonte pura
 De seus archivos preciosos dogmas!

Fr. JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA

MOTTE

*Não posso contar meus males,
 Nem a mim mesmo em segredo;
 É tão cruel o meu fado,
 Que até de mim tenho medo.*

GLOSA

Dos homens sendo a paixão
 Incendio voraz no peito,
 Sempre tem funesto effeito,
 Se não rebenta o volcão.

Eis porque, meu coração,
Pouco falta, que me estales ;
Porque nos montes, nos valles,
Em deserto, ou povoado,
Não posso soltar um brado,
Não posso cantar meus males.

Horrenda sorte, e funesta,
Escasso fado mofino,
Até me roubas, malino,
O allivio que me resta !
Tudo que sinto me atesta
Que os do Cocyto inda excedo :
Porque não tendo elles medo
De contra Deus blasphemar,
Não posso de mim fallar ;
Que até de mim tenho medo.

Ver o polo negro arder
Em raios abrazadores,
Feros Notos berradores
Dos montes cedros varrer ;
Todo o mundo estremecer,
Dos trovões ao rouco brado ;
Da terra o centro rasgado
Nações inteiras sorvendo,
Quanto ver isto é horrendo !
É tão cruel o meu fado.

O peito d'antes sereno
Centro de amor e ternura,
Agora é morada escura
De males mil, com que peno.
Vós p'ra quem um fado ameno
Aponta com aureo dedo,

Fugi de mim, porque cedo
Mudar-se vereis a sorte;
Pois o meu mal é tão forte,
Que até de mim tenho medo.

QUADRAS

Entre Marília e a pátria
Colloquei meu coração;
A pátria roubou-m'o todo,
Marília que chore em vão.

Quem passa a vida que eu passo,
Não deve a morte temer;
Com a morte não se assusta
Quem está sempre a morrer.

A medonha catadura
Da morte feia e cruel,
Do rosto só muda a côr
Da pátria ao filho infiel.

Tem fim a vida daquelle
Que a pátria não soube amar;
A vida do patriota
Não pode o tempo acabar.

O servil acaba inglorio
Da existencia a curta idade;
Mas não morre o liberal,
Vive toda a eternidade.

HYMNO DE FR. CANECA

Entre Marília e a pátria
Colloquei meu coração:
A pátria roubou-m'o todo:
Marília que chore em vão.

Marília, pede a teus filhos,
Por minha própria benção,
Morrã, como eu, pela pátria:
Marília que chore em vão.

Apenas forem crescendo,
Cresçam co'as armas na mão;
Saibã morrer como eu morro,
Marília que chore em vão.

Defender os patrios lares,
É dever do cidadão;
Quando exalem pela pátria,
Marília que chore em vão.

II

Para defender a pátria
Menino homem se faz,
Em dando a vida por ella,
Morrendo, não peno mais.

De que me serve viver
Entre suspiros e ais?
Si vivo, vivo penando;
Morrendo, não peno mais.

Inda que eu queira, não posso
Existir entre os mortaes.
A morte serve de allivio;
Morrendo, não peno mais.

Oh! morte, porque não vens
Findar meus dias fataes?
Si vivo, vivo penando;
Morrendo, não peno mais.

JOÃO GUILHERME RECTCLIFFE

SONETO

Eu não lamento o proximo perigo,
Nem a escura prisão, estreita e forte,
Lamento as caras filhas, a consorte,
A perda irreparavel de um amigo.

A prisão não lamento, outra vez digo,
Nem o ver eminente o duro córte;
É ventura tambem achar a morte,
Quando a vida só serve de castigo.

Ah! quão depressa então acabar vira
Esse sonho, esse enredo, essa chimera,
Que passa por verdade, e é mentira!

Se eu filhas e consorte não tivera,
E do amigo a virtude eu possuira,
De vida um só instante eu não quizera.

Ao dia 17 de Março de 1825

SONETO

Das brazilicas praias, viajante,
Não temas do sanhudo tigre o dente,
Nem da escamosa e giboica serpente
Negro extracto, que traz mortiferante.

Não temas a maldade desolante
Do Cafre feroz, bruto, insolente,
Nem do negro o rancor á branca gente,
Pois n'estes ha brandura algum instante.

Não temas ver surgir dos horisontes
De sulphureo vapor prenhes montanhas,
Pois de Thetes a vinda avisa ás fontes.

Não temas encontrar visões estranhas;
Teme sim... este Nero, ah!... este Brontes,
Que não se farta de rasgar entranhas!

SONETO

Elevado ao Zenonico transporte,
Stoico coração, alma sublime,
Sem que a vista do algoz o desanime,
Da Parca afouto espera o ferreo córte.

De um genio liberal, de um peito forte,
A voz e os sentimentos não supprime;
D'est'arte grita, alheio á infamia, ao crime:
« Tyranno, que pezar me causa a morte!

« A virtude, que o peito me garante,
 « Essa, por mim ha muito idolatrada,
 « Depois de negros fados resplandece!

« Aos feros golpes de cruenta espada
 « Não murcha, não definha, não fenece;
 « Antes surge de sóes abrilhantada! »

Manoel Caetano de Almeida Albuquerque

LYRA

Analia meiga, e formosa,
 Prototypo de belleza,
 É mui difficil empreza
 Teus encantos memorar.
 Mas eu quero ao som da lyra
 Sempre os teus dotes cantar.

Tens da fresca madrugada
 A pura, doce alegria,
 E tens o sorrir do dia
 No de Flora ameno lar.
 Feliz o mortal que póde
 Sempre os teus dotes cantar!

Não brilha Diana tanto,
 Nem Venus é tão formosa:
 Por ti amor faz zelosa
 A mãe mil suspiros dar.
 Amor, ó bella, me manda
 Sempre os teus dotes cantar.

Dos teus olhos amor tira
Com que passa os corações ;
Mais que os seus rijos farpões
Fazem a vida exhalar.
Quero, apesar deste risco,
Sempre os teus dotes cantar

Em teu collo, altar de amor,
Assomam mimosas piras ;
Nellas se frustam as iras,
Os zellos n'um leve olhar.
Ah! Quem dera á vista dellas
Sempre os teus dotes cantar!

Não dês, minha lyra, um passo
Mais descendo... Temerario,
Vê que de amor o sacrario
Não se póde perscrutar.
Dá que eu possa, bella Analia,
Sempre os teus dotes cantar.

SONETO

NA CADEIA DA BAHIA

Se cançados estão de ouvir a centos
Versos pequenos a alto assumpto feitos,
Sabei que se não foram mais direitos,
Temos desculpa, á falta de talentos.

Cothurno aponta altivos pensamentos,
Socco na phrase humilde inflamma os peitos ;
E em nós crescendo o estro, os seus effeitos
Perturbam da materia os bons intentos.

Escrevendo atéqui livre alvedrio,
Obriga tudo á mote desta feita,
A ver se restauramos nosso brio.

Se nas glosas o trilho se endireita,
Vamos bem; mas se é tudo um desvario,
A intenção do louvor tambem se acceita.

TENENTE MAIA

SONETO

INEDITO

Vai na frente uma cruz de saia preta,
Ao lado vão dous cótos apagados;
Atrás vão, de opa branca, dez soldados
E vai depois no esquite o tal poeta.

Toca, em fumos envolta uma corneta,
Dando os pontos, porém desentoados;
Chega-se á igreja, e os padres compassados
Cantam hymnos, esgotam a naveta.

A terra onde vai o corpo entrando,
Soffre, sem o sentir, a nova carga,
Eis na rua um tenente já gritando:

« Preparar, apontar, fogo! » — descarga
E com estouros tres foi-se acabando
Minha vida amargosa, e morte amarga.

DOMINGOS BORGES DE BARROS

VISCONDE DA PEDRA BRANCA

EXCERPTO DOS «TUMULOS»

POEMA

Longe os risonhos engraçados sitios,
Frescos ribeiros, auras perfumadas;
Esfriou nos meus labios o sorriso,
Nos meus olhos as lagrimas seccaram,
Foi-se até do chorar triste consolo;
Gravosa idéa o espirito acobarda,
Quebra-me as forças; já não vivo, existo;
No futuro morri, morrendo o filho.
É mansão minha o olvido, que vingado
Via em virtudes, que no filho abriam.
Meiga filhinha, virtuosa esposa,
Orphãs comigo, iguaes na desventura,
Vinde um adeus dizer ao irmão, ao filho.
Á noite cede o sol a etherea via:
Longe de vãos prazeres, vamos juntos,
Por entre sepulturas vagueando,
Amargoso consolo, vem, saudade!

Pallida luz derrama, ó Phebo!
Sentidas queixas, triste gorgeando,
Desate suspirosa Philomela.
Mirtos, ornaí amantes venturosos;
Em torno a mim cyprestes mil negregem.
Um ai alheio o misero consola:
Ninguem um ai me dá, ninguem me escuta!...
E compaixão procuro?... anhele a morte:

A morte é refrigerio da desgraça,
É para o justo a noite de um bom dia,
A morte é nada, a eternidade é tudo.

Cercado estou de tumulos... abri-vos,
Reino da morte, abrigo do infortunio!
De chimeras caducas desengano,
Erguei-vos, mestas pavorosas louzas!
Ossos mirrados, lividos, despegam
Fetidas carnes, podres ligamentos,
Que impuros vermes em silencio pascem:
Ascosos restos de formosas fórmãs.

Eis os profundos admirados sabios,
Os reis altivos, grandes e temidos!
Nem teus visos, Belleza, aqui se extremam;
Igual poeira dão cajado e sceptro,
Os farrapos do pobre e a régia purp'ra;
Na sepultura tudo se confunde;
Tudo assim passa, e a morte acaba tudo.
Da humana vida a aurora, e o ocaso tocam.
É como a luz da vida, apaga-a um sopro,
Sabemos vida ter porque sentimos,
Vem de fóra o sentir, a vida é nada.

Após honras serpeai rasteiros entes,
Esse raio apagai que vence a morte,
A virtude: e depois mostrai-vos tumulos.

A SAUDADE

Tu que n'ausencia privações disfarças,
Na enganosa attracção levando a mente
Aos sitios da ventura,
Que minoras o mal, nos ais que exhalas,

E sabes dar ás lagrimas que vertes
A gradação do gozo :
Vem querida *saudade*, espelho fido
Em que amor ante os olhos da lembrança
O bem passado off'rece.
O' venturosa lua, que os logares
Vás de meus gostos ver, este suspiro
Toma, e n'elles derrama !
Dize-lhes onde estou :
Das tristes companheiras, noite, vagas,
E o desabrido noto.
Vai, dos formosos lumes de Marilia,
O somno pouco a pouco desprendendo,
E languidos abrindo,
Vai, e n'esse momento preguiçoso,
Em que os requebros do celeste corpo
Vires, mal acordado,
Dize-lhe docemente, porém n'esse
Mudo fallar que os labios não conhecem,
Que os olhos só comprehendem,
Dize-lhe!... a tyrannia com que matas
É mui doce, ó *saudade* ! basta, vai-te,
Se me não deixas, morro.
O' d'ausencia cruel querida amiga !
Tão vivas recordar gratas memorias
Bem é, peor que o mal.
É dar amargo fel em taça de ouro ;
Dobra o mal do infeliz, do bem o aspecto,
Basta, não mais, *saudade*.

LADISLÃO DOS SANTOS TITARA**PARAGUASSÚ**

POEMA

ACONTECIMENTOS DA CACHOEIRA

Altêa Avila agora ao chefe novo
Da luta gloriosa o primo lance,
Que entaves fanqueou d'ingreme assalto :
O vigesimo-quinto Phebo altêa,
Junho de vinte e dous, teu melhor timbre,
Que na crista elevada a Capapina
Despontar vio bailando, emula digna
Da em que, rompendo probó e glorioso,
Pelopidas audaz, dilecto aos nunes,
Os da difficuldade altos tapumes,
Libertador delio á patria os jugos.
Fatores primos de tão claro feito,
Que á gente heroica deu trophêos perennes,
Diz elle o benemerito Pacheco
Que as forças caudilhára ; diz Rodrigo,
Que immediato lhe fôra ; o forte Castro,
Paes e Arnisau ; Pitombo, que incansavel
Impulso magno dera, conjurando
Firmes varões patriotas, com que augmenta
O impavido esquadrão, que a scena abraira.
Diz tambem os Galvões, Victo e Macario,
Todos d'animo inteiro. Diz os Freitas,
Verissimo, Pedreiras e os Rebouças,
Gomes, Villaboim, Pereira e Lima,
Carona Christi, os Guimarães e Passos,
Basto e os Moncorvos. Recommenda
Pinto, Macedo, Bacellar, Peixoto,
Silveira e outros prestaveis. Tece encomios
Ao mancebo, decrepito e menino,

Impubere, matrona e dama affoita,
Que as armas manejando abalisadas,
Em iguaes riscos, distincção se alcançam,
E ao regimen de Pedro se acurvando
Perpetuo defensor alto proclamam,
E proclamam com elle a independencia.

Nesse ensejo feliz reproduzidos
Os dolos foram e as traições dos lusos !
Que o falaz canibal, que ao pinho curvo
D'artilhada defesa os lemes guia,
Mãos ajusta d'amigo ; porém Lobo,
Só aos rebanhos fiel, emquanto as garras
Não fisga-lhes geitoso, espreita indigno,
Arteiro as traças vis acafelando
Que fronteiros se englobem povo e tropa,
Para traidor pascer vindicta e sanha.

Triplices pelos ares cruzam vivas,
O marcio bronze atrôa, atrôa o sacro,
E ás margens juntas do orgulhoso rio
Folgando cidadãos, todos folgando,
Hymnos concertam d'harmonia arroubo.
A alcance das bombardas pisa a turba,
Porque o grito repitam sempiterno
Broncos ismaelitas. Desse ensejo
É que o Perpenna vale-se, e abjurante
Os céos deslumbra com sulphuria nuvem,
De palanquetas prenhe e de metralhas,
Que a alguns equestres dilacera e rompe.
Bramem, rebramem os munhões teimosos,
E de gloria se adula o hungaro infido ;
Em vão, porém, que o brio soberano
Dos fuzis brasileiros não se acanha,
E á nautica erupção, com auso, encontra.
Aos invites redobro o godo solta
Successivos tambem grossos pelouros

Aos tectos convizinhos, que, abalando,
Aburaca e os perfura. Tra a pendencia
Em aspecto horribilimo ; eis que estofo
O vivo esto das aguas dera ensejo
Á veloz defluencia, que trouxera
O baixa-mar, que offensa incutir obsta
Além da cantaria, ao sitio amparo,
Onde alto abordam vasos. É frequente
Ind'assim do traidor instancia e ataques,
Que os não vê, deslumbrado, então ociosos,
Correm co'elle parelha iniquos outros,
Que entre os moritibanos, com disfarce,
E de Lysia oriundos, n'alma alentam
Furia, rancor, vingança ! Eil-os dos tectos
Por dupla alvenaria abarreirados,
Entre as consortes, que lhes são d'abrigo,
A gemer pranteadas, jogo e balas
Na multidão desatam ; dessas cargas
Salvára a Bacellar mão prodigiosa,
Quando o plumoso casside, entre fumos,
De perfido fuzil, varado vira.
Mofa ind'assim de tudo o invicto peito,
Onde em requinte ardor, onde em constancia
As salamandras são, que alento gozam,
Do seu patrio patrio fervor, nas sacras brasas.

Por um biduo se esgota ainda o cofre
De suazões macias, com que querem
Mover os chefes o traidor Imboaba,
Que o complemento nega á fé promessa.
Dobra arrogancia o luso, e até comina
Bombear, se mais persistem, a ampla villa ;
Arde a gente, braveja e as trelas morde,
Que ao golpe, que suspira, os empecêra,
E em tudo balda, mas de valor cheia,
A golpe decisivo o inicio adianta.

Quando nem do Orobó já se avistava
O monho d'oiro ao sol, que foi-se ás ondas ;
De receios mordido o luzitano,
Vendo o progresso á causa, resolvêra
Co'as as trévas escoar-se. O bronzeo brado
Que a recolher desperta, á hora oitava,
Deixa, pois, de soar. Sentida a falta
Após vem nuncios de que, o ferro erguido,
O boiante carvalho, á sirga, desce.
Pitombo, que é insomne, e a quem palpita
Presago o coração, os patriotas
Convoca, antes que algum, e ás orlas vóa
Das torrentes ; tambem vens Castro invicto,
De pulso philistem, e destendidas
Guerrilhas que ao fugir deram estorvo,
O mais vivido fogo o vaso investe,
Onde tambem se alcançam nome egregio
Verissimo, Galvões, Victo, Moncorvo ;
Para-assú, Mauricio, Balduino,
Pedreira, e outros d'arrojo e alta constancia.
De um lado atrôa e d'outro o hostile castello,
Que novos raios de esperança illudem
E o parabem se dá do aberto prelio,
Em que esgota valor e o bronze esgota.

.

Do bahiano valor o estranho oppresso
Vencida a pertinacia, agacha as grimpas
A escuna hostile e o chefe que aprisionam
Mauricio e Para-assú, a quem coubera
A corôa naval. Avulta heroico
O brazilio vigor : guerra aos tyrannos
Viva condicionam, se recusem
Co'a, que unizona voz o Brazil abre,
De prompto transigir ; ou sôlta a presa,
Para mais não volver, partir á Lysia.

Diz Avila tambem como, já d'antes,
 Junta conciliatoria e de defesa
 Provisoria installou-se, por que houvesse,
 Para salva-la da provincia as redeas.
 Diz mais como, n'um triduo, predisposta,
 O alto heroismo de Cachoeira imita,
 A concital-a Freire, Coimbra e outros,
 Essa, que, á esquerda, e do Guahy nas margens,
 Eleva as torres, e Inhambupe co'ella,
 Onde os Velloso preponderam. Conta
 Como no mesmo dia, em que as primeiras,
 Heroica proclamára-a, que o nome honra
 Do patriarcha Francisco, inclyta villa,
 Onde o Bulcão patriota o primaz fôra,
 De prole egregia ladeado sempre,
 E onde o senado, Diogo, e os Villas-Boas,
 Onde Pinheiro, Borges e Barreto,
 Bahiana, Argolo, Cabossú e Mello,
 Teives e varios, são de porte honroso.

João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha

ELOGIO DRAMATICO

PERSONAGENS.....	{ O Genio do Brazil.
	{ Uma Nympha do Amazonas.
	{ Aglaia, uma das Graças.
FIGURANTES.....	{ As outras Graças.
	{ Sequito de Nymphas Amazonas.

ACTO UNICO

Bosque nas margens do Amazonas.

SCENA I

A NYMPHA DO AMAZONAS

Ah! Como, as portas de Titan abrindo,
 Vem a formosa filha diligente;

Trajando galas, recamadas d'ouro,
Por esse campo azul, em que abrilhanta
Do claro amante as pompas neste dia!
Já pouco á pouco os bosques se estão vendo;
E, por entre os raminhos, brandos zephiros
Acompanham volateis pregoeiros,
Que, em suave e acorde melodia,
Annunciam ás flôres e campinas
Destas margens amenas do Amazonas
O ser, nunca mais bello do que agora!
Eu mesma, que, depois de horrores tantos,
Quaes os que nestes sitios se sentiram,
Já tinha de gozar chegado á dita
Os mais serenos luminosos dias;
Não sei que de alvoroço e de presagio
De bens o coração hoje me inspira!
Ah! Quão doces, que são, estes instantes,
Que a aura da esperança e da ventura,
Com seu almo bafejo vem tocar-nos!
Porém! Que vejo, ó céos! Um ente alado;
Um anjo ou semi-deus baixando á terra?!
Por estes invios bosques, pressurosos
Os passos para mim vem dirigindo... (*sobresaltada*).

SCENA II

A mesma e o Genio do Brazil

GENIO

São justos, Nympha bella, os teus transportes
De alvoroço e prazer; quando ao aceno
De um Deus Bemfeitor, que rege os orbes,
O céu, a terra, e tudo quanto vêdes,
Vos está indicando altos designios
Do seu Summo Poder Omnipotente,
Neste dia feliz, propicio dia!

NYMPHA

Quem quer que sejas, que eu contemplo um Nume,
 Eu te saúdo ; e te supplico humilde,
 Que me digas quem és ; e que venturas
 São essas, que hoje o céo nos predestina? !

GENIO

Do immenso Brazil eu sou o Genio
 Tutellar, que por lei do eterno Jove,
 Presido á sorte, influo nos destinos
 Desta vasta porção do novo mundo !
 Beije as regias mãos. Por entre applausos,
 Da linguagem dos deoses me servindo,
 Mostrei como no céo, e aqui na terra
 Seriam bem acceitos e applaudidos
 De Januaria os dotes singulares.
 E então, com um pincel, qual o de Appelles,
 Formei perfeita, original effigie,
 Que eu mesmo avivei : fui collocar-a
 No templo da Memoria, aonde os cultos
 Á imagem da Diva deve dar-se !

GENIO

Oh ! Quanto, Aglaia, entre as de mais Graças,
 Hoje tens conseguido a primazia !
 É bem que agora, em triplice corôa,
 Vás co'as outras irmãs em som divino,
 Cantar mimos do céo, que adorar sabem,
 Em um throno de amor, os Brasileiros.

NYMPHA

E assim ficarei, Senhor, privada
 Da ventura de ser quem manifeste
 Os votos, tão fieis e tão devidos
 Aquella, que ao Pará já só pertence? !

AGLAIA

Se ainda no porvir essa princeza
Ha de ser deste sólo a Soberana ;
Ella é do Brazil, dos céos tão digna,
Que tens aos votos juz do mundo inteiro.

GENIO

São puros, naturaes os vossos zellos :
Em uma e outra brilham os affectos,
Que a virtude e amor, com singeleza,
Sabe inspirar nos peitos bem formados !
Á ambas caber deve a dita, a gloria,
Que o céo concede ao mundo neste dia !
I-de, Nympha bella ; i-de Aglaia,
Em accorde união e harmonia,
Vossos cultos render aquem não menos
Do que a propria virtude é delles digna !
Tu, Nympha gentil, com os brilhantes,
Com as flores mimosas, que extrahires
Deste fertil torrão, podes a coroa
A purpera e o sceptro preparar-Lhe ;
E tu, Aglaia, com as outras Graças,
O solio ladear podeis aonde
Os cánticos do céo, da terra cheguem ;
Pois é gloria que cabe ao mundo inteiro,
A prole ter em si, e sobre o throno
Do heróe, sem igual, Pedro Primeiro ! (*Retiram-se
as duas.*)
Eu fui, quem, á seu mando e influxo ingente,
Fiz, nesta parte nova do Universo,
Por gloria singular e raro exemplo
Dos povos e dos reis, que o proprio herdeiro
Do throno proclamasse aos brazileiros
A sua independencia e liberdade !
Eu sou quem lá do ethereo Firmamento,

Apezar de iracundas, fementidas
 Tramas, que as traições (quaes ellas) urdem,
 E, em tropel de si mesmo, despedaçam;
 Tenho feito que illeza a innocencia
 Ladêe o berço, até que eleve ao throno
 Por brio da nação, que presar sabe,
 O Joven, que ficou, a prole augusta
 Do grão libertador da patria cara!
 Eu sou do céo, emfim, quem inspirado
 Venho a revelar ao Brazil todo,
 E mais ainda á esta parte immensa,
 Que o Amazonas tem entre os seus braços,
 Novas, grandes cousas portentosas,
 Que, por bem dos fieis povos, que eu guardo,
 Hoje um Deus Bemfeitor ha promulgado!

NYMPHA

Ah! Nume tutellar! Não mais retardes,
 Por um momento, esses tão ditosos
 Decretos, que aguardar de um Deus eu devo,
 Á bem dos lares meus, á teus auspicios!

GENIO

Sim, Nympha gentil, tu saber deves,
 Que neste dia venturoso e claro,
 Á luz phebéa veio deste Imperio
 A Princeza Imperial, excelsa prole
 Da Bragantina e da Cezarea stirpe;
 A rara producção de antigos troncos,
 Que deram ao Brazil almos renovos
 De seus tão puros Thalamos fecundos!
 É JANUARIA a Inclita Princeza,
 Que, alta successão, já assegura,
 Do vasto Imperio a sorte douradura!
 Bem como a flor, que, assim que chega o tempo
 Do fructo germinar, de seus estames

Deixa que sobre si lhe orne a c'rôa;
Assim mimosa do Brazil a planta
Hoje, por dom de um Deus, chegou a ver-se
Da idade juvenil da primavera!
Para bem do Brazil, por mór ventura
Deste solo, que habitas, portentoso;
Attende, o Nympha bella, quanto Jove
Hoje tem promulgado; eu te declaro:
E decreto de um Deus, de um Deus, que é justo!
« Para se o termo pôr ás calamidades,
« Que affligido tem á especie humana,
« Na vasta região, que o sol circula;
« Lá nessa terra aurifera e fecunda,
« Que por balisas tem, á meu contento,
« Os dous maiores rios do Universo:
« Eu quero e mando, que, prescripto em livro
« De meus arcanos e de meus destinos,
« Seja do Grão Pará o principado
« Do vasto Imperio um federado reino.
« Que para estatuir-se assim se ajuntem
« Dos povos os legaes representantes,
« Em geral assembléa, quando chegue
« A idade de reger com aureo sceptro,
« O Joven á quem dei poder supremo.
« E assim decretada a monarchia,
« A purpura e a c'rôa seja dada
« Á Princeza Real, que acclamar deves
« Rainha do Pará aos povos todos!
« Então, por justas leis, leis salutaes,
« Emanadas do céo, que eu mesmo outorgo,
« Hei de fazer, que, em paz, prosperidade,
« Do Amazonas viva a Soberana,
« Do novo reino os habitantes vivam! »

NYMPHA

Celeste Genio! oh céos! Quantos prodigios

Eu admiro no que tendes feito !
 Mas onde eu hei de ir, co'as Nymphas minhas
 Companheiras fieis, render as graças
 (Além das que vos dou já tão devidas)
 Á excelsa Princeza e Soberanna?!
 Ante o solio prostrada e regias plantas
 Eu quero ir levar-Lhe reverente
 Ouro fino e productos preciosos,
 Em que abunda este sólo auri fecundo
 Nos tres reinos da fertil natureza.
 E, pelos feitos de valor, e brios
 Dos Paraenses, quero ir jurar-Lhe
 Eterna obediencia e lealdade.

GENIO

Socega, Nympha bella; que eu já tinha
 Os teus puros desvellos antevisto;
 E, bem como por fé á um Deus se adora,
 Ante a imagem da sua divindade,
 Em breve irão chegar os teus tributos.
 Ahi vem vindo quem te guie á tanto.

SCENA III

Os mesmos e uma das Graças

AGLAIA

Aos ditames de um Deus, de um pai submissa,
 Baixando á terra, aonde tudo é doce,
 E tudo (como a vós) e excellente;
 Eu fui, com Eufrozina, e com Thalia,
 Levar da Andalia fonte o puro nectar,
 Por dote, que mandou, com seus decretos,
 Jove á excelsa Princeza neste dia!
 Entre nós, em belleza e perfeições,

Achamos que era Ella a mais divina!
Recebeo-nos com ar, tão meigo e brando,
Que se o tivesse Amor feliz seria!
Nos regios paços do jardim que habita
Ao lado do irmão, d'outra na infancia,
Em amor fraternal, só a virtude
Os realces lhe dá á innocencia!
Assim, em um só nexo, os tres parecem
Reunir lá do céu a excellencia!
Alli, tanto que fiz fiel presente,
Fiquei para applaudir regios festejos,
Que foram neste dia tão sublimes,
Que eu mesma pensei de estar no côro,
Que fórma lá no Olympo o seu concerto!
Porém, depois dos ultimos transportes
De jubilo e respeito o mais profundo.

SCENA IV

Só o Genio

GENIO

E vós, ó habitantes do Amazonas,
Que tendes, por fieis por vossos brios,
Sabido sustentar do Imperio a gloria;
E, sob as direções de um tão provado
Respeitavel Varão (que á vossa frente
Tem feito de valor prodigios tantos)
Já das leis e da paz fruis os gosos:
Hoje tendes a mais completa dita
Em ver, como as do céu, a vossa estrella
Fulgurar já no circulo brilhante!
Das cinzas de Carthago se levanta,
E, comvosco, florece inclita Roma!
Para leis promulgar tendes eleitos,
Entre vós, outros Solons e Licurgos,

Que, com ellas, farão que a agricultura,
O commercio, e as artes e sciencias
Vos façam ressurgir dias tão prosperos,
Quaes foram esses de Saturno e Rhéa!
E assim do Joven, que vos coube em sorte,
Tantos bens esperar deveis ainda,
Que o Brazil será pouco a recebê-los!
Então, mais elevado o seu Imperio,
Vereis aqui formar. Unida á Elle,
Real Princeza nova monarchia,
Que o céo vos assegura neste dia!

SCENA V

O templo da Memoria, em que apparecerá o retrato de Sua Alteza Imperial a Senhora D. Januaria, entre duas palmas de flores; e de nm lado estarão as tres Graças, e do outro a Nympha com as do seu sequito. Cantá-se o hymno allusivo ao objecto do dia ou o Nacional.

ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO

CANTO II

Na botica uma tarde, entre os amigos,
Começara o vigario palavroso
A fallar em materias complicadas,
Admirando os patáos, que se benziã
De seu grande saber, vasta memoria.
Vibrava em alto som o gordo padre
Contra o que elle chamava alegre vida,
Vida de esquecimento do outro mundo,
De prazeres, farandulas sem conto,

A que correm humanas creaturas,
Quaes crianças atras de borboletas.
Dizia ser loucura, ser chimera,
Buscarem os mortaes gozo do mundo,
Como se nelle eternos habitassem ;
Como se a morte, e os jogos da fortuna,
As molestias, desgostos, e cuidados,
Não viessem toldar a cada instante
No calix do prazer a lympha pura.
« Amigos (exclamava compungido)
Esta vida não chega nem a netos!
Bem faz nosso escrivão, sisudo e parco,
De quem nunca se contam desvarios ;
Come para viver, simples se traja,
E os bens que herdou, e os bens que ajunta, guarda
Para um dia legal-os á pobreza.
Vêde que não derrama seus haveres
A troco da cobiça dos sentidos.
Nunca deu cem mil réis por um ginete,
Nem ricos aparelhos tem da India. »
Assim longo fallou contra as delicias
Porque os homens na terra tanto almejam ;
Citou santos prelados, e poetas,
Citou Platão, Diogenes, Lycurgo,
E outras mais personagens citaria,
Se a torrente sem fim lhe não cortasse
Importuno freguez azafamado,
Um caustico pedindo em voz de tiple.
Cançado mestre Berto das miserias,
Anachronismos, erros que escutára,
Confusão de pessoas, e lugares,
Em homem cujas letras tinham fama,
Insoffrido soprou nasal trombeta,
Tirou da caixa enorme ampla pitada,
E tomando a palavra assim rebenta :
« Senhores, grande cousa é ser vigario

Em terras de ignorancia como a nossa!...»
« Perdoe, mestre Berto (diz o padre)
Deixe a materia, ataque só a forma ;
De principios tratamos, não de factos.
— Quaes principios (responde o pedagogo)
Que quer dizer principios sem effeitos?
Pois não são elles regras para os homens?
E vossa senhoria por ventura
Não veio criticar os nossos actos,
Não ralhou contra factos por principios?
Preso em seu proprio laço (grita Cosme)
Foi tudo raso, tudo causticado!...
Em fé de boticario agora digo,
Que senti meus remorsos inda ha pouco,
De haver tido ao jantar Perú de forno,
Em vez de repartil-o co'a pobreza. —
Riram-se todos, e amainado o riso,
Prosegue mestre Berto argumentando :
« Que rigido ermitão, pobre e tristonho,
Vivendo além da raia dos humanos,
Despresando affeições, e bens da terra,
Me viesse prégar despego delles,
Com paciencia talvez o escutaria,
Sem louvar o máo gosto, e grande asneira
Daquelle que a si proprio se maltrata.
Porém, senhores, contra convivencias,
Contra innocuos prazeres quem pragueja?
Quem hade em tal bordão ferir primeiro?...
Um vigario bem nedio, e rubicundo,
Amigo certo de lauta, alegre mesa,
Com rica, variada e fina adega ;
Um clerigo feliz, que não rejeita
A doçura do mel, sabor das frutas,
O peixe delicado, as gordas aves,
Que insigne cozinheiro lhe prepara!...
Sem fallar nos presentes que recebe

De bellos alfinins, de trouxa d'ovos,
Que á porfia lhe mandam seus freguezes.
Um senhor conhecido nas estradas
Pelos nobres cavallos que apresenta,
Pelos pagens garridos que o escoltam ;
Quem joga, toca, brinca, bebe, e canta,
Não pode condemnar terreos prazeres.
Quando o eterno creou do nada o mundo
Foi com sorrisos, com benigno intento :
Symb'lo de sua luz cravou na esphera
O sol da natureza, o rei dos astros ;
Tão bemfazejo dom, raios tão vivos,
Não é justo pensar que foram feitos
Somente para expor nossas miserias.
Quem tal suppõem não sei como combina
Systema tão ignobil, e mesquinho,
Com a face risonha deste mundo,
Alegre, ameno, rico, e magestoso !
Contemplemos, senhores, daqui mesmo
Os soberbos paineis da natureza. »
E assim dizendo, Berto principia
Com ar mais commovido estas palavras :
« Alli tendes aquelle espesso bosque,
Onde as auras passando se perfumam,
Coadas pelas folhas do jambeiro,
Cujo fructo marfim parece ao longe ;
Onde mil aves cantam de concerto,
Cada qual na plumagem mais formosa ;
Onde cresce o madeiro americano,
Que os antipodas sonda co'as raizes,
E ao ninho do trovão co'a copa attenta.
Vêde as flores, o jorro crystalino
Ao pé da calva rocha rebentando !
Dizei-me, se estas scenas se conformam
Do vigario co'as maximas austeras ;
Se theatro que ao pranto destinasse

Havia o creador vestir de galas?... »
Aqui de Berto a côr no rosto dobra,
Na mente mil idéas se congregam,
E todos escutavam recolhidos.
Infeliz fôra então do enfermo a sorte,
Se remedio quizesse áquelle instante ;
Podia arrebentar ao desamparo,
Que a récita voltára sem ser lida.
Depois de curta pausa mestre Berto
Foi desta arte seguindo em seu discurso :
Quando a celeste mão da providencia
Tantos gozos benigna nos off'rece,
O recommendar sempre ensôssa vida,
É rejeitar os dons que um Deos outôrga.
Quem aos olhos nos deu taes panoramas,
Quem os bosques encheu de alegres côros,
Quem os campos vestio de tantas flores,
E ao paladar nos deu tão varios fructos,
Não exige, de certo, a troche moche,
A louca privação destes prazeres.
Senhores, não julgueis irreflectidos,
Que dos bens que gozaes o céu se offenda,
Ou que só ganhará perenne gloria
Quem no mundo viveu logrando pouco.
A purpura brilhante dos monarchas,
O solemne esplendor de claras mitras,
O fulgor dos salões, e das baixellas,
Não fecham lá dos céos a eterna porta.
Que Tito, e mais Diogenes viessem
Pleitear nesta casa sobre o voto
Que um dos dous por mais digno declarasse :
Qual de nós que aqui estamos ousaria
Ao cynico severo dar a palma!...
Tito, delicias, e do mundo gloria,
Desfrutou altos bens, morreu chorado,
Seu nome val o mesmo que — virtude. —

Contraposto Diógenes em tudo,
Que fez para lhe darem tanta fama?
Offendeu sem razão a raça humana.
Metteu-se n'um tonel como salmoira,
E do grande Alexandre que o contempla,
Regeita com frieza a pura offerta.
Não me dirão que valem taes arrufos,
Que proveito, ou moral d'ahi tiramos,
Que triumpho p'ra Deos, e p'ra nós mesmos?
Não se offusca a virtude com riquezas,
Nem ao vicio dão gloria ascosos trapos.
Aquella é sempre a mesma inda que brilhe,
Este por mais humilde é sempre torpe.
Quanto a mim, nunca pude achar nobreza,
N'um marmanjo qualquer, de quem me contam
Não gostar de pasteis, ou trouxas d'ovos,
Preferir suja roupa á bem lavada,
Ou beber agua chilra em vez de vinho.
Mas eu devo senhores (diz Roberto)
Combater o vigario em seu terreno. »
Aqui os seus ouvintes se assoaram,
Á esquerda, á direita vão narizes ;
As caixas de rapé tambem circulam.
Muitos trocam de sitio, e põem-se em frente
Do padre, que algum tanto estava sério ;
Outros querem ficar defronte a Berto,
Outros buscam assento ao pé de Cosme ;
Mas todos pouco a pouco se aquietaram.
O orador, pondo os olhos no vigario,
Vai submisso dizendo estas palavras :
« Do proprio céo o exemplo de alegria
Baixou primeiro ao mundo que habitamos,
Quem foi que collocou no Paraiso
Nossos primeiros pais, entre prazeres,
Entre vergeis, e fructos deleitosos?...
Quem mandou a Moysés que promettesse

Terras de leite, e mel a um povo inteiro?...
Quem deu de mão aos pobres invocados
Para brando acolher a mulher pia?...
Quem se achou n'uma bôda milagrosa
As aguas puras convertendo em vinho?...
Senhores, vós sabeis de Quem vos fallo,
E deveis deduzir de taes exemplos,
Que a doutrina que sigo está fundada
Não só em bons principios entre os homens,
Mas em divinas obras, e palavras
Do mestre dos doutores mais famosos.
E se a razão do céu é mais sublime
Do que a humana razão incerta e fraca,
A qual das duas deferir devemos?
Qual de nós de máo grado acolheria
O amigo que viesse á nossa festa,
Por haver dias antes n'outra parte
Gozado com sabor algumas horas?
Basta, senhores, basta de argumentos,
Perdoai, se a grandeza deste assumpto
Levantou a sincera voz de Berto
Um pouco além dos themes de botica.
— A vida é curta, — affirma o bom vigario.
Sim, é curta, e trinta annos bem a medem.
Mas a lei que a regula é muito simples,
E não ha tabaréo que a não conheça.
Vivei, senhores, pois, vivei contentes,
Sem remorsos á sombra da figueira,
Que deu a cada qual fortuna amiga:
Lembrai-vos só, no meio de delicias,
Que alguém mais tem direito aos bens da terra.
Não fujaes ao festim a que vos chamam,
Porém ao som dos copos rutilantes,
Da mesa hospitaleira entre os manjares,
Cheguem-vos sempre aos peitos caridosos,
Abalos da virtude honesta, e simples.

Ninguém se esqueça do triste orphãosinho,
Da misera viuva desvalida,
Do mortal, nosso irmão, que a fome aperta.
Não fujaes dos festins a que vos chamam,
O Deos vivo sem ira delles falla ;
E longe de feril-os com dureza,
Em sublime conselho nos ensina :
— Não tomes no banquete o lugar de honra. —
Eis aqui, ó senhores, meu systema.
Graças pela maneira porque ouvistes
Tão roucos brados sem mostrar fastio ;
Mas, se alguém nesta roda não approva
A seita de Epicuro, qual a prego,
Póde fallar, dizer seu pensamento,
Que a luva da contenda não rejeito. »
Assim Berto findou seu desabafo,
Entre os vivas, e applausos do auditorio,
Com tal enthusiasmo, e tal effeito,
Que até o mesmo vigario bateu palmas ;
E o velho boticario distrahido
Pelo estranho discurso que escutava,
Tambem nem conta deu que o seu gatinho,
Trepado no balcão ao pé de todos,
Lhe lambeu bem lambida uma tigela
De custoso charope, que esfriava.

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

- EPISTOLA

É natura nos seus passos uniforme,
Nem chega ao topo quem não sobe a escada.
A aguia pequenina, quando quebra
Com o debil biquinho a casca do ovo,

Implume se apresenta á mãe cuidosa ;
Não se ergue logo ás ingremes alturas
Do firmamento azul ; nem desce á terra,
Qual raio ardente arrebatat a preza,
E arrancar-lhe co'as garras a existencia.
Cria co' o tempo forças, abre as azas,
Qual rio que correndo engrossa as aguas,
Despega os vôos apoucados ora,
Ora subidos ; fita em Phebo as vistas,
E tenta remontar-se até o Olympo,
Pois arde Jove ao lado, e arrebatat-lhe
Um novo Ganimedes : tal o vate
Agora Albano é, depois Elpino.

Mas não comeces, Montaury, como usa
Gente de Lysia ; quadras namoradas,
Inspidas canções, crueis idilios,
Magro soneto, cortesans bucolicas
São todo o esmero dos trovistas nossos.
Imita o Anglo excelso, o Gallo astuto,
E fitando na gloria audazes vistas,
Canta a nobre virtude, acções preclaras,
Amor da patria, destemidos feitos ;
Na lyra entôa, não ouvidas vozes,
Sublime inspiração do estro divino.

Ou se o mundo real, tudo o que existe,
Te não esperta a mente, inflamma o espirito,
Da longa phantasia os campos ara ;
Cria dourados palacios, frescas sombras,
Apraziveis regatos, verdes campos,
Jardins amenos, deleitosos bosques ;
Ahi rindo do mundo e das desgraças,
Que rebentam da terra, a par dos fructos,
Abre teu coração a novos seres,
E novas sensações gratas acolhe ;

Zomba de invejas, de ambições, de fastos,
D'essa alma, que affeições doces formaram,
Verte rios de gosto, de delicias,
E de sensibilidade amavel, terna;
Esmalta o universo de bellezas,
Em que a mente borbulha; não, não percas
O germen que plantára a natureza.

Ahi tens o bello, o encantador Ovidio,
Que te dirija o passo, ahi tens o Ariosto,
Byron, Sterne, Garrett, honra dos Lusos;
Segue seus traços, colhe seus exemplos,
São d'aureas ficções mestres peritos;
Oh! como ideiam n'alma mil venturas,
Glorias sem conto, innumeradas delicias!
Oh! Como abandonando estes martyrios,
Que no mundo real nos atormentam,
Buscavam benignos, placidos prazeres,
A que Urania gentil só nos convida!
— Que ditosos que são os que se entregam
Aos impulsos da mente, oh! quão felizes
Os que em delirio seus desejos passam!
Ri para elles o universo inteiro,
Suave sôpro de perpetuo zephyro
Consola os dias, refrigera os ares,
Limpa de nuvens carregada vida,
Descobre no horizonte sol doirado,
Manto de rosas pelo sol desdobra.

O' fantasia, ó doce encanto do homem!
Enlevo d'alma placido e contente!
Quem pudesse gozar quanto nos mostras
Com tuas mágas variadas tintas!
Triste realidade da existencia
Quão longe estás de tão amenos sonhos!

Tu nos pintas quaes somos, quaes passamos
Esta vida de angustias e tormentos,
Que com ardentes lagrimas começa,
Que com saudosos prantos se termina!

Fr. SANTA RITA BASTOS

SONETO

Se um homem houver, homem tão forte,
Que possa ver sem susto em casa entrando
Malfeitores crueis, assassinando
O caro filho e a candida consorte!...

Se um tal homem houver, que sem transporte
Veja o céu negros raios vomitando,
O mar pelos cachopos atrependo,
A terra inteira a bracejar com a morte!....

Appareça esse heróe assim disposto,
Que lhe quero mostrar por dentro o peito,
E quero lhe não mude a côr do rosto.

Ha de cahir em lagrimas desfeito,
Vendo meu coração pelo desgosto
Em mil roturas e pedaços feito.

MOTE

*Junto ás margens da lagôa
De uma funesta espessura,
Entregue á todo o desgosto
Choro a minha desventura.*

GLOSA

Pallida sombra vagante
Fugia de Enéas terno,
Que baixara ao negro Averno
De ver sue pae anhelante.
De dôr um ai sussurrante
A seus ouvidos echôa :
Chora o pio, a Estyge sôa,
Repete o echo no monte,
E a barca prende Charonte
Junto ás margens da lagôa.

O' tu, que commoves tanto
Meu coração, grita Enéas,
— Não me fujas, que receias?
— Dize a causa do teu pranto.
Ai de mim! tremeu no entanto
Desta voz a Estyge escura.
Oh! miserrima ternura!
Elisa sou... mais não disse,
E busca a trilha infelice
De uma funesta espessura.

Vagava Enéas sem tino
Apoz a sombra furtiva ;
E vagava a sombra esquiva
Ao delirio, ao desatino.
— Monstro, monstro viperino,
— Espera, volta-me o rosto,

- Não toques o extremo opposto,
 — Se me amaste lá no mundo,
 — Não me deixes no profundo
 — Entregue á todo o desgosto.

A taes ancias commovida
 Volve Dido miseranda,
 E com voz macia, e branda
 Assim fallou ressentida :
 — Á ti não é concedida
 — A idéa da sepultura ;
 — Basta só que da loucura
 — Saibas meu fim, minha sorte,
 — E que no reino da morte
 — Choro a minha desventura.

MOTE

*Ainda depois de morto,
 Debaixo do frio chão,
 Acharás teu nome escripto
 Dentro do meu coração.*

GLOSA

O mar Tirreno fendia
 A náó de Ulysses doloso,
 E no horizonte nubloso
 Pouco a pouco se escondia:
 Circe, què em furias ardia,
 Brada assim, do hesperio porto:
 « Ulysses, do Averno aberto,
 « Do meu mal não has de rir-te,
 « Que hei de buscar-te, e punir-te
 « Ainda depois de morto. »

Eis, que viva negra pomba,
Em lume de teixo abraza,
E de cem mochos, que empraza
Faz a Hecate impia hecatomba ;
Subito ao longe rebomba
Rouco, horroroso trovão,
Zune furioso tufão,
As ondas a furia augmentam,
Lavas, e Espectros rebentam
Debaixo do frio chão.

Nesta luta furibunda,
A não sem leme, sem mastros,
Ora topeta nos astros,
Ora no abysmo se afunda:
De novo a Maga iracunda
Diz: « Teu mal seja infinito ;
« Morre, infame ! e no Cocyto,
« Para terror dos malvados,
« Na lista dos condemnados
« Acharás teu nome escripto.

Jove, que a scena devisa,
Quer salvar o heróe valente ;
— Basta — grita, e de repente
Cessa o vento, o mar se alisa ;
A deusa, que se horrorisa,
« Se é justo, diz, se é razão
« Que fique impune a traição,
« Sacro Jove, ao menos finda
« Estas chammas, que ardem inda
« Dentro do meu coração. »

SONETO

Soccorrei-me, Senhor! Quebrai piedoso
 Minhas algemas, cheias de dureza!
 Si meu crime provém da natureza
 Quem de ser deixará réo, criminoso?

David, que foi tão rico e virtuoso,
 Por Bezabeth cáiu na vil fraqueza,
 Sansão, perdendo o brio e fortaleza,
 Ao orbe deu exemplo lastimoso.

Vêde Jacob, retido em captiveiro
 Pela gentil Rachel, vêde Suzana,
 Vêde afinal, Senhor, o mundo inteiro!

Desculpa tenho na paixão insana;
 Que ou mandasse-me o céo o ser primeiro,
 Ou fizesse de ferro a carne humana.

JOÃO GUALBERTO FERREIRA SANTOS REIS

SAUDADE PATERNA

Dum tot moliris pectore, vita fugit.
 (CARDOSO).

Fado da humana especie! Que ha de o gosto,
 Entre as sombras teimosas das desgraças,
 Entre o crebro lidar, que vem co'a vida,
 Relampago fugaz, luzir, sumir-se!
 Illudido mortal! Inda te empregas
 Em sonhadas venturas?! Porque as velas
 Tão amplas sóltas á desejos tantos:

Do meio dos projectos mais pomposos,
 Dos traços mais risonhos nasce o pranto!
 No campo, em que vegetam as grandezas,
 Em que as honras vegetam, surge o nada;
 E da vida no chão pullula a morte!
 Ai! esperanças vans! Sem que cheguemos
 As delicias gozar, que ou d'atra noite
 Nunca rompem de incognitos futuros,
 Ou rebentando apenas, pêcas morrem,
 Apoz das dôres e ais, que nos rodeam,
 Asperrimo apparece o desengano!

Suspira-se o ser pae: completo o voto,
 Vem o thoro enfeitar prole querida:
 Eis infante gentil nos ri nos braços;
 E ao passo mesmo, em que os mimosos dias
 Manso e manso lhe vai abrindo o tempo,
 Encantos novos no paterno peito
 Vão as doces raizes penetrando,
 Que poder nenhum ha, que as desaferra.

Quem bem exprimirá o terno enlevo
 Com que os primeiros sons *Pae, Mãe*, lhe ouvimos?
 Quem o deleite, em que se arraza o peito,
 Quando os molles bracinhos estendendo,
 Aos braços nossos golhofeiro corre?

Brincos travessos,
 Gratas loucuras,
 Faceis arrufos,
 Que breve acabam;
 Innocente des-siso,

Character da viveza e da candura;
 Mal-explicadas vozes
 De que preço não são, quanto não valem
 No coração paterno?
 Que consolo não é, que desenfado
 Aceitar-lhe os festejos carinhosos,

O fagueiro alvoroço, o brado amigo,
 Quando aos lares chegamos, quando exige
 A esperada frutinha, o usado mimo,
 Que o paterno disvelo insomne estuda?

O genio agudo, a perspicacia, o tino,
 Que vai aos poucos desfiando a idade,
 Que lustroso porvir não afiança?
 Que gloria inexplicavel... Mas entanto
 Que tão doce prazer nos embriaga,
 Não longe está o desgostoso morbo,

 À cujo bafo e peste

Tem de em breve murchar a flôr mimosa!
 Ei-lo perto negreja, e chega, e ataca!

 A febre chammejante

As medullas ao triste inflamma e torra!
 O corpo é braza, o pulso lhe galopa,
 Ardem-lhe as faces, e delira, e geme!
 Tosse arquejante a maquina tenrinha

 Despiedada a sacode,

 E como que pretende

O anhelito final cortar-lhe á instantes!
 Sequazes de Chirón, filhos de Apollo,
 Apurai, apurai as artes vossas!
 Ah! rapidos correi! Expertos olhos
 Leiam a queixa! Perspicazes dedos
 O progresso fatal na arteria indaguem!
 Ás ancias lhe acudi! Porque tão froxos
 As horas dilataes da vinda vossa?
 A idade pueril talvez cuidados
 Vos não merece tantos! Insensiveis
 Sereis talvez ao magoador gemido,
 Que no tenro innocente a dôr indica!
 Não sois paes? A afflicção, que o dilacera,
 O duro coração vos não abala?
 Quando mais cuidosa a ave observamos,

Já fria quietação, mudez eterna,
E a cinza primitiva o occupam todo!
No silencio jazer vão do sepulchro,
Para não mais surgir, tão doces graças!
Desse funereo, pranteado leito
Sómente surge a dôr, surge a saudade!
Poucos instantes ai! Poucos instantes
Restar podem, que avistem nossos olhos
Este despojo exanime do nada!
Affectos paternaes! Eia, regai-o
Com saudosas lagrimas! Do peito
Em ais involta se allivie a magoa!
Que com este dever do amor mais puro
Folga desabafar-se a natureza!

E pôde, ó caro filho! O Céu, e pôde
Vida tão verde... O' Céu! E os seus designios
Sujeitos são talvez ao desacerto?!
Os olhos seus agudos não penetram
Atravez lá das eras mais longiquas
A ordem dos successos?! Não regula
Seu provido querer terno e benigno
Sempre para o melhor nossos destinos?!
Vida tão verde! Murmurar te atreves,
Indiscreto mortal! Das sábias ordens
Que lavra, por bem teu, a Mão do Immenso?!
Do filho a vida, despontada apenas,
Cortada choras por indigna Parca!
E sabes que desgraças, que flagicios,
Que nodoas, que deshonoras, que máos fados
O immaturo morrer vedou-lhe agora?

N'um feretro entre flores,
Onde revoam eternaes venturas,
Que certas gozam inculpadas almas,
Zombando o vês da morte; e em suas faces,
Inda que exangues, a innocencia rindo.
E sabes se de crimes denegrado

Quando immunda alimaria, a Capivara,
 Qu'empesta as ruas Lavradio e Arcos,
 Procura retouçar em cova quente,
 Sorvendo um bom copazio de aguardente.

Já na porca tarima resupino
 Rumina novos planos de trapaça;
 O genio seu requinta-se ladino
 Aquecido em vapores de cachaça.
 A pouco e pouco o somno do malino
 As idéas lhe afraca, e lh'embaraça,
 Até que fatigado dorme e ronca,
 Como fera em caverna escura e bronca.

Então em triste sonho lhe apparece
 O *Xavier Ferreira* em carne e pello,
 Cavalgando-lhe o peito, que esmorece,
 Á carga de medonho pezadello.
 Gritar não pôde, a lingua se entorpece,
 Convulso treme, eriça-se o cabelo;
 E o velhote de capote a carapuça
 Indignado sobre elle se debruça.

De verde e grossa lâ co'a luva esfrega
 As trombas d'este infame Porco-Espinho,
 E viscosos escarros lhe pespega
 Na testa, olhos, ventas e focinho;
 Depois, sem o largar, á furia o entrega
 D'espectros, que correndo em murmurinho,
 Uns lhe dão chimbalaós e piparotes,
 No ventre saltam-lhe outros aos pinotes.»

NICTHEROY

METAMORPHOSE DO RIO DE JANEIRO

Nos braços maternas, nascido apenas,
Jazia Nicttheroy, Saturnea prole,
Quando Mimas seu pae, gigante enorme,
Que ao céu com mão soberba arremessára
A flamigera Lemnos, arrancada
Dos mares no furor de guerra impia,
Tingio de sangue as aguas, salpicando
De seu cerebro o Ossa, o Olimpo, e o Otrys,
Ferido pelo ferro, com que Marte
Vingou de Jove a injuria em morte acerba.

Lamentando-se Atlantida apertava
Ao peito o filho, palida temendo
Trisulcos raios, qu'inda acezos via.
Ouvio seu pranto o rei do argentic lago,
E o tenro infante compassivo acolhe.
No choque horrivel, que Phlegros campos
O mundo sobre os pólhos abalára
Surgiram novas terras, novos mares
Cobriram reinos, ilhas, cabos, brenhas.
Neptuno aponta a plaga rica e vasta
Do sepulchro do sol erguida á pouco,
Inda madida e nova, ind'ignorada
Dos homens e do mundo; aqui se abriga
A estirpe illustre em Mimas profligada
Que o justo e paternal intento herdára.

Cresceo co'idade a força, a raiva, e o brio;
Da illustre geração fervendo o sangue
Nas veias de Titanea occulta prole,
Reforça o braço, que arduas fêras doma,
Que troncos mil escacha, abate, e arranca

Mudando o assento ás rochas alterosas.
Cinge a frente ao robusto altivo Joven
Cocar plumoso ornado de amathystas;
Diamantino fulgor contrasta o brilho
De esmeraldas, rubins, topazios louros,
Que a rica zona marchetando enfeitam.
Negra côma lhe desce aos ventos sôlta
Repartida vestindo os largos hombros;
Nas faces brilha mocidade imberbe,
E a côr, que as tinge, por que o sol as cresta,
Semelha o cobre lucido polido.
Nos olhos tem-se os vividos intentos,
Que de Mimas herdára, e occultos jazem
No grande coração, qu'a injuria abafa.
O esbelto collo tres gorgeiras prendem
D'ouro e prata, e manilhas d'ouro e gemas
Os musculosos braços lhe guarnecem.
Aperta o ventre nú, reveste a cinta
Fraldão tecido de vistosas pennas;
Mosqueada pelle um tiracollo fórma,
De que pende em carcaz cavado dente
De monstro horrendo pelo mar gerado.
Nichteroy d'aquí tira hervadas settas,
Em que as féras certo a morte envia,
Quando as brenhas perlustra, e o bosque, e o prado.
Empunha a dextra mão robusto tronco
Dos ramos mal despido; é esta a clava,
Que abate os tigres, os dragões, e as serpes
Mais prompto do que em Lerna o féro Alcides.

Grato á Neptuno pressuroso entorna
Dos altos montes rios caudalosos,
Que pujantes ao mar tributos levam;
Tortuosa marcha Nichteroy lhes-sulca
Por onde correm placidos os campos,
Depois que em negras firmes penedias

Tropeçando furiosos s'indignáram,
De branca escuma as margens allagando.
Surgem co'as aguas, do thesouro occulto
Nas entranhas da terra intacta e nova,
Luzentes pedras e ouro, qu'abrilhantam
Ás curvas, brancas, arenosas praias,
Em que o feudo Neptuno aceita e guarda.
Já pretende vingar a infausta morte
Que ainda Phlegra eterniza, e Marte acuza ;
Nem perde a vista do sydereo throno,
Herança paternal, de qu'expellida
Fora por Jove de Saturno a prole.
Justiça e força os animos lhe acendem,
Cauteloso se apresta, e dá-se á empreza
Dispondo os céos o ataque occulto e forte.

Trezentos Megaterios, cem Mamoths,
Domados por seu braço ao mar arrastram
Ingentes negras pedras, qu'encorpora
Promontorios formando, donde espreita
De Jove o ciume, e de Mavorte as iras.
Aqui se afundam lagos rabalçando
Estofas negras aguas sonolentas,
Que habitam bronzeos jacarés, e monstros
De horrendo e torpe aspecto ; d'alli surgem
Escarpados rochedos, em que as ondas
Rebentando furiosas o ar atroam
Mugindo horriveis, revolvendo as costas.
Altas serras do Norte ao Sul prolonga
Sobre as nuvens erguendo-se azuladas ;
Recortados penedos lhes guarnecem
Mil cabeços, que os céos roçando afrontam,
De guerreiros merlões vestindo os muros.
Novas rochas ao mar d'aqui se ajuntam,
De espaço á espaço o reino dividindo,
Possantes botaréos, que a mão robusta

Do soberbo gigante ás serras déra :
 Fechadas selvas cobrem amplos valles,
 D'onde avultam mil ingremes castellos
 Subindo de uma, e de outra parte ás nuvens.
 Urram tigres furiosos, que retousam
 Nas horriveis cavernas, aballando
 Pedras, troncos, rochedos, valles, rios ;
 Silvam negras giboias corpulentas
 Vedando ao bosque emaranhado a entrada.

Contente Nictheroy o ensejo aguarda ;
 Da empreza a gloria o enleva, e meditando
 Na sydereia conquista, devania.
 Lá quando o sol nos mares mergulhava
 Os seus fogosos rapidos Ethontes,
 Corrido já de Capro o reino em circ'lo
 Ás brenhas prompto o Joven se encaminha
 D'aqui vaidoso a vista aos céos erguendo
 Dos astros marca a lucida phalange,
 D'aquelle a força, e d'este a raiva observa
 Prudente os golpes calculando e os tiros,
 Que em breve disparar pretende ousado.

De Marte o aspecto horrivel se lhe antolha
 Scintillando guerreiro, irado, e forte ;
 Inda a lança, que enrista, o sangue empana
 De Mimas, que á vingança o filho excita.
 Arde o peito em furor ; é fogo, e chamma,
 Que abraza, queima, e devorando assoma ;
 Penedo grave arranca, á Marte o assesta,
 Firmando os pés, os braços retorcendo,
 Encravados no inimigo o intento e os olhos.
 Atalha o céu a estolida ousadia ;
 Eis subito clarão do ethereo assento
 As nuvens rasga rapido e estrondoso ;
 Brama Jove iracundo, sacudindo

Da rubra dextra o raio acezo e prompto.
Baquêa o gram colosso, arqueja e treme,
Varado o peito e o coração, que entornam
Borbotões d'atro sangue espumeo e quente.
Mordendo as rochas urra e se debate,
Mas a vida lhe foge, e a força, e a raiva.
Tomba d'altas montanhas despenhado,
Frondosos troncos, pedras arrastrando,
Que ao corpo enorme, enorme estrada abriram.
Ao baque horrivel tremem terra e mares,
E largo tempo ao longe ressoando,
Nos fundos vitreos paços apavoram
Amphitrite, Nereidas, Tethys, Glauco.
Tritão ligeiro á flor das aguas nâda,
Voltando á praia o rosto observa e admira
Fulgurando d'istante a instante a serra,
Que a chamma cresta, e negro sangue escorre,
Horrendo corpo ressupino avista.
Que entalam terra e pedras, qu'enche e occupa,
Do feio bosque ao mar estenso espaço.
Inda o grande penedo, qu'arrojava
Segura a dextra morta; ind'horroriza
Medonho e féro o aspecto aos céos voltado.

Eis carpindo-se Atlantida commove
Do equoreo reino o lindo coro á magua;
Perdida a côr das faces, desgrenhada,
Transida e bella os olhos lhe retratam
Ternura maternal, que o peito nutre.
Convulsa move os passos, misturando
Com pranto amargo as vozes, que lhe troncam
Amiudados suspiros; eis, Neptuno,
Eis de Jove o rancor (exclama e chora);
Nichteroy insepulto, e sobre um campo
De um raio jaz ferido! A estirpe augusta
Do pai dos deoses, hoje acaba, expira

No forte sorprendido illustre Joven.
Vingar paterna injuria foi seu crime,
Ao crime excede a pena, se não vales
A mal fadada Atlantida, que escudas.
Pode Encelado aos céos arremessar-se
Com força e raiva, altivo presumindo
Privar do throno a Jupiter Supremo,
Recobrando o direito ao sceptro avito.
Typhéu, Adamastor, Otho, poderam
Soberbos guerrear na empreza affeitos;
Conturbáram, mudaudo a face á terra,
Montanhas, mares, rios, astros, deoses.
Baixou dos céos terrifica vingança,
Mercurio, Pallas, Marte, converteram,
Dos impios em castigo, penhas, ilhas
Que leves sobre as nuvens revoavam.
Do fundo Averno aquelles bramam; estes
A graves montes sotopostos vivem.
Mas inda sobem do Etna inflammado
Fumo e chammas, que attestam força e brio
Do opprimido gigante, inda tremendo
Em Rhodope, Inarrima, e Creta as torres
De seus corpos erguidas eternizam
Dos Titães a memoria, a empreza, e a estirpe.

Nictheroy de Saturno é prole, é sangue;
E o nome seu a morte ao Lethes dando,
Inglorio o roubará do mundo a fama?
Raivosas féras já talvez devorem
Seu corpo exangue, e já crocitem perto
Em bandos mil carnivoros abutres;
Branquejando os seus ossos talvez mostrem
Em dias, que o futuro esconde aos homens
De ingente monstro horrifico esqueleto;
E a tanto subirão de Jove as iras?
Dá que a Fama o célebre, dá Neptuno...

Recresce o pranto, a fraca voz lh'embarga,
As mãos supplice estende, e afflictos vertem
Os lindos olhos lagrimas, que supprem
Confusos termos, qu'em seus labios morrem.

Suspira então Neptuno, e meigo abraça
A lastimosa Atlantida, rompendo
Morno silencio, que suspende e enluta
A maritima côrte. É justo, (exclama)
É justo sim, que viva eternizado
No mundo o filho teu, qu'outr'ora fôra
Por mim da morte injusta occulto e salvo.
O pranto enxuga pois, Neptuno attende
A mãe de Nictheroy formosa e mésta;
Castiga Jove um crime, e não consente
Que sobre a terra acabe o nome, a fama
De um filho, que a vingar seu pae s'erguera;
Foi de Mimas herança a força e o brio,
Mimas vive lembrando em Phlegra, em Lemnos,
Vivirá Nictheroy lembrado e eterno
Na serra, e valle, e rocha, que apontara
Ao terrífico Marte, em furia acezo.
A um justo pranto um justo apreço é dado,
Ternura maternal te affoita, e eu quero
Do morto filho a gloria eternizando,
Mostrar que abrigo heróe, de heróes nascido.

De Phebo a luz doirava a serra e as brenhas,
Dos picos mais erguidos dissipando
Nocturna branca nevoa, que descia
Ao verde prado, então Neptuno surge
Na argentea concha, que Hyppocampos tiram
Os crespos mares aplainando, e abrindo
Ruidosa marcha, que alva escuma cobre
D'aqui vaidosos negros Phocas nadam
No dorso sobre as ondas levantando

Cymódoce, Melite, Spio, Nisea ;
Escamosos Delphins d'alli se ostentam,
Que em torno as aguas assoprando espargem
Dos ares sobre as Nymphas: Glauco, Phorco,
Palemon e os Tritões, em turmas seguem.

Defrontam já co'a praia, e campo e serra ;
Desmaia a linda Atlantida banhando
Em novo acérbo pranto a face e o peito ;
Qual flor noturna e bella, qu'orvalhada
Nos jardins se aprazia, e ao sol murchando,
A gala perde, inclina-se empellida
Do brando vento ao sopro, que a affagava.
Neptuno as mãos lhe toma, aperta, beija,
E ao hirto corpo então a vista alonga ;
O' virtude de um Deus! O' força! O' pasmo ;
Desfaz-se o gram cadaver prompto em agua,
Que ferve, salta, muge, avulla, e açoita
Os valles, selvas, montes, brenhas, rochas.
No estenso mar, que o verde campo alaga
De espasso á espaço avistam-se os penedos
Derrocados por Jupiter Tonante.
Ao novo mar garganta nova se abre,
Ferindo a costa o valido Tridente
Junto á rocha, que á Marte se assestára,
E qu'inda ao mar voltada as nuvens busca.
Em confuso marulho, em grossas ondas
Descendo as aguas rapidas enfiam
A estreita foz, qu'as solta aos mares; Glauco,
Qu'em cem rios banhar-se Tethys manda,
Pouqu'este só faltava, alegre salta,
Expõem ligeiro á tumida corrente
O peito largo e cerulo, que a quebra
Forçando as aguas, dividindo a escuma,
Da hisurta grenha verdes algas descem
Assombrando-lhe a testa, a face, e os olhos,

(Os olhos, em que Scylla encantos via
 Raivoso ciume em Circe despertando.)
 A barba negra esqualida goteja
 Salgada lympha dentre os limos prenhes.
 Ramoso tronco de coral na dextra
 Levanta aos ares, co'a sinistra rema,
 Pairando sobre as ondas, que lh'escondem
 D'atro peixe escamosa cauda e longa.

Inda alto pasmo os animos enleva,
 E já murmura placida a corrente,
 Igualando-se ao mar soberbo o lago
 Na foz, que a rocha fraldejando affaga,
 Quando Glauco o silencio rompe, exclama,
 Do peito alegres vozes desprendendo
 Que o trespasso d'Atlantida terminam.
 « Eis divino furor m'impelle e agita,
 « Deoses, Nereidas, escutai meu canto ;
 « Celeste fogo os ossos me percorre,
 « Divina inspiração na mente eu sinto,
 « Vigor mais nobre e santo me arrebatá,
 « Do qu'esse, que d'Anthedon me arrancara,
 « De occultas hervas, por virtude occulta.
 « Das novas aguas mago influxo tenho,
 « Já sou Propheta e Deus, eu vejo, eu vejo
 « De par em par abertas aos meus olhos
 « As ferreas portas d'um porvir distante.
 « Exulta, exulta, Atlantida, que a fama
 « Do morto filho teu sublima a gloria
 « E eterno o lago faz, eterno o nome.
 « Troveje em vão Mavorte sobre a serra,
 « Em vão raivoso empregue a lança e a força
 « No gram rochedo que alto feito atesta ;
 « Immortal ficarás, ó pedra, e ao longe
 « Do novo rio a barra assignalando
 « Nictheroy lembrarás aos céos e ao mundo.

- « Ministerio novo e grande eu vejo e admiro ;
 « Brilhantes feitos surgem refulgindo
 « Das urnas, qu'inda o Fado aos homens véda,
 « Rompem qu'ilhas soberbas negros mares
 « Pasmosa marcha enderessando afoitas ;
 « Domada a furia aos Euros, Lusos fortes,
 « Nos céos pregada a vista, e as mãos no leme,
 « D'aurora ao berço impavidos proejam.
 « Eis subita procella o Fado excita
 « Propicia e rija os lenhos empuchando
 « Á nova plaga e occulta; eu oiço, eu oiço
 « O alegre som dos vivas com que arvora
 « Sobre as praias Cabral a cruz e as quinas.
 « (A cruz, que á plaga dá virtude e nome,
 « Nome, qu'atr'ambição trocando, vive
 « Nos penedos, qu'a dextra o rio apertam
 « D'esta ábra ingente, que alta gloria espera.)
 « Lobriga Marte a lucida grandeza,
 « Que do inimigo o recinto abrilhantando,
 « Da victoria o valor lhe abate e a fama ;
 « Eis prompto Aleccion mandado espreita,
 « Do verde lago em meio, em torre erguida,
 « O mar, a terra, e as brenhas; mas que póde
 « Da vingança o furor; se o Fado é contra?
 « Mem de Sá d'aqui surge, é fogo, e raio ;
 « Desmantela-se a torre, o Gallo escapa ;
 « Lá cresce a gram cidade, que nas aguas
 « Do famoso Gigante retratada,
 « D'altos montes as fraldas borda, e as praias.
 « D'um Joven bravo e santo o nome acceita,
 « Sem perder o de rio ao lago imposto ;
 « Aqui se ostenta provida natureza,
 « Thesouros novos d'alto preço abrindo
 « No florido matiz do campo e selva.
 « Aqui do Inverno a rispida melena
 « Não sacode a saraiva, a neve, e o gelo.

« De eterna pompa as arvores se arream,
« Pomos e flores de seus ramos pendem
« Quaes nunca o Horto Esperido guardára.

« O' como avulta em gloria! O' como a illustram
« Heroicos filhos, que o seu gremio adornam!
« Nem só Roma verá Sulpicios nobres
« Comprando a gram cidade á pezo d'ouro,
« Que de Breno a ambição e a espada aggravam.
« A mesma ingente gloria, que assignala
« De Romulo o sepulcho illustra e marca
« As auriverdes Nictheroicas aguas,
« Da patria e da nação o amor florece
« Do rio sobre as margens; ah! são Lusos
« D'antigo tronco ramos, que prosperam
« Sem perder a virtude, a força, e o brio.

« O' como avulta em gloria! O' como a illustram
« Do seu governo as redeas manejando,
« Incansaveis Andradas! Cunhas duros!
« Tu pacato Rolim! activo Almeida,
« Que mais amplo poder regendo elevas
« A cultura, o commercio, as armas, tudo
« A um lustre, que o teu nome aclara, e afama.
« Nem excede em zelo um Vasconcellos dextro,
« Que o vicio espanca, e as artes acolhendo,
« Anima o genio, qu'eterniza a gloria
« Da florente cidade. Um Castro eu vejo
« Melancolico e forte. Um sabio admiro
« Do rei, da patria amigo; esteio adorno
« Do throno e da nação; thesouro excelso
« De virtudes sublimes; que ama o sabio,
« O justo abraça, Portugal seu nome
« Na lembrança dos bons fulgura e vive.
« Tu guerreiro Noronha as redeas tomas,

« Prudente, firme, e proseguindo ostentas
 « Saber profundo, amor, virtude, e genio.

« O' como avulta em gloria! Ah! novos fastos
 « Do filho teu, Atlantida ennobrecem
 « No mundo, o lago, que hoje occulto admiras.
 « Dias mais bellos no porvir s'antolham,
 « E o Fado aponta um seculo ditoso,
 « Em que a Elizia disputa a fama o rio.
 « Eis amplo assento e base d'aureo throno,
 « Qu'escoltam sempre lucidas virtudes;
 « Aqui medra e florece em força, em gloria
 « Esse tronco, que o céu plantára outr'ora
 « No heroico solo em que troveja a guerra.
 « Já d'entre as mãos d'um Pelias, que empolgava
 « Nova Iolcos no Tejo astuto e forte,
 « Um mais nobre Jason mais sabio escapa.
 « Perdendo o nome, ao rio inveja Colchos
 « Varão mais digno d'aurea fama; surge
 « Das negras mãos d'horrenda tempestade
 « Um dia, que do mundo a sorte muda.
 « Salve, ó dia feliz! ditoso dia,
 « Que mais ampla carreira ao genio abrindo,
 « No velho mundo o esforço despertando,
 « A paz do Globo proxima asseguras.
 « Salve, Principe excelso, que abrtihantas
 « Com justo sceptro e c'rôa, a plaga e o lago,
 « Em que hoje o Fado o teu poder m'inculça.
 « Eternizam-te o nome a historia a fama,
 « Epoca illustre assignalando aos povos
 « No vasto e rico Imperio, qu'ergues sabio.
 « Vejo as Quinas, qu'ao Indo, e ao Ganges davam
 « Terror, desmaio, florendo ovantes
 « Das náos dos Albuquerque, Castros, Gamas,
 « Sublimadas na esphéra, agora dando
 « Do novo reino Brasileiro o indicio.

« Vejo um rei acclamar-se, ó pasmo! o gloria!
« Serão d'Ourique os campos estas margens,
« Que só natura esmalta agora e veste?
« Revive Affonso acaso! É este o Tejo?
« É este o Luso heróe, qu'um throno funda
« Sem dos évos temer o estrago, e a força?
« Fulgura o céu d'Ourique: a cruz se adora
« D'igneos raios vestido, santa, e bella.
« D'alta noite rompendo o véo nubloso,
« Reflecte a luz nas armas Luzitanas.
« Cerrados esquadrões desmaiam, fogem
« Eclipsadas as luas, cresce o esforço
« Que o novo reino Portuguez eleva.
« Ferindo o escudo e as armas mil guerreiros
« Lá saudam Monarcha Affonso, o invicto,
« Que o céu protege, e a terra admira e acclama,
« Auspicio igual aqui respeita o Rio;
« Luminoso Cruzeiro ao Sul refulge,
« Do novo reino a gloria eternizando,
« Que um Principe esforçado assenta e affirma,
« Cingindo a cr'ôa e a purpura, que adornam
« Eternos brilhos de virtude avita.

« AO GRANDE, AO SEXTO JOÃO, que nesta plaga
« Primeiro ao régio throno sóbe, o mundo
« Erguendo as vistas respeitoso acata:
« Nictheroy, Nictheroy, um throno, um reino,
« Que a Cruz defende, e um sabio escora, e afama,
« Do lago teu nas margens brilha, e cresce.

« Vejo a gloria esmaltando a estirpe augusta
« Do regio Bragantino e excelso tronco;
« Nova estrella enriquece o céu do Rio,
« Tão bella como a d'Alva, tão formoza
« Como a gema engastada em ouro ou prata.

« Do mar desponta, é Venus, e os Amores
 « Em torno brincam, do Danubio a seguem;
 « Já d'um Principe heroico aos braços chega,
 « E o céo, que os liga d'hymeneo com os laços,
 « Em reciproco amor, em grato auspicio,
 « Perduravel grandeza ao Rio augura.
 « Nem me occulta o futuro ou fado arcanos,
 « Que a mente em santo fogo ardendo anceam:
 « Prospera, ó par ditoso! Exulta, ó plaga,
 « Que o céo de benções enriquece e exalta!
 « Clarão de eterna gloria os évos doira,
 « Despontam mais brilhantes novos dias,
 « Marcando a Cruz a duração, qu'escapa
 « Aos frouxos olhos d'indagar cansados.
 « Penhor Augusto vejo, acato e admiro!
 « Ternura conjugal o afaga, o abraça;
 « Nas faces brincam risos, sobre o berço
 « Adejam votos do Brazil, do mundo;
 « Traz no sangue de heróes virtude e graça;
 « Lamego o sceptro de seus pais lhe off'rece,
 « Concentra a gloria de Bragança e d'Austria.
 « Nunca o sol, que desponta a linda rosa
 « D'entre as flores, qu'esmaltam prado ou selva
 « Do cerrado botão rompeu tão bella;
 « Nunca, Atlantida, estrella igual fulgindo,
 « Nas frescas aguas do Danubio ou Tejo.
 « Dos povos mor aplauso obteve; exulta.»

Tremeu de novo a terra e o mar! Neptuno
 Á Glauco impõe silencio ao ar levanta
 O gram Tridente, abismam-se as Nereidas;
 E a mãe de Nictheroy ao coro unida
 É nos mares por Deosa conhecida.

Vigario FRANCISCO FERREIRA BARRETO

MOTTE

*Vem cá, minha companheira,
Vem, triste e mimosa flôr!
Se tens da saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dôr.*

GLOSA

Saudade, a celeste mão
Que de roxo te vestiu,
De luto agora cobriu
O meu triste coração;
Tu és copia da afflicção,
Eu a imagem verdadeira;
Socia de amor, vem ligeira[!];
Nós somos feis transumptos...
Saudade, acabemos juntos;
Vem cá, minha companheira!

Na patria vivi contente,
Como tu no ramo bronco;
Como tu fóra do tronco,
Murcho, emfim, da patria ausente;
Eu te imito de presente,
No mal, na augustia, na côr;
Tu que exprimes minha dôr,
Tu que do ramo cahiste,
Vem ornar um peito triste,
Vem, triste e mimosa flôr!

O bafejo da agonia
Envenenou-te a existencia;
Explicas a dôr d'ausencia
Na côr funesta e sombria;
Negro horror, melancolia,
Te cerca, te apraz, te some:
És o mal que me consome,
Se tu pintas o delirio!
Se tens a côr do martyrio,
Se tens da saudade o nome!

Mas quanto distamos, quanto,
Linda flor, ó flor mimosa!
Tu finges magua extremosa,
Eu de magoa a voz levanto;
Tu arremedas o pranto,
Eu choro e gemo de horror:
Tu pintas o que é languor,
Mas eu sinto a realidade!
Tu dizes o que é saudade.
Da saudade eu tenho a dôr!...

MANOEL ODORICO MENDES

A TARDE

Que hora amavel! Expiram os favonios;
Trasmonta o sol, o rio se espreguiça;
E a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde.
Salve, moça tão meiga e socegada;
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinuas co'os olhos doce affecto,

Não criminosa abrazadora chamma.
Em ti repousa a triste, humana prole,
Do trabalhado dia ; nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que ha de a fraqueza conduzir ao tumulto.
Lasso o colono mal avista ao longe
A irmã da noite, cõa-lhe nos membros
Placido allivio ; poussa a dura enxada,
Limpa o suor, que em bagas vai cahindo,
Que ventura ! A mulher o espera anciosa
Co'os os filhinhos em braços ; já deslembra
O homem dos campos a diurna lida ;
Com entranhas de pae ledõ abençõa
A progenie gentil que a olho pula.

Não vês como o fantasma do silencio
Erra e pára o bulicio dos viventes ?
Só quebra esta mudez o pastor simples
Que, trazendo o rebanho dos pastios,
Co'a suspirosa flauta ameiga os bosques.
Feliz ! que nunca o ruido dos banquetes
Do estrangeiro escutou, nem alta noute
Foi á porta bater do alheio albergue.
Acha no humilde colmo os seus penates,
Como acha o grande em soberbões palacios ;
Conviva dos festins da natureza,
Vê perfazerem-se as funcções mais altas :
O homem nascer, morrer e deixar prantos.
Agora ia entre prados, após Laura,
O ardido vate, magoando as cordas ;
E a selvatica vida recolhendo
A grave dôr christã, que assoberbava,
Do mancebo cedia á paixãõ nobre,
Grande e sublime como os troncos do ermo,
Ai misera Atalã... mas rusga o fogo
E o sino sãõ pelas brenhas broncas.

Tarde serena e pura, que lembranças
Não nos vêm despertar no seio d'alma!

Amiga terna, dize-me onde colhes
O balsamo que esparges nas feridas
Do coração! Que apenas dá rebate
Cala-se a dôr; só geras no imo peito
Mansa melancolia, qual ressumbra
Em quem sobre os seus pés tem visto as flores
Ireim murchando, e a tréva do infortunio
Ante os olhos medonha condensar-se.

Longe dos patrios lares quem não sente,
Os arrebóes da tarde contemplando,
Um subito alvoroço? Então pendiamos
Dos cantos arroubados, que verteram
Propicios deuses dos maternos labios;
E branda mão apercebia o berço
Em que ternos vagidos affagava,
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o paiol sentada, a fiel serva
Que vezes attentei chamando ao pouso
A ave tão util, que arrebanha os filhos,
E adeja e canta, e pressurosa acode!

Co'a turba de innocentes companheiros
Agora sobre a encosta da collina,
A casta lua como mãe saudavamos,
E supplicando que nos fosse amparo
Em jubiloso grito o ar rompíamos.
Mas da puericia o genio prazenteiro
Recentes gerações vai bafejando;
A quem ficou a angustia que moderas,
Oh compassiva tarde! olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pesadumes;
Ao som dos ferros o instrumento rude

Tange, bem como em Africa adorada
Quando, tão livre! o filho do deserto
Lá te aguardava; e o echo da floresta,
Da ave o gorgueio, o tepido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
Tudo em cadencia harmonica lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.

Não mais, oh musa, basta; que na noite
Os pardos horizontes se tingiram,
E me pesa e carrega a escuridade.
Oh! venha a feliz nova, que da patria
N'essas fecundas, dilatadas vegias,
Tu mais suave a lyra me temperas;
Da singella Eponima acompanhado,
Na escura gruta que nos cava o tempo,
Hei de ao valle ensinar canções melifluas;
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,
Nos alvos pomos, no ademan altivo,
Irei tomar as côres que retratem
Da natureza os intimos segredos;
Do ardor da esposa, do sorrir da filha,
Do rio que espontaneo se offerece,
Da terra que dá fructo sem o arado,
Da arvore agreste, que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade,
A sobre-olhar aprenderei haveres,
A fazer boa sombra ao peregrino,
A dar quartel ao errado viandante.
Lá estendendo pelos livres ares
Longas vistas nas dobras do futuro,
Entreverei o derradeiro dia...
Venha que acha os despojos do homem justo.
Oh! esperanza, toma-me em teus braços;
Com a imagem da patria me consola!

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA**O SABIÁ**

LYRA

Tudo é silencio no bosque !

Que solitaria mansão !

Sabiá, cantando amores,

Só povôa a solidão,

Em debil ramo, saudoso

Descanta, geme e suspira.

Ah ! Junta, cantor plumoso,

Junta aos sons da minha lyra

Teu canto melodioso...

Tua musica suave

É doce como a lembrança

Que em desabrida tormenta

Forma o nauta da bonança :

Dize, tu cantas zeloso ?

Ou feliz amor te inspira ?

Ah ! Junta etc.

Livrem-te os céos do ciume,

Meu querido passarinho ;

E que a tua amante ingrata

Te menospreze o carinho.

Mas tu não cantas queixoso,

Amor teus versos inspira.

Ah ! Junta etc.

Que accento que escuto agora !

Repete-o por piedade,

Alenta meu peito amante,

Mitiga minha saudade;
Esse nome harmonioso
De novo estes ares fira!
Ah! Junta etc.

Dize-o agora — oh! — não me accultes
Quem meus amores te ensina,
Cantaste a belleza, as graças,
Pronunciaste Ocarlina;
Viste-lhe o rosto formoso,
Onde risonho amor gira!
Ah! Junta etc.

Ou viste-lhe o seu retrato
Na aurora purpurea e bella?
Na rosa as faces mimosas,
Os olhos n'alguma estrellas?
Se a já viste, és desditoso,
Comigo em zelos delira!
Ah! Junta etc.

Mas ai! A linda Ocarlina...
— Porque seu nome disseste? —
Não me attende, e a funda chaga
Abrir de novo quizeste!
Vi seu rosto gracioso...
E oh! nunca o rosto eu lhe vira!
Ah! cessa, cantor plumoso,
Discorda dos sons da lyra
Teu canto melodioso!

Se estimas o teu descanso,
Não lhe repitas o nome;
Teme o fogo do ciúme,
Que este meu peito consome!

Vive em paz, d'ella te esquece,
Mas lembrem-te estes meus ais,
E chora os desgostos meus...
Ah! basta, não cantes mais,
Adeus, passarinho, adeus!

PEREGRINO MACIEL MONTEIRO

Aos annos de...

ODE

Ao nascerdes, Senhora, um astro novo
Vos inundou de luz, que inda hoje ensina
No fogo desses vossos olhos bellos
Vossa origem divina.

O ar que respirastes sobre a terra
Foi um sopro de Deus embalsamado
Entre as flores gentis, que vos ornavam
O berço abençoado.

Ao ver-vos sua igual no empyreo os anjos
Hymnos de amor cantaram nesse dia;
E o que se escuta, se fallais, é o echo
Da angelica harmonia.

Gerada para o céu (que o céu sómente
Da criação a pompa, e o brilho encerra)
Das mãos do Creador vos escapastes;
Cahistes cá na terra.

Um anjo vos seguio para guardar-vos ;
E quaes gemeos um no outro retratado,
Quem póde distinguir o anjo, que guarda,
Do anjo, que é guardado?

Só um raio do céu arde perenne,
Sem que o tempo lhe apague o fulgor santo :
Por isso os vossos dons são sempre os mesmos,
O mesmo o vosso encanto.

Em vós é tudo eterno. E se na frente
(Tão bella sempre em tempos tão diversos !)
Uma c'rôa murchar-vos, é de certo
A c'rôa dos meus versos.

Dos meus versos? Ah! Não! Que inextinguivel
E o incenso queimado á Divindade :
E ao canto, que inspirais, vós dais, Senhora,
Vossa immortalidade.

INSPIRAÇÃO

A M.^{me} STOLTZ EM UMA REPRESENTAÇÃO DA FAVORITA

Genio! Genio!... inda mais! Supremo esforço
Da mão de Deus no ardor do entusiasmo!
És anjo, ou és mulher, tu que nos roubas
Do culto o amor, o extasi do pasmo?

Na pujança do vôo a aguia soberba
Tenta o céu devassar, exausta pára:
Nas azas do lyrismo tu de Jehovah
Ao templo chegas, e te prostras n'ara.

Ahi c'roada de fulgente aureola
No concerto dos anjos te misturas ;
E se cantas na terra, são teus hymnos
Harmonias, que ouviste nas alturas. —

Ahi aspiras o lustral perfume,
Que das urnas sagradas se evapora:
Eis porque tua voz parece unguida
Dos olôres da flor, que orvalha a aurora.

Ahi do coração na harpa animada
As cordas descobristes de ouro estreme,
Que se vibra de amor, atêa n'alma
Paixão, que goza, e soffre, canta, e geme.

Ahi o idioma typico aprendeste,
Que entendem todos e que tudo exprime:
E' assim teu olhar o verbo vivo,
É teu gesto a linguagem mais sublime.

Mysterio augusto, que do Eterno ao *fiat*
Surgiste qual visão, que attrahe, fascina ;
Se da mulher teu corpo veste a fôrma,
Arde no genio teu chamma divina.

Mulher, ou anjo! Cumpre a missão tua!
Seja a crença deleite, a fé doçura:
Toda a terra ame ao céo nos seus prodigios,
Adore o Creador na creatura.

UM SONHO

AO EMBARQUE E PARTIDA DE UMA SENHORA

Ella foi-se!... E como ella foi minha alma
Na aza veloz da briza susurrante,

Que ufana do thesouro, que levava,
Ia... corria... e como vai distante!

Voava a briza, no atrevido rapto
Frisava do oceano a face liza:
Eu que a briza acalmar tentava insano,
Com meus suspiros alentava a briza!

No horizonte esconder-se annuviado
Eu a vi; e dous pontos luminosos
Apenas onde ella ia me mostravam:
Eram elles seus olhos lacrimosos!

Pouco, e pouco empanou-se a luz confusa,
Que me sorria lá dos olhos seus;
E d'além ondulando uma aura amiga
Aos meus ouvidos repetio adeus!

Nada mais vi eu, nem mesmo um raio
Fulgir a furto de esperança bella;
Mas meus olhos illusos descobriam
N'uma amavel visão a imagem della.

Esvaio-se a visão, qual nuvem aurea
Ao bafejar de vespertina aragem;
Se aos olhos eu perdia a imagem sua,
No meu peito eu achava a sua imagem.

Ella foi-se!... E com ella foi minha alma
Na aza veloz da briza susurrante,
Que ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vai distante!

João de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão

MOTTE

*Não se pôde chamar crime
O crime que causa amor.*

GLOSA

Da razão é lei sublime
Que se ame com singeleza :
O que manda a natureza
Não se pôde chamar crime.
O céu mesmo é quem imprime
Nos peitos esse almo ardor.
Longe fanatico horror,
Que a tantos povos illude !
Não é crime, antes virtude,
O crime que causa amor.

Quem terna paixão reprime,
Esse sim, esse é culpado ;
Mas amar e ser amado
Não se pôde chamar crime.
Ninguem perpetrar se exime
Terno crime seductor :
O animal, a planta, a flôr
Vive da amorosa lida :
É crime que nos dá vida
O crime que causa amor.

Systema, que nos opprime,
Chama delicto a innocencia ;
Mas amor, de um Deus essencia,
Não se pôde chamar crime.
Sigamos a lei sublime

Do Supremo Creador ;
Gozemos o puro ardor
Que a natureza nos deu ;
Se é crime, é crime do céu
O crime, que causa amor.

Pela voz da razão se exprime
A luminosa verdade :
Sacra lei da divindade
Não se póde chamar crime.
« Humanos, eia ! segui-me ! »
Nos diz celeste Mentor :
Crime dos céos é melhor
Do que as virtudes da terra ;
É crime que gloria encerra
O crime que causa amor.

FRANCISCO MONIZ BARRETO

CORINA

FANTASIA

(DIANTE DE UM RETRATO)

Finalmente, Corina, eis-me contigo,
A sós, nesta encantada hora de enlevos,
Hora propicia a amores e saudades !
Que bemfeitora mão guiou-te aos leaes
Do pobre trovador, mulher ? Que nova
Estrella precursora de bonança,

Acesa ao sopro do Senhor, vem hoje,
Inesperada e subita, aclarar-me
O cerrado horizonte de meus dias,
Que em trevas me abafava os seios d'alma?
Sonho ou delirio?... Não, és tu, Corina,
És tu mesma; não póde humana arte
Cópia extrahir assim, que olhe e ria,
Que pareça fallar e enternecer-se,
Escutando e sentindo o que se falla!
Ou é o teu original que eu vejo,
Ou o céo, abalado por meus rogos,
Para vida me dar, deu vida á imagem.
Conversemos, Corina, aqui não póde
Sorpr'ender-nos ninguem, neste aposento,
Que os astros do teu rosto ora illuminam,
Humilde, mas que hoje não trocára
Pelo do rei mais opulento, somos
Só tu, eu e amor; ouve:

Quizera

Ter um thesouro, um throno para dar-te;
Porém só tenho um coração, que sabe
Comprehender o que és, e amar-te como
Raras vezes se ha visto amar na terra.
Se esse coração te apraz, aceita-o,
Governa-o, escravisa-o, se quizeres,
Mas dá-lhe, em recompensa, os teus carinhos.
Sem ar e luz viver não ha quem possa;
Para viver, Corina, eu necessito
Do halito fragrante de teus labios,
Da luz divina de teus meigos olhos.
Deixa qu'em teu olhar o sangue aqueça,
Que se me vai nas veias congelando,
Qu'em tua boca aspire a vida em beijos...
Achas que peço muito? Ah! não, não peço;
Que para t'o pagar, este amor sobra.
Em mim o coração, o sangue, a vida,

A mente alada de poeta, tudo,
 Tudo, meu anjo, é teu ; da mesma alma,
 Propriedade de Deus, metade é tua.
 Quem já te amou assim, Corina? dize;
 Onde, em que peito de homem
 Colheu tua belleza igual triumpho?
 Mais amada não foi Beatriz, de Dante,
 Nem Catharina, de Camões, nem Laura,
 De Petrarca ; de Tasso, Eleonora,
 De Gonzaga, Marilia, não tiveram
 Mais fervoroso amor, maiores cultos.
 Eu tambem tenho cantos para dar-te,
 Cantos, que possam perdurar na fama;
 Para alçal-os, Corina, só preciso
 Que ao meu, teu coração palpите unido.
 E' minh'alma uma lyra ; és della a musa;
 Vem as cordas vibrar-lhe, os sons erguer-lhe;
 Sê minha um dia — e te farei eterna.
 Por mim beijada a nivea têt mimosa
 De teu seio, regaço dos amores,
 Será o pergaminho, onde estampado
 Deixe o teu nome para sempre aos evos.

Comecemos, Corina ! um beijo... muitos...
 Uns após outros, sem cessar... embora
 O prolongado extasis me mate.
 Feliz — quem desce ao tumulto sorvendo
 Em seio e labios de mulher que é sua,
Morte, morte de amor, melhor que a vida;
 Já sabe o que é o céu, quando ao céu vôa.
 Mas que ! tu me repelles, doce amada!
 Então vieste aqui para sómente
 Alardear tua esquivança, ingrata,
 Ou exprobar-me o amor que por ti sinto,
 E, cruel, me ordenar que te não ame?
 Impossivel! Deixar de amar-te? Nunca,

Nada póde este amor, que me acendeste,
Arrefecer, e menos extinguil-o.

Quando o soão nocivo da doença
Te desbotasse as rosas do semblante;
Quando o desastre te alterasse as fórmãs,
Mutilando-te, fero, o corpo airoso;
Quando o genio das trevas, indignado,
Da luz que tanto o afflige, de teus olhos,
D'elles co'a névoa espessa de seus antros
O crystalino humor escurecesse,
Duas estrellas mais — roubando ao mundo;
Pallida, embora, mutilada, cêga,
Te amaria, meu anjo, e mais ainda.
Da luz que nos teus olhos se eclipsasse,
Em minh'alma calando, o raio extremo
N'ella de amor atearia as chammas.
Poeta, preferi sempre e prefiro
O cultivado espirito á materia:
Por uma me apaixono, ao outro adoro.
Se, decahida a tua formosura,
Fada ardilosa, que provar quizesse
Minha constancia e fé, me apresentasse
Peregrina belleza, em quem se vissem
Compendiados os encantos todos,
Poderia eu cantal-a, enthusiasmar-me
Por ella ; mas amal-a, preferil-a
A ti, Corina, não : os attractivos
Teus, que nenhuma tem, fôra a victoria.
Só me faria desistir de amar-te
O teu desprezo, o teu amor a outro,
Que de poeta os brios me aviltassem.
Soffro muito, Corinal... Agora mesmo
Intensa febre as visceras me abrasa...
Nunca assim tanto padeci por outra!

Panacéa divina de meus males,
 Cura-m'os, por quem és! Uma só phrase
 Tua do abysmo me levante; dize-me:
 « Trovador, eu te amo; mas pagar-te
 « Só pelo coração posso o affecto. »
 De ti não quero mais; isso me basta;
 Basta-me o coração, que ao meu responda,
 Piedade, Corina! De teus labios
 Sõe de prompto a redempção que espero!

.....
 Dizem que a meia-noite
 É hora de demonios: que mentira!
 É meia-noite, e o céu aqui eu gozo.
 Furia, demonio, inferno
 Ha de ser para mim o romper d'alva,
 Quando d'aqui, deixando-me, te ausentes,
 Maga estrella gentil de meus amores.
 Rainha de minh'alma, antes que partas
 Dá-me que eu beije as fimbrias do teu manto!
 Quero n'ellas deixar preso um suspiro,
 Que te siga e soluce as minhas queixas,
 Que a miúdo te falle em meus extremos;
 Leva-o, Corina!... e breve, acompanhado
 De um dos teus, que o ampare, elle me traga
 A salvadora nova da ventura,
 Que mais hei desejado em meus anhelos!

.....
 Mas que é isto, Corina?
 Que mudez tumular é essa tua?!
 Ha tanto que te fallo, e não respondes,
 Nem me dizes, sequer, uma palavra!...

.....
 Hh! do meu sonho acórdio! Absorto n'elle,
 O bello original cri ver na cópia;
 Por Corina tomei o seu retrato;
 Pareceu-me em meu lar vêl-a commigo,

Suprema dita que almejar só posso!
Imagem de meu bem, que me illudiste,
Illude-me outras vezes! Para o martyr
Do destino e de amor, como sou hoje,
É a illusão um berço que lhe embala
E lhe adormece o coração — nas dôres.

JOSÉ LINO COUTINHO

A SENSITIVA

Ha no reino vegetal,
Uma rasteira plantinha,
Que perde, apenas se toca,
O verdor, que d'antes tinha.

De sentir lhe vio o nome
De — sensitiva mimosa —
E d'aqui se formou logo
Uma historia fabulosa.

Dizem que só ella murcha,
E só perde o seu vigor,
Se lhe toca moça que
Já provou mimos de amor.

Mas se acaso ainda tem
Da virgindade o botão,
Suas hastes e folhinhas
Cada vez mais lindas são.

Assim se disse ; e depois
Esta plantinha tímida
Por — malícia das mulheres —
No Brazil foi conhecida.

Mas tu não temas, Marília,
Podes afouta tocar,
Pois com qualquer outro toque
Tu verás ella murchar.

Tua razão é bastante,
Para emfim te fazer ver,
Que não pode uma plantinha
De nossas vidas saber.



SECULO XIX

—

MUSA POPULAR

POESIA ANONYMA



PARNASO BRAZILEIRO

A PENHORA

CEARÁ

INEDITO



QUI 'stou, minha senhora,
Com dôr no meu coração;
Venho mandado a esta casa
Fazer uma citação.

— Guarde Deus, senhor meirinho,
Parente de minha avó;
Darei os bens á penhora,
Deixe-me as *cadeiras* só.

Hoje fazem quinze dias
Que Raymundo se interrou;
Inda não fiz inventario
Já me chegam os *credô*.

Tenho uma casa de venda
Sentada nesta ribeira;
Ponha o seu negocio n'ella,
Qu'eu não dou minhas *cadeira*.

Tambem darei cinco escravos,
Que a mim leaes me são;
Darei tudo á penhora,
Porém as cadeiras não.

Tambem darei um cavallo
Bonito e estradeirão;
Tudo darei á penhora
Porém as cadeiras não.

Tambem dou um oratorio
Com seus castiçaes então,
Sua cruz de diamantes,
Porém as cadeiras não.

Tambem dou um papagaio,
Com dôr no meu coração,
Sua corrente de ouro,
Porém as cadeiras não.

Tambem darei um engenho,
Com eixos e bolandeiras,
Darei tudo á penhora
P'ra ficar-me com as cadeiras.

Tambem darei outro engenho
Que o vento faz andar;
Eu darei tudo á penhora
Para as cadeiras ficar.

— Tenho visto, minha senhora,
Como são suas besteiras,
Que ha de vir um official
Penhorar suas cadeiras.

— Tenho dito, meu senhor,
Vão-se anneis, fiquem-se os dedos;
Não falta ourives no mundo
Que façam outras cadeiras.

Perseguido de justiça,
Veja quem matou Raymundo,
E que eu me veja vingada
Aqui mesmo neste mundo.

ESTRELLAS DO CÉO BRILHANTES

GEARÁ

INEDITO

Estrellas do céu brilhantes,
Carcereiras de meu peito;
A tua affeição me mata,
Eu morro por teu respeito.

Pelas estrellas do céu,
Por ellas peço a meu Deus,
Que me tire dos sentidos
Amores que não são meus.

As estrellas estrellecem,
A Deus pedem claridade;
Triste de quem se captiva
Nas flores da sua idade.

As estrellas miudinhas
Põem o céu muito composto;
Nunca contigo, menina,
Pude fallar a meu gosto.

Entre os céos e as estrellas
Tem uma fita encarnada ;
Quem souber de amores meus,
Cale-se e não diga nada.

As estrellas do céu correm
Eu também quero correr,
Por enredo e mexericos
Se aparta meu bem querer.

Sobrancelhas de pão preto,
Raios de sol quando nasce,
Boca pequena bem feita,
Olhos com que me enganaste...

PASSARINHO P'RA QUE CANTAS

CEARÁ

INEDITO

Passarinho p'ra que cantas
Alegre aos pés de quem chora?
Se o teu cantar me allivia,
Não cantes mais, vai-te embora!

Alegre aos pés de quem chora,
Passarinho não cantais ;
Para quem padece penas
Cada vez se lembra mais.

Passarinho que cantais
No galho de oiticica,
Cala a boca, passarinho,
Quem se mata morto fica.

Menina, teu passarinho,
Das minhas mãos *avoou*,
Para mais penas me dar
Pennas na mão me deixou.

Os Novissimos do homem

CEARÁ

INEDITO

Quero te dizer, menina,
As penas que me consomem;
Por força me heide valer
Dos Novissimos do homem.

- 1.º MORTE — Morto já me considero,
Por não vos poder fallar
Todas as vezes que quero.
- 2.º JUIZO — Isto tenho muito pouco,
Pois me dizem com certeza
Que vós me deixais por outro.
- 3.º INFERNO—Este delle me arrenego,
A minh'alma e minha vida
A vós, menina, eu entrego.
- 4.º PARAIZO—Neste tenho esperança,
Pois me dizem de certeza:
Quem procura sempre alcança.
-

MOTTE

*Um laço de fita verde
Com tres dedos de largura,
No peito de uma mulata
Mata qualquer creatura.*

GLOSA

INEDITO

Adeus, me vou embarcar;
As amarras vou picando,
Agua na véla botando,
Aos mares me vou lançar!
Velozmente heide passar
Pelo monte das paredes,
Voltar não sei quando heide,
Não sei dizer quando venho,
Vou buscar com grande empenho
Um laço de fita verde.

Indo eu p'ra uma cidade
Encontrei certo sugeito,
Que trazia com grandeza
Nobres fitas na verdade:
De uma e d'outra qualidade,
Da proporção, da factura,
Daquella que se procura,
Que se chama de tremer,
Mandei um laço fazer
Com tres dedos de largura.

Quando o laço me chegou
Prompto, feito e acabado,
Eu fiquei admirado
Ver tão polido o aceio;

Mandei-lhe pregar no meio
Uma redoma de prata,
Vendi a minha fragata,
Não me quiz mais embarcar,
Mandei o laço pregar
No peito de uma mulata.

Quando o laço se pregou,
A gente d'esta cidade
Toda se admirou!
Caixa de guerra tocou;
Houve fogo com bramura;
Olhei p'ra esta figura,
Ficou-me a vista tremendo,
O povo todo dizendo:
Mata qualquer creatura.

TYRANNA

CEARÁ

INEDITO

Cada vez que vejo vir
Panno de linho lavado,
Lembra-me logo, meu bem,
D'aquelle tempo passado.

D'aquelle tempo passado
Lembra-me logo meu bem;
Lembra-me de ti ingrata
Quando te queria bem.

Quando te queria bem,
Deus do céu me parecia;
Na cegueira em que andava
Palmo de terra não via.

Palmo de terra não via
Na cegueira em que andava ;
Quando te queria bem
Era um anjo que adorava.

OLHOS PRETOS

CEARÁ

INEDITO

Olhos pretos matadores,
Roubadores de afeição ;
Que não te deixo por outros,
Descansa teu coração.

Olhos pretos matadores,
Porque não vos confessaes
Das mortes que tendes feito,
Dos corações que roubaes ?

Olhos pretos matadores,
Boca de requerimento,
Dizei-me como passastes
Fóra de mim tanto tempo.

Olhos pretos matadores,
Boca de ameixa madura,
Quando fores d'esta terra
Deixa-me a vida segura.

Olhos pretos matadores,
Sobancelhas de ferir,
S'eu fôra desempedida
Comtigo me havia ir.

COCO

DANSA POPULAR

CEARÁ

INEDITO

Este coquinho é meu,
A ninguem eu heide dar,
Aprendi com as mocinhas
Que moram no Sitiá.

Este coquinho é meu,
Não o dou a minguem não ;
Aprendi no Sitiá,
Trouxe-o no meu coração.

Este coquinho é meu,
E não o dou a ninguem ;
Porque a quem me ensinou
Eu fiquei querendo bem.

NÃO CHOREIS

PERNAMBUCO

INEDITO

Não choreis, ó D. Guida,
Pelo vosso muito amado,
O heróe pernambucano,
O nosso Nunes Machado.

Chore o povo brasileiro,
Nunes Machado morreu,
De um tiro de granadeiro
Que um marinheiro (*) lhe deu.

(*) Assim chamam em Pernambuco os Portuguezes.

A MOURA

PERNAMBUCO

Estava a moura
Em seu lugar,
Foi a mosca
Lhe fazer mal ;
A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava a mosca
Em seu lugar,
Foi a aranha
Lhe fazer mal ;
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava a aranha
Em seu lugar,
Foi o rato
Lhe fazer mal ;
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava o rato
Em seu lugar,
Foi o gato
Lhe fazer mal ;
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava o gato
Em seu lugar,
Foi o cachorro
Lhe fazer mal ;
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava o cachorro
Em seu lugar,
Foi o pau
Lhe fazer mal ;
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,

A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava o pau
No seu lugar,
Foi o fogo
Lhe fazer mal ;
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato do rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava o fogo
Em seu lugar,
Foi a agua
Lhe fazer mal ;
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava ;

Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava a agua
Em seu lugar,
Foi o boi
Lhe fazer mal ;
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava o boi
Em seu lugar,
Foi a faca
Lhe fazer mal ;
A faca no boi,
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,

A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava a faca
Em seu lugar.
Foi o homem
Lhe fazer mal ;
O homem na faca,
A faca no boi,
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

Estava o homem
Em seu lugar,
Foi a morte
Lhe fazer mal ;
A morte no homem,
O homem na faca,
A faca no boi,
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,

O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava ;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar !

BAILE DA LAVADEIRA

BAHIA

Sahe a primeira LAVADEIRA, *cantando* :

Antes que o sol saia,
Heide madrugar
Nas margens do rio,
Onde vou lavar.

Passarei contente
Muito divertida,
Com as mais companheiras
Da mesma lida.

Aqui ficarei
Bem acomodada,
Livre do calor,
E da enxorrada.

Neste cantinho
Ficarei contente,
Dando lugar
Se vier mais gente.

Sahe a segunda cantando :

Eu vou caminhando,
 Que o sol está alto,
 Não sei se corro,
 Não sei se salto.

Porém já lá vejo
 Outra companheira :
 É Damianna,
 Que veio primeira.

Falla a segunda LAVADEIRA para a primeira :

Deus vos salve, Maninha,
 Aqui sejaes bem chegada,
 De perigos, e de sustos
 De tudo sejaes guardada.

Falla a primeira

Deus vos salve : e tambem vós
 De que chegaes tão cançada?
 Por virdes hoje mais tarde
 É que estaes tão fatigada?

SEGUNDA PASTORA

Na verdade, Damianna,
 Que muito tarde acordei,
 É como vim na carreira,
 Muito cançada cheguei.

PRIMEIRA PASTORA

De que pois então corrias?
 Viste acaso alguma féra,
 Ou algum faminto lôbo,
 Ou viste tremer a terra?

SEGUNDA PASTORA

Tenho andado sosinha
Por bosques, penhas, e valles ;
Entre animaes ferozes,
Mas sempre livre de males.

E assim, oh Damianna,
Dou graças ao Creador,
Pela mercê, que me fez,
De me dar tanto valor.

*Cantam as duas lavadeiras, seguindo para uma horta
à estenderem roupa, o seguinte :*

Pastorinhas, grande dita
Hoje todo o mundo alcança,
Baixou já dos céos á terra
Fructo da nossa esperança.

BENTA (*canta passeando na sua horta*)

Grande pensão, grande lida,
Eu tenho na horta bella,
De regal-a, de cuidal-a,
Que não dê o bicho nella.

Volta

Quem quer comprar
Verduras mimosas,
Em quanto estão
Mui cubiçosas.

BENTA (*para as duas lavadeiras*) :

Grande confiança é a vossa,
De estenderem roupa nesta horta.

— *Joga com a roupa.*

Canta BENTA

Quem quer comprar
Verduras mimosas, etc.

Sahe a quarta PASTORA *cantando* :

Ando procurando
Se alguém me vio
O meu carneirinho,
Que me fugio.

Por mais que eu procure
Por todo o caminho,
Não posso encontrar
O meu carneirinho.

Do meu curralinho
Solto fugio,
Não sei como o lóbo
O não engolio.

*Entra para a horta de Benta, e apanha o carneiro,
cantando o seguinte* :

Lá está na horta
De Benta hortaleira ;
Como está cançado
Da grande carreira!

BENTA (*para a quarta pastora*) :

Pastorinha, como entraste
Aqui sem minha licença ?
Olha, que esta ousadia
Já me causa grande offensa.

QUARTA PASTORA

Ouve-me fallar primeiro.

BENTA

Desculpa não tens que dar,
Ide-vos deste logar.

QUARTA PASTORA

Benta, cá comigo
Falle com modo attento,
Pois eu não hei de soffrer
De qualquer atrevimento.

BENTA

Atrevimento, Filena,
Ignoro este tratar ;
Não queiras pois deste modo
A minha furia irritar.

QUARTA PASTORA

Ora dai-me o carneirinho,
Não é vosso, pois é meu.

BENTA

Tambem tenho parte nelle
Pelas hervas que comeu.

QUARTA PASTORA

Como isto póde ser ?
Agora me rio eu.

BENTA

Ora isto não se atura,
Eu estalo de paixão.

QUARTA PASTORA

Assim é, bella menina,
Pelo que diz tem razão;
Ora dai-me o carneirinho,
E basta de mangação.

BENTA

Levai pois o carneiro,
Já delle me não importa ;
Só quero saber por onde
Vós entrastes nesta horta.

QUARTA PASTORA

Na carreira em que elle vinha,
Saltando montes, e valles,
Perdi de todo a razão,
Precipitei-me nos males.

Saltei logo a vossa cerca,
Sem mais pequena detença ;
Por não perdel-o de vista,
Não vos fui pedir licença,

BENTA

Levai o carneiro,
Já creio ser vosso ;
Ficar-me com elle,
Conheço, não posso.

Canta a quarta pastora, retirando-se para dentro:

Ficai-vos embora,
Pastora bella,
As nymphas vos teçam
Mimosa capella.

Sahe o PESCADOR com o carneiro, e falla :

Venha p'ra cá, meu carneiro,
Venha para cá meu amigo ;
Que me hade servir de forro
Cá dentro do meu embigo.

Não hade chegar á porta,
Nem tão pouco á janella ;
Só hade andar no fogão
Mettido n'uma tigella.

O peixe é para a noite,
Você só para o jantar ;
Como é hospede, não quero,
Que tenha o peor logar.

Hade ter vinho na mesa,
Não cuide que hade ser só,
Porque póde por descuido
Me dar na garganta um nó.

Chupei o bello quitute
Que lá na fontinha achei ;
Indo para cima um pouco,
Este carneiro encontrei.

Se acaso houver dono delle
Hade entrar comigo em contas ;
Eu entregal-o não heide,
Por meio de varias pontas.

Sahe a quarta pastora, e falla :

Vem cá camaradinha,
Onde o carneiro achou?

PESCADOR

Por ventura elle é seu?
Meu trabalho me custou.

QUARTA PASTORA

Dona sou bem verdadeira,
A razão eu lhe direi,
Pois do curral me fugio,
Cousa que elle nunca fez:
Mas só lhe digo, que esta
Já é a segunda vez.

PESCADOR

Você se quer o carneiro,
Hade me dar os signaes,
Antes que o leve primeiro.

QUARTA PASTORA

Elle é todo branquinho,
Só com uma malha em roda;
Tem uma estrella na testa,
Que mal se vê por subtileza,
Que parece ser pintada
E não ser da natureza.

PESCADOR

Você cuida que estou doido,
Estou em todo o meu sentido;
Dê-me o signal que quizer,
Com tudo isto eu duvido.

QUARTA PASTORA

Você vê como o carneiro
Não quer soltar da unha :
Eu irei chamar a Benta,
Que é boa testemunha.

PESCADOR

Na verdade razão acho,
Para que dar testemunhas ?
Não grite, fallemos baixo.

— *Entrega o carneiro.*

Quanto mais corre noticia
Que na Lapa de Belém
Nasceu por nossa ventura
Jesus todo o nosso bem.

PESCADOR

Vou agora até o rio
O meu côfinho buscar ;
Antes que algum curioso
Vá os meus peixes furtar.

— *Vai-se*

PRIMEIRA LAVADEIRA (*para a segunda*) :

Vamos tambem para a fonte
Nossa roupinha enxugar,
Para tambem do trabalho
Um pouquinho descansar.

O PESCADOR (*para as lavadeiras*)

Eu tambem vou té o rio
O meu côfinho buscar,
Para da minha pescaria
Algum peixinho offertar.

Sahem as duas lavadeiras, cantando do rio:

O côfo do peixe
Que nós achamos
Na beira do rio
Tambem levamos.

Já que a fortuna
Nos entregou,
O dono esquecido
O não levou.

Sahe o PESCADOR do rio, cantando:

Grande peça me fizeram,
Grande logro me pregaram,
Toda minha pescaria
Todo o meu peixe levaram.

AS DUAS LAVADEIRAS

Vamos ás nossas cabanas
Nossos peixinhos tratar,
Que quem chupou o quitute,
Sem peixe venha ficar:
Ainda que venha o dono,
Hade levar por um oculo.

Chega-se o PESCADOR ás lavadeiras, e diz:

Eu me vou chegando á ellas,
Antes que venha mais gente,
Heide tomar o meu côfo
Á força de unhas e dente.

Senhoras, dê-me o meu côfo,
Que a mim é que pertence;
Sou obrigado á leval-o,
Disto me não dispense.

— *Começa elle a puxal-as.*

Senhoras, dê-me o meu côfo,
Não quero graças agora,
Pois eu estou de jornada
E me quero ir embora.

AS LAVADEIRAS

Você é, que quer o côfo,
Ha de levar uma bóta;
Não puxe assim pela outra,
Vá puxar sua avó-torta.

Sahe a quarta PASTORA, e toma o côfo das duas lavadeiras, entrega-o ao PESCADOR e diz o seguinte:

Pois que é isto, meu pastor,
Que contenda é esta agora!
Sabe isto como se faz,
Tome já, vamos embora.

AS LAVADEIRAS (*para a quarta pastora*):

Todavia, pastorinha,
Olhe como é chibante;
Entregue o que nos tomou
Aqui já no mesmo instante.

PESCADOR, (*para as duas lavadeiras*).

O que foi que eu lhe furtei?
Um caboré de guisado;
Eu furtei, porque estava
Já de fome arrenegado.

Falla a 4.ª para o PESCADOR

Foi muito bem acertada
Esta peça, que vos fez;
É para vós não cahirdes
Em outro logro outra vez.

PESCADOR

E de mais, bellas meninas,
Não sabem que succedeu,
Que hoje por nossa ventura
Jesus em Belém nasceu?

TODAS

Promptas estamos, mui contentes,
Pois é o nosso desejo,
E por tão alto convite
As vossas plantas eu beijo.

Canta o PESCADOR.

Grande prazer
Temos na verdade:
Nasceu Deus Menino
Por summa bondade.

— *Repetem todos o mesmo.*

Cantam as duas LAVADEIRAS.

Acceitai, Jesus Menino,
Nosso coração sincero;
Acceitai, pois dentro nelle
Firmemente vos venero.

Grande prazer, etc.

Canta a 3.^a e 4.^a PASTORA.

A hortaliça que trago,
E tambem o carneirinho,
Acceitai, não despreseis,
Perdoai a offerta minha.

Grande prazer, etc.

Canta o PESCADOR.

Este lindo robalinho,
Que Vós me destes na linha,
Acceitai, não despreseis
A humilde offerta minha.

Grande prazer, etc.

BAILE DE UM MARUJO

BAHIA

UM CABOCLO, UM SOLDADO, UM VELHO, UMA CIGANA
E UMA REGATEIRA.

Sahe o MARUJO, cantando.

O remo já vai na prôa
Cortando as ondas do mar ;
Ai lolé, oh salta á riba,
O vento quer acalmar.

Que bella funcção de gosto,
Não passarei sem beber,
Ai lolé, oh salta á riba,
Vamos todos conviver.

Ferra de pressa o traquete,
Que quero ver a menina,
Ai lolé, oh salta á riba,
Calla de pressa a bollina.

Falla a maruja.

Apre, anda p'ra orsa,
Venham gentes do bom gosto,
Que quero ir a Belém
Antes que o sol seja posto.

Sou rapasito do mar,
Tambem gosto de funcção ;
Chupo tambem meu codorio,
Quando acho occasião.

Oh que bello, viva, viva,
Este chegou á bom tempo :
Oh lá do leme, sentido,
Que bravo rapaz chulento.

Sahe o CABOCLO, cantando:

Eu vim de casa contente,
Para ir hoje á Lapinha ;
Vou adorar á Jesus,
Não passo sem cachacinha.

Estou um tanto cansado
Desta grande viaginha,
Antes que chegue á Belém
Não passo sem cachacinha.

Agora sim, vou beber
Nesta bella cabacinha ;
Estou com a guela secca,
Não passo sem cachacinha.

O Caboclo puxa pela cabaça e bebe.

Falla o CABOCLO.

Oh que bello! agora sim,
Já posso ir á Lapinha!
Com effeito, é muito forte
Esta minha cachacinha.

MARUJO

Oh lá, meu Tapuiosito,
Dá-me um pouco de cachaça,
Ai lolé, quero chupar
Uma pinga na borraxa.

CABOCLO

Se me pedisse com modo,
Então com gosto eu daria ;
Mas como pede atrevido,
Abata sua ousadia.

MARUJO

Anda, Tapuio da moda,
Despeja tua cabaça ;
Dá-me desta giribita,
Não é brinco, nem chalaça,

CABOCLO

Como agora te portaste
Com bom modo, e amizade,
Te darei minha aguardente
De muito boa vontade.

— *O Caboclo puxa pela cabaça e dá ao Marujo, o qual bebe.*

Canta o MARUJO

Viva a bella cachaça,
Viva á forte caiannita !
Vou aos fugões de prôa,
Viva a santa giribita !

Canta o CABOCLO

Eu com a minha cabaça
Muito cheia de aguardente,
Vou-me por aqui andando
Mui satisfeito e contente.

Canta o MARUJO :

Pois então com grande gosto
Vamos juntinhos chular,
Oh lá da prôa p'ra orsa,
Toca já a navegar.

Canta o CABOCLO :

Eu sou um rapaz patusco,
Sou chulento, e convivente ;
Mas nunca deixo de parte
A minha bella aguardente.

Sahe o SOLDADO e falla:

Não posso com esta vida,
Hei de logo desertar ;
Inda hontem sahi da guarda,
Já querem que eu vá rondar.

Não tenho tempo de meu,
Vivo só em occupação :
Agora que tive folga
Approveito a occasião.

Quero ver se tambem posso
Ir a Jesus adorar,
E lhe pedir, que me livre
Desta vida militar.

MARUJO

Puxa á cima, vira á baixo,
Sei que estâes azangado ;
Inda é peor ser marujo
Do que ser, oh lé! soldado.

O marujo vai p'ra o leme,
Aguenta sol, invernoada;
Vira pannos, puxa cordas,
Ai lolé, e não diz nada.

Rema de pôpa, e de prôa,
Leva boas chicotadas,
Larga ferro, affrouxa escôtas,
Nas ondas do mar salgadas.

Se ha então tempestade,
Nós em cima do navio,
Alli aguentamos todos
A chuva, o sereno, o frio.

Ai lolé, oh meu Zesito,
É melhor ser militar,
Do que ser triste marujo
Nas crespas ondas do mar.

SOLDADO

É verdade tudo isso,
Ninguém pôde duvidar:
Nem por sonhos ser marujo,
É melhor ser militar.

Sahe a CIGANA, cantando:

Venham comprar, minha gente,
Estas fructinhas gostosas;
Dou a tres por dous vintens,
Venham que estão saborosas.

Volta

Hoje de manhã
Foi que as colhi,
E agora contente
Vim vender aqui.

SOLDADO

Minha linda Pastorinha,
Tão formosa, e tão galante,
Aqui estou todo rendido,
Pois quero ser vosso amante.

CIGANA

Não procuro agora amante ;
Quero sómente vender
Estas fructinhas mimosas,
Com alegria e prazer.

SOLDADO

Pois bem, eu quero comprar
As suas doces fructinhas ;
Quero vel-as mais de perto
Pois estão mui bonitinhas.

CIGANA

Aqui estão as boas fructas,
São muito doces, e bellas ;
São a tres por dous vintens,
Pode pois olhar p'ra ellas.

SOLDADO

Muito bem, eu compro todas,
Mas com esta condição:
Que você ha de acceitar
Meu amante coração.

CIGANA

Não lhe vendo mais as fructas,
Antes quero dar de graça;
P'ra lá, comigo não conte,
Pois eu não sou de chalaça.

Sahe a REGATEIRA, *cantando* :

Eu vendo com muito gosto
Estes lindos passarinhos,
Apanhei de madrugada
Ambos elles bem juntinhos.

Volta

Comprem estas aves,
Minha rica gente,
Só assim ficarei
Satisfeita e contente.

MARUJO

Ai lolé, linda madama,
Vou de escotilha ao porão;
Por ti ficou suspirando
Meu sincero coração.

REGATEIRA

Não quero graças comigo,
Senhor marujo embreado ;
Vá procurar quem lhe assista,
Não seja tão mal creado.

MARUJO

Como se faz boasita
Com me-deixes de bollina ;
Estás por mim suspirando,
Vem cá, oh bella menina.

REGATEIRA

Vá-se daqui para fóra,
Sor navegante zangado,
Vá ferrar os seus traquetes,
Não queira ser o diabo.

Eu vim vender os meus passaros,
Não vim ouvir seu gracejo ;
Procure quem lhe assista,
Já que tem este desejo.

MARUJO

Anda lá, puxa o cordame,
Não remes contra a maré ;
Ferra de pressa o traquete,
Endireita o gurupé.

Sahe o VELHO, cantando :

Eu venho muito cansado,
Quero ir até a Lapinha ;
Quem déra, que alguém me desse
Um pingo da cachacinha.

Volta

Veriam então
 Já com alegria,
 Como eu a bundinha
 Aqui já bulia.

CABOCLO

Não padeça esta falta,
 Pois inda tenho aguardente;
 Beba aqui nesta cabaça,
 Pois lhe quero ver contente.

— *O Caboclo dá aguardente ao Velho.*

VELHO

Ai Jesus, que boa cousa,
 Oh que bella cachacinha!
 Logo hei de repetir
 Do codorio uma pinguinha.

O CABOCLO, puxando pela cabaça:

Vamos repetir a dose
 Deste bumbum gostorento,
 A cachaça tambem faz
 A gente ficar chulento.

— *Bebe o Caboclo e offerece ao Marujo.*

MARUJO, depois de beber:

É gostosa a girimpana,
 Como é tão boasita!
 Lá vou aos fugões de prôa,
 Com a santa giribita.

— *O Marujo acaba de beber, dá a cabaça ao Soldado, o qual tambem bebe.*

SOLDADO, *depois de beber:*

Estava com muita fome,
Tinha tambem secca a guela,
Agora fiquei mui forte
Com o pingo da Gabriella.

— *O Soldado offerece ao Velho o qual bebe.*

VELHO, *depois de beber:*

Agora sim estou farto,
Meu corpinho é uma boneca ;
Fiquei molle das cadeiras
Com a santa camuêca,

CIGANA, *depois de beber:*

Com effeito, a caianninha
É gostosa, e singular,
Agora posso contente
A Jesus firme adorar.

REGATEIRA, *depois de beber:*

Tomei agora um alivio
Cá dentro do coração ;
É mui bella a aguardente,
Merece firme affeição.

— *O CABOCLO recebe a cabaça, torna a beber, e diz :*

Vou agora ultimar
Esta bebida excellente,
Quero ainda aqui chupar
Um codorio de aguardente.

Salte a TERCEIRA PASTORA *e canta :*

Os campos se reverdecem
Com alcatifas suaves,
Tambem applaudem cantando
As lindas sonoras aves.

Volta

Todos applaudem
Com summa alegria,
Quem hoje nasceu
Da Virgem Maria.

Falla a TERCEIRA PASTORA.

Com amor firme, e constante,
Devemos hoje adorar,
Quem nasceu em uma gruta
Sómente p'ra nos salvar.

CABOCLO

Sem demora, estamos promptos,
P'ra irmos á Lapinha;
Á saude disto bebo
Um pingo da cachacinha.

TERCEIRA PASTORA

Viva a nossa sociedade,
Viva tão bella harmonia,
Viva quem applaude hoje
Jesus, José, e Maria.

TODOS

Viva !..

3.^a PASTORA, *depois de beber:*

Agora fiquei mais forte,
Pois estava cansadinha;
Com effeito, são productos
Desta bella cachacinha.

VELHO

Não queremos mais demoras,
Vamos todos com contento
Adorar humildemente
Este Santo Nascimento.

Cantam a marcha:

Adorar vamos contentes
A Deus nascido em Belém;
Nasceu por nossa ventura,
Para todo o nosso bem.

Canta o VELHO :

Em uma Lapinha,
Entre os pastores,
Nasceu Jesus,
Senhor dos Senhores.

TODOS

Com grande prazer,
E grato contento,
Adoremos humildes
Este Nascimento.

Lôa do VELHO

Depois que bebi cachaça
Fiquei melhor, e gostoso,
Vos rendo o meu coração
Muito firme e extremoso;
Eu sou muito carinhoso,
Sei querer meus bens a gente;
Sou bem bom, sou convivente,
Meu Jesus do coração:
Só vos peço, não me falte
Um codorio de aguardente.

Lôa do CABOCLO

Sou creatura mui pobre,
Nada tenho que vos dar,
Tenho firmeza, e constancia,
Tenho amor mui singular;
Sei aguardente chupar
Quando acho occasião;
Tambem danso meu japão;
Meu Jesus, meu Deus Nascido,
Com amor firme rendido,
Vos dou o meu coração.

Lôa da REGATEIRA

Não tenho grossos rebanhos,
Sou mui pobre pastorinha,
Só me offereço á lavar
Vossa mimosa roupinha;
Perdoai a offerta minha,
Vós que sois o nosso Bem,
Esta creatura aqui vem
Tributar doce amizade,
Respeitar a Divindade,
Que nasceu hoje em Belém.

Lôa do MARUJO

Nada tenho que pedir-vos,
Oh Magestade Divina,
Senão navegar contente
Na Fragata Carolina.
Esta graça genuina,
Vos pede minha pessoa ;
Não quero sceptros, corôa,
Quero sim ferrar traquête,
Quero içar o joanête,
Quero ir ao fogão de prôa.

Lôa da CIGANA

Estas mimosas fructinhas,
Productos da natureza,
Vos dedico respeitosa,
Com singular inteireza:
Nascestes entre a pobreza,
Sendo Deus de Magestade,
Com Suprema Divindade
Abandonaste a riqueza,
Vos tributo singeleza,
Respeito, amor, amizade.

Lôa do SOLDADO

Esta vida de soldado,
Que passo tão tristemente,
Só vós me podeis livrar,
Por serdes Omnipotente:
Quero só viver contente,
Não quero louca riqueza,
Quero bens com singeleza,
Com um descanso profundo
Um bom asylo no mundo,
Não opulencia, e grandeza.

Lôa da TERCEIRA PASTORA

Estas aves muito lindas
Que achei tecendo um ninho,
Vos tributo mui contente
Meu Infante Nascidinho:
Em um verde ramosinho
Trinavam tão docemente,
Que seu gorgeio excellente
Já anunciava o dia,
Que havia nascer de Maria,
Vós, Senhor Omnipotente.

Canta o VELHO

As aves, os bosques,
Com silvestre mimo,
Applaudem contentes
Jesus, Deus Menino.

— *Repetem todos.*

Os gratos pastores
A Jesus Menino
Tributam offertas,
Pois é o Sol Divino.

O PASSARINHO

(SERGIPE)

Menina, seu passarinho
Toda a noite eu vi piar;
Eu, como compadecido,
Tive dó do seu penar.

Menina, seu passarinho
Toda a noite me attentou;
Quando foi de madrugada
Foi-se embora e me deixou.

Os passarinhos que cantam
De madrugada com frio,
Uns cantam de papo cheio,
Outros de papo vazio.

Passarinho, que cantaes
No olho do licury,
Quem por mim perdeu seu somno
Já hoje póde dormir.

Passarinho, que cantaes
No olho do manjerição,
Não estou prompta, meu bemzinho,
P'ra soffrer ingratidão.

Passarinho, que cantaes
Alegre aos pés de quem chora,
Se teu canto dá-me allivio,
Não cantes mais, vai-te embora.

Eu comparo o meu viver
Com o viver dos passarinhos :
Presos nas suas gaiolas,
Assim mesmo alegresinhos.

Passarinho, que cantaes,
Repete o canto sonoro;
Uns cantam de papo cheio,
Outros cantam quando eu choro.

Passarinho preso canta
E preso deve cantar ;
Como elle é preso sem culpa
Canta para alliviar.

Quem se foi para tão longe
E deixou seu passarinho,
Quando vier não se anoje,
Se achar outro no ninho.

Se eu achar outro no ninho,
Hei de fazel-o voar ;
Qu'eu não fui fazer meu ninho
Para outro se deitar.

Passarinho do capim,
E beija-flor da limeira,
Não ha dinheiro que pague
Beijo de moça solteira.

Auto popular do Cavallo-marinho e Bumba-meu-boi

(PERNAMBUCO)

SCENA I

O Cavallo-marinho a dançar e o côro.

CORO. — Cavallo-marinho
Vem se apresentar,
A pedir licença
Para dansar.
Cavallo-marinho,
Por tua tenção,

Faz uma mesura
A *seu* capitão.
Cavallo-marinho
Dança muito bem ;
Póde-se chamar
Maricas meu bem.
Cavallo-marinho
Dança bem *bahiano*;
Bem parece ser
Um pernambucano.
Cavallo-marinho
Vai para a escola
Aprender a ler
E a tocar viola.
Cavallo-marinho
Sabe conviver ;
Dança o teu balanço
Que eu quero ver.
Cavallo-marinho
Dança no terreiro ;
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Cavallo-marinho
Dança na calçada ;
Que o dono da casa
Tem gallinha assada.
Cavallo-marinho,
Vossê já dansou ;
Mas porém lá vai,
Tome que eu lhe dou.
Cavallo-marinho,
Vamos-nos embora ;
Faze uma mesura
À tua senhora.
Cavallo-marinho
Por tua mercê,

Manda vir o boi
Para o povo ver.

SCENA II

*O Amo, o Arlequim, o Matheus, o Boi, o Côro,
o Sebastião e o Fidelis.*

AMO. — O' arlequim,
O' peccados meus,
Vai chamar Fidelis,
E tambem Matheus.
O' meu arlequim,
Vai chamar Matheus,
Venha com o boi
E os companheiros seus.

ARLEQUIM. — O' Matheus, vem cá,
Sinhô está chamando;
Traze o teu boi,
E venhas dansando.
Só achei o Matheus,
Não achei Fidelis;
Bem se diz que negro
Não tem dô da pelle.

AMO. — O' Matheus, cadê o boi?

MATHEUS. — Olá, olá, olá,
Boio tá p'ra cá,
Boio tá p'ra cá...
Si minha boio chegou
Eu tá aqui;
E que foi esse
Pur aqui?
O' meu xinhô,
Cadêl-o Bastião,
Cadêl-o Fidére?

Para onde fôro?
Venham cá vossês (*para o côro*)
E tambem o boio.

Entra o Boi.

CORO. — Vem, meu boi lavrado,
Vem fazer bravura,
Vem dansar bonito,
Vem fazer mesura.
Vem fazer mysterios,
Vem fazer belleza;
Vem mostrar o que sabes
Pela natareza.
Vem dansar, meu boi,
Brinca no terreiro,
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Este boi bonito
Não deve morrer;
Porque só nasceu
Para conviver.

MATHEUS. — O' boi, dare de banda.
Xipaia esse gente,
Dare p'ra trage,
E dare p'ra frente...
Vem mai p'ra baxo,
Roxando no chão
E dá no pai Fidére,
Xipanta Bastião...
Vem p'ra meu banda
Bem difacarina,
Vai mettendo a testa
No Cavallo-marina.
O, ô, meu boio,

Desce d'essa casa,
Dansa bem bonito
No meio da praça...
Toca esse viola,
Pondo bem miudo ;
Minha boio sabe
Dansá bem graudo.

CORO. — Toca bem esta viola
No bahiano gemedô,
Que o Matheus e o Fidelis
São dois cabras dansadô.
No passo da jurity,
Tico-tico, rouxinô,
Se Fidelis dança bem,
O Matheus dança milhó.
O tocadô de viola
Tem os olhos muito esperto,
O som da sua viola
Parece-me um céu aberto.
Eu quero boa viola
Para fazer toda a festa,
O bom pandeiro concerta
O samba na floresta.
Eu fui dos que nasci
Na maré dos carangueijo,
Quanto mais carinhos faço,
Mais desprezado me vejo.
Como sou filho do povo,
Tenho o dom da natureza ;
Não sou feliz, mas bem passo •
Com toda minha pobreza.
Dansa o boi, dança Matheus,
Dansam todos os vaqueiro ;
Dansam que hoje nós temos
Grande festa no terreiro.

MATHEUS. — Pára, pára, pára!
 Quero dizê um recado:
 — Boio dansou, dansou,
 Mai agora tá deitado!

SEBASTIÃO — Ah! pracêro meu,
 Boio de sinhô morreu...

MATHEUS. — A t'embóra, bôbo,
 O boio divertiu muito,
 Agora ficou cansado;
 Toca bico do ferrão,
 P'ra tu vê como arrevira
 E te dá no chão.

SCENA III

Os mesmos, o Doutor, Capitão do matto, D. Frigideira, Catharina, e o Padre; cahido o Boi, foge Fidelis, chama-se um Capitão ao campo para o prender, e um Doutor para curar o Boi; apparece um Padre para fazer o casamento de Catharina.

MATHEUS. — Minha bôio morreu!
 Que será de mim!
 Manda buscá outro
 Lá no Piauhy.

AMO. — O' Matheus, cadê o boi?

MATHEUS. — Sinhô, o boio morreu...

Sahe o Matheus, espancado pelo amo.

AMO. — O' Matheus, vá chamar
 O doutor para curar,
 O meu rico boi;

Quer saber do Fidelis
 Para onde foi.
 O' Sebastião, vá a toda a pressa,
 Chame o Capitão do matto,
 Dê as providencia,
 Que traga o Fidells
 Na minha presencia.

Chegando o Doutor, ajusta com o Amo a cura do Boi; chegam D. Frigideira e Catharina, e Sebastião quer casar com esta; apparece o Padre para este fim.

PADRE. — Quem me vêr estar dansando
 Não julguem que estou louco;
 Não sou padre, não sou nada;
 Singular sou como os outros.

CORO. — O' gente, que quer dizer
 Um padre n'esta funcção?
 É signal de casamento,
 Ou d'alguma confissão.

PADRE. — Bula bem na prima,
 Bata no bordão;
 Leva arriba a funcção,
 Não se acabe não.

DOUTOR — O' negro, teu desaforo
 para Já chegou aonde foi;
 MATHEUS. Quando tu me chamares
 E p'ra gente e não p'ra boi.

MATHEUS. — Ah! uê, ah! uê!
 Trôco miudo
 Tu vai recebê.

O Capitão do campo dá com o Fidelis e vai prendel-o.

CAPITÃO. — Eu te atiro, negro,
Eu te amarro, ladrão,
Eu te acabo, cão.

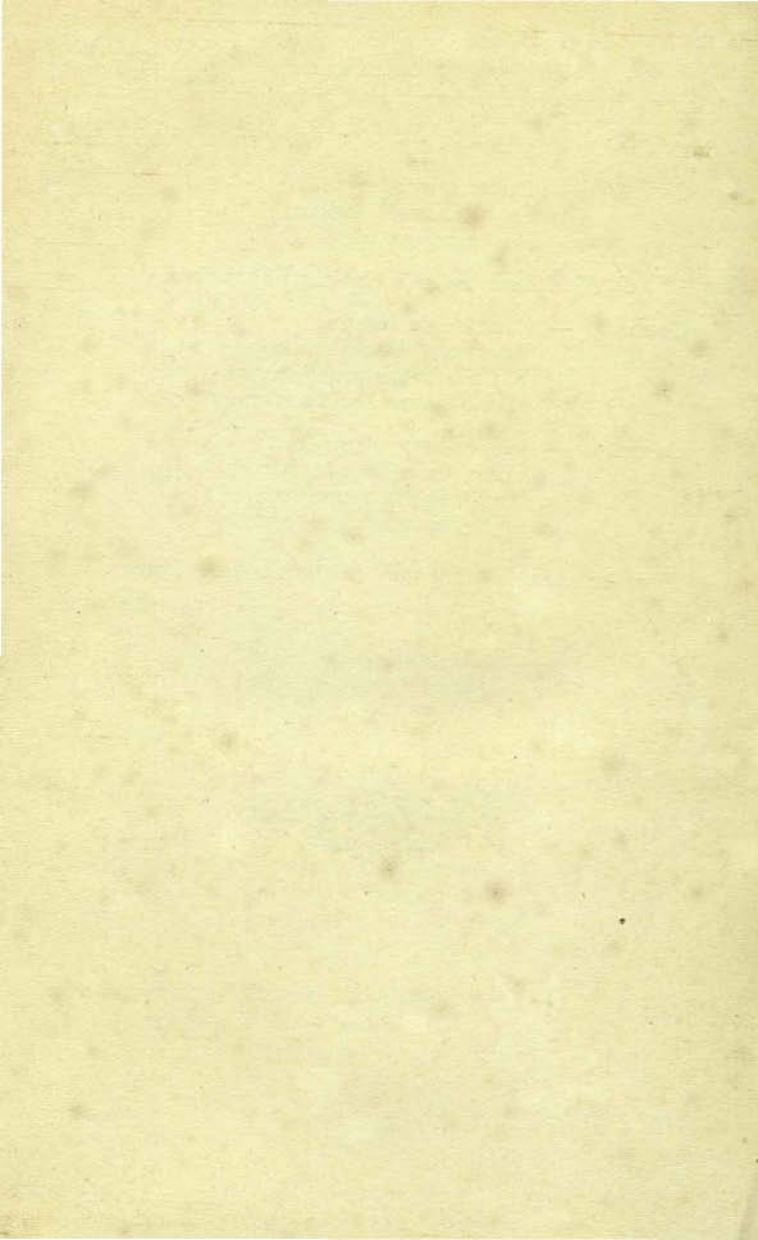
O Fidelis vai sobre o Capitão e o amarra.

CORO. — Capitão de campo,
Veja que o mundo virou.
Foi ao matto pegar negro
Mas o negro lhe amarrrou.

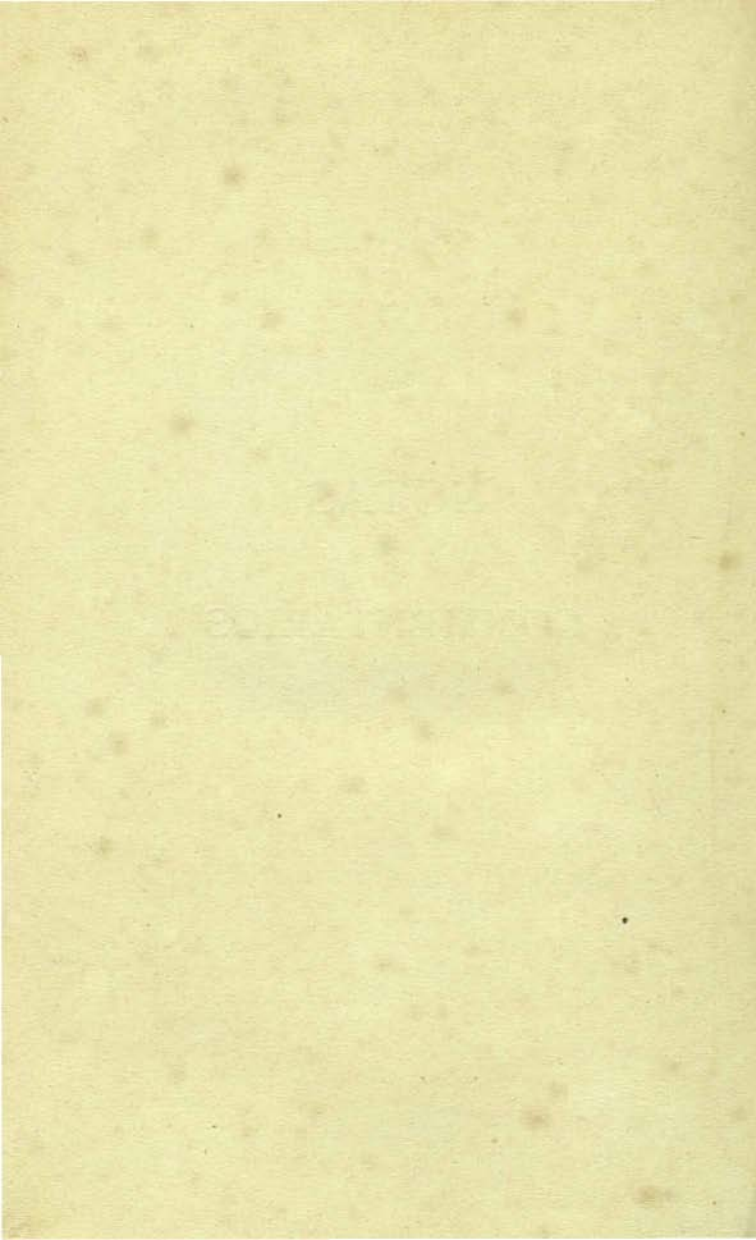
CAPITÃO. — Sou valente afamado,
Como eu póde não haver;
Qualquer susto que me fazem
Logo me ponho a correr.

Finda-se aqui a funcção, sahindo todos a cantar.





NOTAS
E
COMMENTARIOS





NOTAS E COMMENTARIOS

JOSÉ DE ANCHIETA

PAG. 3



grande sombra de Anchieta que pela primeira vez abre o parnaso nacional, é uma confirmação do nosso pensar sobre a individualidade poetica do estupendo missionario, que, antes de qualquer outro, consagrou pelos seus cantos as selvas americanas.

Desviando a corrente da tradição, collocando-nos em ponto de vista differente, por isso que demos a conhecer suas composições poeticas em portuguez, hespanhol e tupi, reclamamos desde logo para elle o lugar de precursor dos nossos poetas, lugar que não lhe foi negado pela critica, quando, apparecendo a 2.^a edição do nosso *Curso de Litteratura*, offerecemos ao paiz algumas das suas produções.

É commum encontrar-se nos chronistas e autores modernos, tratando da questão vertente, que o Jesuita canarim escrevera em latim o *Poema da Virgem*, quando prisioneiro dos Tamoyos: dos autos, dos hymnos, das poesias em varios generos e linguas, não se tinha noticia. A honra d'esta revelação é toda nossa; ella nos pertence.

Se todas as litteraturas têm como origem comum a poesia, a litteratura brazileira hade encontrar a sua na missão de S. Vicente, onde elle cantou e escreveu seus *mysterios* para os catechumenos que os representavam e repetiam nas festas de Deus e do paiz.

Feliz, muito feliz é o povo que tem a fonte de sua poesia no remansado asylo de suas crenças, que foram as de seus pais.

Elle passa do berço á vida, e da vida ao tumulto, sem os amargores que torturam, e sem as desillusões que matam.

O padre Anchieta não foi só, como antecipadamente nos fez a honra de responder Sylvio Roméro, «o mais antigo vulto da litteratura brazileira», porém o seu inicial factor.

Porque?

Em primeiro lugar foi anterior a outro qualquer poeta; depois as suas composições poeticas escreveu-as geralmente em lingua tupi e dialecto guarany, o que representa completa identificação com o *meio*; em terceiro fez atravessar a alma do indio por moldes artisticos, embalando-a na cadencia do rythmo, no que denotou intuição genial tão alevantada e verdadeira, que veio immortalisar Gonçalves Dias, apezar de ter cantado o que não havia sentido, por ter descripto o que não havia observado.

Não nasceu no Brazil, é exacto; mas Ossian, o chefe da tribu dos bardos, o preludiador nas *harpas das nuvens*, o poeta nacional da Escossia, era escossez?

Accresce que Anchieta foi um insular e um jesuita. O insular quasi que não tem patria e o jesuita não a tem absolutamente.

Vindo para o Brazil, adoptou-o como a patria de seu coração e da sua intelligencia; e amou-o

mais e a seus indios do que a Portugal e aos portuguezes, como elle francamente dizia.

É o Sr. Pereira da Silva, nos seus *Varões Illustres*, quem elegantemente caracteriza aquella especie de predestinação.

« Quando a seus olhos curiosos descortinou o solo do Brazil todos os seus esplendores e todos os seus encantos, contam que se extásiara, e banhado em pranto agradecera a Deus haver-lhe concedido a graça de beijar uma terra virgem, a qual pudesse dedicar todo o seu amor. »

Mais brasileiro do que Antonio José, que retirou-se aos oito annos para a metropole, onde fundou o theatro portuguez com seus autos, que de nada nos serviram e nos servem; do que Gregorio de Mattos com os seus epigrammas e satyras, que não particularisam nacionalidade alguma; do que Gonzaga com o seu poetar arcadico, — o Jesuita canarim produziu, como poeta christão, e a sua religião é a nossa, o mencionado *Poema da Virgem*; como historiador as suas *Annuaes* que inspiraram a *Chronica* de Simão de Vasconcellos; como philologo, a melhor grammatica até hoje existente da lingua geral, e como poeta nacional os seus dialogos e autos, de muito maior merito e originalidade pelo tom local, do que as peças do reputado judeu.

E esta convicção tanto mais se arraiga em nosso espirito quanto, reflectindo sobre o justo orgulho que Portugal e Hespanha nutrem pelos seus preclaros filhos, jámais o reclamaram.

Não será isto uma confirmação tacita da ideia que lançamos á consideração das letras?

Em todas as biographias de Anchieta ha falta de critica: ainda ninguem appareceu julgando como escriptor e poeta aquelle fecundo talento, aquella fantasia arroubada, que lampejava a furto, para não

deslumbrar o colono rude e o caboclo escravizado.

O Sr. Pereira da Silva, collocando-se n'um ponto de vista falso, assim decide da mais valiosa criação de Anchieta, — o theatro dos indios :

« Causavam os *mysterios* profunda sensação sobre seus ouvintes, e continham sua originalidade; porque os autos que se representavam nas côrtes de França, de Hespanha e de Italia tratavam unicamente de assumptos religiosos, em quanto que os de José de Anchieta confundiam o profano com o sagrado... »

A originalidade dos autos de Anchieta não está na mistura do sagrado com o profano, porque já os seus predecessores o haviam feito; porém no elemento indigena por elle introduzido nas representações. D'ahi a poesia indiana.

O que compete á critica saber é se Anchieta recebeu o seu sentir dos indios ou se o impoz. Respondemos: houve permuta. Em troca do pensamento, amoldado por um sem numero de causas, recebeu a linguagem, que systematisou, e de que servio-se como artista no revestimento das idéas.

Anchieta foi o poeta mais nacional da colonia.

Audaciosa como parece a proposição, não irá ella sem razões aceitaveis, ou, pelo menos, discutiveis. Não é que tenhamos por poesia nacional a de Gonçalves Dias, Magalhães e José de Alencar com toda a sua tropa de caboclos, porque o idéal indiano não é mais o da nação, como adianta no castigado de seu dizer o Sr. Dr. Deiró; porém, se nos transpuzermos ás épocas consecutivas a nossa descoberta, veremos que nem podia ser elle outro, pois o Brazil era habitado, e as levas colonisadoras, pouco avultadas, haviam fatalmente de metter-se em equilibrio com os meios.

Do encontro do homem primitivo com o homem civilizado, estabeleceu-se a lucta, renhida, infrene, desesperada...

Appareceu então um grande espirito, daquelles que Dante vira descer do céu, e levou a paz ao selvagem. Como o cego de Athenas, deu-lhe crenças, deu-lhe deuses; e a calma e a religião foram, não incutidas pela escravidão como o fizeram seus successores, porém com a poesia de seus hymnos e com a generosidade de seu coração.

É exacto que a raça indigena escassamente subsidia as populações actuaes, e com especialidade a das capitaes como a do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, etc., mas, por este facto, que direito nos assiste de excluil-a?

Devendo, por conseguinte, determinar-se o lugar que a ella compete como elemento de formação, o representante de sua actividade intelligente, o depositario de su'alma, o cantor que a conduziu aos accents de sua lyra á civilização, foi José de Anchieta.

Fazendo parar em si a corrente gentia que borborinhava das florestas; transformando em vozes garridas o embate da setta disparada das cordilheiras sobre a sineta da missão; saturando-se dos perfumes das nossas selvas — elle collocou-se logo abaixo de Ossian como poeta nacional, e constituiu-se, qual o encanecido conviva das assembléas de Fingal, o genuino interprete dessas gerações que se foram, e que não voltarão jámais.

Depois delle, que poeta fez palpitar nos contornos nitidos da fórma o pensamento patrio?

— Apenas a poesia anonyma.

A versão que circula de que os nossos indios são poetas, de que os Tamoyos ou Tupinambás

formavam tribus de bardos, é ainda uma ficção e uma obra de seu genio extraordinario.

Conceber-se poesia sem idéal é o mesmo que comprehender-se o oceano sem vagas e o Oriente sem sol.

Qual poderia ser o dos indios, povos que se dissera no amanhecer da noite do cahos?

Se nos lembrarmos que os Tamoyos ou Tupinambás foram catechizados por Anchieta, que os seus *mysterios* e poesias eram decorados pelos selvagens, nenhuma hesitação se levantará em nosso criterio contra esta obscuridade historica, trazida até os nossos dias por viajantes superficiaes nas pesquisas.

Sem tradições locaes, sem culto patrio, *A Canção do Tupinambá* ⁽¹⁾ traduz o sentimento dominante da aldeia; o deslumbramento das crenças novas nos entendimentos infantis. — É o mais bello authentico psychologico de uma revolução da vespera.

— A canção redime a lenda.

Seguidor das impulsões philosophicas da idade-média, Anchieta compoz balladas humoristicas, superiores ás de Marot, e tão delicadas no trabalho do verso quanto as de Villon, talvez o melhor poeta de balladas do seculo XV.

No drama sagrado, porém, no seu theatro de *mysterios*, é, supponho ao menos, onde mais desasombrado se pôde estudar o seu character de poeta americano, o seu talento de reformador, e o quanto desejou, lançando os primeiros alicerces, formar do Brazil uma nação tupica, cuja iniciativa pôz em pratica nos monumentos deixados.

Em todos, os indios tomam parte na acção; escriptos em verso, fragmentos ha que revelam a

(1) Vide *Revista da Exposição Anthropologica*.

pujança de sua individualidade completamente despreendida do mundo europeu, e por tal modo culminante que daria tom ás mais originaes estrophes dos poetas dos tropicos.

Os mysterios de *S. Crispim* e o da *Paixão*, de Jean Michel, que encheram a França dos clamores do successo, não valem o de *Jesus* de Anchieta, representado por occasião da festa de S. Lourenço, em tupi e hespanhol, no qual tudo é maravilhoso, desde os côros de Savarana e Aymbiré, os dialogos de S. Sebastião com o Anjo Custodio, até ás transformações, dansados e o *Canto dos doze meninos guaranys*.

Era um theatro completo. Tão completo ou mais que o do autor citado, e o de Jehan Bodiaus, ou Bodrel d'Arras, que construiu o entrecho do drama *Le Jeu de Saint Nicolas* no fatigante prologo em que conta a vida deste bispo de Myra, abrindo a peça com episodios das cruzadas de S. Luiz, a quem faz o alvo unico das attenções populares. O *Milagre de Theophilo*, de Rutebeuf, vai pelo mesmo consequinte.

Anchieta desnor-teou a rotina, utilisou-se do molde, alentando-o de nova vida.

É sabido que os autos dependiam de scenarios fantasticos, tanto que nas rubricas ou marcas da *Paixão* ha planos successivos, occupando Deus o mais elevado, os anjos e os santos os inferiores; e que uma furna, que symbolisava a garganta do inferno, vomitava demonios, feiticeiros, e um milhão de personagens bizzaros.

Nos do poeta canarim, embora não haja descrições de scenas, ha diabos que sahem das igrejas, lutas de anjos da aldêa protegendo povoações, o que dá a perceber mutações, isto é, effeitos proporcionados por illusão scenica.

Em duas cousas Anchieta manifesta a sua supremacia intellectual: em ter escripto os seus mysterios em duas e tres linguas, o que não fizeram os outros dramaturgos; e ter reduzido á fórma metrica um idioma inculto, ao mesmo tempo que, no correr dos actos, substituiu as velhas allegorias da Virtude, da Justiça e do Vicio, por personagens nossos, pelos seus indios, na mistura caracteristica de que só elle nos deixou exemplo — do christianismo com o fetichismo selvagem.

No mysterio de *S. Lourenço* esse estado é patente. Os chronistas de sua época bastante fizeram: são fontes preciosas de noticias; na litteratura, porém, o seu papel é de testemunhas.

Anchieta desaparecendo no tumulto, o seu grandioso vulto, projectando-se no passado, escureceu-o; reflectindo-se ao longo do horisonte, tornou-o mais claro.

Bento Teixeira Pinto foi uma nullidade.

Anchieta é o poeta brasileiro do seculo XVI.

Essas considerações, já conhecidas do paiz, contamos serão brevemente discutidas, quando publicarmos as suas poesias completas, de que nos occupamos presentemente.

ACADEMIA BRAZILICA DOS ESQUECIDOS

Sob o titulo *Conferencias da Academia Brazilica dos Esquecidos*, existem tres grandes volumes, in folio, manuscriptos, de mais de seiscentas paginas cada um, contendo discursos sobre historia nacional e dissertação a respeito de motivos dados.

Pareceu-nos maior a quantidade de poesias ahi existentes. Exhumando deste sarcophago do pensamento classico as peças que enriquecem o nosso livro, julgamos indispensavel collocar sobre a meza do leitor o programma da instituição, que foi nos tempos coloniaes a mais alta consagração do talento brasileiro.

Eis o que se encontra na primeira pagina de tão preciosos autographos:

« O Ex.^{mo} Sr. Vasco F. Cesar de Menezes, incomparavel Vice-Rei do Estado do Brazil, que no seu inclyto nome traz vinculada com a propensão de illustrar as armas, a propensão de illustrar as lettras, para dar a conhecer os talentos que nesta provincia florecem e por falta de exercicio litterario estavam como desconhecidos, determinou instituir uma Academia; a cujo fim fez chamar o Rev.^{mo} padre Gonsalo Soares de Franca, o desembargador Caetano de Britto e Figueiredo, chanceller deste Estado, o desembargador Luiz de Siqueira da Gama, Ouvidor Geral do Civel, o desembargador Ignacio Barbosa Machado, Juiz de fóra desta cidade, o coronel Sebastião da Rocha Pitta, o capitão João de Britto e Lima e Joseph da Cunha Cardoso; aos quaes, na tarde de 7 de Março de 1724, communicou a vontade com que se achava de erigir e estabelecer a Academia, cuja resolução abraçaram uniformes os sete convocados, como filha de tão excellent e generoso espirito; e com seu beneplacito escolheram por empresa o sol com esta letra — *Sol oriens in occidno*, assentando entre si com louvavel modestia intitular-se os Esquecidos.

« Tomaram por materia principal de seus estudos a Historia Brasileira, dividida em quatro partes: a natural corre por conta do já nomeado chan-

celler; a militar que se encarregou ao dito Juiz de fóra, a ecclesiastica cujo emprego se deu ao Rev.^{mo} Gonçalo Soares da Franca, e a politica cuja incumbencia cahio em sorte ao Ouvidor Geral do Cível.

« Dos sete academicos, o primeiro se denominou com o titulo de Obsequioso, o chanceller tomou cognome de Nubiloso, o Ouvidor do Cível de Occupado, o Juiz de fóra de Laborioso, o coronel de Vago, o capitão de Infeliz e o ultimo de Virtuoso. A este nomeou o Ex.^{mo} Sr. Vice-Rei, e protector da Academia, por secretario, para orar na primeira conferencia que se determinou fosse na tarde de 23 de Abril, dia oitavo depois da Paschoa, do anno já referido.

« Assentou-se que as exposições academicas se fizessem em palacio, reiterando-se de 15 em 15 dias, e alternando-se os quatro mestres de dous em dous, em reciproca successão; dando-se principio a cada um daquelles actos com uma oração ou discurso que lerá o presidente nomeado pelo seu antecessor, com beneplacito do Ex.^{mo} senhor e fundador da Academia; ficando a cada um dos presidentes a eleição livre da materia, acção, questão ou problema sobre que quizerem discurrer.

« Ficou pois estatuto que em obsequio aos engenhos poeticos se dariam para todas as conferencias dous argumentos ou assumptos, um erotico e outro lyrico; e as poesias a elles feitas, lerá o secretario, o desembargador Joseph da Cunha Cardoso (depois de recitadas as prosas do presidente e mestres), admittindo-se tambem poemas anonymos.

« Não pareceu bem que se déssem especiaes assumptos poeticos para a conferencia do primeiro dia, porque toda ella se reputou por breve para

os merecidos encomios do nosso augustissimo protector e da sempre heroica e felicissima creação da nova Academia; em cujo nome se ordenou ao secretario chamasse e convidasse a muitos, e particularmente as pessoas de distincção; o que elle observou por cartas, escrevendo tambem em papel, que os curiosos podiam tomar como cartel de desafio para certames litterarios ».

Assentado o plano, a Academia foi aberta no dia 23 de Maio do mesmo anno, pronunciando o discurso inaugural o desembargador Joseph da Cunha Cardoso, e o secretario o seguinte soneto:

« Excelso creador da nossa Athenas
Duas vezes por vós instituida,
Pois se como Erector lhe déste a vida
Lhe haveis de conservar como Mecenas.

Pelas desta Academia illustres scenas
Trocar Apollo as suas não duvida;
E para fundar nellas se convida
Melhor côro de harmonicas camenas.

Aos sabios desta Athenas comparados
Por vós, farão ao mundo conhecidos
Das cem bocas da fama os grandes brados.

Destes hão de ser taes os estampidos,
Que no mundo por vós fiquem lembrados
Os que estavam na America Esquecidos. »

ARCADIA FRANCISCANA FLUMINENSE

PAG. 296

É tradição no convento de Santo Antonio d'esta Côrte ter ahi existido, no seculo passado, uma arcadia; havia mesmo uma especie de outeiro.

No salão conventual do 2.º andar reuniam-se todas as semanas os padres e, de cima dos bancos, recitavam poesias e improvisavam glosando mottes.

Contou-nos, ha muitos annos, o padre-mestre Santa Veridiana, religioso tão avançado em idade quanto em virtudes, que assistira a essas reuniões, mostrando-nos na bibliotheca do mencionado convento 6 grossos volumes manuscriptos, com o titulo — *Musa Franciscana Fluminense*, que nada mais eram do que o archivo dessa sociedade completamente ignorada.

Como que fazendo parte da collecção e d'ella destacado, encontramos entre os manuscriptos de uma das nossas mais ricas bibliothecas, um livro primorosamente encadernado de marroquim, com bordaduras douradas, contendo varias producções poeticas, copiadas com arte, e que, segundo as informações obtidas do esclarecido bibliothecario, foi comprado no leilão da bibliotheca dos Marquezes de Castello-Melhor.

Eram ellas destinadas a commemorar o casamento dos Infantes de Portugal e Castella.

Ainda existirão as obras de que fallamos? terão ellas sido subtrahidas ás lettras, como ao patrimonio nacional a cadeira de Anchieta, que pertenceu ao padre-mestre Mont-Alverne?

EPIGRAMMA

PAG. 371

Com referencia a este epigramma, lê-se no *Brazil Historico* de 11 de Abril de 1874:

« Em Janeiro de 1843, havendo discordancia entre os membros do gabinete de 27 de Março de 1841, a respeito de um negocio de importancia, o marquez de Paranaguá, ministro da marinha, pediu á corôa para ouvir o conselho de Estado, sujeitando a sua opinião ao que decidisse o mencionado conselho.

« A corôa annuo.

« O conselho deu o seu parecer em favor da opinião do marquez de Paranaguá, ministro da marinha, mas Sua Magestade, resolvendo a questão no sentido contrario, fez que o marquez muito se encommodasse e pedisse sua demissão no mesmo dia 20 de Janeiro de 1843; e a obtendo, ao retirar-se, deixou sobre a mesa do conselho de Estado este epigramma, que o transcrevo. »

Depois disto, continúa o referido periodico, « o marquez não voltou mais ao paço. »

FR. SANTA RITA BASTOS

PAG. 411

A vida deste homem extraordinario, que tanto se distinguio na tribuna sagrada como na poesia, é ainda hoje uma lenda que corre de boca em boca, em sua provincia natal. Póde dizer-se como factó averiguado que, a julgar-se pelos documentos

existentes, Fr. Bastos foi um dos maiores poetas bahianos até o seu tempo.

O burel franciscano que lhe cingia o corpo de libertino, não era bastante espesso para apagar os desejos que lhe andavam n'alma, a inspiração arrebatadora que ia lhe na mente.

O improviso no pulpito, nas salas e nos prostibulos, as noites no jogo e na devassidão, tudo, tudo concorreu para a grande popularidade desse genio, o mais saliente de sua ordem.

Fr. Bastos nunca poz a sua musa ao serviço da baixeza, como a generalidade dos repentistas bahianos; não era o bardo dos jantares e natalícios, como infelizmente conhecemos não poucos specimens no genero: no pulpito a sua voz castigava o vicio e allumiava a virtude; e, quando erguia a sua lyra, dominava os poetas seus contemporaneos, da altura de um talento supremo.

Delle contam-se aneddotas características e singulares.

Fazendo o seu inventario de orador sagrado e de poeta, não nos consta que se possa colher mais do que um sermão, catalogado pela Bibliotheca Nacional; a *Assiseida*, poema inedito, pertencente á Bibliotheca da Bahia, e os sonetos e glosas insertos neste *Parnazo*.

Em poder de um dos nossos chronistas, hoje fallecido, vimos por letra do proprio Fr. Bastos, um volume de poesias que engrossaria do dobro o sexto tomo das obras completas de Bocage.

Esse livro perdeu-se, como dous outros no mesmo estylo, de Gregorio de Mattos, confiados por meu pai a Francisco de Paula Brito, conhecido typographo e editor nesta capital.

JOSÉ LINO COUTINHO

PAG. 453

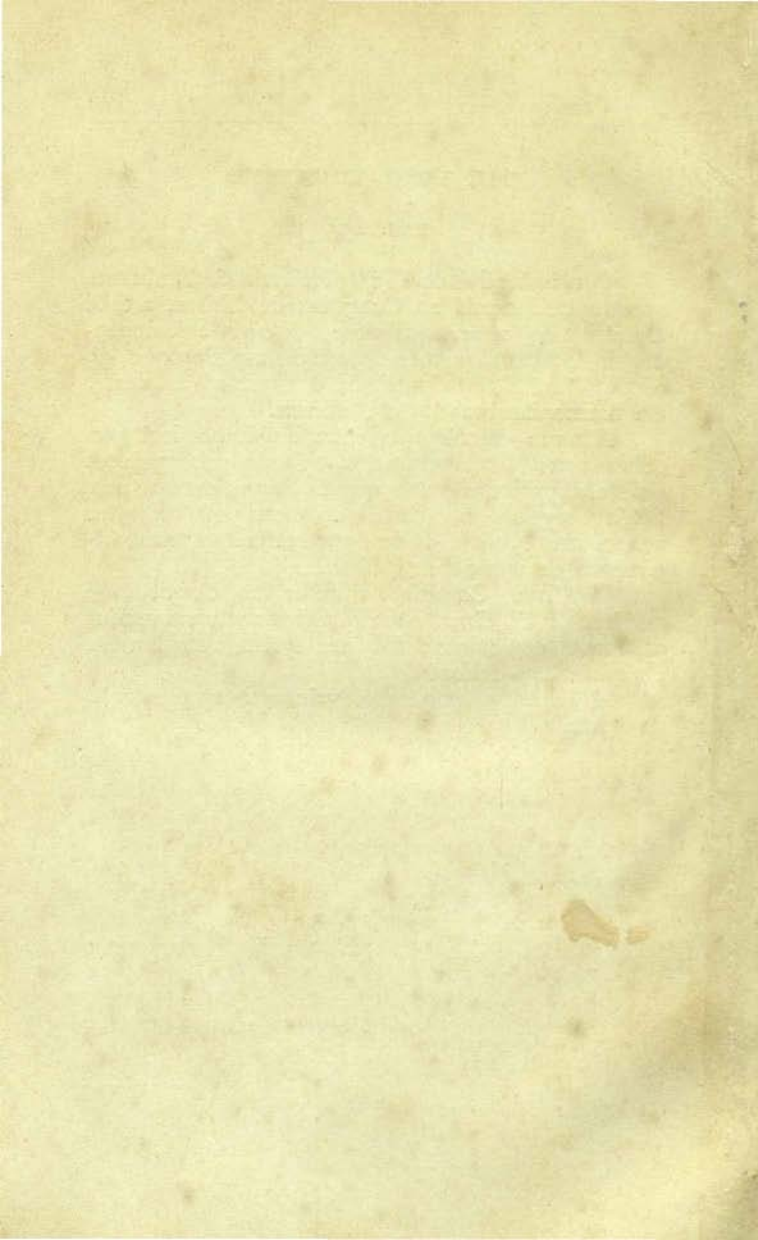
Contrastando com a energica e deslumbrante apostrophe lançada ao Congresso de Lisboa, a 6 de Outubro de 1822, quando se discutia a Independencia, o talento poetico do estadista-philosopho, do orador impetuoso e patriota, desatava-se ás vezes, em harmonias brandas e ineffaveis.

Atravez da *Sensitiva* fôra um impossivel perceber aquelle temperamento agitado pelas paixões politicas, principalmente quando, representante pela Bahia, erguera nas cortes da metropole protestos vehementes contra os que pretendiam o restabelecimento de um governo abatido.

José Lino Coutinho, o autor das *Cartas sobre a educação de Cora*, não foi unicamente um orador admiravel e glorioso; foi um lyrista abundante e de estimativa delicada.

A Sensitiva, por si só, vale uma apresentação de poeta.





INDICE DO PRIMEIRO VOLUME

SEculo XVI

PRIMEIRO PERIODO

	<i>Pags.</i>
José de Anchieta	
Ao Santissimo Sacramento	3
S. Ursula	10
O pelote domingueiro	20
Bento Teixeira Pinto	
Prosopopea, narração	31

SEculo XVII

SEGUNDO PERIODO

Eusebio de Mattos	
Ao Ecce Homo	37
Parodiando com palavras forçadas dez estancias de seu irmão Gregorio de Mattos	40
Gregorio de Mattos	
A ce letrado em Pernambuco, pequeno e presumido	43
A r enforcados, dous negros e um mulato	44
Aos costumes da Bahia	47
A mais formosa, que Deus	49
A uns clérigos que indo ao exame de cantochão para ordens sacras na presença do Arcebispo D. João Franco de Oliveira, desafinaram perturbados	50
A Pedro Alvares da Neiva quando embarcou para Portugal	51
Manoel Botelho de Oliveira	
Ailha de Maré	56

SECULO XVIII

TERCEIRO PERIODO

Antonio José

- Glosa dos versos do conhecido soneto de Camões *Alma minha*,
etc. por occasião da morte da infanta D. Francisca em 1736 .. 69
Arias e miscellanias 72

Alexandre de Gusmão

- Egloga 79

Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica

- Descripção do Inferno 81
Descripção da Ilha de Itaparica 85

Academia dos Esquecidos**Antonio de Oliveira**

- Nasce Alexandre Magno assistido de Diana, cujo templo quei-
mava Herostrato 86
A uma senhora que perdendo o seu bem, cuidava em descobri-lo. 87

Sebastião da Rocha Pitta

- Dando as damas de Carthago os seus cabellos para incharcia da
armada Carthageneza 88
Um bello menino brincando em um jardim com as flores, o mor-
deu um aspide e morreu 88

Luiz Sancho de Noronha

- A um delfim carregando a um navegante naufragado, e vencendo
as ondas para o conduzir á praia 91

André de Figueiredo Mascarenhas

- Ao Exm. Sr. Vasco F. Cesar de Menezes, Vice-rei do Estado
do Brazil, que a exemplo de El-rei Nosso Senhor, fundara em
Portugal a real Academia, fundou agora na côrte da Bahia a
Academia Brazilica dos Esquecidos, de que é protector 92
A Cesar que depois da victoria da Pharsalia chorou vendo a ca-
beça de Pompeo 93

João de Britto e Lima

- Recollendo-se ao convento D. Joaquina Rosa de Tavora, po-
morte de seu esposo o Marquez de Gouvêa 94
Dizendo-se a Agripina que, se Nero seu filho chegasse a imperar
lhe acentava tirar a vida, respondeu que fosse imperador ainda
que a matasse 96

José de Oliveira Serpa

- Ao coronel Sebastião da Rocha Pitta 97
Romance jocoserio em louvor da Academia dos Esquecidos 98

Manoel de Mesquita Cardoso

- A modestia com que se houve Alexandre Magno com as rainhas
captivas do exercito de Dario 100
Desterra-se Scipião de Roma 100
Rosa e Açucena 101

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga

A Gruta americana	147
O Templo de Neptuno	151
Anacreonte	155
O retrato	157
Glaura dormindo	159

Ignacio José de Alvarenga Peixoto

O sonho	161
<i>Cartas chilenas</i> : — o Governador e seu sequito	164
Um quadro realista	167
Costumes de Villa Rica	168
Theoria do Governo	171
Ao capitão-general D. Rodrigo José de Menezes, governador da Capitania de Minas Geraes, por occasião do baptisado de seu filho D. José Thomaz de Menezes, canto genethliaco	172
Conselhos a meus filhos	178

Domingos Caldas Barbosa

Ainda sou teu	180
Cada vez querer-te eu mais	183
A B C de amor	184
Lundú	187
Doçura de amor	189
Lundú	190

Fr. José de Santa Rita Durão

Excerptos do <i>Gararanturá</i> : — Tabas indianas	192
Guerra hollandeza	195
A tomada de Villagalhon	204

José Basilio da Gama

Quitubia, poema	213
Morte de Lindoya	217

Domingos Vidal Barbosa

Ode ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza	223
--	-----

Bartholomeo Antonio Cordovil

Dythirambo	226
Epistola aos Arcades do Rio de Janeiro	230

Jão Pereira da Silva

Descripção e fabula do Pão de Assucar e do sitio denominado Botafogo, extrahida do 2.º canto do poema heróico — Estolaida	236
---	-----

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Os pastores do Amazonas	237
Ode	252
Ao Sr. João de Mello Lobo quando naufragou nos baixos da Ti- jóca, á entrada do Pará, ode	256

Joaquim José da Silva

Sonetos	258
---------------	-----

Manoel Joaquim Ribeiro	
Junto de um freixo, etc.	260
Sonetos	267
Padre José Gomes da Costa Gadelha	
Os suspiros da aletria, pelo seu amado assucar.	268
Padre Manoel de Souza Magalhães	
Argumento	276
Luiz Paulino Pinto da França	
Descripção d'um naufragio	284
Soneto	285
Duas horas antes de expirar	286
Padre Silverio da Paraopeba	
Fabula do Mórro do Ramos.	286
Antonio Mendes Bordallo	
A D. João de Almeida	291
A casa de jogo	294

Arcadia Franciscana Fluminense

Fr. Antonio de S. Ursula Rodvalho	
É decreto do céu, que se executa	296
Oitava	297
D'Agenor a filha amada.	297
Fr. Francisco da Candelaria	
Soneto	299
Epigramma	299
Fr. Francisco das Santas Virgens Salazar	
Soneto	300
Fr. Bernardo de S. Gonsalo	
Soneto	300
Fr. Ignacio das Mercês Malta	
Soneto	301
Fr. Ignacio de S. Rozalia	
Soneto	302
Soneto	302
Fr. Raymundo Penafort da Annuniação	
Soneto	305
Fr. Antonio das Neves	
Das regias intenções effeito nobre	306
Fr. Dionizio de S. Pulqueria	
Que mais ha de fazer uma rainha	307

Manoel Caetano de Almeida Albuquerque	
Lyra	363
Soneto	384
Tenente Maia	
Soneto	385
Domingos Borges de Barros, VISCONDE DE PEDRA BRANCA	
Excerpto dos Tumulos	386
A saudade	387
Ladisláo dos Santos Titara	
Acontecimentos da Cachocira	386
João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha	
Elogio dramatico	393
Alvaro Teixeira de Macedo	
Festa de Baldo, canto II	401
Francisco Bernardino Ribeiro	
Epistola	408
Fr. Santa Rita Bastos	
Soneto	411
Glosa	412
Glosa	413
Soneto	415
João Gualberto Ferreira Santos Reis	
Saudade paterna	415
Conego Januario da Cunha Barbosa	
Excerpto dos « Garimpeiros »	420
Nicttherohy — Metamorphose do Rio de Janeiro	422
Vigario Francisco Ferreira Barreto	
Glosa	436
Manoel Odorico Mendes	
A tarde	437
Antonio Augusto de Queiroga	
O Sabiá, lyra	441
Peregrino Maciel Monteiro	
... annos de.....,	443
... piração	444
Um sonho	445
João de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão	
Glosa	447
Francisco Moniz Barreto	
Corina, fantasia	448
José Lino Coutinho	
A Sensitiva	453

ERRATA

<i>Pag.</i>	<i>2o Verso</i>	<i>7 em vez de</i>	<i>.. ..</i>	<i>poir</i>	<i>lêa-se</i>	<i>.. ..</i>	<i>pois</i>
»	61	»	3	»	passamento	» passatempo
»	61	»	5	»	maças	» maçãs
»	75	»	20	»	vez	» voz
»	92	»	7	»	fuuda	» funda
»	160	»	9	»	vestino	» vestido
»	213	»	5	»	Eterto	» Eterno
»	216	»	7	»	timido	» temido
»	364	»	20	»	Elies	» Elles
»	413	»	25	»	aberto	» aborto
»	420	»	24	»	respeitos	» respeite
»	440	»	12	»	vegias	» veigas
»	448	»	18	»	leacs	» lares

Além d'esses erros, na generalidade typographicos, outros menos importantes e de pontuação naturalmente escaparam, corrigiveis á leitura.

TYP. G. LEUZINGER & FILMOS, OUVIDOR 31

57/0416

23/17-C

